

O LIVRO QUE DEU ORIGEM À SÉRIE DE TV *INTELLIGENCE*

"ÁGIL E COMPLETAMENTE CATIVANTE!"

—LISSA PRICE, AUTORA BEST-SELLER DE *STARTERS* E *ENDERS*

JOHN DIXON



FENIX AILHA







SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[CAPITULO 1](#)

[CAPITULO 2](#)

[CAPITULO 3](#)

[CAPITULO 4](#)

[CAPITULO 5](#)

[CAPITULO 6](#)

[CAPITULO 7](#)

[CAPITULO 8](#)

[CAPITULO 9](#)

[CAPITULO 10](#)

[CAPITULO 11](#)

[CAPITULO 12](#)

[CAPITULO 13](#)

[CAPITULO 14](#)

[CAPITULO 15](#)

[CAPITULO 16](#)

[CAPITULO 17](#)

[CAPITULO 18](#)

[CAPITULO 19](#)

[CAPITULO 20](#)

[CAPITULO 21](#)

[CAPITULO 22](#)

[CAPITULO 23](#)

[CAPITULO 24](#)

[CAPITULO 25](#)

[CAPITULO 26](#)

[CAPITULO 27](#)

[CAPITULO 28](#)

[CAPITULO 29](#)

[CAPITULO 30](#)

[CAPITULO 31](#)

[CAPITULO 32](#)

[CAPITULO 33](#)

[CAPITULO 34](#)

[CAPITULO 35](#)

[CAPITULO 36](#)

[CAPITULO 37](#)

[CAPITULO 38](#)

[CAPITULO 39](#)

[CAPITULO 40](#)

[CAPITULO 41](#)

[CAPITULO 42](#)

[CAPITULO 43](#)

[CAPITULO 44](#)

[CAPITULO 45](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTAS](#)

JOHN DIXON

FÊNIX A ILHA

Tradução
Camila Fernandes



Título original: Phoenix Island
Copyright © 2014 by John Dixon
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dixon, John

Fênix: A Ilha / John Dixon ; tradução Camila Fernandes. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Phoenix Island.

ISBN 978-85-8163-428-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00225 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

**Este é para minha esposa e melhor amiga,
Christina, com todo o meu amor.**

Nunca se entregue – nunca, nunca, nunca...
— Winston Churchill



*Aquele que luta com monstros deve acautelar-se
para não tornar-se também um monstro...*
— Friedrich Nietzsche





CAPITULO 1



Usando um macacão azul de tecido rijo e algemas, Carl sentou-se com o semblante inexpressivo e esperou para ver o que fariam com ele dessa vez.

Eles o atacariam com tudo. O juiz poderia até mandar o caso diretamente para um tribunal adulto, e logo Carl teria de encarar uma sentença de prisão, de *verdadeira* prisão. Nada de reformatório e nada de garotos. Homens. Ladrões, estupradores e assassinos. Gangues e facas escondidas. Tudo. Teria sorte de sobreviver ao primeiro mês.

O Juizado de Menores do Condado de Dale não parecia uma sala de tribunal. Era somente um quarto estreito com duas mesas dobráveis, uma de cada lado. Nenhuma tribuna de juiz, nenhuma banca de jurados, nenhuma galeria de espectadores. Só as mesas e aproximadamente uma dúzia de cadeiras metálicas pouco confortáveis ao redor delas. Carl sentiu cheiro de tapete novo e café recém-passado. As luzes fluorescentes zumbiam no teto rebaixado. Uma bandeira americana estava apoiada num canto, enrolada e presa à parede por um pódio empurrado contra ela para abrir espaço na sala.

Ele evitou contato visual com os pais adotivos, que se sentaram no outro extremo da mesa, perto da Sra. Snyder, uma oficial de justiça. Em vez disso, fitou as próprias mãos, contundidas e inchadas — as cicatrizes nas articulações dos dedos parecendo um mapa distorcido do longo caminho que ele havia percorrido até chegar ali.

No exterior da sala, alguém que passava riu. Carl ouviu o tinir de chaves. Um policial, provavelmente.

O policial dentro da sala parecia entediado. O coldre de couro em seu cinto rangeu quando ele deslocou o peso do corpo, observando o juiz folhear uma alta pilha de papéis.

Devido à espera, Carl sentia a boca seca e azeda. Diretamente do outro lado da mesa, o juiz apanhou um copo de isopor branco. Depois, largou-o e jogou alguns papéis de lado. Então, ergueu os

olhos. Tinha olhos úmidos e linhas profundas no rosto. O cabelo era um emaranhado cinzento, e ele precisava fazer a barba. Apesar da toga que vestia, parecia mais um professor de matemática morto de cansaço que um juiz. Ao olhar mais uma vez para o copo branco, ele finalmente falou:

— Alguém pode me trazer outro copo de café, por favor? Velma? Você se incomodaria?

Uma mulher alta assentiu e se levantou, saindo da sala.

— Você é órfão — disse o juiz, voltando a atenção para Carl.

— Sim, senhor.

— Diz aqui que seu pai foi um oficial da polícia.

— Sim, senhor.

— E o que isso faz de você?

— Senhor?

— O xerife?

O chefe de polícia Watkins bufou:

— *Eu sou* a porcaria do xerife.

— Olhe o linguajar, chefe. Eu detestaria ter que acusar o senhor de desacato ao tribunal.

Carl avaliou as vozes masculinas: só um par de velhos amigos aproveitando para se divertir um pouco enquanto resolviam mais um caso juntos.

O xerife Watkins meneou a cabeça.

— Desculpe, Meritíssimo.

— Tudo bem. — Então, voltando a olhar para Carl, perguntou:

— Você é do tipo que dá porrada, não é, filho?

O xerife Watkins pigarreou.

— Tudo bem, xerife. É o meu tribunal. Eu o desacato se achar que devo. Responda à pergunta, filho. Você se acha do tipo que dá porrada?

Carl encolheu os ombros.

— Tento não ser.

— Tenta não ser.

— Sim, senhor.

— E sabe com quem você se parece?

— Não, senhor.

— Parece com todos os moleques que entram aqui. — Olhou para o papel. — Diz aqui que é boxeador.

Carl assentiu, balançando a cabeça.

— Fui.

— O xerife Watkins costumava boxear um pouco, não é, xerife?

— Só com uns caras no tempo da marinha. Nada oficial.

— Nosso amigo aqui participou de mais do que algumas lutas. Quantas foram, no total, filho? — disse o juiz.

— Oitenta e sete — respondeu Carl.

— E, dessas 87 disputas, quantas ganhou?

— Oitenta e cinco.

O juiz levantou as sobrancelhas desgrenhadas.

— É um bom histórico. Você foi campeão?

— Sim, senhor.

— Que tipo de campeão?

— Trinta e quatro, quarenta e cinquenta e dois quilos.

O juiz inclinou a cabeça, depois sorriu levemente.

— Não, filho, não estou falando das categorias de peso. Quis dizer o nível de campeão. Municipal? Estadual? Nacional?

Carl assentiu novamente.

— Todos?

— Sim, senhor. No Junior Golden Gloves, PAL e AAU^[1].

O coldre do policial Watkins rangeu de novo quando ele se inclinou para trás.

— Isso é muito bom.

Carl relaxou um pouco. Falar de boxe fazia isso, levava-o a sentir que era mais do que apenas um moleque de rua esperando a condenação. Ainda assim, podia ver que esse juiz se considerava o tipo de cara impetuoso e objetivo, que atira primeiro e pergunta depois. Um juiz como esse poderia tanto jogá-lo num calabouço pelo resto da vida como deixá-lo sair impune, só para ver a cara que você faria.

O juiz disse:

— Quando perguntei se foi boxeador, você disse “fui” em vez de “sou”. Isso está correto?

— Sim, senhor. Fui.

— Foi, então. Está aposentado?

— É que eu vivo me mudando. Não consegui lutar... boxe... por um tempo.

— De fato.

Velma voltou e entregou o café ao juiz.

— Obrigado, querida — agradeceu ele. — Senhor e Senhora Rhoades, têm certeza de que não gostariam de um café? Muito bem, então. Há algo que gostariam de dizer?

Os novos pais adotivos de Carl pareceram nervosos. Ele se perguntou se os dois já haviam estado numa sala de tribunal antes. Provavelmente não. Sentiu-se mal por arrastá-los a isso. O Sr. Rhoades provavelmente havia faltado ao trabalho, e Carl pôde ver que a Sra. Rhoades estivera chorando. Ela disse ao juiz que os dois conheciam Carl havia pouco tempo, mas que ele era um bom rapaz, muito respeitoso. O Sr. Rhoades concordou, meneando a cabeça. Escutando-os, Carl sentiu uma nova onda de angústia, causada pela perda. A vida poderia ter sido boa com eles. Muito boa mesmo.

O juiz agradeceu-lhes, voltou a remexer os papéis e disse:

— Carl, por que você machucou aqueles rapazes?

Carl pigarreou antes de responder:

— Eles não pararam.

— Pode entrar em detalhes, por favor? Estou tentando decidir seu destino neste instante e gostaria de pensar que lhe dei uma chance de contar sua versão da história. Não sei como é que são as coisas lá na Filadélfia, mas não é todo dia que eu lido com um garoto que espancou metade de uma equipe de futebol. Não concorda, xerife Watkins?

— Sim, Meritíssimo. Diria que isso é francamente idiossincrático.

— Idiossincrático, sim. Então, Carl, você se incomoda de me contar um pouco mais sobre o que levou a esse infeliz incidente?

— Eu só estava lá comendo meu almoço, daí ouvi eles dando risada, me virei e vi aquele garoto, acho que o nome dele é Brad, provocando um menininho. Eli alguma coisa.

— Sim — disse o juiz. — Eli Barringer e Brad Templeton. Brad acabou de sair do hospital e foi para casa, caso queira saber. Está com o maxilar imobilizado. Vai ter que tomar o café da manhã, o almoço e o jantar de canudinho pelos próximos seis meses, segundo o pai dele. Você os conhecia?

— Senhor?

O juiz fazia perguntas da mesma forma que um boxeador habilidoso distribuía socos diretos. Você nunca os via chegando e, bem quando achava que havia encontrado um ritmo, ele mandava um soco e tirava seu equilíbrio outra vez.

— Esse menino, Eli, por exemplo. Era seu amigo?

— Não, senhor.

— Você só decidiu defendê-lo, então. E conhecia Brad Templeton?

— Não, senhor.

— O que estou tentando compreender é por que faria algo assim. Não foi por rancor nem por

amizade à vítima. Por que não me conta um pouco mais sobre como tudo aconteceu? Talvez até *por que* aconteceu.

— Não sei. — Carl lembrou-se dos óculos grossos de Eli, o corpo encurvado e, o pior de tudo, o sorriso: o aparelho odontológico cheio de pão branco e manteiga de amendoim. — Eu só... não gosto de valentões. Quero dizer, não aguento. Eles estavam tirando sarro daquele menino, e ele estava sentado lá, rindo, porque não sabia o que estava acontecendo, e todo mundo continuava rindo dele, daí eu levantei, fui lá e mandei pararem com aquilo.

— Quando diz *eles*, está se referindo a Brad Templeton?

— Sim, senhor.

— Uma escolha interessante de palavras, *eles*. Não é a primeira vez que algo assim acontece.

Carl balançou a cabeça negativamente.

— Li seus registros, filho. Levei a maior parte da tarde de ontem. Devo dizer, para empregar a terminologia do xerife Watkins, que achei sua história bastante *idiossincrática*.

Olharam um para o outro durante um segundo, e o juiz disse:

— Carl, você esteve em 18 lugares diferentes nos últimos 4 anos, isso sem contar as estadas curtas, como o lugar onde adquiriu esse macacão que está usando. Dezoito. Uma dúzia e meia de lares adotivos, abrigos e centros de detenção juvenil na Pensilvânia, Nova Jersey, Ohio e — o juiz lançou os olhos abaixo aos papéis — Idaho. Como foi em Idaho?

— Frio, senhor.

— Frio, sim. Imagino. Você acumulou uma das fichas criminais mais longas que já vi num jovem e mal acabou de fazer 16 anos. Mas há algo que realmente me chama a atenção. Todos são, do primeiro ao último, a mesma repetição de ataque e agressão, o tipo de situação que trouxe você até aqui. Alguém estava atormentando alguém e você tomou para si a tarefa de ensinar ao primeiro uma lição. Bom Deus, filho, perdi a conta de quantas pessoas você atacou. E não foram só outros garotos. Ah, não. Socou pais adotivos e professores e seguranças de shopping center e até um policial. Um policial! Filho, você não tem cérebro, não?

Carl baixou o olhar.

— Ele colocou um menino com um skate contra as grades e ficou gritando com ele e batendo o coitado contra as barras, daí eu...

— Pare — ordenou o juiz. — Não tem essa de “daí eu” quando você não gosta de algo que um policial está fazendo. Não tinha que se meter na situação. Sorte sua ele não ter atirado em você. Eu teria atirado. Xerife, você não teria atirado?

— Contra mãos como as dele? Sim, teria atirado.

Carl desejou que os dois parassem com aquela droga de teatrinho e resolvessem logo o negócio. Quanto mais tempo ficava ali, mais sentia que estava a caminho do desastre.

O juiz continuou:

— Não sei quem decidiu trazer você até a Carolina do Norte e largá-lo em Jessup High, mas pretendo descobrir. E, além disso, vou mandar pregar o couro de quem fez isso na minha varanda ao pôr do sol. — Relanceou os olhos para Velma, que assentiu e fez uma anotação numa prancheta. — É uma pessoa rara, Carl Freeman. Tirando as brigas, seu registro é absolutamente limpo. Nada de roubos, drogas ou bebidas. Não fossem as brigas, pareceria um candidato ao coral da igreja.

Carl já havia ouvido tudo isso antes.

— Não procuro encrenca... Se ao menos eles parassem...

O juiz cruzou os dedos e estreitou os olhos.

— Muito interessante, Carl. Muito interessante mesmo. Você disse de novo “Eles”. Sente que essas pessoas, Brad, o policial em Ohio e todo o resto estão nessa juntos? Que são parte de um clube ou coisa assim?

— Não sou louco.

O juiz deu uma batidinha na pilha de papéis antes dele.

— Receio que seu registro implique o contrário. Ou você é insano ou, no mínimo, *francamente idiossincrático*. É como se tivesse um complexo de super-herói ou coisa do tipo. Estudante educado de dia, lunático feroz à noite.

Um fogo cresceu no peito de Carl e subiu-lhe ao rosto. As articulações dos dedos começaram a latejar novamente. Por que ninguém entendia?

— Se eu não fizer eles pararem, ninguém vai fazer isso. Nem os outros garotos, nem os professores, ninguém. Todo mundo simplesmente fica parado olhando. Os garotos fingem que acham engraçado, porque têm medo de dizer alguma coisa, e os professores fingem que não veem porque são preguiçosos demais para agir. O que eu deveria fazer?

— Baixe o tom de voz — mandou o xerife Watkins. Ainda apoiado à parede com os braços grandes cruzados sobre o peito, mas os olhos fulminando Carl.

O juiz ergueu a mão ligeiramente.

— Está tudo bem, xerife. Fico feliz que o garoto esteja se revelando. — Então, voltando-se para Carl, ele continuou: — Agora, esses rapazes que você atacou, Brad Templeton e os outros, são bem conhecidos na comunidade. Gente que lava o carro e vende doces de porta em porta, talvez você conheça o tipo. As mães e os pais deles, eu os vejo no Elks Club toda sexta-feira à noite. No outono, chegamos um pouco mais tarde nas noites de sexta. Sabe, o futebol é bastante popular aqui neste nosso pedacinho do mundo. Perturbadoramente popular, na verdade. Às vezes, parece até religião. Consegue entender o tipo de problema que você me causou?

Carl acenou de maneira positiva com a cabeça, pensando, *Lá vem. Acabou a brincadeira; lá vem o soco do nocaute*.

O juiz acrescentou:

— A temporada de futebol de Jessup acabou antes mesmo de começar. Os rapazes com narizes quebrados estão bem, mas os de costelas enfaixadas e maxilares imobilizados vão ficar fora durante

toda a temporada. Nesse time há outros garotos, bons meninos que estão contando com o futebol para conseguir bolsas na faculdade. Quem dará a menor atenção a um time com a péssima pontuação que Jessup terá este ano? Ninguém, mas ninguém mesmo. Assim, esses rapazes, em vez de irem para a faculdade, vão simplesmente aparar gramados e carregar caixas de cerveja para os caminhões das pessoas pelo resto da vida. — O juiz olhou diretamente nos olhos de Carl e, pela primeira vez, o garoto percebeu a raiva que havia ali. — Essas são as vítimas autênticas do seu crime. Eles podem até não saber, mas eu sei, e os pais deles também sabem. A cidade quer o seu sangue, filho. Eles gostariam de enforcá-lo no meio do campo de futebol e depois jogar o resto aos porcos.

— Sinto muito por esses outros garotos. — Carl baixou a cabeça. *Realmente* sentia. Essas pessoas nunca lhe passaram pela cabeça. Pior: ainda que tivessem, ele não tinha certeza de que poderia ter evitado o que fizera.

— Realmente acredito que sinta pena por eles, mas o que me interessa é: sente também pelos outros rapazes, aqueles a quem você machucou?

Carl lembrou-se da encosta da montanha verde-escura para além das janelas da cafeteria, as faixas do nevoeiro erguendo-se como espíritos que partem. Um mundo estranho, distante de casa, onde tudo era escuridão e vazio. Lembrou-se dos rapazes, da crueldade, das risadas quando ele os mandara parar. Lembrou-se da luta, de todos vindo para cima dele e, depois, dos garotos espalhados pelo chão, sangrando, e dele próprio entregando-se à polícia.

Ergueu o olhar e balançou a cabeça. Negativamente.

A boca do juiz se estreitou.

— Como imaginei. Embora eu louve sua honestidade, devo reconhecer publicamente que um criminoso que não demonstra remorso por seus crimes é, por natureza, alguém que provavelmente vai perpetrar os mesmos crimes no futuro. Com essas mãos aí, posso acusá-lo de agressão armada. Oito agressões. Esqueça o centro de detenção juvenil. O xerife Watkins pode levá-lo diretamente à penitenciária estadual, onde você poderia cumprir uma pena de, ah, uma ou duas décadas, ao lado de homens feitos. Está bom pra você?

— Não, senhor.

— Ou posso entregá-lo a Windy Pines. Eles o poriam numa cela almofadada e o drogariam tanto que você não seria capaz sequer de amarrar os próprios sapatos. Gosta dessa ideia?

— Não, senhor.

— O problema é que preciso viver com qualquer decisão que tome aqui hoje, e, apesar da sua idiossincrasia singular, acredito que você tenha potencial para se tornar um bom homem um dia. Seu pai morreu no cumprimento do dever?

— Morreu por causa dos ferimentos que sofreu durante o cumprimento do dever. — Se a resposta soou automática, como algo que Carl já havia dito antes, é porque era isso mesmo. Algo que já dissera muitas, muitas vezes.

O juiz suspirou.

— Carl, acredito que, no presente momento, apesar do seu potencial, você é incapaz de controlar

seu temperamento explosivo se a situação antes mencionada voltar a surgir.

Carl assentiu.

— No passado, os juízes já adotaram todo tipo de abordagem, da leniência absoluta à severidade draconiana. Nada funcionou. Ainda assim, você tem esse potencial dentro de si. Mesmo seus atos criminosos demonstram certa nobreza, como se você seguisse um código moral mais alto que o do resto da humanidade. Mas não se engane: são crimes. À luz desses fatores, a natureza e o número dos crimes, sua aparente incapacidade de se controlar e o potencial positivo que vejo em outros aspectos do seu caráter e comportamento, eu o sentencio, portanto, à Ilha Fênix, um campo de treinamento de estilo militar. O tempo de confinamento deve começar imediatamente e terminar na data do seu décimo oitavo aniversário, momento em que você deve voltar à Carolina do Norte para cumprir o resto da sua sentença, de seis meses a três anos, na penitenciária estadual, ou então ganhar um posto na Ilha Fênix, momento no qual este tribunal declarará sua dívida completamente paga e, além disso, expurgará sua ficha de infrações como menor de idade.

Carl engoliu em seco. Cadeia ou liberdade. Nada de meio-termo.

— Não há liberdade condicional na Ilha Fênix. É uma instituição terminal, o que significa que você permanecerá lá até se tornar legalmente adulto. Falhe em aprender com esta oportunidade e lhe antecipo que passará o resto da vida entrando e saindo da prisão. Se, contudo, aproveitar ao máximo a situação e aprender a dar aos outros uma segunda chance, da mesma forma que eu estou lhe dando aqui hoje, pode levar uma boa vida como membro produtivo da sociedade. Se adquirir controle sobre esse seu temperamento explosivo, acho que se tornará um baita policial.

— Obrigado, senhor.

O juiz olhou Carl bem nos olhos.

— Chegará o dia, filho, em que você terá que decidir exatamente quem é e o que pretende ser.

— Sim, senhor.

O juiz terminou o café, colocou o copo vazio sobre o arquivo de Carl e se voltou para os outros.

— Perguntas?

A Sra. Rhoades perguntou onde ficava aquele lugar e quais eram os horários de visita.

Ahã, claro, pensou Carl. Se há duas coisas que você aprende quando é órfão, é que há fins e começos. Uma visita do Sr. e da Sra. Rhoades era tão provável quanto uma dos pais mortos de Carl.

O juiz encerrou a questão:

— Receio que essas informações sejam confidenciais, senhora Rhoades, e também irrelevantes. A Ilha Fênix não permite nenhum contato com o mundo exterior.



CAPITULO 2



O avião estremeceu, inclinando-se para baixo, e Carl vibrou com a vista: uma ilha coberta por uma densa floresta, exceto no centro, onde três picos de rocha bruta se erguiam agudos por entre as copas das árvores. Enquanto o avião descia, ele notou alguns grupos de edifícios e ruas estreitas que corriam entre eles, mas o que realmente capturou sua atenção foi a longa faixa de praia arenosa, quase branca, contra o azul profundo e cintilante do oceano.

A Ilha Fênix, finalmente. Um recomeço. Sua chance de um futuro.

Estava ansioso para sair do avião e esticar as pernas. Esperava que os encarregados os deixassem nadar depois. Nunca havia estado no mar, e imaginou como se sentiria ao mergulhar nas ondas depois daquela viagem longa e quente. Sentiria os olhos arderem quando os abrisse na água salgada?

O avião perdeu altura, tremendo e dirigindo-se para uma pista de aterrissagem próxima da praia, tocou o chão e taxiou até parar ao lado de uma área larga, pavimentada e muito negra sob o sol do meio-dia — o ar sobre ela era tão quente que ondulava. Perto dali, junto a um grupo de palmeiras vergadas, havia um grupo de construções baixas feitas de tijolos, como que agachadas na areia, parecendo tão robustas e metódicas como calços para porta.

Do prédio mais próximo emergiram homens vestidos de soldados. Empurraram uma escada metálica em direção ao avião.

— Janice — disse um garoto pequeno e narigudo —, cancele meus compromissos desta tarde. Vou ficar na sauna. — O tagarela tinha passado o voo inteiro soltando piadas cretinas. Alguns dos outros o haviam xingado, com rostos tão duros e escoriados quanto as articulações dos dedos de Carl.

Um dos passageiros se esticou pelo corredor e esmurrou a cabeça do garoto e, quando a cabeça dele deu um tranco para a frente, risadas maldosas encheram o fundo do avião.

Carl se retesou, o pulsar constante começando quando suas mãos se fecharam.

Esfregando a nuca, o garoto se voltou para Carl.

— Que voo turbulento, hein? Nunca mais viajo com esta companhia aérea.

Carl não sorriu nem fez cara feia. Apenas desviou o olhar, dizendo a si mesmo: *Não se meta onde não é chamado. Essa briga não é sua*. Este era o fim da linha, e sua vida estava em jogo. Não podia jogar fora o futuro para proteger alguém que insistia em se suicidar à base de piadas ruins.

Algo bateu contra a fuselagem, emitindo um ruído surdo. Um momento depois, a escotilha se abriu, um homem alto e musculoso usando um chapéu como o do Urso Smokey subiu a bordo, andando de um jeito afetado, e lançou a todos eles um olhar fulminante.

Todos os 50 e tantos passageiros se calaram.

O homem ergueu um braço enorme para o lado e apontou para a escada.

— Fora do avião, seus delinquentes! Vão! Vão! Vão!

Carl se levantou de um salto, apertando a bolsa de lona junto ao peito, e se espremeu entre a inundação de garotos que espirravam do avião, descendo os degraus de metal e, lá fora, penetrando uma muralha tropical de calor úmido.

— Qual é o problema, seus delinquentes? Vão se comportar de maneira ordenada e andar em boa velocidade, e vão formar quatro filas quando eu mandar, e, se eu ouvir *alguém* falar, vou queimar o pirralho como a uma guimba de cigarro até não sobrar nem fumaça no vento! Agora, movam-se!

Lá embaixo, no asfalto, os soldados gritaram e franziram o cenho e apontaram, todos bombados como jogadores profissionais de futebol, músculo em cima de músculo, veias saltando ao longo dos pescoços, bíceps e testas. Vestiam-se identicamente: calças camufladas enfiadas em botas militares pretas e brilhantes, com camisetas pretas sem manga e tão apertadas que Carl conseguia ver o abdômen musculoso sob o tecido. Uns poucos usavam chapéus de sargento com abas largas. Pisaram duro e gritaram até que os adolescentes formassem quatro longas filas no pavimento.

Fique frio, pensou Carl. *Fique no meio. Não chame a atenção*.

Acima, o sol ardeu ainda mais quente do que ardera durante a longa viagem de ônibus pelo Texas e pelo interior do México antes que eles embarcassem no avião. O ar cheirava a sal oceânico e à podridão dos pântanos.

À direita estava o garoto narigudo. Apesar do caos, abriu um sorriso para Carl e se inclinou para perto dele, dizendo pelo canto da boca:

— Belo comitê de recepção, hein?

Carl assentiu com um movimento de cabeça, mas não sorriu. Sorrir num momento como esse seria quase tão aceitável quanto cantar numa aula de matemática.

Os soldados gritaram, mandando-os endireitar as filas e se afastar uns dos outros.

— Larguem as malas. Levantem e estiquem os braços para o lado. Assim.

Um enorme soldado na frente deles fez a demonstração, levantando os braços até parecer o mergulhador mais musculoso do mundo prestes a fazer um salto mortal triplo com botas militares.

— Se ajeitem, seus delinquentes! Olhem a postura!

Todos se deslocaram, enquanto os soldados mandavam que se apressassem. Um garoto ruivo na frente de Carl estava chorando.

Um dos soldados gritou:

— Abram o zíper das bolsas e depositem o conteúdo no chão!

Carl virou a bolsa de ponta-cabeça, derrubando roupas, seu kit de barbear e duas fotos da família. Sua única outra posse bateu no chão com um estrépito alto e ali ficou, brilhando no asfalto negro como um sol em miniatura. Havia ganhado a medalha de ouro quando tinha 11 anos por ser o melhor pugilista de 40 quilos no país. Todas as dúzias e dúzias de troféus se foram, naturalmente, mas pelo menos ele conseguira manter aquela medalha ao longo dos anos.

Fitou-a por um segundo, reunindo forças. Aguentaria firme. Esses soldados só queriam amedrontá-los. Eram como o lutador que parte para cima de você ao toque do primeiro sino, tentando acabar com sua autoconfiança. Você simplesmente não pode deixar um cara desses afetá-lo.

Então, uma mão se fechou sobre a medalha de Carl e a levantou do chão.

Erguendo o olhar, ele viu que esse soldado era mais baixo que os outros, porém mais musculoso, um toco de homem com um chapéu de sargento instrutor. Franziu o cenho para Carl.

Carl recebeu o olhar dele com uma expressão vazia. Não tentaria enfrentar o olhar do cara de igual para igual, mas também não iria amarelar.

— Não olhe pra mim, rapaz. Olhos sempre em frente. — O cara ergueu a medalha, fungou e a enfiou no bolso.

— O que está fazendo com minha medalha? — perguntou Carl.

O soldado o fulminou com o olhar. Continuou olhando. Depois, abriu um sorriso enviesado, sem nenhum humor.

— Não se preocupe com ela, raio de sol. Ponha as mãos na cabeça e afaste os pés.

Carl seguiu a ordem, mas a raiva se inflamou dentro dele e as juntas dos seus dedos começaram a latejar. Qual era a daquele cara, pegando as coisas dele?

O homem forte apanhou a sacola vazia de Carl, sacudiu-a e deixou-a cair.

— Tem mais alguma coisa que eu deva saber? Drogas? Armas? Dinheiro, telefone? Alguma coisa?

— Não.

— Você quer dizer: “Não, sargento instrutor”.

— Não, sargento instrutor — respondeu Carl com as palavras amargas em sua boca.

O sargento instrutor revistou Carl da cabeça aos pés, depois se agachou para vasculhar as coisas dele, sacudindo as roupas como à caça de algo antes de desprezá-las. Carl concentrou-se na tatuagem de caveira e nos ossos cruzados sobre o braço musculoso e bronzeado do soldado. Ele usava o braço esquerdo, Carl observou; era canhoto. Uma faixa tatuada sobre o crânio da caveira dizia *A Morte*

Antes da Desonra.

Ahã, claro, pensou Carl, desejando que o sujeito devolvesse sua medalha de ouro. Agora.

— Fique com isto. — O sargento entregou a Carl as fotografias: uma de sua mãe com um boné vermelho dos Phillies, a arquibancada superior do bom e velho Veterans Stadium visível atrás dela; a outra era de toda a família: papai no uniforme da polícia, mamãe sorrindo para a câmera e Carl, com 5 ou 6 anos, segurando firme na mão dos dois.

O sargento instrutor vasculhou o kit de barbear e deixou-o aos pés de Carl.

— Coloca tudo isso de volta na sacola. Vamos. Anda logo.

Carl não se moveu.

O sargento, que havia começado a caminhar ao longo da fila em direção a mais alguém, voltou-se para fitar Carl.

— Eu disse: anda logo.

— E quanto à minha medalha, sargento instrutor?

O homem rosnou, os olhos brilhando. Foi de uma vez até Carl, os peitorais enormes chegando antes dele, e se inclinou tão perto do rapaz que a aba do chapéu se chocou contra o nariz dele.

Carl olhou sempre em frente, sentindo o cheiro de suor e o calor que emanava dos grandes músculos.

— Tá me desrespeitando, moleque?

— Ele não quis fazer isso, sargento instrutor — disse o garoto pequeno ao lado de Carl.

— O senhor tomou minha medalha — afirmou Carl. Sabia que era um erro, mas não pôde evitar; aquele prêmio era o único símbolo de todo o êxito que já tivera na vida.

— Sua o quê? — O cara bateu em Carl com o chapéu de novo.

O garoto continuou a olhar para a frente.

— Minha medalha.

O sargento soltou uma risada na forma de um rugido.

Por um segundo, Carl sentiu o alívio — tinha sido apenas uma brincadeira —, mas depois notou o vazio naquela risada e soube que havia cruzado algum limite estúpido e que agora pagaria por isso.

— Sargentos instrutores! — gritou o homem. — Acho que encontrei um *indivíduo*!

De todas as direções, vozes se ergueram:

— Um indivíduo?

— Onde?

— Um indivíduo? Não na Ilha Fênix!

Agora estavam todos ao redor de Carl, gritando-lhe no rosto, nas orelhas e junto à nuca.

— Um indivíduo!

— Parece um indivíduo!

— Um exibido!

— Acha que está em Hollywood!

Carl rilhou os dentes e continuou olhando para a frente. Empurraram-no para fora da fila em direção a um trecho de asfalto cru.

— Frente! — gritou o Caveira-e-Ossos.

Mãos empurraram Carl para o chão quente. Ele caiu, e foi como espalmar as mãos numa frigideira sobre o fogo. Mas não demonstrou.

— Quando ele disser “frente” — gritou alguém —, você vai pro chão e começa as flexões, Hollywood.

Era como se suas mãos estivessem derretendo no asfalto, mas Carl esforçou-se para excluir a dor do pensamento e entrou no ritmo. Para cima, para baixo, para cima, para baixo...

À sua esquerda, alguém riu. Os sargentos pularam.

— Qual é a graça, moleque?

— Acha que somos engraçados?

— Vá lá e junte-se ele, Palito!

— Não fui eu, sargento instrutor. — Empurraram um garoto alto e muito magro para o chão. Carl o havia notado no avião, o cara que era todo sorrisos enquanto trocava sinais com os outros colegas de gangue.

— Qual é seu nome, delinquente?

— Davis, sargento instrutor.

— Davis, você tem aproximadamente dois segundos para calar a boca e começar a trabalhar, ou vai desenvolver de maneira muito rápida a enxaqueca mais debilitante que já teve *na vida*. Para a linha de frente!

Empurraram Davis para o chão logo à frente de Carl. Ele ganiu e se jogou para trás.

— O asfalto tá queimando!

Carl se ateve ao próprio ritmo — para cima, para baixo, para cima, para baixo — e viu um braço forçar Davis de volta para o pavimento. Finalmente, Davis começou a fazer flexões, os olhos fixos nos de Carl, um deles marcado por lágrimas tatuadas. A tinta demonstrava a Carl que Davis havia assassinado duas pessoas, uma para cada lágrima; já os olhos afirmaram que, na visão de mundo de Davis, como membro de gangue, tudo isso — gritos, flexões, talvez até o asfalto ardente — era, de alguma forma, culpa de Carl.

— Dois indivíduos — berrou uma voz. — O que fazemos em relação a isso?

— Que tal...? Costas!

Mãos levantaram Carl de sua posição e o jogaram de costas. Um rosto se inclinou sobre ele, gritando:

— Quando ele disser “costas”, você deita e faz abdominais!

Carl começou, ignorando a ardência do asfalto, tão quente que pensou que seu macacão poderia irromper em chamas. Mas... exercícios abdominais? Um pugilista podia fazer isso o dia inteiro. Carl já fazia mil por dia, só por força do hábito.

— Vai!

Arrancaram Carl do chão, colocando-o de pé. Alguém gritou:

— Quando ele disser “vai”, você corre parado! — A voz estava tão próxima, tão alta, que era como se o cara estivesse dentro da orelha de Carl... com um alto-falante na mão.

Carl moveu as pernas para cima e para baixo, correndo sem sair do lugar. Novamente, um exercício fácil. Não precisava de equipamento especial, de uma equipe ou de uma academia de ginástica para correr. Esta era uma das coisas que Carl pudera fazer em quase todos os lugares para onde fora enviado.

— Eu não fiz nada, cara — defendeu-se Davis, mal levantando os pés.

Um dos sargentos se aproximou e lançou um tapa na nuca de Davis.

— Fecha a matraca, folgado! Acabou de ganhar mais um minuto.

— Por quanto tempo vamos ter que fazer isso? — perguntou Davis.

Outro tapa.

— Dois minutos mais do que antes de você fazer essa pergunta.

Um dos sargentos apontou para as pernas longas de Davis, rindo.

— Cara, se eu tivesse pernas assim, processaria meus pais!

— Frente!

Carl jogou-se no chão e recomeçou as flexões.

E assim foi, de novo e de novo: frente-costas-vai... frente-costas-vai... frente-costas-vai... O asfalto quente como fogo, o sol fervendo acima, os sargentos rindo e gritando e dizendo que, se havia algo que não suportavam, era um indivíduo. A cada vez que se encaravam, os olhos de Davis se cravavam nos de Carl.

Que idiota, pensou Carl. Tudo isso — os sargentos, seu próprio erro, a punição, a raiva de Davis, tudo. Tão, tão idiota.

Frente... costas... vai...

Carl jogava os joelhos para cima e para baixo. Estava exausto pela longa viagem. Mal havia dormido nos últimos dias, e a fadiga, combinada com a fome e o calor, ferviam-lhe na mente como

um caldeirão de sopa borbulhante, da qual, feito vapor, surgiam imagens: Brad Templeton, Eli gritando, o juiz, a placa onde se lia VOCÊ ESTÁ DEIXANDO OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, os diversos bichos atropelados ao longo da estrada infinita que eles haviam percorrido de ônibus antes do embarque no estranho avião no meio do deserto mexicano...

— Frente!

Carl se estatelou na pose de flexão e começou a empurrar o chão. Seus braços tremeram com o esforço. *Que seja*, pensou Carl. *Eles não vão me quebrar*. Ele cerrou os dentes e continuou empurrando.

A cabeça de Davis pendia entre os ombros, e ele estava paralisado, no meio do caminho entre abaixar e erguer-se, os braços tremendo. De repente, caiu de barriga no chão.

Gritos encheram o ar.

— Ninguém mandou você parar!

— Motivação!

— Continua empurrando, indivíduo!

— Vamos lá, engraçadinho! Não estou ouvindo você rir agora!

Davis ficou deitado sobre o estômago.

— Não consigo mais.

— Comece a empurrar agora! Isto é uma ordem!

— Não consigo, sargento instrutor — lamentou-se Davis.

— Levanta — disse Carl. — Você consegue.

— Cale a boca! — mandou alguém, e a dor explodiu nas costelas de Carl. Ele grunhiu, mas continuou empurrando.

Um deles havia lhe dado um chute, o que o pegou de surpresa. Gritos e flexões eram uma coisa... mas *chutes*? Isso era contra a lei!

Ou, pelo menos, era nos Estados Unidos.

Aqui era a Ilha Fênix.

Davis lutou para fazer mais uma flexão antes de cair novamente. Sargentos o rodearam, aos gritos.

— Está desobedecendo a uma ordem direta? — rugiu um deles acima dos outros.

— Não consigo mais fazer...

Uma bota militar se chocou contra as costelas de Davis. Ele gritou e se encolheu numa bola. Carl viu o antebraço grosso de quem o chutara e ali estavam a caveira e os ossos, as palavras *A Morte Antes da Desonra* suspensas sobre Davis como uma piada sem graça gravada numa pele bronzeada.

Carl parou de empurrar.

— *Deixe ele* em paz.

Uma mão o agarrou pelo cabelo, puxou-o para cima e depois o empurrou de uma vez contra o asfalto. O ar escapou de seus pulmões e a dor se espalhou por seu corpo.

— Costas! — disse-lhe alguém. — Dê uma de atrevido de novo, e vamos descontar no seu amigo.

Carl engoliu a dor e começou a fazer exercícios abdominais. *Amigo? Davis quer me transformar na terceira lágrima dele!*

— Não está mais na casa da mamãe, moleque! — berrou um dos sargentos para Davis. — Aqui, tem que ralar de verdade!

— Eu lhe dei uma ordem! — esbravejou o Caveira-e-Ossos. — Tem exatamente três segundos para começar a empurrar, ou vai ter insubordinação na sua ficha!

Davis jazia enrolado no chão.

— Um!

Levanta, pensou Carl.

— Dois!

Vai, cara.

— Três!

O Caveira-e-Ossos deu mais um pontapé em Davis, que gritou e tentou rastejar para longe. Mas eles o puxaram, pondo-o de pé e gritando que havia desobedecido ordens diretas. Davis ficou frouxo no aperto deles, como um lutador que se levanta após permanecer nocauteado por dez segundos contados.

— Se ele não quer seguir ordens — disse uma voz feminina, fria, suave e estranhamente lírica —, levem-no à cabine do suor.

— Sim, primeiro-sargento! — gritaram os outros sargentos em uníssono. Um deles jogou Davis sobre o ombro e saiu num passo apressado em meio ao calor.

Os gritos cessaram. Mãos arrancaram Carl do chão, colocando-o de pé.

— Demonstre respeito ao primeiro-sargento! Sentido!

Carl já vira filmes de guerra suficientes para saber o que isso significava. Endireitou a postura, braços ao lado do corpo, e fez o que imaginou ser uma continência.

Uma mulher baixa e de pele muito escura o avaliou com frieza. Linhas salientes de cicatrizes, tão juntas umas das outras quanto soldados colocados lado a lado, marcavam as bochechas dela. Falando com um sotaque africano, disse:

— Não me saúde, jovem. Eu trabalho pra viver. Reúna-se às fileiras.

— Sim, primeiro-sargento — respondeu Carl e, baixando a mão, retirou-se rapidamente em direção aos outros garotos. Quando se aproximou do grupo, viu um jipe sair de uma das construções baixas, com duas pernas longas penduradas atrás.

Davis fora mandado à cabine do suor, fosse lá o que significasse aquilo. Carl esperava nunca descobrir.

Enquanto tomava seu lugar nas fileiras, alguém pôs um pé no caminho, e ele quase caiu.

— Mandou bem, Hollywood — disse um garoto. Outros sibilaram xingamentos. Mesmo sem olhar, Carl sabia que eram os amigos de Davis.

Maravilha. Tudo estava simplesmente uma maravilha.

Então, Carl viu a garota bonita na última fileira, fitando-o com grandes olhos cinzentos. Ele a havia notado dentro do ônibus no Texas e também durante o embarque no avião, mas os encarregados separaram as garotas dos rapazes, e só agora ele pudera realmente olhar para ela. Parecia assustada, atordoada e esgotada, mas ainda assim permanecia bela, com olhos tristes, da cor do cascalho molhado, e cabelos longos, tão escuros quanto os da mãe dele haviam sido, embora uma mecha de branco puro descesse entre os cachos. Cabelo *branco*. E ela tinha o quê, 16 anos?

Agora, ele estava de volta ao lugar ao lado do menino baixinho, olhando para longe da garota. Teria visto preocupação no olhar dela? Lamentou não ter sorrido. Então, o absurdo da ideia o atingiu, e ele poderia ter rido de si mesmo. Sorrir para ela? Aquilo ali não era exatamente uma festinha na casa de alguém. Ainda assim, ela era muito bonita. Aqueles olhos, aquele cabelo.

A sacola de Carl tinha sido levada. Assim como a de todos. As fileiras que formavam estavam mais retas agora. *Parece que tiveram tempo de ajeitar tudo enquanto eu me matava com os exercícios lá*. Havia um espaço vazio onde o garoto ruivo que chorara estava. Carl relanceou para o lado e viu um vulto jogado debaixo das árvores. Devia ter desmaiado.

— Sentido! — gritou um sargento.

Todos obedeceram.

A primeiro-sargento estava diante deles.

— Sejam bem-vindos à Ilha Fênix, meninas e meninos. Sou a primeiro-sargento Oteka. Permitam-me explicar a realidade da situação, crianças. — Andou lentamente para a frente e para trás diante deles. Quando se voltou, Carl viu a pistola no cinto dela. — Seus pais estão mortos.

As palavras ecoaram na mente de Carl. *Seus pais estão mortos*. Ela estava falando com ele?

— Todos vocês são órfãos — afirmou Oteka.

Todos nós?, pensou Carl.

— Morderam a mão que os alimentou, e a sociedade os exilou. Vocês são o lixo de ontem. E, deste momento em diante, até seu décimo oitavo aniversário, pertencem a mim e também ao Ancião, que ainda não estão prontos para conhecer. Não vou submeter os olhos dele a uma ralé tão mal lavada.

A primeiro-sargento fitou-os durante vários segundos, inspecionando as faces. Tiros soaram a distância.

— Não vão ter contato com o mundo exterior — declarou Oteka. — Nada de telefonemas. Nada de

SMS. Nem e-mail. Nem carta. Nem notícias. Nada de música, televisão ou internet. — Ela passou o olhar severo pelas fileiras. — O mundo vai continuar sem vocês. Ninguém lá fora sabe onde estão, e ninguém liga. A Ilha Fênix é seu único lar. — Gesticulou em direção aos outros sargentos. — E nós somos sua única família.

Ela falou com os soldados, que formavam uma linha e estavam com as pernas afastadas uma da outra, queixo erguido e mãos às costas.

— Sargento instrutor Parker — chamou Oteka. — Por favor, demonstre minha sinceridade.

O Caveira-e-Ossos ofereceu à formação um grande sorriso, depois caminhou ao longo da fila de sargentos, despejando no chão o conteúdo de uma sacola verde. Telefones celulares, tocadores de MP3 e games portáteis estalaram ao cair no chão.

Um murmúrio baixo percorreu as fileiras.

— Isolamento! — disse Oteka, e seus homens começaram a pisotear os dispositivos no chão. Telas se quebraram; telefones se romperam; iPods se torceram e se partiram em pedaços. Ao redor de Carl, adolescentes arfaram e gemeram, sibilaram e sussurraram, franziram o rosto e choraram.

Para Carl, que nunca possuía aparelhos eletrônicos, essa destruição não era particularmente preocupante, mas apenas mais um numa sequência de sinais de perigo. O que o preocupava mais que tudo era a abertura do discurso da primeiro-sargento Oteka: *Todos vocês são órfãos*. Por que haviam trazido só órfãos? Pensou no chute que recebera, no tratamento áspero que haviam dado a Davis. Olhou discretamente ao redor. Aqui estavam eles, na Ilha Fênix, em algum lugar fora dos Estados Unidos e de suas leis.

Estamos mortos para o mundo tanto quanto nossos pais, pensou Carl. *Essa gente pode fazer o que quiser conosco*.



CAPITULO 3



Carl subiu na traseira longa e aberta de um dos caminhões de gado e, mais uma vez, viu-se ao lado do garoto baixinho. Bem, talvez fosse hora de fazer um amigo — mesmo que o escolhido contasse péssimas piadas.

O garoto sorriu.

— Você sobreviveu.

— Por enquanto — respondeu Carl, sentindo-se como se houvesse passado 15 rounds lutando contra um peso-pesado.

— Tomaram meu PSP. — O garoto xingou e fechou as pequenas mãos na forma de garras. — Tem ideia de quanto eu trabalhei pra comprar aquela coisa?

Carl encolheu os ombros.

— Pra caramba, imagino.

— “Só” seis horas por sábado durante, tipo, um milhão de anos. — O garoto balançou a cabeça. — Usei uma fantasia de frango e fiquei numa esquina supermovimentada balançando uma placa do Chicken Hut pra lá e pra cá.

— Ai! — disse Carl, rindo um pouco.

— “Ai!” não é nem metade a história. Um cara, Dan Carville, trabalhava na petshop do lado do Chicken Hut, daí contou pra todo mundo na escola e...

— Nada de baile de formatura pra você.

— É, isso meio que resume a história. Nada de baile de formatura pra mim. — O menino sorriu. — Eu ficava tão entediado lá, usando aquela fantasia de frango, que costumava xingar todo mundo que passava de carro. Não conseguiam me ouvir. Eu gritava a pior coisa que pudesse pensar, e daí

passava alguma mulher burra e buzina pra mim, toda alegre, como se eu tivesse dado uma rosa pra ela. Era bem engraçado. — Ele riu, mas em seguida o sorriso murchou. — Agora meu PSP está em mil pedaços.

Carl balançou a cabeça.

— Melhor seu video game que suas costelas.

— Desculpe. É muito besta eu ficar reclamando das minhas coisas enquanto foi você quem tomou uns chutes. Você tá legal?

— Sim. Já estive nuns lugares bem barra-pesada, e às vezes o pessoal de lá gritava, o empurrava contra a parede, coisas assim. Mas isso? Eu não sabia que podiam bater na gente.

O menino mostrou as mãos espalmadas.

— Acho que estamos em algum lugar no Oceano Pacífico, perto da costa oeste do México. Você sabe por que constroem lugares como este fora dos Estados Unidos, né? Pra poderem fazer qualquer coisa sem se preocupar que a gente vá processá-los depois. Tanto faz. Não há muito que a gente possa fazer agora. A propósito, meu nome é Neil. Neil Ross.

— Carl Freeman. — Apertaram as mãos. A de Ross era pequena e suada, mas Carl não se importou. Finalmente, tinha algo parecido com um amigo. Ali, na Ilha Fênix, isso era importante, mesmo que Ross parecesse um alvo móvel para o tipo de problema que seguia Carl por todo lugar aonde ele ia. Os valentões comeriam Ross vivo, e aí Carl faria...

Não, disse a si mesmo. *Você tem que se controlar desta vez*. Na viagem até aqui, ele começara a gostar realmente da ideia de ter um futuro. Por anos, havia presumido que toda a encrenca na qual vivia se metendo acabaria colocando um par de algemas em qualquer sonho que pudesse imaginar. Agora, as coisas eram diferentes. Ficar longe de encrenca, ganhar uma ficha limpa, tornar-se um policial — isso realmente seria bom.

Não que tivesse se saído lá muito bem na tarefa de ficar longe de encrenca até aqui. Ainda assim, a Ilha Fênix, por mais dura que tivesse sido a apresentação, era seu caminho para a liberdade.

A fila de caminhões começou a se mover.

— Aqui vamos nós — disse Ross. — Próxima parada, Hogwarts!

Carl sorriu. Não tinha a menor ideia do que Ross estava falando, mas pôde perceber que aquilo tinha sido uma piada.

Penetraram na mata. Era incrível: uma selva de verdade, nada de asfalto nem prédios, só árvores, plantas e escuridão. Um odor rico e úmido permeava o ar, diferente do cheiro musgoso da madeira lá na Pensilvânia. Sob o ar da selva pairava uma maturação fraca, algo como decadência. Acima, a folhagem se tornava tão densa que bloqueava o sol que, mais cedo, os havia fritado como a um toucinho. A luz era difusa, a vegetação, espessa. Aqui e ali, os caminhos se ramificavam para a esquerda ou direita, mas o caminho seguia em frente, quicando sobre trechos ásperos e frequentes. Em determinado momento, Carl viu algo baixo e volumoso, como um barril com pernas, correndo entre as árvores. Um cachorro grande, talvez, ou um porco. Nada que ele quisesse encontrar pela frente, de qualquer maneira.

Ross contou que era de Massachusetts, de alguma cidade da qual Carl nunca ouvira falar.

— Bom — disse —, se algum dia você passar por lá, dê um pulo na petshop e quebre a cara do Dan Carville por mim.

Por fim, entraram numa clareira brilhante, onde, pela direita, à distância aproximada de um campo de futebol, algo explodiu. Um rastro de sujeira e fumaça se ergueu no ar. Os adolescentes gritaram de surpresa e admiração.

Os sargentos berraram comandos e os caminhões entraram mais uma vez na escuridão da mata.

O ar tornou-se mais espesso, fragrante da decadência pantanosa. Os caminhões escorregaram e pararam junto de uma cerca alta coberta de arame farpado. À esquerda, numa clareira mosqueada por fachos de luz solar que caíam das brechas entre as árvores, havia construções caiadas com varandas de madeira e teto de palha. Uma placa marrom com letras amarelas encarava a estrada.

— Centro Médico — leu Ross em voz alta, mas Carl não disse nada. Algo no lugar fez seu estômago se revirar e se contrair.

Dois garotos pegaram o ruivo que havia desmaiado de um dos caminhões, jogando os braços dele sobre os ombros. Uma porta se abriu e soldados de camiseta verde puseram o menino numa maca. Parecia morto, pensou Carl.

— Caramba — disse Ross. — Olha só.

Entre a construção mais próxima e a cerca, uma figura cambaleou de repente, tornando-se visível. A boca dela pendia aberta. Um olho contundido estava fechado pelo inchaço; o outro fitava inexpressivamente os caminhões. Levantou uma mão devagar e a manteve estendida, como se procurasse tocar algo invisível.

Carl balançou a cabeça.

— O pobre do moleque parece um zumbi.

— Sim — concordou Ross —, e ali está o Dr. Frankenstein.

Um homem barbudo de avental branco emergiu da porta mais próxima e cruzou o pórtico. Na balaustrada, passou para um trecho iluminado pelo sol, que brilhou nas lentes de seus óculos, fazendo-as parecer círculos de fogo. Gritou com o garoto esquisito palavras zangadas, rápidas e estrangeiras, estouros rápidos de metralhadora em espanhol.

O menino-zumbi uivou e afastou-se para as sombras mais profundas entre as árvores.

O homem disparou outra rajada em espanhol. Carl captou uma palavra no meio: *ahora*. Ele a ouvira mil vezes, num ginásio onde havia treinadores apoiados contra as cordas incitando seus lutadores: “*¡Ahora! ¡Ahora!*”... “Agora! Agora!”. E depois o homem saiu correndo da varanda, atrás do garoto cambaleante, um rosnado escapando por entre a barba enquanto descia a escada.

Mas então, ao notar os caminhões e os órfãos pela primeira vez, ele parou de supetão. O rosnado cessou e seus braços, que até pouco tempo gesticulavam furiosamente, baixaram para os lados do corpo. A barba separou-se de novo, dessa vez com um sorriso, e ele meneou a cabeça bem devagar para os soldados que transportavam a maca.

Depois, voltando-se mais uma vez na direção para a qual o garoto-zumbi havia fugido, ele ergueu um braço, movimentou os dedos e chamou com voz suave em meio às sombras, parecendo um homem que com gentileza solicita os serviços de um garçom ocupado.

O que estava acontecendo?

— Dá uma olhada — sugeriu Ross, apontando para o edifício. — Tem barras nas janelas. Não é nenhum hospital pediátrico, disso podemos ter certeza.

Os outros subiram novamente no caminhão.

— Vamos lá — disse um sargento, e todo mundo começou a se mover uma vez mais. Carl viu o barbudo com olhos de fogo desaparecer nas sombras, e logo o centro médico também sumiu a distância atrás deles.

O caminho começou a declinar, e, depois de uma lenta descida, o caminhão passou estrondosa e bruscamente sobre uma ponte de troncos de madeira que cruzava uma larga área pantanosa. Os adolescentes apontaram para cobras que pendiam das árvores.

— Se tomar uma mordida de uma daquelas cobras — contou um soldado próximo com sotaque sulista —, você é um órfão morto.

Do outro lado do brejo, penetraram na mata, que se tornou ainda mais escura. Em meio à penumbra, Carl pensou ter visto um pesado nevoeiro, ou talvez fumaça, entre as árvores. Comentou essa impressão com Ross, que se inclinou para a frente e estreitou os olhos.

— Caraca! — exclamou ele. — Isso não é nevoeiro. São teias de aranha.

Carl estremeceu.

— Nossa! Com teias desse tamanho, o que essas aranhas comem? Vacas?

— Órfãos — respondeu Ross, mas nenhum dos dois riu.

Os caminhões subiram uma ladeira e cruzaram um portão alto flanqueado por soldados, que seguravam o que pareciam ser armas de fogo automáticas. Carl notou mais construções: um terreno amplo, pavimentado, com um mastro alto de bandeira no centro e uma cerca imensa rodeando todo o complexo.

— A fênix — disse Ross, apontando para o estandarte que tremulava no topo do mastro.

A bandeira era negra e exibia algo similar a uma águia de asas abertas. Chamas vermelhas rodeavam a figura.

— Por que esse fogo todo? — quis saber Carl.

— Mitologia — respondeu Ross. — Quando a fênix morre, irrompe em chamas. Daí, renasce das próprias cinzas. É usada como um símbolo do renascimento e...

O caminhão parou de repente, com um tranco.

— Desçam! — gritou um sargento. — Fila dupla, órfãos! Meninas à esquerda, meninos à direita. Quem ficar vadiando vai pra cabine do suor. Você, fecha a matraca! Quem falar vai pra cabine do suor. Façam fila aqui fora. Andem logo, órfãos!

A cabine do suor. Este lugar todo já parece uma sauna, pensou Carl, e esperou que Davis estivesse bem.

Saíram apressadamente dos caminhões, e os sargentos gritaram com eles e os empurraram em fila e gritaram mais um pouco, informando a maneira como as coisas seriam. Falaria só quando tivessem ordem para fazê-lo e coisas do tipo. Nada que Carl já não esperasse.

Tendo um rápido vislumbre da garota da mecha branca que estava em posição de sentido com as outras meninas, ele viu que havia algumas sargentos femininas gritando com elas. Carl forçou-se a olhar para seu próprio instrutor, que apontou em direção à porta.

— Seria conveniente, órfãos, que vocês memorizassem este aviso agora mesmo. — Carl notou a placa assim que o sargento a leu em voz alta: — Quem fugir morre!

Alguém numa torre emitiu um som agudo e alto, de grito. Carl viu uma silhueta contra o sol, a forma negra do cano de um rifle sobressaindo do resto.

— Destaco isso para sua segurança, órfãos — afirmou o sargento instrutor que lhes falava, apontando para a cerca. — Essa floresta vai devorá-los vivos. Coisas ruins vivem lá fora. Coisas muito, muito ruins. Esta cerca aqui não é para impedir que vocês saiam. É para impedir que as coisas entrem. Sair sem autorização aqui é uma sentença de morte.

— *Urra!* — berrou o soldado sobre a torre e rasgou o ar com tiros de metralhadora.

Carl se retesou, mas não saiu da fila. Alguns caras se assustaram. Um dos membros da gangue se jogou no chão, com os olhos arregalados de medo.

O sargento continuou:

— Mesmo se, por algum milagre, vocês conseguissem escapar vivos da selva, o mar em volta da ilha não passa de um monte de dentes e sangue. Tubarões-martelo. Entenderam, órfãos?

— Sim, sargento instrutor — respondeu um coro de vozes.

— Melhor entenderem mesmo. E quero dizer Alfa Charlie: Alto e Claro! Essas águas são cheias de monstros.

— Legal — disse um dos moleques.

— Cala a boca, tagarela!

Quem fugir morre, pensou Carl. Nenhuma fuga, nenhuma liberdade condicional: uma instituição terminal.

Tudo bem. Ficaria ali e aguentaria firme. Só faltavam dois anos até seu 18º aniversário. Nem isso. Pouco mais que um e meio.

Ele conseguiria.

Carl ficou sobre a balança, vestindo apenas um short de boxe.

— Freeman, Carl. Um metro e setenta e cinco de altura. Sessenta e oito quilos. Biótipo, meso-ectomorfo — disse o sargento instrutor Rivera (que parecia muito mais gente boa que os outros) ao

soldado com a prancheta. — Desça da balança, Freeman, e abra os braços.

Carl fez como ele dizia, esticando até os dedos.

— Cento e oitenta e seis centímetros — disse Rivera, olhando a fita métrica. — O que você é, menino? Jogador de boliche ou lançador de beisebol?

Carl sorriu. Sempre tivera braços longos.

— Peso alvo? — perguntou o soldado com a prancheta.

Rivera estudou Carl.

— Sem gordura. Ombros largos. Braços de macaco. Defina 80 quilos.

Carl poderia ter rido. Oitenta? Sem chance... e sem gratidão. Na categoria de peso meio-médio, ele detonava os adversários, e ninguém conseguia abalá-lo. Mas 80 quilos? Aí era outra história. Lidar com os meio-pesados era como socar uma parede de tijolos e depois tomar um coice de mula.

— Vista-se e vá para fora, Freeman.

— Sim, sargento instrutor.

Carl recolocou as roupas rapidamente e foi para fora, onde se juntou a uma formação silenciosa diante da doca de carga de um grande galpão. Esperavam sob o sol ardente. A frase padrão daquele dia foi: vá logo e espere, vá logo e espere.

— Silêncio nas fileiras!

Sargentos agarraram um menino e o castigaram, “frente-costas-vai”, por falar durante a formação.

Carl começou a pensar em quão idiota era toda essa disciplina em estilo militar quando notou Davis, que parecia um morto-vivo depois de apenas uma hora na tal cabine do suor, e os caras da gangue lado a lado na frente da formação. Um deles se inclinou e tirou algo pequeno e fino do mato junto à base da doca de carga. Brilhou à luz solar, depois desapareceu no bolso do garoto enquanto os outros na turma de Davis sorriam e assentiam com a cabeça.

Ótimo, pensou Carl. Não sabia o que era a coisa brilhante — uma lasca de plástico ou metal, provavelmente —, mas sabia o que fariam com ela.

A porta de metal do galpão estalou e se abriu, enrolando-se para cima, e o Caveira-e-Ossos — *Parker*, lembrou-se Carl — emergiu dela, já gritando:

— Primeira fila, vamos lá. Subam a escada. Segunda fila, fiquem a postos. Eu disse *andem logo*, órfãos!

A primeira fila entrou no galpão e voltou carregando lençóis e toalhas.

— Próxima fileira, siga em frente!

No galpão, Carl evitou contato visual com Parker. Daria um jeito de recuperar a medalha depois. Por enquanto, preferia ficar longe de encrenca. Não aguentaria mais uma sessão de “frente-costas-vai” — ainda sentia os músculos fracos e trêmulos — e definitivamente não queria ir para a tal cabine do suor.

Um soldado entregou a Carl uma pilha de toalhas e lençóis, e o garoto começou a se afastar com os outros.

— Espera aí, Hollywood — disse Parker.

Carl parou, olhando sempre em frente. *O que é agora?*

— Ei, Rivera — chamou Parker, pegando os lençóis da pilha de Carl. — Aposto o salário de uma semana como o Hollywood aqui mija na cama.

Carl apenas ficou parado, fazendo o possível para ignorar o latejamento que crescia nas juntas dos dedos.

— Só tente lembrar, quando estiver molhando o beliche esta noite, Hollywood — continuou Parker, erguendo uma fronha e em seguida um lençol —, que este aqui é para as lágrimas e este é para o pipi. — Empurrou as peças contra o rosto de Carl e finalizou: — Agora, suma da minha doca antes que eu o jogue pra fora.

Carl não mordeu a isca. Reuniu-se às fileiras e ficou lá, segurando a pilha e fitando as impressões digitais imundas deixadas na fronha até que os sargentos comessem a gritar:

— Vão, órfãos, movam-se!

Carl obedeceu. Sargentos gritavam de todos os lados, repreendendo qualquer adolescente que deixasse as peças de tecido caírem. Empurraram todo mundo através de um pátio e para dentro de uma construção de tijolos de dois andares.

— Subam a escada, órfãos!

A escadaria estava quente, abafada e cheirava azedo devido ao suor. Sargentos gritavam lá de cima e de baixo, e os passos soavam estrondosos enquanto os adolescentes subiam, a maioria deles quase sem fôlego. Lá adiante, alguém caiu, e Carl mal conseguiu evitar uma trombada com o cara da frente — as costas do garoto tão largas que praticamente enchiam o espaço da escada de um lado a outro — e logo alguém colidiu contra as costas de Carl e, com isso, ele realmente bateu com tudo no outro rapaz.

Aqui vamos nós, pensou.

O sujeito grande, que tinha dreadlocks longos e um cavanhaque, meio que se voltou para Carl, olhou-o de lado, sem dizer nada. Não fez cara feia, não sorriu, nada.

— Desculpe — disse Carl.

Sem uma palavra sequer, o rapaz voltou a olhar para a frente. Logo a fila estava se movendo outra vez.

Passaram por sargentos gritalhães e chegaram a uma sala longa, onde mais um sargento gritalhão apontou para uma porta.

— Vão entrando! Dois em cada beliche! Movam-se!

Carl seguiu os outros para dentro de uma baia repleta de beliches e armários de metal, quatro beliches à direita, quatro à esquerda. Atrás dele, os sargentos gritaram para que os outros garotos

continuassem pelo corredor em direção à próxima baia.

Um soldado apontou para Carl e para o sujeito enorme, depois para o beliche mais próximo da porta.

— Você e você, lá.

A voz de Parker praguejou a distância.

Carl esperou, as mãos suando nas peças de tecido. A baia era velha e tinha o cheiro daqueles odorizadores de carro em forma de pinheiro. Lutando para tomar fôlego, os outros garotos formaram duplas e trocaram olhares, mas nada disseram. No corredor, Ross franziu o rosto, tentando tomar ar. O sujeito grande com os dreads estava respirando sem a mínima dificuldade e não trocou olhares com ninguém. Apenas ficou lá, olhando para a frente, firme como uma estátua.

Boa ideia, pensou Carl.

O sargento Rivera entrou na baia e começou a caminhar pelo corredor central.

— Bem-vindos à sua nova casa, órfãos. O armário da cama de cima fica à esquerda, o da cama de baixo, à direita. *Urra?*

Um soldado na entrada disse:

— Quando alguém diz “urra”, vocês respondem urra! Urra?

— Urra — responderam Carl e a maioria dos rapazes.

Rivera caminhou para um lado e para o outro do corredor enquanto o outro soldado exigia urras mais e mais altos, até que todos eles gritassem a plenos pulmões. Do lado de fora, o grupo da outra baia fez o mesmo. *Estão todos seguindo o mesmo roteiro*, pensou Carl. Não se surpreendeu quando um terceiro grupo começou a rugir também.

Rivera caminhou, dizendo-lhes como as coisas seriam. Esta era a baia deles. Cabia a eles mantê-la limpa, urra?

— Urra!

Disse-lhes que arrumariam a própria cama e aprenderiam a usar os cadeados com combinação e sempre, sempre, sempre se certificariam da segurança de todos os itens. Esta noite, marchariam de volta aos galpões de suprimentos, receberiam equipamentos, limpariam o quartel e lavariam os corpos imundos. Em algum momento haveria vacinas, comida e algo que ele chamou de “instruções e a cerimônia”, seguidas por uma inspeção. Depois que os alojamentos estivessem limpos — “e quero dizer brilhantes feito a dentadura da sua namorada” —, poderiam dormir um pouco. Urra?

— Urra!

Rivera parou diante do beliche de Carl, mirando o grandalhão ao lado dele.

— Qual é o seu nome, filho?

— Walker Campbell, sargento instrutor — respondeu ele, com uma voz profunda.

— Tire a camiseta, Campbell.

Campbell hesitou por um segundo, depois obedeceu, revelando um físico digno de um zagueiro da National Football League.

— O que, em nome do general George Patton, você anda comendo, filho? Tanques de guerra?

— Principalmente frutas e verduras, sargento instrutor.

— O que é isso? — perguntou Rivera, apontando para o ombro dele.

— Uma tatuagem, sargento instrutor.

— De?

— Meu irmão, Deonte, sargento instrutor.

— Falecido?

— Sim, sargento instrutor.

— Lamento ouvir isso, Campbell. E conte: onde estão suas *tattoos* de gangue?

Campbell pareceu perplexo.

— Senhor?

— Suas tatuagens de gangue.

— Não sou de uma gangue, sargento instrutor.

— Nunca estive numa?

— Não, sargento instrutor.

— Excelente, Campbell. Você é o guia do pelotão.

— Sim, sargento instrutor.

— Tem alguma ideia do que estou falando, Campbell?

— Não, sargento instrutor.

— Excelente, Campbell. Gosto da sua atitude. O resto de vocês, órfãos, escute: Campbell é o chefe aqui. Se tiverem um problema, falem com ele, não comigo. Urra?

— Urra!

— Espetacular — disse Rivera e, olhando para Carl: — Freeman.

— Sim, sargento instrutor.

— Qual é a raiz quadrada de 273?

O que...?

— Agiliza, Freeman — disse Rivera.

— Não sei, sargento instrutor.

— Nem eu, Freeman — acrescentou Rivera —, mas realmente sei como arrumar direito uma cama.

Órfãos, olhem para mim. Vou lhes mostrar como um soldado arruma a cama, urra?

— Urra!

Carl sorriu, observando a demonstração. Rivera, pelo menos, era legal.

Mais tarde, depois de duas inspeções fracassadas e horas de limpeza, eles ganharam o rango — um guisado marrom que parecia bom feijão, mas cheirava a carne velha — e, em seguida, marcharam de volta para o quartel, onde tomaram banho e por fim caíram na cama. Já era tarde. Carl estava tão exausto que se sentiu de fato muito grato por Campbell ter reivindicado a cama superior da beliche, poupando-o assim de subir.

— Boa noite, órfãos! — gritou Rivera pelo corredor.

— Boa noite, sargento instrutor!

— Luzes apagadas! — exclamou Rivera e, então, tudo ficou escuro.

O ar da noite, quente e úmido como uma sauna, pulsava com um refrão tropical. Insetos e sapos, ou talvez ambos, imploravam ritmicamente na escuridão. O colchão de Carl era duro e grumoso e ele podia sentir as molas pressionando as suas costas, mas não se importou; estava tão cansado que poderia dormir no chão frio se fosse necessário.

Talvez realmente houvesse algo mais naquele campo de treinamento para recrutas, pensou Carl ao despistar o sono. A cada segundo do dia, alguém dizia a eles para onde deveriam ir e o que deveriam fazer. Se todos os dias forem assim, nos manteremos ocupados demais e cansados demais para nos meter em encrencas.

Era uma boa conclusão, do tipo que você quase chega a acreditar quando se está deitado na cama depois de um dia longo e difícil.

Mas então ele ouviu um ruído suave na escuridão, um fragor repetitivo e fraco, quase inaudível sob o coro tropical pulsante. Era um som que ele já tinha ouvido antes em outros lugares onde já estivera preso. Carl sentou-se, ficou imediatamente desperto, prestando atenção, ciente de que, em algum lugar em meio à escuridão, uma das gangues estava raspando a lasca de algum material encontrado na estrutura da cama, afiando uma lâmina, construindo uma haste mortal.



CAPITULO 4



— **A**pertem o passo, seus gordos! — gritou um sargento para os últimos do grupo.

Já estavam na Ilha Fênix havia alguns dias, e, apesar de toda a gritaria e muito pouco descanso, Carl sentia-se bem. Gostava da forma como o vento soprava sobre sua cabeça recentemente raspada, e era ótimo correr, mesmo depois de ter dormido apenas duas horas. Estava na frente do grupo, no mesmo ritmo que Walker Campbell. O garoto enorme havia chegado à Ilha Fênix com dreadlocks, um cavanhaque e o físico de um zagueiro de futebol americano. Tudo o que restava agora era o físico.

Corriam ombro a ombro em silêncio, seguindo o trajeto marcado aqui e ali com tinta amarela em árvores à beira da estrada. Chegaram a uma bifurcação no caminho e viraram à esquerda. Carl rompeu o silêncio:

— E aí, como vai?

Campbell olhou-o de esguelha.

— Eu? Vou bem. Posso correr assim o dia todo.

— Sim, eu também. O que quis dizer foi: como você está? Seu cabelo e tudo...

Campbell alisou a cabeça com a mão, franzindo o cenho.

Ou melhor, o *coco* dele, pensou Carl, já que a palavra que os instrutores usavam para *cabeça* lhe vinha à mente agora.

— Tudo bem, acho.

— É?

— Olha — disse Campbell. — Não preciso de um parceiro. Não estou procurando amigos.

— Por mim, tudo bem — respondeu Carl. Pensou na “barbearia”, que era meia dúzia de cadeiras dobráveis colocadas nas docas de carga, onde eles haviam recebido as botas e roupas de cama, e

lembrou-se da sensação nítida de que aquele momento tinha sido um ponto de virada; lembrou-se também dos sargentos marchando como um rito de passagem ao raspar a cabeça de todos, como se estivessem realmente no exército ou coisa assim. Recordou-se do zumbido e do chiado da máquina, dos caras levantando da cadeira com ar atordoado, de Campbell à espera, tentando convencer os sargentos a deixá-lo de fora, afirmando que os dreadlocks eram parte de sua religião. O barbeiro, que também era apenas um soldado, havia rido e dito:

— Religião? Deus está de férias até você sair da Ilha Fênix.

Depois de mais alguns momentos correndo juntos, Campbell balançou a cabeça, meio triste.

— Eu soube que meu cabelo já era assim que o juiz disse “campo de treinamento”. — Passou a mão pela cabeça novamente. — Cara. É como se eu não fosse eu.

Carl ouviu passos, e o sargento instrutor Parker, com sua tatuagem de caveira e ossos cruzados proeminente como sempre, surgiu ao lado deles. Desde o momento em que Carl descera do avião, Parker não havia parado de atormentá-lo.

— Hollywood — disse, usando aquele apelido chato outra vez. — Retroceda. Você vai ficar na patrulha dos retardatários. Se alguém ficar para trás, forneça motivação.

— Sim, sargento instrutor. — Carl virou-se e correu de volta para a estrada, aborrecido pelo que parecera ser um rebaixamento. Agora, teria de voltar tudo o que já percorrera e ficar lá atrás com os gordos, fumantes, preguiçosos e asmáticos.

Quanto mais voltava na estrada, pior era o estado das pessoas. Um soldado cujo nome Carl não sabia — não era um sargento instrutor, mas um dos caras que ajudaram durante o desembarque — exigiu saber o que ele estava fazendo ao correr no sentido errado. Quando o garoto respondeu, o soldado riu:

— Prossiga, fecha-alas.

Os espaços vazios entre os corredores se alargaram. Carl acenou com a cabeça para Ross, que parecia prestes a morrer. Viu um garoto vomitar no mato ao longo do caminho e se certificou de que ele ficaria bem. Perto da retaguarda, passou por Davis e seus amigos, que olharam feio para ele.

Davis gritou algo, mas Carl continuou correndo. Ficaria longe de encrencas.

Mais atrás, os retardatários, de rosto corado, lutavam para respirar. Um deles babava. Carl tentou encorajá-los. Entrou no ritmo de cada um, deu tapinhas nas costas e disse a todos que ficariam bem. Alguns choravam. Todos mostravam expressões de choque e desespero.

Por último vinha cambaleando o ruivo que as pessoas haviam começado a chamar de Pronto-Socorro, já que ele fora levado ao centro médico logo no primeiro dia. Parecia a ponto de desmaiar novamente.

— Você está indo bem — afirmou Carl, dando-lhe um tapinha nas costas. A camiseta dele estava molhada, e a mão de Carl escorregou.

Pronto-Socorro sacudiu a cabeça, respirando em chiados. Seu rosto estava vermelho-vivo e banhado em lágrimas.

— Concentre-se na sua respiração — orientou Carl. Um conselho bobo, considerando que o garoto parecia estar a uns 12 chiados da sepultura. Mas o que mais poderia dizer?

De repente, Pronto-Socorro parou. Carl continuou por mais alguns passos, depois virou-se e olhou para ele, mas, mesmo parado, continuou movimentando as pernas como se estivesse correndo, esperando pelo garoto. Pronto-Socorro curvou-se, com as mãos nos joelhos, lutando para respirar.

— Mantenha as costas retas — disse Carl. — Pode respirar melhor assim.

O garoto continuou curvado.

— Sério, isso vai fazer você se sentir melhor. Levante, e seus pulmões vão se expandir.

Pronto-Socorro mostrou-lhe o dedo médio.

— Que bonito — disse Carl. Depois de mais ou menos 30 segundos, Carl acrescentou: — Vamos. Vamos arranjar encrenca se não continuarmos correndo.

— Não tô nem aí.

Só você, pensou Carl. Sempre soubera que aquele lugar seria linha-dura — campos de treinamento em estilo militar eram famosos em todo o sistema prisional juvenil por suas “estratégias assustadoras” e “táticas de amor bruto” —, mas esses instrutores realmente não brincavam em serviço. Havia tirado o fôlego dos garotos, pisoteado seus dedos, dado um pontapé nas costelas de Davis e nunca hesitado em privar “indivíduos” de comida, sono ou ambos. Uma noite, Carl fora para a cama sem jantar simplesmente porque Parker não tinha gostado “da cara dele”. De fato ele não queria mesmo que aquele garoto trouxesse uma penca de problemas para nenhum deles dois.

— Não consigo mais. — Pronto-Socorro levou a barra da camiseta ao rosto e assoou o nariz no tecido. O som foi longo e molhado, como o de pneus patinando na lama.

Carl poderia ter vomitado.

— Vamos — disse. — Vamos pelo menos andar, antes que alguém volte e nos ache parados aqui. Você não quer terminar na cabine do suor, né?

Começaram a andar, Carl muito consciente da nojeira na camiseta de Pronto-Socorro.

— Atenção! — disse uma mulher atrás deles, e Carl ouviu passos se aproximando. — Carga pesada adiante!

A risada que se seguiu fez o rosto dele queimar de vergonha.

A primeiro-sargento Oteka passou, dizendo com seu sotaque africano:

— Apertem o passo, crianças. — A menina que corria ao lado dela olhou para Carl de relance e logo acelerou pela estrada. Era esbelta e corria com facilidade. A cabeça estava tão rapada quanto a dos outros. A identificação mútua, a frustração e o embaraço tomaram conta de Carl quando ele percebeu os olhos dela.

Os olhos cinzentos dela.

Sentiu vontade de correr atrás da garota, apresentar-se e explicar por que estava bancando o líder de torcida... mas isso significaria encrenca, e ele precisava evitar qualquer encrenca.

Garotas passaram correndo por ele. Algumas assobiaram e provocaram. Outras riram. Outras apenas pareceram enojadas. Uma menina com uma grande marca de nascença no rosto passou sozinha, olhando sempre em frente. *Perdida no meio das outras*, pensou Carl. *Quase invisível. Não é má ideia.*

As meninas mais fora de forma os alcançaram, coradas e ofegantes, mas ainda correndo.

Carl meneou a cabeça para Pronto-Socorro e sorriu, tentando manter a voz tranquila e amistosa.

— Ei, cara, estamos deixando as meninas nos ultrapassarem. Que tal a gente aumentar o passo?

Pronto-Socorro chorou ainda mais e sacudiu a cabeça, fazendo que não.

Carl cuspiu. Uma menina acima do peso e usando uma joelheira passou mancando.

Começaram a subir uma ladeira. Pronto-Socorro resfolegou ainda mais. Alguém apareceu no topo do declive, correndo na direção deles.

A menina dos olhos cinzentos.

Carl sorriu. Ela correspondeu ao sorriso e, repentinamente, ele se sentiu muito feliz.

— Oi — disse a garota, diminuindo a marcha e virando-se para andar com ele.

— Está perdida? — perguntou Carl. Imediatamente se odiou por fazer uma piada tão idiota.

— Oteka me mandou voltar. Patrulha dos retardatários.

Carl riu de modo discreto.

— O mesmo comigo.

— Você não é o menino que ficou encrocado no primeiro dia? O que fez?

Carl revirou os olhos.

— Eu fui um “indivíduo”.

— Bom, estou feliz que você tenha sobrevivido. — Ela sorriu mais largamente, com uma luz se acendendo nos olhos cinzentos, e Carl viu que era ainda mais bonita do que ele havia pensado — de cabeça raspada e tudo, uma pequena mecha de cabelo branco na frente. — Adoro correr. Esta é a primeira vez que me sinto bem desde que saí de Washington.

— A capital?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, o estado. Que pesadelo vir pra cá. Tudo isso, sabe? Mas agora... você acha que eles vão nos fazer correr muito?

Carl encolheu os ombros.

— Espero que sim.

— Não era pra vocês estarem conversando — disse Pronto-Socorro.

— Não esquenta com isso — respondeu Carl. Quem dera pudesse fazer o moleque desaparecer. —

Concentre-se na sua respiração, amigo.

— Mas ele tem razão — disse a menina. — Tenho que continuar. Duas meninas ficaram bem para trás.

— É, *Hollywood* — disse Pronto-Socorro, todo atrevido. — Você não quer que o levem pra cabine do suor, né?

— Hollywood? — disse a menina. — Que nome esquisito.

— Não é meu nome — explicou Carl.

Pronto-Socorro disse:

— É assim que todo mundo o chama porque ele se acha muito especial.

— Ahã, tá bem — lançou a menina, franzindo um pouco o cenho e levantando uma sobrancelha. — É melhor eu ir. — Ela começou a correr no sentido contrário.

— Meu nome é Carl! — gritou ele depois que ela saiu.

— Octavia — respondeu ela, por sobre o ombro. Então, desapareceu numa curva do caminho.



CAPITULO 5



— **Z**ero-zero-oito! Zero-zero-nove! Zero-um-zero! — gritaram em uníssono. O pelotão ficou em sentido, arrumado numa única fila, todos com o rosto voltado para a frente, o ombro esquerdo contra a parede do corredor. Três sargentos instrutores os encaravam, Parker na frente dos outros.

Às quatro da manhã, as paredes já suavam com a umidade. A camiseta verde de treinamento de Carl já estava escura de transpiração. Acima da gola, os tocos de cabelo loiro estavam cobertos de gotículas de suor.

— Livreiro! — gritou Parker.

— Sim, sargento instrutor — bradou Carl. Já que, graças a Pronto-Socorro, Carl havia chegado por último na corrida do dia anterior, Parker o nomeara livreiro. Isso significava que devia desempenhar tarefas de secretário: tomar notas, registrar a programação do dia, definir a escala de serviços. Era um trabalho enfadonho e exigia um tempo livre que ele não tinha.

— Venha aqui, Hollywood!

Carl adiantou-se à frente da linha.

— Sim, sargento instrutor?

— Qual é o seu problema, Hollywood? Não sabe ler? Ou só está tentando deixar todo mundo sem comida?

— Não sei o que quer dizer, sargento instrutor.

— *Não sei o que quer dizer, sargento instrutor* — imitou-o Parker. Ele apontou para o quadro branco. — Não separou nenhum intervalo para o seu pelotão tomar o café da manhã, Hollywood.

— Quer ferrar com todo mundo — comentou um dos outros sargentos.

— E bota “ferrar” nisso — acrescentou Parker.

— Sargento instrutor, copieei o horário exatamente como... — Carl tentou explicar.

— Ah, não — retrucou Parker. — Você não vai me culpar por essa mancada, Hollywood! Acabou de custar a cada órfão nesta sala 30 flexões. Todo mundo em posição, agora!

Grunhidos. Movimento. Carl, enraivecido, se abaixou até o chão.

— Preparem-se! Esperem... Hollywood! Levanta. Não mandei *você* fazer flexões. Vai assistir enquanto seus amigos fazem. E depois, já que decidiu deixar o café da manhã fora da agenda, hoje vamos simplesmente ficar sem ele. Que tal, órfãos? Posso ganhar um urra?

— Urra — resmungaram.

— E sabem do que mais, escoteiras? Mais motivação! Me façam acreditar em vocês!

— Urra! — O rugido deles encheu o corredor estreito.

Parker disse:

— Vá contando, Hollywood. Este é o seu show.

— Sim, sargento instrutor.

O pelotão o fulminou com o olhar, a raiva queimando nos olhos.

— Em posição — disse Carl. — Pra cima, pra baixo.

— Zero-zero-um! — rugiram, odiando-o.

Os dias passaram. Dias brutais que terminavam com menos de quatro horas de sono.

— Olhe pelo lado bom — disse Ross. — Como livreiro, você não tem que montar guarda.

— Nem me lembre disso — respondeu Carl. — Isso só faz todo mundo me odiar mais ainda.

Era idiotice, mas também verdade. As pessoas se ressentiam de Carl por distribuir os postos de guarda, como se isso tivesse sido escolha dele. Até a própria guarda era uma idiotice. Eles eram o refugio da sociedade, dormindo em quartéis, dentro de um terreno cercado e patrulhado, numa ilha no meio de lugar nenhum. Era como trancar seu lixo num cofre e contratar seguranças armados para vigiá-lo. Absurdo. Mais babaquice militar, tudo porque alguém em algum lugar acreditava que, se fizessem adolescentes bancarem os soldados durante algum tempo, eles se tornariam cidadãos obedientes à lei.

Os sargentos instrutores pressionavam e pressionavam. Na maior parte das vezes, obrigavam-nos a atividades chatas e sem sentido, como marchar em círculo e limpar e correr e entrar em formação e depois marchar mais um pouco. Os sargentos forçaram-nos a aprender regras e códigos e poemas e canções, e depois, assim que tivessem aprendido algo, os instrutores mudavam de ideia. Os quartéis cheiravam a suor e desinfetante de pinho e tudo era úmido ao toque. Os encarregados davam botas e uniformes a eles, e havia uma constante ênfase na manutenção e segurança dos equipamentos. A cada dois dias, o pelotão era reprovado em alguma inspeção. Mais castigos. Tinham de deixar tudo brilhando, os sargentos instrutores lembraram-lhes de novo e de novo, antes que o Ancião chegasse.

Alguns garotos eram realmente uns cretinos. Uma noite, os sargentos tiraram o pelotão inteiro da

cama e os castigaram durante uma hora, gritando enquanto os rapazes andavam agachados, de um canto ao outro da sala, mãos sobre a cabeça e mochilas pesadas às costas. A coisa toda parecia um pesadelo. Uma vez que correu pelo pelotão um sussurro afirmando que Pronto-Socorro havia provocado isso ao adormecer em seu turno de guarda, os outros começaram a olhar feio para ele e a sibilar xingamentos. Sempre que o garoto, que era frágil demais para caminhar agachado com a mochila, rastejava para além da esquina da sala e para fora das vistas dos sargentos, os outros o empurravam, socavam, derrubavam no chão. Com as juntas dos dedos latejando, Carl observava o sofrimento do menino desamparado. Sua mente sabia que não devia se meter nisso, que devia pensar no futuro; mas o resto dele queria partir para cima dos valentões e detê-los — e, por não fazer isso, fervia de ódio por si mesmo. *Covarde*, disse consigo. *Inútil*. No fim daquela hora, Pronto-Socorro estava chorando feito criança pequena, e a risada dos sargentos enchia o quartel. Sabiam o que estava acontecendo, e não davam a mínima.

Enquanto os dias passavam, Parker continuava atormentando Carl. Este ficava de boca fechada e aguentava firme.

A não ser por Ross, o resto do pelotão não dava a mínima para ele. Campbell, que fora nomeado líder do pelotão, era gente boa — não muito amistoso, mas também não era hostil — e Carl achou que poderia trabalhar com ele.

Uma noite, Davis e seu bando entraram na baía dele e começaram a provocá-lo. Carl pensou que acabaria lutando com eles — todos os seis. Estava tão enjoado da Ilha Fênix e de Parker e da merda de toda aquela gente que se viu de pé, sorrindo, enquanto Davis dizia suas besteiras. Carl até ficou desapontado quando tudo aquilo não deu em nada.

Depois, Campbell surpreendeu-o ao começar uma conversa:

— Cuidado com esses caras.

Carl assentiu com a cabeça.

— Pode deixar. Obrigado.

— Estão avaliando você agora, vendo como reage. Vão tentar pegá-lo quando não houver ninguém em volta. São covardes, todos eles. Mas são covardes perigosos. Odeio gangues.

— Se odeia essa gente, junte-se a mim — sugeriu Carl.

Campbell levantou uma sobrancelha.

— E passar o resto do meu tempo aqui esperando uma facada? Num cara pequeno como você, e branco, eles só vão dar uma surra. Se eu me meter na vida deles, com o meu tamanho, e ainda por cima negro, vão achar que precisam me matar. E matariam. Porque não são capazes de enxergar mais nada. Não conseguem nem soletrar *diploma*. Só estão esperando pra ver no que dá. — Ele balançou a cabeça. — “Fique rico ou morra tentando”, toda aquela mitologia de rua.

Aquilo não ajudaria em nada, mas era a conversa mais longa que já tiveram... um passo na direção certa. Campbell era o sujeito mais calmo do pelotão. Inteligente, composto, resistente, independente, completamente asseado. Carl agradeceu uma vez mais pelo conselho e foi cuidar da vida.

Pequenas brigas aconteciam aqui e ali. Empurrões e gritos, geralmente. Alguns caras foram

levados às cabines do suor e voltaram uma ou duas horas depois, parecendo esgotados, como se sofressem de insolação ou algo assim. Chovia duas vezes por dia, todo dia, uma vez no meio da manhã ou no começo da tarde, e novamente à noite. O mundo parecia uma esponja encharcada.

Não viu Octavia por dias. A cada vez que as garotas passavam, ele a procurava com o olhar. Estava começando a temer que algo tivesse acontecido com ela quando a viu deixar o refeitório um dia. Tentou chamar sua atenção, mas ela não o viu. Deitado na cama, naquela noite, ele se torturou, tentando imaginar por que a garota não o tinha procurando como ele havia procurado por ela. *Porque não está interessada em você, Hollywood*, disse a si mesmo, e na escuridão da baia alguém peidou bem alto.

Uma noite, depois da última ração, o sargento instrutor Rivera levou todos eles até a última baia e deixou-os sentar no chão. Depois de dias de direita-esquerda-direita e “limpem tudo”, até essa pequena liberdade parecia uma dádiva divina.

Rivera caminhou diante deles.

— Vocês devem subordinar sua individualidade e abraçar sua identidade grupal. Devem colaborar, órfãos, e devem continuar motivados. No mundo lá fora, vocês se meteram em encrenca ao agir como indivíduos. Aqui, na Ilha Fênix, vão *desaprender* isso. Vão aprender a atuar como parte de uma equipe. O que foi, Ross?

— Ah, sim, sargento instrutor, a equipe vai ter alguma líder de torcida? Algumas meninas com quem a gente topou eram muito gatas...

— Fecha a matraca, espertinho — rebateu Rivera, mas sorriu. — E pague 20 por pensar como um indivíduo.

Alguns dos garotos riram. Ross começou a fazer flexões.

Carl notou o caipira musculoso, Decker, cochichando com um de seus amigos e olhando para Ross como se quisesse matá-lo. Decker andava atormentando Ross ultimamente, mas nada muito sério, e até o momento Ross fora capaz de usar piadas para se livrar de maiores problemas. Carl se perguntou até quando as piadas funcionariam.

Rivera disse:

— Com flexões como essas, Ross, talvez *você* deva ser a líder de torcida. — Todo mundo riu. Rivera era *definitivamente* muito mais legal que os outros instrutores. — Agora, órfãos, vocês vão ter uns dias bem difíceis aqui, urra?

— Urra! — respondeu o pelotão. O único que não participou da gritaria foi Pronto-Socorro. Sentara-se atrás de todos, fitando o chão e resmungando consigo. O garoto tinha mais problemas que uma prova de matemática.

— Bom, aguentem esses dias e vão ficar impressionados com as mudanças que vão rolar. Vão passar de meninos a homens. Vão passar de indivíduos a partes de uma equipe. Urra?

— Urra!

Rivera assentiu com a cabeça.

— Agora vocês soam como soldados. Muito bem, órfãos, começou seu tempo livre. Apaguem as luzes às 22 horas. Campbell, se precisar de algo, estou lá abaixo, no turno de guarda.

Tempo livre, pensou Carl. *Vamos ter um tempo pra nós mesmos esta noite*. Isso sempre estava na agenda, mas nunca acontecia de verdade. Ele relanceou para o relógio. Ainda não eram 21 horas.

— Livreiro — chamou Rivera —, venha comigo. Temos que cuidar de mais algumas coisas.

Carl seguiu-o para fora da baía. Os caras começaram a se empurrar de brincadeira dentro do alojamento, fazendo uma barulheira, entusiasmados pelo primeiro momento de liberdade em muitos dias.

— Como está se saindo com a lista de deveres, Freeman?

— Nada mal, sargento instrutor. Os caras não gostam, mas está funcionando.

— Esplêndido, Freeman. — Chegando ao fim da sala, Rivera destrancou a porta na qual o quadro branco estava pendurado e abriu-a para revelar uma sala muito pequena e escura. — Seu escritório. Tem aí sua escrivaninha, papel, lápis, armário de arquivos. Se precisarmos que você archive alguma coisa, nós o destrancamos. Você ganha até uma cadeira. — Entregou a Carl uma chave. — Isto abre a porta. Não a perca. Entendeu, Freeman?

— Alfa Charlie, sargento instrutor.

— É assim que um soldado fala. Estou de guarda durante a próxima hora. Se precisar de algo, diga ao Campbell, e ele pode vir falar comigo. Depois disso, o sargento instrutor Parker vem para me ajudar, e eu recomendaria que você guardasse quaisquer perguntas subsequentes para amanhã. Urra?

— Urra.

Rivera entregou-lhe a programação do dia seguinte e partiu, fazendo uma pausa logo do lado de fora da porta para repreender alguns garotos no corredor.

Carl copiou os horários no quadro branco, fechou-se dentro do minúsculo escritório e foi trabalhar na escala dos turnos de guarda. Planejava terminar com isso, ir para o chuveiro, dar mais um polimento nas botas, enrolar as meias e talvez até socializar um pouco antes de as luzes se apagarem.

Começou a trabalhar. Os garotos vinham até a porta, pedindo que os livrasse do dever, e ele os expulsava. Seguiu a ordem alfabética, já que, fazendo isso, tornava impossível dizerem que estava poupando seus favoritos. Mas, como sempre, alguns se irritavam mesmo assim. Que fosse. Eles que falassem com Campbell.

Decker e seus puxa-sacos passaram por ali, cheios de sorrisos, oferecendo a Carl proteção contra a gangue de Davis em troca de Carl “esquecer” de colocá-los na lista. Quando ele disse “obrigado, mas dispense”, Decker o fitou por alguns longos segundos. O cara tinha olhos azuis pálidos, esquisitos, que brilhavam, frios e pensativos, e não combinavam com o rosto brutal, que parecia ter sido esculpido toscamente em pedra. Decker parecia interessado, divertido e zangado, tudo ao mesmo tempo... e principalmente interessado. Então, ele e seus bandidos partiram.

Um tempo depois, Ross apareceu e fez Carl rir com uma imitação de Rivera, inclinando a cabeça para trás e semicerrando os olhos.

— Ross, pague 20 por pensar como um indivíduo.

Carl gargalhou. Era perfeito.

— Você é ótimo com imitações!

Ross deu de ombros.

— Quando se tem o meu tamanho, esse tipo de coisa tem que estar no kit de sobrevivência.

Comédia como autodefesa. Quanto trabalho ainda falta aí?

— Estou quase terminando.

— Beleza. Agiliza aí. Estamos jogando Ninja na baia lá do fundo.

Ninja era, sem dúvida, o jogo mais idiota em todo o universo. De repente, Carl teve *muita* vontade de jogar.

— Tá legal. Logo eu termino.

Ross partiu.

Cinco minutos depois, Carl trancou o escritório e se dirigiu à baia dos fundos. Vozes flutuaram pelo corredor:

— Um, dois, três... Ninja!

Sorrindo, Carl desviou-se, e, ao entrar em sua baia, abriu o cadeado do armário, guardou a nova chave, começou a trancar o armário e fez uma pausa, olhando para as fotos penduradas lá dentro.

Ali estava sua mãe, sorrindo no jogo dos Phillies.

Seus olhos passaram para a outra foto. Mamãe novamente, Carl ainda garotinho, papai.

Sentia muito a falta deles.

Olhou para o rosto sorridente da mãe e teve de engolir com força para se livrar do nó na garganta. Como é que alguém tão cheia de vida podia morrer tão jovem?

De câncer. Foi assim. Má sorte em escala cósmica.

Papai parecia à prova de balas naquele uniforme. *Não mesmo*, pensou Carl. *Nem um pouco*.

O homem que havia atirado nele era um esquizofrênico com o ridículo nome de Wilson W. Wilson. Wilson e sua esposa brigaram e se separaram, e ele havia saído de casa. Durante algum tempo, ele tentou reatar o relacionamento, mas ela se recusou. Então, numa noite de verão, Wilson W. Wilson arrombou o apartamento com uma pistola especial calibre 38.

Os vizinhos ouviram gritos e chamaram a polícia. O pai de Carl, que estava naquele quarteirão quando o chamado ocorreu, foi o primeiro a chegar. Wilson atirou nele quatro vezes assim que passou pela porta, recarregou o pente da pistola e prosseguiu, matando seus três filhos e dois garotos vizinhos, que só estavam no apartamento porque foram jogar video game. Wilson explicou à esposa que desejava que ela experimentasse a solidão que havia imposto a ele. Então, enfiou o cano na própria boca, puxou o gatilho e pronto.

De alguma forma, o pai de Carl sobreviveu, mas Carl sabia que ele nunca mais seria o mesmo. Mesmo aos 8 anos de idade, pôde entender isso. Amava o pai. Quase o idolatrava. Antes do tiroteio, fora um homem animado e bondoso, bem conhecido e amado na vizinhança. Havia crescido ali, em Devil's Pocket, fora um rapaz irlandês ridiculamente doido que, no final, havia progredido; alguém com quem sempre se poderia contar, não importando se isso significava lidar com uma pipa de papel presa numa árvore, o som de vidro quebrado à meia-noite ou um esquizofrênico assassino que havia decidido transformar um casamento desfeito num banho de sangue comunitário.

Depois do tiroteio, o pai de Carl não pôde ajudar mais ninguém — nem a si mesmo. Se o tempo permitisse, ele passava os dias na varanda diante da casa. Seus olhos distantes espiavam tudo no rosto inchado. Uma cicatriz marcava a carne onde a segunda bala havia atravessado sua cabeça, levantando um canto da boca num sorriso permanente e sem graça.

Carl cuidava dele. Queria fazer isso. A cada momento que não passava na escola, ficava sentado na companhia do pai. Nunca se ressentia dessas horas e nunca levava em consideração as preocupações da mãe; na opinião dela, o menino estava carregando um fardo muito pesado e precisava retroceder um pouco, tentar ser uma criança comum. Ajudou a cuidar do pai de quase todas as formas, desde alimentando-o até ministrando medicamentos e ajudando-o a tomar banho. Aquilo não era nojento, nem engraçado, nem esquisito. Apenas era o que tinha de ser.

Isso partia o coração de sua mãe, no entanto ela não podia pagar uma enfermeira, não com a pensão miserável por invalidez que recebiam e com o pouco dinheiro que ganhava como garçoneiro num restaurante. Então, Carl fazia a maior parte do trabalho e, quando não estava trabalhando, ficava sentado junto ao pai, caso ele precisasse de alguma coisa.

No dia em que as risadas começaram, Carl estava vindo da escola para casa com seu amigo Tommy, chegando ao quarteirão onde moravam. Ouviu alguém rir na rua — uma risada maldosa — e viu aquele grandalhão do quinto ano, Liam Reilly, e mais alguns garotos, parados na calçada, às gargalhadas. Então, ouviu Liam dizer:

— Olha só a Assombração.

No início, Carl pensou que o garoto mais velho estava usando algum tipo de gíria racista idiota, o que era quase tão comum em Pocket quanto o canto dos pássaros nos subúrbios arborizados. Mas então viu Liam rir e fazer uma careta, olhando para a casa de Carl. Para a varanda. Para o pai de Carl. *A Assombração*.

Liam estava fazendo uma cara grosseira de pateta, imitando até o sorriso permanente antes de cair na gargalhada.

A Assombração. O pai de Carl.

Carl, que nunca havia testemunhado esse tipo de crueldade, levou meio quarteirão de caminhada para entender de verdade o que estava acontecendo. Tinha uma vaga noção de Tommy puxando-lhe o braço, dizendo que aqueles caras eram uns tontos, que não estavam fazendo nada importante... e de repente Carl já estava no fim do quarteirão. Os amigos de Liam encheram Carl de socos e chutes e o chamaram de maluco, e Liam — apesar de ser mais velho e maior do que Carl — estava no chão, coberto de sangue e gemendo, meio inconsciente. Os meninos mais velhos derrubaram Carl várias

vezes, mas a todo momento ele se levantava da calçada e voltava a lutar, até que o pai de Tommy interrompeu a briga. Os meninos maiores estavam mais que dispostos a pôr Liam de pé e dar o fora dali; mesmo em meio à raiva, Carl pôde ver o medo nos olhos deles.

— O que foi isso? — perguntou o pai de Tommy, mas Carl estava zangado demais para fazer algo além de espernear e gritar para os garotos em fuga.

Quando Tommy contou a história, o pai dele, cujas mãos eram ásperas de tanto trabalhar com madeira, abraçou Carl com força, dizendo com seu forte sotaque irlandês:

— Ó Jesus, menino Carl. Vai ficar tudo bem. Eu vou conversar com os pais deles e eles nunca mais vão dizer essas coisas. Guarde minhas palavras, menino Carl.

Ele tinha razão quanto a isso. Os rapazes nunca mais disseram nada daquilo. Mas o estrago já estava feito.

A inocência de Carl se perdera.

A luta com Liam o encheu de fúria. Antes de Liam, Carl não poderia ter imaginado tanta crueldade; depois de Liam, não poderia esquecê-la. Se alguém podia zombar de seu pai daquele jeito em frente à sua casa, quantas pessoas o estariam chamando de Assombração atrás de portas fechadas? Suas velhas suposições — de que seu pai era celebrado universalmente como herói e que a maioria das pessoas era de cidadãos bons, obedientes à lei — caíram por terra. E, no vácuo dessa ausência, a raiva ardente cresceu.

Carl se tornou silencioso. Passava todo o tempo livre na varanda — um defensor incansável e silencioso do pai. Na escola, suas notas pioraram. Era difícil estudar divisão e multiplicação quando sentia a necessidade de erguer o olhar a cada vez que alguém passava diante da varanda, pois precisava ficar atento ao menor sinal de que alguém pensasse que seu pai era uma piada. Quando as pessoas os visitavam — o que acontecia com frequência cada vez menor à medida que os meses passavam —, Carl grunhia em resposta às perguntas, recusava-se a sorrir e deixava a maior parte das pessoas tão desconfortáveis que elas logo partiam.

Só por causa da mãe, sempre que alguém passava por ali e ria, ou erguia o olhar e os fitava, Carl cerrava os punhos e esperava. Depois que se afastavam em direção ao quarteirão seguinte, saía correndo da varanda e ia atrás deles, fora da vista da mãe. Não importava quantos anos tivessem, de que tamanho fossem ou quantos deles houvesse. Atacava sem aviso, sem clemência e sem a menor hesitação. Às vezes ganhava, outras, perdia, mas sempre lutava até o fim, e ninguém conseguia controlá-lo. Lá pelos 10 anos de idade, já tinha a reputação de um doido destemido e durão.

Foi quando se meteu realmente em encrenca.

Sua primeira audiência no Juizado de Menores foi numa terça-feira chuvosa. A mãe o buscou na escola. Ela estava vestindo a mesma roupa que usava para ir à igreja e chorou durante todo o percurso. Havia faltado a seu turno de almoço no restaurante, mas não era por isso que chorava. Chorava pelo tiroteio e pela vida de Carl como cuidador do pai e pelas brigas em que ele se metia.

Lembrando-se disso agora, de como as mãos dela tremeram quando tirara a tampa de rosca do frasco de aspirinas que, àquela altura, ela carregava consigo o tempo todo, Carl percebeu que a mãe estivera chorando por mais alguma coisa. As dores de cabeça já haviam começado. Será que ela

sabia, já naquele momento, que só viveria por mais alguns meses?

Na noite anterior, ao acordar de um pesadelo, Carl havia se levantado e ido à cozinha, onde ficara suando, tremendo e bebendo goles e mais goles de água, escutando o tiquetaque do relógio e fitando a porta fechada da sala de estar, que eles tinham convertido num espaço para seu pai. Foi até a porta e a abriu, deixando um pequeno fecho de luz chegar ao rosto do pai, que dormia de olhos ligeiramente abertos, boca escancarada, o canto ainda voltado para cima. Estava pálido, velho. Carl viu o cabelo grisalho e curto, sempre salpicado de caspa, não importava que tipo de xampu usassem nele, e a protuberância disforme da bala que havia danificado seu cérebro.

Sua mãe dormia sentada numa cadeira junto da cama, ainda vestindo o uniforme do trabalho. A cabeça pendia para a frente como se ela estivesse rezando, e uma das mãos repousava no ombro do pai de Carl. Parado ali, o garoto sentiu algo como vergonha, como se estivesse se intrometendo num momento pessoal, e, de repente, tornou-se real para ele a ideia de como seus pais haviam sido *antes dele*: a infância e o romance entre adolescentes, o namoro e o casamento, os sonhos e planos que haviam compartilhado. O que tinham feito para merecer tanta dor? E o que a mãe de Carl faria se o juiz o mandasse para longe deles?

Mas o juiz não o afastou. Não da primeira vez. Falou sobre o pai de Carl, fez o garoto responder a perguntas, passou um sermão e, por fim, condenou-o a 25 horas de serviços comunitários e seis meses de psicoterapia. O juiz também mandou que Carl fizesse aulas de boxe, dizendo que o esporte proporcionaria uma válvula de escape para sua agressividade.

E foi assim que conheceu Arthur Marcellus James, que, antes de se estabelecer como treinador de boxe de nível internacional, havia treinado cavalos de corrida e cães combatentes. Um velho magro feito um graveto, de pele escura, olhos fundos e bigode fino, Arthur não era do tipo caloroso — mal falava com Carl, exceto para indicar que estava deixando os punhos caírem ou erguendo o queixo ou sinalizando os próprios socos antes de desferi-los —, mas o homem sabia *tudo* sobre boxe.

Carl sentia falta dele. Sentia falta do boxe. E, mais que tudo, sentia falta dos pais.

Agora, estava nesse lugar estranho — esse *quartel*, a milhares de quilômetros de casa — olhando para os rostos radiantes dos pais. Tudo aquilo se fora. Os olhos ardiam. As mãos estavam frias e úmidas de suor. Respirou profundamente, segurou o ar por um segundo e deixou-o sair, estremecendo.

Sacudiu os braços e trancou o armário. Não podia dedicar nem mais um minuto àquela dor antiga. Em seguida, começaria a lembrar-se da doença da mãe, da luta contra o câncer, tudo...

Para a última baía, então. Hora de se perder numa partida inútil de Ninja. Todo o entusiasmo o havia abandonado, mas precisava tentar. Trancou o armário, respirou profundamente mais uma vez e, nesse momento, alguém o empurrou contra o armário e depois o lançou na cama.

Aconteceu tão rápido que Carl não teve chance de reagir. Uma dúzia de mãos o seguraram na cama de rosto virado para baixo. Empurraram sua cabeça contra o travesseiro e depois a viraram de lado para que pudesse ver Davis apoiado no armário, fitando-o, com os braços cruzados à frente do peito.

Davis fez um gesto com a cabeça e Carl sentiu alguma coisa deslizar para dentro de seu ouvido. Quando a ponta do objeto tocou a região do ouvido interno, Carl sentiu um calafrio de

reconhecimento.

Um lápis.

Um empurrão de nada e estaria surdo. Um empurrão maior, estaria morto.



CAPITULO 6



Os olhos de Davis pareciam quase aborrecidos.

— Não vai fugir desta vez, Hollywood.

Carl o fulminou com o olhar. Manteve a cabeça totalmente imóvel. O lápis estava dentro de sua orelha, a ponta pressionada contra algo mole e sensível, mas ainda sem causar danos.

— O que você quer?

— Algumas gatinhas e um pacote de erva.

Um dos caras que o seguravam riu. Então, alguns dos outros riram também. Carl esperou. Davis disse:

— Estamos de saco cheio dos turnos de guarda. Então, pra começar, você vai deixar a gente fora da escala.

— Não posso. O sargento instrutor disse que todo mundo tem que montar guarda.

— Menos você.

— Não posso. Sou o livreiro.

— Bom, é melhor dar um jeito. Não me interessa como. Só sei que não vamos mais cobrir nenhum turno de guarda. Se você contar alguma coisa aos sargentos, morre. Entendeu?

Carl entendeu muito bem. Mas esta era só a primeira exigência. Se ele cedesse, viriam muitas mais, uma depois da outra.

— Pode esquecer.

Davis fez uma carranca.

— Talvez você tenha um problema de audição. Ty, tire um pouco da cera do ouvido dele.

O lápis moveu-se dentro da orelha de Carl, e ondas de pânico e raiva o percorreram.

— Me deixem levantar.

Davis riu.

— Ei! — trovejou uma voz profunda. — O que estão fazendo?

Davis ajeitou o corpo e alinhou a coluna. O lápis escorregou para fora do ouvido de Carl. Mãos se afastaram da têmpora e do maxilar, e ele virou a cabeça para ver Campbell.

— Só estamos curtindo um pouco com o Hollywood — respondeu um dos membros da gangue.

Campbell nem mesmo olhou para o garoto que havia falado. Continuou encarando Davis.

— Se você estragar nosso tempo livre, o pelotão vai partir você em pedaços.

Carl pôde sentir os dedos que o seguravam com tanta força se afrouxarem. Quis levantar-se de uma vez e começar a brigar, mas a calma de Campbell fez com que se contivesse.

Davis sorriu mais largamente.

— Fica frio, grandão. Estamos quase terminando aqui. É o seguinte. Se você voltar pro corredor, a gente cai fora em dois minutos. Você também não vai mais ter que montar guarda, sacou?

— Não vou a lugar nenhum até vocês soltarem ele. Este é o meu pelotão. Eu não pedi isso, mas me deram. Só me resta um mês neste lugar, e não vou deixar que vocês estraguem as coisas pra mim. Se pararem agora, vou fazer de conta que isso nunca aconteceu. Se continuarem, quebro a cara de todos vocês. Prometo.

Davis riu.

— Estou vendo... cara. Você é o chefão, né?

Campbell olhou para os outros.

— Larguem ele. Agora.

Um par de mãos se soltou das pernas de Carl. Os outros caras olharam para Davis, que assentiu com a cabeça. Soltaram Carl, que ficou de pé num salto.

Os olhos de Campbell lançaram um aviso.

— Isso não acabou — disse Davis, passando por Campbell. Os outros o seguiram.

Campbell olhou enquanto saíam. Depois, voltou-se para Carl, balançando a cabeça.

— Cara, eu odeio gangues.

— Valeu — disse Carl.

Campbell sacudiu a cabeça novamente.

— Eu sabia que isso aconteceria. Agora, temos que vigiar as costas um do outro o tempo todo. Você sabe lutar?

Carl assentiu com a cabeça. Não havia contado a ninguém sobre o boxe. Ele sabia por experiência

que, se espalhasse que era pugilista, sempre haveria alguém querendo desafiá-lo.

— Olha — acrescentou Campbell —, estou falando sério. Sabe lutar? Pra valer?

— Sei.

Os dias passaram.

Carl e Campbell ficaram perto um do outro. O problema com Davis não fora eliminado, mas a poeira tinha baixado.

Enquanto isso, a vida melhorou. Davis ainda olhava feio para eles, Parker ainda continuava latindo quando falava e o treino ainda os deixava esgotados, mas era bom poder conversar com Campbell e Ross.

E havia Octavia. As garotas passaram a treinar com os rapazes com cada vez mais frequência, e Carl a via o tempo todo. Sempre que possível, corriam juntos e comiam juntos. Sempre que estavam longe dos instrutores, um fazia o outro rir. Quanto mais Carl a conhecia, mais gostava dela. Não era só bonita. Era durona e inteligente. Engraçada também. Como na vez em que estavam dando um tempo entre as atividades, ela enrolou um pedaço de papel, enfiou-o na orelha e ficou lá, toda indiferente, dizendo:

— Que foi?

Quando ele sorriu e, depois, quando disse alguma coisa, ela respondeu:

— Desculpa. Não consigo ouvi-lo. Tem um canudo de papel na minha orelha.

Octavia era legal. E, quanto mais tempo passavam juntos, mais claro ficava que ela também gostava dele.

Falavam de suas vidas — não só das tragédias e triunfos, mas também das pequenas coisas bobas que compõem a maior parte da história de alguém. Ela contou sobre a vez em que seu pai havia montado uma armadilha de Havahart, um tipo de gaiola capaz de prender um animal sem machucá-lo, esperando capturar os esquilos que andavam dizimando as macieiras, e contou também que ele gritara: “Ai, minha mãe do céu!” quando ao sair na manhã seguinte ele deparou-se com um gambá enorme preso na gaiolinha de arame.

— Nunca vou me esquecer disso enquanto eu viver — disse ela, rindo tanto que as lágrimas correram dos olhos. — Foi a única vez que ouvi alguém gritar “ai, minha mãe do céu”!

Carl contou a ela que um de seus velhos professores, lá em Pocket, dava a todo mundo folhas de exercícios e depois passava a aula inteira cheirando as lombadas de livros velhos empilhados em sua escrivaninha. Então ela contou sobre sua gata, Tinker Bell, que esperava por ela no ponto de ônibus todo dia depois da escola e a acompanhava até em casa. Ele falou que, em algumas noites, seu pai descascava uma batata e a fatiava, e os dois ficavam lá na cozinha e a comiam crua, salgando cada fatia e rindo do barulho crocante. E ela contou sobre a avó, que havia morado nos Andes bolivianos, e que a visitava todo verão, e que a velha despejava um monte de batatas no quintal dos fundos e depois tirava os sapatos e as meias.

— Era assim que ela descascava batatas — explicou. — Andando por cima delas com os pés descalços.

Os dois riram muito.

Um dia, os sargentos instrutores mandaram-nos trazer lápis e fizeram com que marchassem até a “sala de aula” — uma porção de cadeiras dobráveis sob um pavilhão simples —, onde a equipe distribuiu pranchetas e papel e a primeiro-sargento Oteka disse:

— Hoje vocês vão aprender os primeiros socorros básicos. Lápis na mão, órfãos. Espero anotações extensas. Haverá questionários.

Octavia tateou os bolsos, verificou o chão em volta de seu assento e murmurou em voz baixa.

— Você tá bem? — sussurrou Carl.

Olhou para ele com pânico nos olhos.

— Não consigo encontrar meu lápis. Oteka vai me matar.

Carl entregou-lhe o dele e levantou a mão.

— Senhor Freeman, por favor, guarde suas perguntas até que eu tenha exposto o assunto sobre o qual poderia perguntar — respondeu Oteka.

Risinhos abafados se ergueram entre as cadeiras.

— Primeiro-sargento, não consigo encontrar meu lápis.

Oteka não disse uma palavra a Carl, mas virou a cabeça de forma que ele pudesse ver as linhas de cicatrizes naquele lado de seu rosto.

— Sargento instrutor Parker, um dos seus órfãos veio despreparado para a instrução de hoje. Por favor, corrija isso.

— Sim, primeiro-sargento. — Parker se desgarrou da coluna, rosto vermelho, olhos flamejantes. Arrancou Carl da cadeira e arrastou-o para o fim do pavilhão, onde o jogou contra um poste e o segurou pela frente da camiseta.

— Tirando com a minha cara de novo, hein? — Ele se esforçou para manter a voz baixa o bastante para não interromper a aula, e essa restrição forçada só pareceu deixá-lo ainda mais zangado. Empurrou Carl para o chão.

— Frente.

Carl começou a fazer flexões.

Parker agachou-se e sorriu, os olhos ainda queimando de raiva. *O cara provavelmente usava esteroides*, pensou Carl, com todos aqueles músculos e acessos de fúria.

— Só mais alguns dias, Hollywood — disse Parker —, e eu vou dar um jeito em você de uma vez por todas.

Carl continuou as flexões, imaginando o que Parker quisera dizer com *vou dar um jeito em você*. Uma ameaça, é claro, mas ameaça de quê, exatamente? Não que Carl demonstrasse, mas a parte *de*

uma vez por todas o incomodou ainda mais. Será que Parker pretendia tentar fazer com que Carl fosse expulso da ilha? Tentaria forçá-lo a voltar à Carolina do Norte — à prisão?

Parker o castigou, “frente-costas-vai”, durante vários minutos. Depois, disse:

— Aqui está um lápis. — E Parker enterrou o lápis na coxa de Carl, encerrando a questão.

Carl estremeceu um pouco com o choque e a dor, mas continuou trabalhando e não emitiu nenhum som até conseguir dizer:

— Sim, sargento instrutor.

Parker arrancou o lápis da perna de Carl e manteve-o diante do rosto dele. A parte afiada estava toda vermelha.

— Não vá esquecer seu lápis de novo.

Quando Carl voltou ao seu assento, escondeu a ferida sob a prancheta. Octavia deu-lhe um sorriso pequeno e triste, apertando o braço dele. Depois, quando estavam fazendo a fila para pegar comida, devolveu-lhe o lápis... e, com ele, um bilhete. Manteve a mão sobre a dele um segundo a mais que o necessário.

— Valeu, Carl. Você não devia ter feito isso, mas valeu. Realmente me salvou lá na aula.

— Sem problemas — respondeu ele. — Hã, é pra eu ler isto agora ou depois?

— Não importa — respondeu ela. Então, olhou de relance para alguns sargentos perto dos pratos quentes. — Pensando bem, leia depois.

Mais tarde, escondido no banheiro, ele abriu o bilhete e sorriu.

Querido Carl,

Muito, muito, muito obrigada (um milhão de vezes) pelo que você fez! Foi muito fofo. Se a gente não estivesse aqui, eu te pagaria um sorvete ou um cinema ou algo assim pra agradecer. Mas acho que, se a gente não estivesse aqui, eu nem teria precisado do seu lápis, né?

Ah, enfim. Ainda assim eu convidaria você pra sair.

Octavia

xoxoxo

Carl não sentia uma onda de felicidade como aquela desde que ganhara seu primeiro campeonato nacional, muitos anos atrás.

Naquela noite, Carl, Campbell e Ross sentaram-se na baia escurecida, polindo suas botas à luz do corredor. As demais luzes já haviam sido apagadas, portanto as três baías principais estavam escuras, e dois caras estavam montando guarda. A maioria do pelotão estava polindo botas na baia traseira, que também continuava iluminada. O único outro cara na baia deles era Pronto-Socorro, que estava sentado num beliche mais ao fundo, resmungando sozinho. Várias botas extras estavam ao lado da cama. Alguém — talvez Davis e seu bando, ou talvez Decker e seus bandidos — havia indubitavelmente imposto aquele trabalho a ele, porém Carl tirou isso da cabeça. Esse tipo de coisa o deixava louco, mas não podia se envolver.

— Estou de saco cheio deste lugar — disse Ross. — É tão dolorido que até o meu cabelo dói.

— Um pouco de exercício vai lhe fazer bem — respondeu Campbell. — Vai criar um pouco de músculo nesses seus braços esqueléticos.

Fingindo-se chocado, Ross disse:

— Esquelético? Chama isto de esquelético? — Ele levantou uma manga da camiseta e flexionou o bíceps. — Bum!

Campbell riu discretamente.

— Cara, seus braços parecem tiras de espaguete.

— Esqueça os músculos — disse Carl. — Esse exercício todo está nos tornando pessoas melhores, lembra?

— É tão idiota — reclamou Ross, erguendo e sacudindo os punhos. — Reformatório em estilo militar. Eles acham mesmo que forçar a gente a raspar a cabeça, polir botas e fazer exercício 25 horas por dia vai nos transformar em cidadãos-modelo? É doideira. Outro dia, fiquei atrás do Decker e os puxa-sacos dele na fila pra comida. O mais alto começou a falar sobre matar os gatos dos vizinhos, um monte deles, sobre como matou eles, todos os detalhes. Foi horrível. Esses caras simplesmente racharam de rir, como se fosse a coisa mais engraçada que já tinham ouvido. Dá pra imaginar? Sinto muito, mas só tem um jeito de reabilitar um assassino de gatinhos: um pelotão de fuzilamento.

— Não dê ideias ao Parker — recomendou Carl, esfregando de maneira distraída a ferida feita com o lápis na coxa. Ross tinha razão, aquela coisa toda de campo de treinamento era uma besteira, mas havia punições piores do que brincar de soldado.

— Tudo o que sei — afirmou Campbell — é que o meu décimo oitavo aniversário chega em exatamente 21 dias a partir de amanhã. Vou estar no próximo barco que sair daqui.

— Não posso te criticar — disse Carl. Ele não conseguia imaginar alguém de fato escolhendo *ficar* naquele lugar depois do décimo oitavo aniversário, mas supôs que algumas pessoas o faziam. Gente como Parker.

A escova com a qual Ross esfregava a bota caiu no chão com um ruído.

— Você vai deixar a gente? Isso é horrível. Significa que vão colocar outro cara como guia do pelotão e tudo vai mudar, e aí...

— Olha — respondeu Campbell. — Lamento por vocês, mas tenho o mundo inteiro à minha espera. Garotas, festas, música... lembram da música?

— Eu pago pra você ficar — anunciou Ross.

Campbell riu.

— Quanto?

Ross puxou o forro dos bolsos vazios da calça e sorriu.

— Tudo o que eu tenho.

— Exatamente o que pensei.

— Carl vai ajudar também. Né?

Carl concordou com a cabeça e sorriu.

— Com tudo o que tenho. — Não havia gostado nem um pouco daquela notícia, tal qual Ross, mas não adiantava lamentar. Tudo ficaria mais difícil quando Campbell partisse, mas Carl estava feliz por ele.

— Já passei na prova de conclusão do Ensino Médio — disse Campbell. — Quando eu sair daqui, o juiz vai limpar minha ficha. Vou fazer faculdade e deixar essa coisa de reformatório pra trás.

Ross apenas balançou a cabeça, desconsolado, como se tivesse recebido uma sentença de morte.

— Ei, veja pelo lado bom — abrandou Campbell. — Pelo que andam dizendo, estamos quase no fim da Fase Vermelha.

— Fase vermelha, Fase Azul, qual é a diferença? — retrucou Ross. — Ainda continuamos aqui, não é mesmo?

Carl assentiu:

— Parece aquela coisa de ganhar estrelas prateadas ou douradas lá no Ensino Fundamental. Mais um jeito de controlar a gente.

— Correção, órfão — disse Ross. — Mais um jeito de motivar a gente.

Carl riu.

— Não sei, não — duvidou Campbell. — Segundo Rivera, a Fase Azul é muito melhor. Mais tempo livre, treinamento melhor. Até ensinam habilidades de sobrevivência.

Ross gemeu.

— Habilidades de sobrevivência? Mais coisas de militar?

Campbell encolheu os ombros.

— Acho que sim.

— Bom, espero que deixem de fora o treinamento de combate — comentou Ross. — Não me entenda mal. Adoro um bom jogo tanto quanto qualquer outro cara, mas não me sinto muito bem com a ideia de ver alguns desses sujeitos aqui recebendo armas. A gangue de Davis? Ou a de Decker? Aquele cara é um psicopata.

— *Psicopata* — Pronto-Socorro imitou-o na escuridão. Deu risadinhas e bateu palmas, depois voltou a resmungar sozinho.

O rosto de Campbell ficou sério. Em voz baixa, ele disse:

— Fiquem de olho nesse moleque. Se alguém aqui tiver que quebrar, vai ser alguém como o palito de fósforo ali. — E indicou Pronto-Socorro com um movimento de cabeça.

Ross fez uma cara estranha.

— É, cada vez que olho pra ele, penso no Rambo.

— Vai zoando — respondeu Campbell. — Estou falando sério. Mesmo uma pessoa forte tem seu limite. Um moleque assim, igual a ele, é fraco. Não aguenta tanta coisa. É só eles continuarem cutucando que uma hora ele vai quebrar.

— Falando nisso — disse Carl, guardando a graxa e os trapos —, tenho que anotar os horários de amanhã.

— Me coloque num posto de sofá — pediu Ross. — Depois, vou inspecionar os alojamentos das meninas pelo resto do dia.

Carl riu.

— Claro. — Trancou suas coisas no armário e saiu pelo corredor, onde se fechou no escritório do livreiro. Colocou o quadro branco e o marcador sobre a mesa, só para o caso de Parker vir bater na porta, e tirou o bilhete de Octavia de dentro da meia. Onde poderia escondê-lo? Os sargentos sempre inspecionavam os beliches e armários, e eram capazes de revistar qualquer pessoa, a qualquer momento. Então, sua única opção era ali, no escritório do livreiro. Uma olhada rápida em volta o fez perceber que não era exatamente uma ótima opção.

Jogue na privada e dê a descarga, disse Carl a si mesmo. Se alguém encontrasse o bilhete, ele estaria encrencado, e Octavia também. Uma idiotice, mas era verdade. E também ficariam separados.

Olhou para o bilhete e vibrou ao ver o próprio nome na caligrafia de Octavia. Destruí-lo? Sem chance. Não podia deixar que os sargentos tomassem tudo o que ele possuía.

Onde escondê-lo, então? Não na escrivaninha. Os sargentos provavelmente a revistavam. O armário de arquivos estava trancado. Embaixo dele? Não. Poderiam deslocá-lo para encerrar o chão. Olhou em torno de si para o resto do recinto e estava quase desistindo da ideia e se conformando em jogar o bilhete na privada quando ergueu o olhar e viu o sistema de encanamento junto do teto. Se houvesse espaço entre um cano e o forro...

Arrastou a cadeira para baixo dele, subiu nela e ficou nas pontas dos pés. Entre o cano e o teto realmente havia um pequeno espaço — o lugar perfeito para esconder algo.

Na verdade, alguém já havia feito isso.

Em cima do cano, coberto de pó, estava um maço de papéis enrolados e presos por uma tira de borracha. Ele colocou o bilhete em cima do cano e apanhou o maço. Começou a retirar a faixa de borracha. Quebradiça pela idade, ela se partiu. Carl desenrolou as páginas — havia muitas delas — e viu uma letra pequena e muito legível que preenchia as linhas. No topo da primeira página, leu “O Livreiro no Inferno”. Abaixo disso, “Querido Diário”. *Que esquisito*, pensou.

Alguém sacudiu a maçaneta redonda da porta.

— Hollywood! — gritou uma voz do lado de fora.

O coração de Carl pulou no seu peito. Parker. Ouviu chaves tilintarem.

Enfiou o rolo de papel dentro da calça de moletom, pulou da cadeira e respondeu:

— Sim, sargento instrutor? — Na mesma hora em que a porta se abriu.

— O que está fazendo aqui, Hollywood? Tirando uma soneca?

— Não, sargento instrutor.

— Pro chão. Pague 40 por me fazer esperar. Depois, venha ao meu escritório e pegue uma pilha da merda para arquivar.

Assim que Carl se abaixou, Parker cruzou o quarto e pisou nos dedos dele com as pesadas botas militares. O garoto continuou fazendo as flexões.

— Zero-um-sete. Zero-um-oito.

Ouviu Parker destrancar o armário de arquivos.

— Você vai arquivar o material nas pastas apropriadas. Quero o serviço pronto esta noite. Quando terminar, empurre esta aba. Olha pra cá, Hollywood!

Carl deixou de fazer flexões e virou a cabeça.

— É mais inútil do que um balde de lama — disse Parker. Depois, apontou para a fechadura próxima ao topo do armário. — Acha que consegue se lembrar de trancar isto quando terminar?

— Sim, sargento instrutor.

— É melhor lembrar mesmo, ou vou exercitar o pelotão inteiro em sua honra... Por que está fazendo uma pausa? Eu não disse que podia parar. Comece de novo.

— Sim, sargento instrutor — respondeu Carl, rangendo os dentes. — Zero-zero-um. Zero-zero-dois. — Mais 40. Grande coisa. Com todos os novos músculos que estava desenvolvendo, podia fazer mais 200.

— Ah, e, Hollywood, só porque estou sendo um cara legal, não pense que esqueci de você tentando me fazer ficar mal na frente da primeiro-sargento Oteka.

Carl continuou fazendo as flexões. Não havia razão para discutir. Parker já sabia que aquilo não era verdade.

O sargento continuou:

— Você vai pagar. E não estou falando de flexões e frente-costas-vai. Você tem... ah... mais ou menos uma semana, eu diria. Depois, vamos ficar quites.

Parker saiu pisando duro.

Será que pretendia despachá-lo de volta aos Estados Unidos? Carl odiava a Ilha Fênix, mas precisava ficar. Se o fizessem voltar, iria diretamente para a prisão, e um rapaz na prisão teria de lutar todo dia. Passaria o resto da vida na solitária, cuidando das juntas dos dedos quebrados e enlouquecendo pouco a pouco.

Carl terminou as 40 flexões e seguiu Parker até o escritório dos sargentos instrutores, sentindo o rolo de papel começar a deslizar pela perna. E se Parker o descobrisse?

Conseguiu chegar ao escritório, onde, pendurada na porta, notou a fotografia do pelotão. Mesmo

com um rápido olhar, reconheceu os rostos: Campbell, Octavia, Davis. No meio das meninas, uma mancha de tinta negra obscurecia um rosto. *É a menina que quebrou a perna*, pensou Carl, lembrando-se da palavra que os sargentos haviam usado: *reciclada*. A pobre garota teria de começar tudo de novo com o próximo lote de órfãos.

Parker abriu a porta. Carl ouviu o zumbido leve do ar-condicionado e sentiu o frescor do ambiente. Os pelos ao longo de seus antebraços se eriçaram com o frio.

— Lá — disse Parker, apontando para uma pilha de papéis.

— Sim, sargento instrutor.

Fotografias de antigos pelotões cobriam a parede atrás da escrivaninha de Parker. Quase todos os rostos estavam pintados de preto. Será que isso significava que todos foram para a reciclagem? Carl não podia se permitir falhar. Sua vida inteira dependia disso.

Ele sentiu que o rolo de papel deslizava pelo resto do caminho até o fim de uma perna da calça. Não cairia, não com a calça enfiada na bota. Mas esperava que Parker não notasse a protuberância em seu tornozelo.

— O que está procurando, Hollywood? Isto? — Parker tirou de dentro da camiseta a medalha de Carl. Estivera usando-a em volta do pescoço. Sorrindo, virou a medalha entre os dedos, fazendo-a brilhar na luz. — Sabe o que é isto?

— É a minha medalha, sargento instrutor.

— Errado — retrucou Parker. — É um símbolo. Significa tudo que eu odeio em pessoas que gostam de chamar a atenção como você. É tudo brilhante e chamativo, e você sustenta essa impressão, e todo mundo fica cheio de “oh!” e “ah!” pra você... mas de que isso vale, afinal? Hein? De que isso vale no mundo real?

— Posso ter minha medalha de volta, sargento instrutor?

— Vou lhe dizer de que vale, Hollywood. Dois centavos, é isso. Exatamente como você. Ah, você pensa que é especial, mas não é nada. Dois centavos. — Deixou a medalha cair dentro da camiseta. — Saia do meu escritório.

— Sim, sargento instrutor. — Carl apanhou os papéis e partiu, tremendo de raiva e não desejando nada mais que entrar lá outra vez e mostrar a Parker quão especiais seus punhos eram e arrancar a medalha do pescoço daquele idiota. Levou a pilha de papéis para o escritório do livreiro, deixou-a na escrivaninha e fechou a porta, trancando-a. Subiu na cadeira, tirou o rolo de papel da perna da calça e voltou a escondê-lo em cima do cano com as mãos ainda tremendo de raiva.

Olhou para o bilhete de Octavia sobre o pó. Por que não podiam simplesmente abandonar aquele lugar?

Pulou da cadeira e rasgou rapidamente vários daqueles pacotes de arquivos, imaginando o rosto de Parker sendo ferido e quebrado sob seus socos. Por que o cara tinha de provocar tanto? O lápis na perna, a porcaria do apelido Hollywood, as ameaças e insultos, a medalha... Carl rasgou outro pacote, gostando da sensação de sua nova massa muscular. Havia esperado que ela reduzisse a velocidade de seus socos, mas isso não acontecera. Os músculos pareciam fortes. Faziam Carl

sentir-se um pouco melhor.

Pelo que Carl pôde constatar, os papéis que ele deveria arquivar eram documentos médicos. Informações sobre altura e peso, visão e audição. Datas e horas de muitas vacinas. Ele abriu a primeira gaveta do armário e começou a distribuir a papelada nas pastas, organizadas em ordem alfabética. A maioria era bem grossa. A primeira pasta era sobre ALVAREZ, JUANITA. Grampeada no interior estava uma foto da menina com a marca de nascença no rosto.

Seu próprio arquivo era bem gordo. Nenhuma surpresa nisso, considerando quantas vezes já havia se metido em encrenca.

Grampeada à capa, do lado de dentro, estava uma foto dele dos tempos da escola. Sexta série, pensou. Usava uma camiseta preta sem estampa e o corte de cabelo de um garoto pobre, a franja cortada reta sobre a testa, e havia um pequeno hematoma sob um dos olhos.

Abaixo da foto, alguém havia escrito *campeão nacional de boxe*.

Folheou as páginas rapidamente, produzindo um efeito de slides dos registros escolares, avaliações disciplinares e relatórios de tribunal. Havia muita papelada, de muitos lugares: anotações de assistentes sociais, avaliações psicológicas e comentários de professores, pais adotivos e abrigos. Um de uma instituição em Lake Nockamixon, onde passara alguns meses durante a sétima série, dizia: “Carl se comporta bem. É respeitoso com os funcionários e os outros residentes. Diz que quer ser policial quando crescer”.

Diz que quer ser policial quando crescer.

Cara... isso havia sido escrito muito tempo atrás, quando ele ainda contava coisas assim às pessoas. Soltoou uma risadinha... e então, do nada, sentiu-se estranhamente triste.

Continuou a folhear.

Os recortes de jornal sobre seu pai o surpreenderam, mas não tanto quanto os artigos que detalhavam as vitórias de Carl no boxe. Sorriu ao ver uma velha foto de si mesmo, suado e sorridente, um grande troféu nas mãos enluvadas, ao lado de bom e velho Arthur James. *Devia ter sido o campeonato nacional*, pensou, porque Arthur estava de fato sorrindo... discretamente.

Era legal folhear essas páginas, e estranho também. Artigos sobre boxe não pareciam se encaixar nesse tipo de arquivo. Mas tanto fazia.

Prosseguiu. Mais acusações, mais ordens judiciais, mais transferências, sua vida começando a seguir um padrão quase invariável.

Balançou a cabeça. Tanto tempo desperdiçado.

Então chegou a uma página intitulada RESUMO, que parecia exatamente isto: uma série de marcadores listando datas, acusações e transferências institucionais. Tudo muito superficial, sem nenhum detalhe. Alguém havia destacado todas as acusações em caneta verde, e uma caligrafia clara, mas atarracada — a mesma escrita, percebeu depois de um segundo, que havia anotado sobre o campeonato nacional naquela primeira foto — dizia: “Uma mesma atitude, repetida *ad infinitum*”.

No pé da página, a mesma caligrafia — desta vez em caneta verde, não preta — afirmava:

“Transferir para a instituição em Idaho, depois direcionar conforme necessidade a uma penúltima relocação na Carolina do Norte”. Junto disso, uma data, que ele leu... e depois releu.

A anotação, que, para Carl, parecia menos com um resumo e mais como uma instrução, era de dezembro.

Esquisito.

Não havia ido para Idaho até fevereiro, nem mesmo se metera na encrenca que o mandara para lá até janeiro, mas quem quer que tivesse escrito isso estava falando sobre Idaho e a Carolina do Norte muito antes do Natal.

Isso não fazia sentido.

A menos que...

Estranhos receios se ataçaram nele.

Algo bizarro estava acontecendo. Muito bizarro. *Bizarro e ruim.*

A data sugeria que o autor daquelas anotações era ou médium ou alguém que estivera planejando seus meses de deslocamento com antecedência...

Ou, pensou, alguém só escreveu a data errada. Dã...

Ao longo dos anos, quantas pessoas — policiais, secretários do tribunal, assistentes sociais e orientadores — haviam bagunçado esses documentos? Um monte. Uma vez, policiais o deixaram no Juizado e o oficial de admissão olhara para ele de um jeito engraçado, dizendo:

— *Carla?* Pra mim, você não tem cara de Carla.

Carl sorriu, sentindo-se idiota — o erro simples de algum funcionário o fizera imaginar videntes e teorias da conspiração —, e fechou a pasta. Mais tarde, daria outra olhada. Seria divertido reler os artigos sobre boxe, mas não havia tempo agora. A última coisa de que ele precisava era que Parker voltasse e gritasse com ele por demorar demais na tarefa.

Mas talvez tivesse tempo para só mais uma indulgência...

Ao procurar por “GREGORIC, OCTAVIA GRACE”, abriu a pasta e sorriu quando viu a foto no interior. Ela tinha exatamente a aparência da qual ele se lembrava do primeiro dia: triste, assustada e atordoada, mas extremamente bonita. E havia o cabelo, espesso e escuro, com aquela mecha clara na frente. Folheando as páginas da pasta, viu registros escolares com fotos que iam desde o jardim de infância, nas quais ela parecia graciosa e alegre. Nas primeiras fotos, sorria de orelha a orelha, e em algumas delas faltavam-lhe uns dentes e ela parecia absurdamente feliz, com covinhas e tudo, mas na foto da sexta série ela nem mesmo sorria. Fora o ano em que os fios brancos apareceram em meio ao cabelo. Talvez por isso não parecesse feliz. Ou talvez algo de ruim tivesse acontecido então. Ele ouvira falar de pessoas que ficavam com os cabelos brancos assim por medo ou coisa parecida, mas não sabia se isso realmente poderia acontecer.

Que loucura. Se Parker entrasse, serviria Carl de comida para os tubarões. Além disso, era meio esquisito ficar examinando o histórico dela feito um perseguidor tarado ou coisa do tipo. Pronto para fechar a pasta, Carl gelou quando seus olhos captaram um recorte de jornal no arquivo, cujo título de

primeira página anunciava: MENINA É JULGADA CULPADA PELA MORTE DO PADRASTO EM INCÊNDIO CRIMINOSO.



CAPITULO 7



Octavia sonhou que estava no fundo de uma floresta nebulosa, toda verde e diáfana. Estava na margem musgosa de um córrego, segurando a mão muito pequena de sua irmãzinha, ambas muito felizes.

Mas, naturalmente, ela não tinha uma irmã.

— Acorda, Gregoric — disse alguém na escuridão.

Ainda estou aqui, pensou Octavia, *ainda aqui na Ilha Fênix*, e o estranho conforto da irmã que nunca tivera sumiu para longe como cinzas ao vento.

Tamika cutucou-lhe o ombro.

— É o seu turno de guarda.

— Tá bem. — Sentou-se e levantou-se de um salto do beliche. Turno de guarda. Certo. Estava exausta. — Isso é tão idiota.

— Não é? Fala sério — respondeu Tamika, entregando-lhe a lanterna. — Peraí... pensando melhor, não fala nada, não. Tenho que dormir antes que meus olhos caiam da cabeça.

— Tá — respondeu Octavia, e foi quando ouviu os gritos.

Mais de uma voz. Duas ou três — espere, não... quatro —, pelo menos quatro pessoas diferentes estavam gritando no corredor. A maioria delas parecia ser de sargentos, mas uma era de menina. Havia um tom anasalado e esquisito em seu sotaque, meio que sulista, mas não da Geórgia.

Então, ela reconheceu a voz: era Rice, a garota maldosa da Virgínia Ocidental.

— Não tô nem aí! — gritou Rice. Parecia estar longe, provavelmente no banheiro no fim do corredor, a julgar pelo eco que fazia.

— Elas estão nisso já tem uns cinco minutos — disse Tamika. — A coisa está começando a ficar

feia.

Octavia concordou com a cabeça.

Agora as sargentos instrutoras ordenavam que Rice *se afastasse, se afastasse, se afastasse!*

— Falando em feia — comentou Tamika, dirigindo-se ao seu beliche —, esta gata aqui precisa do seu sono de beleza. As duas horas dele.

— Boa noite — disse Octavia, indo para o corredor.

Estava cheia daquele lugar, tão cheia de brincar de soldado e executar tarefas estúpidas como levantar no meio da noite para algo tão obviamente inútil. *Se querem punir a gente, por que não vêm e dizem de uma vez? Por que fingem que estamos no exército?* Mas, acima de tudo, ela estava cansada da gritaria. Achavam mesmo que gritar ajudaria alguém?

Se passasse cinco minutos com Rice, vendo-a sorrir enquanto seus olhos passeavam pelo grupo, analisando todo mundo, procurando fraquezas, você saberia, antes mesmo de ouvir as mentiras revoltantes dela, que a garota havia passado a vida inteira em instituições e passaria o resto de seus dias trancafiada. Era uma sabichona tagarela que enrolava as pessoas com sua voz alta e sua falsa autoconfiança, o tipo que envolvia meninas tímidas desde o primeiro momento, fazendo amizades rapidamente. Então, dias ou semanas depois, ela lhes dava as costas — *bum*, do nada, sem explicação nem culpa — só pela diversão mesquinha de vê-las sofrer a traição e a luta para compreender como sua amiga, tão confiável, podia ter sido tão cruel.

A maior parte das meninas, ao serem encarceradas, tentava ficar longe de encrencas e procurava uma forma de escapar. Garotas como Rice, porém, nem pensavam em voltar ao mundo lá fora. Haviam se voltado para dentro, tornando-se verdadeiramente institucionalizadas. Não tinham medo; tinham *interesses*. Não procuravam uma forma de escapar; procuravam modos de manipular o sistema, maneiras de obter poder. Octavia tinha visto meninas como Rice em todos os lugares para onde a mandaram. Não havia jeito de modificá-las, e, certamente, muito menos gritando.

— É! — berrou Rice. — Tente e vai ver o que acontece!

Octavia pôde ver um par de sargentos instrutoras na entrada do banheiro no fim do corredor. Diaz e... não sabia dizer quem mais. Talvez Smith. Não, grande demais para ser Smith. Weichert talvez.

Quem quer que fosse, Octavia não queria andar até lá. Mas, se não o fizesse, seria o próximo alvo da atenção das sargentos, que a castigariam por pensar por conta própria. Quem era ela para decidir que realmente não precisava cumprir o dever de guarda só porque as pessoas às quais teria de informar qualquer problema já estavam na sala?

Este é o crime número um por aqui: pensar como um indivíduo, lembrou ela.

Portanto, andou naquela direção.

— Eu já disse — continuou Rice. — Não! — Manteve o *não* por um bom tempo, prolongando-o como uma criancinha enfurecida. *Uma criancinha de 90 quilos e toda tatuada*, pensou Octavia.

As sargentos instrutoras na entrada — e sim, era Weichert — gritaram dentro do banheiro:

— Está desobedecendo uma ordem direta!

Rice disse-lhes onde podiam enfiar sua ordem direta. Foi uma sugestão criativa e poderia até ter sido engraçada, de um jeito distorcido, num momento diferente. Mas nesse instante? Nada inteligente.

Então, outra voz falou no banheiro. Falou, não gritou. Uma voz suave.

Oteka.

— Este é o seu último aviso — disse a primeiro-sargento.

A sargento Diaz olhou duramente para Octavia, vendo-a pela primeira vez, e apontou no sentido contrário. Não disse nada — não havia necessidade de palavras —, e Octavia ficou feliz em obedecer, virando-se e seguindo na direção oposta.

Tinha dado só alguns passos quando Rice gritou:

— Fique longe de mim!

Então, algo se quebrou — um horrível som de estalo — e Rice berrou. Não era nenhum acesso de fúria de criancinha dessa vez. Seus guinchos cortaram o ar.

— Ai! Ai! Ai!

Oteka saiu do banheiro, dizendo às sargentos:

— Levem-na à Oficina.

Octavia percebeu que estava parada no lugar, congelada pelos berros que ouvira, parada e fitando, do outro lado da sala, Oteka, que — ah, não, olhava para Octavia agora e a chamava com um sinal.

Tomada pelo terror, Octavia disse:

— Sim, primeiro-sargento?

O rosto de Oteka estava tão relaxado e impassível como sempre.

— Houve um incidente — disse —, e é seu dever registrar a natureza dele. Entende?

— Sim, primeiro-sargento — respondeu Octavia.

— Bom — disse Oteka com um sorriso leve erguendo as cicatrizes faciais que sempre faziam Octavia se lembrar dos bigodes de um gato. — Isto é o que escreverá: Rice criou uma perturbação, desobedeceu ordens diretas e me atacou. Eu me defendi, depois Rice foi enviada ao centro médico. Estamos entendidas?

— Sim, primeiro-sargento — respondeu Octavia. Estavam muito bem entendidas, sim. Oteka tinha lhe dito o que escrever, e isso era o que escreveria, mas Rice não havia soado como se estivesse atacando alguém. Ela tinha agido como uma pessoa apavorada.

As meninas reuniram-se nas portas das baias, os rostos sonolentos e assustados.

— Voltem para os beliches, órfãs — mandou Oteka.

Elas desapareceram.

Octavia lamentou não poder fazer o mesmo.

As sargentos emergiram do banheiro, transportando Rice, cujos guinchos encheram o quartel como um alarme contra incêndios. Um de seus joelhos estava frouxo, a perna saltada, o calcanhar para cima, num ângulo que não fazia o menor sentido.

Octavia sentiu um nó na garganta.

— Você vai encontrar os formulários para relatório de incidentes na escrivaninha do posto de guarda — orientou Oteka.

— Sim, primeiro-sargento — respondeu Octavia. Saiu correndo. Não queria ver a perna de Rice de novo, não queria ver seu rosto e definitivamente não queria ouvir sua versão da história, pois, dessa vez, não importaria quão absurdas fossem as alegações de Rice: não seriam mentiras.

Às vezes, pensou ela, é melhor nem saber a verdade.

Na manhã seguinte, quando as luzes se acenderam, Octavia se sentou na cama, sentindo-se vacilante e estranha, e fitou, do outro lado da baia, o espaço vazio no beliche de Rice. Tamika perguntou sobre ela enquanto as duas amarravam os cadarços das botas, mas, antes que Octavia pudesse responder, alguém no corredor gritou:

— Linha vermelha!

E todo mundo lotou o corredor, contando:

— Zero-zero-um! Zero-zero-dois! — Até que estivessem em fila única e trovejassem: — Zero-um-zero!

O dia havia começado.

Para Octavia, tudo bem. Não tinha mesmo vontade de contar a todo o pelotão o que acontecera com Rice.

Queria a opinião de Carl sobre isso. Ele era inteligente e já vira muita coisa. A maior parte das pessoas escutava só metade do que você dizia e logo interrompia, dizendo-lhe o que pensar ou fazer antes mesmo que você tivesse terminado de falar. Carl, não. Ele escutaria, escutaria de verdade, e não interromperia, e depois refletiria sobre as coisas e talvez dissesse alguma coisa, ou não. Se o fizesse, seria sincero. Não era o tipo de cara que falava só por falar.

De muitos modos, parecia mais velho. Era sério e ponderado e algo mais — *ferido*, pensou; ferido, mas não enfraquecido. Assombrado, talvez, como se tivesse visto coisas tão horríveis que nunca poderia deixar de vê-las —, e ainda assim havia guardado essas coisas para si, não deixando que elas o tornassem um cara mau ou um chorão.

Mais ou menos como ela.

Talvez por isso gostasse dele. Era uma das razões, de todo modo.

Ele era *muito* bonito, mesmo com a cabeça raspada, e, depois de conhecê-lo melhor, ele se tornava até um cara divertido.

Ela sorriu, vendo-o agora do lado de fora, no pátio, falando com Ross.

Andou furtivamente atrás dele, agarrou seus bíceps e os apertou de leve.

— Você tem licença pra andar com estas armas?

Havia esperado que ele tomasse um susto e depois risse. Ele se assustou, sim, mas não riu. Nem um pouco. Afastou-se dela, parecendo... o quê? Zangado? Desconfiado? Ficou tão surpresa com a reação que nem conseguiu adivinhar.

— Oi — disse ele, a voz estranha, hesitante e dissimulada, mas nem de longe tão hesitante e dissimulada quanto o sorriso.

— Oi — respondeu ela. — Você tá legal?

— Estou ótimo.

— Hã, tá bom.

Carl simplesmente olhou para ela. Aquilo era embaraçoso *mesmo*. As bochechas dela ficaram quentes.

— Sério, Carl — insistiu ela. — O que está acontecendo?

— Nada — respondeu Carl, e agora até o sorriso falso havia desaparecido.

— Você está encrencado ou algo assim?

Ele sacudiu a cabeça, negando.

— Você está meio esquisito. — Ela inclinou a cabeça um pouco, olhou-o nos olhos e deu um meio sorriso, esperando que ele desse uma pista, um olhar que indicasse “depois eu conto” ou coisa assim, mas não; ele apenas a fitou, como se ela fosse uma pessoa qualquer e não houvesse nada entre eles.
— Se quer que eu vá embora...

Ross se colocou entre eles, oferecendo um sorriso exagerado.

— Perdoe o meu amigo, por favor. Ele tem dificuldade para se comunicar com mulheres lindas. Eu, por outro lado, fico muito confortável na companhia do sexo oposto e adoraria...

— Cai fora — disse ela, empurrando-o de brincadeira. Por dentro, contudo, não se sentia brincalhona. Sentia-se perplexa, magoada na verdade. Não esperava que Carl agisse daquela forma, tratando-a com frieza.

— Ela tocou no meu peito! — exclamou Ross. — Não consegue manter as mãos longe de mim.

Carl sorriu desconfortavelmente.

— Não sei o que está rolando — disse ela, e de repente estava mais que magoada; estava irritada.
— Mas...

— Formação! — gritou um sargento instrutor.

Octavia apressou-se para entrar nas fileiras, odiando que a conversa tivesse terminado tão abruptamente, mas não tanto como odiou a expressão no rosto de Carl: de puro alívio.



CAPITULO 8



Correram lentamente em formação ao longo do pátio, passaram pelos portões e seguiram pela estrada da selva, cantando para manter o ritmo. A meros passos do quartel, a mata os engoliu. Árvores arqueavam-se de ambos os lados do caminho, bloqueando o sol da manhã quase inteiramente. O ar era mais fresco dentro desse túnel vivo, úmido e pesado com o mau cheiro de matéria vegetal em decomposição. Na escuridão, dos dois lados da estrada, árvores escuras e retorcidas de casca desgrenhada erguiam-se entre camadas e camadas verde-escuras de samambaias.

Carl nunca havia sido bom em esconder seus sentimentos. Quando era pequeno, um psicólogo lhe dissera que aprender a mascarar o que sentia fazia parte do processo de crescimento, mas sua mãe sempre dizia:

— Ninguém gosta de um duas-caras, Carl. Sua sinceridade é uma bênção.

Nesse momento, a sinceridade parecia mais uma maldição. Não queria falar com Octavia até conseguir entender de fato o artigo de jornal que havia descoberto. Gostaria de nunca ter visto aquela coisa cretina.

Gostava muito da garota, muito — os olhos, o sorriso, a mente, a risada, até o cabelo branco, tão diferente —, mas então pensava no artigo e sentia-se enojado.

Bom, o que você pensou que ela tinha feito pra vir parar aqui?, perguntou-se. *Roubado uma loja?*

Mas assassinato... queimar alguém vivo...

Deu tapas nos primeiros mosquitos que os atormentavam sempre que entravam na floresta. Então, de repente, o ar tornou-se espesso e fervilhante de insetos, e os sargentos instrutores aceleraram o passo da corrida. Quando todos saíram da mata para a clareira iluminada pelo sol, onde a série de obstáculos começava, os mosquitos se afastaram, penetrando na escuridão para esperar o regresso do pelotão.

Os instrutores os levaram à linha inicial e ficaram com pranchetas e cronômetros nas mãos.

— Conhecem o exercício. De dois em dois!

Ansioso por evitar Octavia, Carl seguiu na frente e terminou lado a lado com Mitchell, um rapaz alto do Alasca com um enorme pomo de adão. Mitchell conseguia correr muito rápido e escalava como um macaco. Ele, Campbell e um sujeito atlético chamado Sanchez eram os únicos que se aproximavam do ritmo de Carl.

Mitchell cumprimentou-o com um movimento de cabeça.

Carl respondeu da mesma forma.

O sargento Rivera disse os nomes deles, e sua assistente, uma garota de aparência durona, que não devia ter muito mais que 18 anos, escreveu-os na prancheta.

— Bom, Mitchell, você vai derrotá-lo desta vez?

— Sim, sargento instrutor!

— Motivado! O que acha, Freeman?

Carl sorriu.

— Posso ganhar esta corrida até se correr pra trás, sargento instrutor.

— Chega de conversa, rapazes. Cronômetros prontos? Muito bem, então. Nas suas marcas, preparem-se... vão!

Carl correu pela trilha, deixando Mitchell manter-se junto dele. Na primeira metade ele controlaria o passo e no meio do caminho se soltaria, uma vez que cruzassem o riacho. A partir daí, poderia correr livre. A ferida de lápis na coxa realmente não o incomodava.

Cruzaram fossos apoiando-se em traves olímpicas, saltaram sobre barreiras de troncos, balançaram-se pelos trepa-trepas e caíram na terra, rastejando então sob dez metros de arame farpado suspenso. Aqui e ali, os sargentos gritavam, ordenando que fossem rápido. Correram por uma curva longa que, por algum tempo, os levou por dentro da floresta, sob a escuridão, a umidade e o canto dos pássaros. Depois, saíram da mata e correram ladeira acima em direção à rede de escalada.

Carl pulou na rede e começou a escalar. Jogando uma perna por cima da borda superior, ele se virou para provocar Mitchell — e viu a teia de aranha. Esticada pela maior parte da rede do lado de Mitchell, era uma massa nebulosa saída diretamente de um filme de terror. No centro, um pássaro emaranhado lutava e piava, os olhos brilhando de terror.

Carl sentiu calafrios.

— Cuidado com a cabeça!

— Caramba — disse Mitchell. — Valeu. — Subiu pelo outro lado e soltou um assobio de admiração. — Tem um pássaro preso lá. Um passarinho.

— É — respondeu Carl. — Sinistro, hein?

— Mas deixa comigo — afirmou Mitchell. — Você vai ficar bem, amiguinho — afirmou ao pássaro, tentando libertá-lo. — Que loucura esta teia. É muito forte.

Uma aranha do tamanho de uma ameixa cruzou a teia tão rápido que Carl mal teve tempo de gritar um aviso.

— Caraca! — exclamou Mitchell, arrancando o pássaro por um triz. Ele afastou o corpo, rindo e praguejando, e lançou o pássaro no ar.

Então, a aranha saltou.

Aterrissou no pescoço de Mitchell, logo abaixo do queixo. Ele gritou, jogando a cabeça para trás, e golpeou a criatura... com ambas as mãos. Caiu de três metros de altura e chegou ao chão com um ruído terrível.

— Mitchell! — Carl começou a descer pela rede.

Lá embaixo, o garoto gritou de dor, depois se contorceu na terra, o braço esquerdo projetado em ângulos impossíveis e a enorme aranha agarrada a seu rosto. Arrancou a criatura, jogando-a em direção às árvores, xingando.

— Ela me picou! Aquela coisa me picou! — Então, levantou o braço para olhá-lo, viu o ângulo reto no meio do antebraço, o osso branco aparente, o sangue, e desmaiou.

Carl agachou-se junto dele. No antebraço, Mitchell tinha uma tatuagem caseira de Bart Simpson, tão malfeita que ninguém nem mesmo soubera que estava lá até que o garoto tivesse sorrido com os dentes tortos e contado a eles. O osso lascado havia rasgado completamente a pele da região, partindo Bart em dois.

Pior ainda eram as picadas, um par delas, uma no pescoço, outra logo abaixo do olho. Em meros segundos, haviam inchado até ficar do tamanho de bolas de tênis, as marcas das presas vermelho-vivas e bem distintas, como logotipos no centro de cada inchaço.

Carl gritou por socorro.

Mitchell gemeu e se contraiu. A saliva saía pelos cantos da boca na forma de espuma. Um sargento instrutor tirou Carl do caminho, olhou para as picadas e ergueu os ombros de Mitchell.

— Temos que levá-lo de volta. Pegue os pés dele.

Carl agarrou-os e os levantou.

— Vocês! — O sargento chamou os garotos que vinham morro acima. — Corram de volta ao sargento Rivera e peçam para ele chamar um jipe pelo rádio. Vão.

Transportaram Mitchell ao longo da trilha. Ele continuou espumando e convulsionando, e as marcas das picadas continuaram inchando. Um olho ficou fechado pelo inchaço; o pomo de adão proeminente escureceu.

Carl sentiu-se enjoado.

De volta à clareira, colocaram-no no jipe.

— Levem-no para a Oficina — orientou o sargento, e o jipe saiu às pressas, virando à esquerda.

Em direção ao centro médico, pensou Carl. A Oficina. Mais uma piada de machão. Nesse momento, com a imagem ainda fresca na mente do braço quebrado de Mitchell e das picadas, nada poderia parecer menos engraçado. Que tipo de gente maluca chamaria um hospital pediátrico de Oficina?

Carl passou o resto do dia em treinamento, evitando Octavia e tentando esquecer a imagem da aranha e o terrível som de quebra causado pela queda de Mitchell no chão. A coisa toda o fazia sentir frio e náuseas.

No caminho de volta aos alojamentos naquela noite, Ross disse que Mitchell teria sorte se sobrevivesse.

— Sobreviver? — disseram simultaneamente Carl e Campbell.

Ross levantou as mãos com as palmas à mostra.

— Não me culpem! Só estou dizendo... uma aranha daquele tamanho, uma ferida no pescoço, outra na cabeça, o inchaço. Quero dizer, o cara parecia estar lutando pela vida. Meu diagnóstico: choque anafilático.

— Choque anaoquê? — perguntou Carl.

— Anafilático. É o que acontece quando a pessoa toma uma picada de abelha e é alérgica. Lá em Massachusetts, meu vizinho entrou em choque por causa de uma picada de vespa. Ficou exatamente do mesmo jeito.

— Ele sobreviveu?

— Bom, sim. Deram uma injeção de epinefrina, e ele ficou bem. Mas não vi ninguém fazer isso com Mitchell, e, além disso, não estamos falando de uma vespinha aqui, né? Estamos falando de uma aranha do tamanho de...

— Prefiro não falar sobre isso — disse Carl.

No quartel, quando todo mundo começou a polir as botas, Carl se trancou no escritório do livreiro. Enquanto preparava o quadro branco, lembrou-se do diário em cima do sistema de tubulação e tirou-o de lá. Precisava de uma distração.

Querido Diário,

Hã... oi. Nunca escrevi um diário antes, mas esta é a coisa mais louca que já me aconteceu, então acho que posso muito bem começar a fazer isso. Bom, aqui vai.

Meu nome é Eric Flemmington. Tenho 17 anos. Até bem pouco tempo atrás, eu vivia em Tucson, no Arizona. Então, me meti numa encrenca e tive que vir pra cá.

Carl continuou a leitura. Esse tal Eric havia saído de um orfanato para outro, de um abrigo para outro, com estadas em centros de detenção juvenil aqui e ali. Então, havia sido preso por roubar carros e fora enviado à Ilha Fênix, onde havia se tornado o livreiro. O moleque tinha ótimo senso de humor.

Carl folheou as páginas adiante e soube de imediato, pela caligrafia, que algo havia acontecido. A

letra das páginas iniciais era legível e clara. Algumas páginas depois, ficava descuidada e difícil de entender. A própria página estava toda franzida, como se ele a tivesse amassado e depois alisado. Na margem, Carl viu o que pareciam ser impressões digitais num tom de ferrugem. Seria sangue seco?

Ralston morreu hoje. Foi colocado na cabine do suor de novo e simplesmente o deixaram lá até morrer. Pudemos ouvir os gritos dele a noite toda. Daí, hoje cedo, fizeram a gente formar as fileiras e olhar enquanto eles o arrastavam para fora. Estavam rindo, é claro. Alguns dos garotos também riram. Eu os odeio. Um dia, vou contar pro mundo todo sobre esses psicopatas assassinos.

Carl fitou o diário. Mataram um garoto de propósito? Por um segundo, tentou não acreditar, mas a certeza caiu sobre ele como uma sombra. Já sabia que algo estava errado ali, não sabia? Algo muito, muito errado?

Estremecendo, lembrou-se da ameaça sussurrada de Parker, no dia em que o havia apunhalado com o lápis:

Vou dar um jeito em você de uma vez por todas.

De uma vez por todas...

De repente, sentiu a boca seca.

Pulando para a última página última, encontrou só um parágrafo:

Se você estiver lendo isto, acho que estou morto. Se esta ' preso aqui como eu estive, você sabe o que precisa fazer. Faça. Temos que derrotar esses monstros antes que seja tarde demais. É isso, então. Eu tenho uma chance e vou usá-la. Estou com muito medo.

E só.

Carl estava chocado. O que havia acontecido? Eric estava mesmo morto? O que quisera dizer com *você sabe o que precisa fazer*? Parker planejava matá-lo? Era isso o que queria dizer? Mas Rivera nunca deixaria isso acontecer. Deixaria?

Voltou à primeira página e leu o diário todo o mais rápido que pôde. Depois, leu-o de novo.

Então, só fitou a parede.

Talvez uma hora depois, alguém bateu à porta. Carl estivera esperando por isso, sabendo que o turno de Ross começaria à meia-noite. Abriu a porta.

Seu amigo parecia cansado. Fez uma piada tosca sobre o que Carl estava fazendo ali, sozinho no quartinho. Então, Carl puxou-o para dentro e fechou a porta.

— Precisamos conversar.

Ross indicou a porta com um gesto de cabeça.

— Estou de guarda, caso você tenha se esquecido. Se o Rivera vier aqui e eu não estiver andando pela sala...

— Ross, *eles matam as pessoas aqui.*

— Bom, não acho que ele me mataria, precisamente, mas...

— Estou falando sério — insistiu Carl. — Por isso só trazem órfãos. Se alguém sair da linha, morre.

— Tá bem. Acho que alguém está precisando de um copo de leite quente e uma boa noite de sono.

Ross se dirigiu à porta. Carl bloqueou a passagem dele.

— Escuta, Ross. Encontrei uma coisa. Um diário. Você não pode contar isso a ninguém.

— Tá legal.

— O garoto que escreveu foi livreiro alguns anos atrás. Ele conta tudo. Tortura, assassinato, tudo. Mais uma coisa, também, algo sobre o médico lá na Oficina. Não sei o que estava acontecendo lá. Ele não tinha certeza. Alguma coisa... o médico fazendo umas coisas com os garotos, com o cérebro deles. Isso me fez pensar naquele menino que vimos no primeiro dia, quando passamos de carro, o menino-zumbi, e me deixou preocupado com Mitchell.

— Peraí. — A mão de Ross soltou a maçaneta da porta. — É sério? *Assassinato?*

Carl assentiu.

— Nos primeiros registros, tudo parece ter sido pra ele do jeito que tem sido pra nós até aqui. Difícil, mas... sabe, do jeito que vem sendo. Então, uns 30 dias depois, eles mudaram para a Fase Azul, e sabe esse cara de quem eles ficam falando, o Ancião? Ele aparece e tudo muda. Pessoas começam a morrer. Muitas pessoas. Já viu as fotos no escritório dos sargentos instrutores, as que têm rostos rabiscados?

Carl se deteve. Não gostava do pânico que sentia e não queria oprimir Ross.

Os dois amigos olharam um para o outro durante alguns segundos tensos. Então, para surpresa de Carl, o outro rapaz sorriu.

— Você encontrou isso aqui dentro, né?

— Sim. E daí?

Ross abriu as mãos.

— Isso só pode ser uma piada. O cara inventou tudo isso esperando que alguém encontrasse esse diário. Provavelmente está sentado em algum lugar neste momento, lá fora, no mundo, rindo com os amigos dele disso tudo.

— Não. O diário não estava num lugar onde as pessoas o encontrariam.

— *Você* encontrou.

— É de verdade, tá? Se você ler, vai perceber.

Ross girou os olhos e estendeu a mão.

— Dá aqui, quero ver.

Carl entregou o diário a Ross. Este sorriu no começo da leitura.

— Esse cara parece muito mais legal que o nosso livreiro.

— Essa é só a parte normal — disse Carl. Ele virou a primeira página.

— Ei — protestou Ross. — Ele estava contando como o cachorro dele era gordo.

— Olha aqui — pediu Carl, apontando para a segunda página. — Aqui está a parte onde o Ancião aparece.

— Esse menino parece muito impressionado.

— É. Ao que parece, o Ancião é muito diferente dos outros sargentos. Tipo um guerreiro fodão superpoderoso ou coisa assim. Mais inteligente e *muito* mais perigoso. Vire a página. Olhe.

— Blá, blá, blá... alguém falou grosso com um sargento e empurrou ele. — Ross leu durante um segundo e franziu o cenho. — Sem chance. Isto só pode ser piada.

Carl não disse nada, só deixou que ele continuasse lendo.

— Execução pública? — falou Ross.

— Bem no meio do pátio. Todo mundo foi obrigado a olhar. E veja quem se encarregou de matar.

— Parker?

Carl assentiu.

— No começo. Então, algum garoto tentou roubar munição do campo de tiro. Atiraram nele imediatamente. Outro menino foi pego tentando entrar escondido no alojamento das meninas. Morreu na cabine do suor depois de ser deixado lá por *oito dias*. Outro, um garoto que começou a chorar nas fileiras, foi jogado aos tubarões.

— Isso é ridículo.

— Quando as pessoas começaram a morrer, todo mundo mudou. — Carl agarrou as páginas e começou a ler em voz alta: — “Alguns garotos seguiram o programa, tornaram-se maus. Outros fugiram.”

— E?

Carl ergueu o olhar para Ross, que a essa altura já estava pálido.

— “Foram caçados.”

— Isso é doentio.

— Fica ainda pior. Não foram só os soldados que caçaram fugitivos... Os garotos ajudaram.

— Sem chance — disse Ross, sacudindo a cabeça.

— É isso que estão fazendo aqui. Estão nos transformando em assassinos.

Ross olhou para ele.

— Por quê?

— Segundo Eric, que foi o cara que escreveu tudo isso, o Ancião transforma os graduandos da Ilha

Fênix em mercenários.

Ross olhou para ele de forma estranha.

— Não acredita em mim?

— Ah, em *você* eu acredito — respondeu Ross. Sacudiu os papéis. — Só não acredito nesse cara. Olha, se Parker estivesse pegando no meu pé e Davis me causando problemas, talvez eu botasse fê nisto aqui também, mas, acredite em mim: isto é algum tipo de piada. Não tem a menor chance de ser verdade. Se fosse, esses caras estariam muito encrencados.

— Como?

— Bom, não podem simplesmente matar as pessoas.

— Por que não? — Carl inclinou-se para a frente. — Se alguém me matar, quem vai saber?

— Eu saberia.

— E o que faria?

— Contaria pra alguém.

Carl cruzou os braços.

— Quem? Um dos sargentos instrutores?

Ross fez uma careta.

— Pra alguém fora daqui, é claro.

— Como?

Ross abriu a boca, mas não disse nada. Carl continuou:

— Se alguém me matar amanhã, quem vai perguntar por mim? Ninguém. E quanto a você?

Ross lançou os papéis na escrivaninha.

— Isso é besteira.

— Quem verificaria?

— Alguém faria isso. Tenho uma tia em Vermont.

— Tá, vamos supor que ela quisesse notícias suas. Pra quem ela perguntaria? Ninguém sabe onde estamos.

— Alguém sabe. O juiz sabe.

— Tem certeza disso?

— Bom, alguém sabe — repetiu Ross, fazendo uma carranca. — O sistema sabe.

— Talvez. E o que o sistema faria? Sua tia telefonaria e eles viriam até aqui pra ver como estamos. Sem chance. Na melhor das hipóteses, ligariam ou mandariam um e-mail e os instrutores poderiam dizer: “Ross, ah, ele está ótimo. Desculpe, não, ele não pode falar. Política de restrição. A senhora não ia querer arruinar todo o trabalho duro do rapaz. Estamos tão orgulhosos dele”.

Ross pareceu incomodado. Carl continuou:

— Ou poderiam até admitir que você morreu. “Ah, lamentamos muito, senhora. Não tínhamos suas informações de contato. Uma tragédia. Ele se afogou enquanto nadava”.

— Mas se pessoas suficientes verificassem...

— Quantas fariam isso? Não muitas. E estariam tentando falar com juízes diferentes em cidades diferentes e estados diferentes. Quem conseguiria ligar os pontos? E isso sou só eu falando sem saber muita coisa, mas, se o tal Ancião pode encher uma *ilha inteira* com armas e soldados e tudo mais, tenho certeza de que ele tem um plano inteiro armado. Poderia forjar cartas, deixar as pessoas falarem com graduados que trabalhem para ele, uma enorme cortina de fumaça que esconderia a gente pra sempre. — Carl sacudiu a cabeça, realmente assustado. — Estamos isolados, cara. Estamos sozinhos.

— Ainda não acredito — afirmou Ross, que não parecia mais ter tanta certeza.

Carl subiu na cadeira para devolver o diário ao esconderijo.

— Imagino que em breve vamos saber. A Fase Azul está logo aí.

— Então, o que devemos fazer?

— Fazer? — Carl pôs uma mão sobre o ombro do rapaz menor. — Temos que fugir da Ilha Fênix.

— Fugir? — duvidou Ross. — Caso você não tenha notado, não podemos exatamente chamar um táxi.

Carl deu um tapinha no diário.

— Segundo esse diário, a cada uma ou duas semanas, um avião traz provisões.

— Então, o que a gente faz? Pede uma carona?

— Entra escondido. É o que Eric pretendia fazer.

— Perdoe o meu ceticismo — disse Ross, sorrindo de modo afetado —, mas não parece ter funcionado muito bem pra ele.

Carl assentiu.

— Pensei nisso. Talvez tenham pego ele.

— Se pelo menos metade do que ele disse for verdade, *não* quero ser pego.

Carl bateu no diário com as dobras dos dedos.

— Talvez a gente pense em algo em que ele não pensou. Você é inteligente.

Ross olhou para ele como quem diz *ah, claro*.

— Que grande bem meus miolos me fizeram. Vim parar aqui, não vim?

— Pode haver outro jeito. — Carl voltou-se para o mapa rústico que Eric fizera da ilha. — Estamos aqui — disse, apontando para um X sob o qual se lia LAR, DOCE LAR. Então, correu o dedo sobre a linha longa e escura que cruzava a ilha. — Esta é a estrada pela qual viemos. Aqui está

a série de obstáculos. Aqui, a Oficina. E a área de recepção.

— Bela recepção.

— Nem me fale. — Apontou para outro *X*. — Campo de tiro. Centro de treinamento urbano. Campo de batalha. Isto, não sei o que é. — Moveu o dedo para o outro lado da ilha, onde uma frase esquisita se estendia pela grande área sombreada. — *Hic sunt dracones?*

Ross sorriu.

— É latim. “Aqui há dragões”. Os cartógrafos romanos, desculpe, os fazedores de mapas, costumavam escrever isso em trechos de territórios não mapeados, querendo dizer, basicamente: “Cuidado. Não conhecemos esta área. Provavelmente é perigosa”.

— Como sabe todas essas coisas?

O menino encolheu os ombros.

— Você é um cara esquisito, Ross.

— Obrigado. Seu predecessor estava fazendo uma piada. Só conhecia esta metade da ilha. Tudo o que ele viu, e tudo o que nós vimos, aliás, está no lado oeste da ilha. Olha. — Apontou para a linha irregular que dividia a ilha rudemente em duas, de cima a baixo, logo ao leste da estrada e das montanhas. — É uma cerca... uma cerca elétrica, eu acho. Estes rabiscos devem representar raios.

Carl concordou, meneando a cabeça.

— Tem razão. Só vimos coisas deste lado.

— Isso. E aí daquele que se aventurar por este território, pois aqui há dragões. Sacou? Uma piada... — declarou Ross teatralmente, indicando os espaços não mapeados além da cerca.

— É, entendi — respondeu Carl. Então, apontou para um *X* perto da pista de pouso. — Mas isto aqui não é nenhuma piada. Acampamento Força Fênix.

— Onde os mercenários são treinados?

— Acho que sim. Eu apostaria que o Ancião esteve lá este tempo todo, treinando sobreviventes do último lote.

— Aula de hoje — disse Ross. — Vinte formas de matar um homem sem derramar uma gota de suor.

Nenhum dos dois riu. Carl tocou o Acampamento Força Fênix novamente.

— Eric disse que tinha barcos aqui.

— Bom... e daí? Está sugerindo que a gente invada um complexo de assassinos treinados, roube um dos barcos deles e vá pro México? Respeito sua coragem e tal, mas não acho que esta seja uma série de ações inteligentes.

— O que podemos fazer?

— Se tivéssemos certeza de que essas coisas ruins realmente vão acontecer, eu nadaria com os tubarões para sair aqui. Mas, neste momento, nada é certeza suficiente para a gente arriscar tudo

invadindo aquele lugar. Não me entenda mal. Daria um ótimo filme. Só que não estou pronto para viver o roteiro.

Carl exalou lentamente e correu as mãos pelos tocos de cabelo.

Ross estalou os dedos.

— Já sei! Campbell vai embora logo, né?

— Muito em breve.

— E se ele desse o diário pra alguém lá no Texas?

— Quem?

— Alguém de um jornal. É uma notícia, né? Órfãos inocentes sendo torturados e assassinados do outro lado da fronteira? Alguém se interessaria. Poderiam fazer alguma pesquisa, definir nossa localização e enviar investigadores.

Carl permitiu-se um sorriso hesitante.

— Poderia funcionar.

— É claro que vai funcionar — disse Ross. — Campbell vai nos ajudar.



CAPITULO 9



— **V**ocê estão doidos — disse Campbell entre garfadas do macarrão com chili. — Aham sinceramente que matam adolescentes aqui?

— Sim — responderam Carl e Ross, praticamente em uníssono. O pelotão estava comendo a ração militar no campo em vez de seguir para o refeitório. Os três sentaram-se à sombra, um pouco afastados dos outros.

Campbell riu como se Carl tivesse acabado de contar a maior piada que ele já tinha ouvido. Parker, que comia perto do jipe, ergueu um olhar enfurecido para ele.

Campbell nem notou.

— E Mitchell agora é um zumbi?

Carl hesitou. Na noite anterior, alguém havia marcado com caneta o rosto de Mitchell na foto. A mancha escura fizera Carl lembrar-se da aranha.

— Não sei. Talvez.

Ross disse:

— Oficialmente, ele foi para a reciclagem, o que significa que vai recomençar o processo todo com o próximo lote de órfãos, mas agora sabemos que isso não é verdade.

— Olhem — começou Campbell, colocando o lixo em seu saco de refeição agora vazio —, não tenho tempo para as suas teorias da conspiração.

Uma pontada de pânico apunhalou Carl de leve.

— Peraí. A gente precisa *mesmo* da sua ajuda.

Campbell franziu o cenho.

— Minha ajuda?

— Apenas escute, tá bem?

Campbell indicou o almoço de Carl com um movimento de cabeça.

— Me dê sua sobremesa.

— Claro — respondeu Carl, entregando-lhe a mistura em pó para chocolate quente.

— Vá em frente, então — disse Campbell, rasgando a embalagem —, mas, só para registro, você estão parecendo uns malucos. Sabem disso, né?

— Se estamos tão loucos assim, onde estão todos da última leva que foram mandados para a reciclagem? — perguntou Ross.

Campbell deu de ombros enquanto despejava água de seu cantil na embalagem de chocolate.

— Não vi nenhum.

— Exatamente — afirmou Ross, gesticulando em direção ao pelotão espalhado. — Ninguém repetiu o ano. Nenhum garoto.

— E daí?

Ross inclinou-se para a frente.

— Está querendo me dizer que ninguém ficou pra trás no último ciclo? Ninguém quebrou a perna? Ninguém teve insolação? Ninguém teve um ataque de nervos? Se eles reciclassem mesmo as pessoas, teríamos repetentes conosco neste momento.

— Isso não prova nada — respondeu Campbell, mexendo o pó e a água até formar uma sopa espessa. — Olhe... se todo esse absurdo for verdade, como é que não mataram ninguém ainda? Aliás, considerando o que vocês estão dizendo, Carl não deveria estar aqui agora. Eles deviam ter matado ele no primeiro dia, cara, feito da “individualidade” dele um exemplo. Então, por que não fizeram isso?

Realmente, por quê?, pensou Carl. Ele já havia feito essa pergunta a si mesmo.

— Bom...

— Não descobrimos a resposta ainda — afirmou Ross. — Talvez seja parte do disfarce deles.

— Disfarce? — Campbell balançou a cabeça, rindo discretamente. — Isso é paranoia.

— Talvez — concordou Carl —, mas dê uma olhada nisto. — Olhou ao redor, não viu ninguém vigiando-os e entregou a Campbell o diário.

— O que é isso? — perguntou Campbell. — Querido Diário... ah, fala sério. — Empurrou-o de volta para Carl.

— Não fique acenando com essa coisa — disse Ross, relanceando ao redor num gesto de nervosismo. — Só leia, tá? Eu lhe dou meu chocolate quente também.

Com isso, Campbell encolheu os ombros, e eles chegaram a um acordo. Ele alisou as folhas do

diário que estava sobre o seu colo, colocou o pacote de chocolate de Ross por cima como peso e sorriu ao ler e levar uma colherada do pudim improvisado à boca.

Carl e Ross trocaram olhares. O último cruzou os dedos.

Campbell virou a página.

— Por enquanto, o cara gosta de Rivera e odeia Parker. Não é nenhuma surpresa.

— Continue lendo — pediu Carl. Era loucura mostrar isso a Campbell agora, a céu aberto, mas pelo menos ali poderiam ver caso alguém se aproximasse. No quartel, nunca estavam sozinhos.

À medida que os segundos se passavam, o sorriso de Campbell foi murchando e os olhos se estreitaram. A colher parou a meio caminho da boca, respingando a calda escura em seu uniforme.

— Mas que...? Sem chance.

— Continue lendo — pediu Carl uma vez mais.

O olhar de Campbell ricocheteava para a frente e para trás cada vez mais rapidamente. Quando virou aquela página, olhou para cima, de rosto franzido, e olhou ao redor, prestando atenção sobretudo nos soldados. Era a primeira vez que Carl via Campbell nervoso em relação a alguma coisa.

Cinco minutos depois, quando terminou de ler e voltou a erguer o olhar, pareceu mais do que nervoso. Estava assustado.

— Tudo isso é verdade — disse Carl.

Campbell se lançou a uma série de perguntas, e a maioria delas eram as mesmas que Ross havia feito, e Carl e Ross responderam. Desde o primeiro instante, Carl pôde ver que Campbell sabia, tal qual ele e Ross, que o diário era verdadeiro. Pôs a mão distraidamente no queixo, onde o cavanhaque estivera.

— Isso é loucura.

— Temos que parar esses caras — afirmou Ross.

Campbell olhou para ele como se ele houvesse sugerido lutar de mãos limpas contra um urso pardo.

— Fazer eles pararem? Como? Você mesmo disse. Estamos presos.

— A gente está — afirmou Carl, indicando Ross com a cabeça —, mas *você, não*.

Campbell voltou-se para ele.

— O que quer dizer?

— Estamos presos aqui por um bom tempo, mas o seu aniversário está chegando. Vai sair daqui logo, logo. Mas eles não sabem que você sabe de tudo. Como poderiam? Não vão começar a fazer as coisas ruins até você ir embora.

— Por quê?

— Pra que você possa ser um espécie de embaixador deles — respondeu Ross. — Na improvável situação de que alguém um dia começasse a fazer perguntas, quem quer que esteja controlando este lugar, o Ancião ou sei lá quem, poderia apontar pra você e pra um monte de caras como você espalhados por aí, pelo país. “Ilha Fênix?”, você diria. “Ah, aquele lugar era um saco. Rasparam as nossas cabeças e fizeram a gente correr o tempo todo. O quê? Matar pessoas? Nada a ver!” E, daí, você morreria de rir, e pronto. Caso encerrado.

Campbell acenou de maneira positiva e devagar com a cabeça.

Carl disse:

— Precisamos que leve o diário com você e o mostre à imprensa.

Os olhos de Campbell se arregalaram, e ele empurrou o diário para longe de si como se fosse uma cobra venenosa.

— Sem chance. Se me revistarem e encontrarem essa coisa, quem sabe o que vão fazer comigo? Me forçar a ficar, me mandar pra prisão... se vocês estiverem certos, podem até me *executar*, cara, e botar minha cabeça numa estaca no pátio.

Ross sorriu nervosamente.

— Bom, quando você coloca a questão desse jeito...

Carl assentiu. Não importava quanto precisassem de ajuda, não podiam pedir a Campbell que corresse esse tipo de risco.

— São 16 horas — bradou Rivera na direção deles. — Hora de ir, órfãos.

Urras esporádicos percorreram o pelotão, que voltou à vida, com pessoas se levantando e juntando o lixo.

— Se eu vir uma só embalagem no chão — gritou Parker —, castigo o pelotão inteiro!

Os três garotos juntaram o lixo em silêncio, Campbell obviamente imerso em pensamentos, Ross com cara de quem tinha tomado um soco no estômago e Carl preocupado com o diário, que havia acabado de guardar novamente na bota.

— É o seguinte — disse Campbell, enquanto andavam juntos em direção à lata de lixo. — Quando eu voltar pra casa, vou colocar uma gravata e falar com algum senador ou outro político.

As feições de Ross se iluminaram, a compreensão surgindo em seu rosto.

— Isso é brilhante. — Riu e deu um tapa no braço de Carl. — Por que você não pensou nisso antes?

Carl voltou-se para Campbell.

— Pode funcionar, cara.

Ele assentiu, com o rosto solene e os olhos distantes.

— Só espero que o meu aniversário chegue antes de a gente entrar na Fase Azul.

Na manhã seguinte, o sargento Rivera colocou todos eles em fila do lado de fora, diante dos depósitos de equipamento, e Carl percebeu que algo de ruim estava para acontecer.

— Muito bem, órfãos — começou —, é o seguinte. Este é o fim da linha para o sargento instrutor Rivera. — Ele ergueu as mãos, dando tapas no ar, até os resmungos cessarem. Rivera não era só o favorito de Carl; era o favorito de todo mundo. — É isso aí. Minha jornada com este ciclo terminou. Alguns de nós, sargentos instrutores, temos como especialidade começar o treinamento de vocês. Depois, entregamos o trabalho aos sargentos da Fase Azul, alguns dos quais vocês já conhecem. Agora é hora de eu voltar pra casa e pra minha família, exatamente como, um dia, vai ser hora de vocês voltarem ao mundo. Urra?

— Urra.

Ouvindo a resposta fraca deles, Rivera cruzou os braços.

— É assim que me respondem depois de tudo o que passamos juntos? Ah, não. Não os meus órfãos. Meus órfãos são motivados. Urra?

— *Urra!*

Rivera sorriu.

— Isso, sim, é uma tropa. Lembrem-se: sejam a pessoa que querem ser. Isto é tudo o que somos: as decisões que tomamos, as coisas que dizemos e, mais do que tudo, as coisas que fazemos. Continuem fazendo o que devem fazer e vocês *vão* se tornar homens e mulheres excelentes, pessoas que podem andar de queixo erguido. Urra?

— Urra!

— Durante a Fase Vermelha, vocês aprenderam a marchar e se exercitar e a cuidar do seu equipamento, e aprenderam as regras e a etiqueta da Ilha Fênix. Com a Fase Azul, vão seguir para o treinamento avançado: orientação por terra, habilidades de sobrevivência e comunicação em campo. Vão aprender a trabalhar em equipe. Urra?

— Urra!

— Não deem mancada, órfãos. Perder pontos é muito mais fácil do que ganhar os que pretendem obter.

Vamos perder pontos assim que o Ancião aparecer, pensou Carl, lembrando-se do diário de Eric. Todos se queixariam do rebaixamento e da perda de privilégios, completamente ignorantes de que tudo o que já acontecera era parte de um roteiro, do começo ao fim. Se Eric estivesse certo quanto à mudança de fase, coisas muito piores do que tarefas extras estavam por vir.

Rivera continuou:

— Agora não é o fim da linha só pra mim. Vocês vão perder outro líder.

Carl prendeu a respiração sem perceber. *Que seja Parker...*

— Campbell, venha até aqui, filho.

— Sim, sargento instrutor. — Campbell deixou as fileiras para juntar-se a Rivera na doca de carga

do depósito.

— Ah, não — gemeu Ross.

— Campbell foi um guia de pelotão dos bons, urra?

— Urra! — respondeu o pelotão. Carl notou Davis sorrindo maliciosamente com seus amigos.

— Campbell — continuou Rivera —, faltam poucos dias pra você completar 18 anos, e decidi nos deixar, correto?

— Sim, sargento instrutor — confirmou Campbell, parecendo aliviado.

— Bom, filho, lamento ouvir isso. Você seria um ótimo soldado. — Colocou uma mão sobre o ombro de Campbell. — Consigo imaginar você com o uniforme de um fuzileiro naval. Entre os poucos e bons. *Semper Fidelis*.

— Obrigado, sargento instrutor.

— Bom, é o seguinte, Campbell. O próximo avião que sai daqui parte às 13 horas. Depois disso, o próximo voo é daqui a duas semanas... seis dias *depois* do seu aniversário. Agora, eu falei com o Ancião, e ele disse que, considerando a sua atuação e tudo o que você fez pelo resto destes órfãos lamentáveis, podemos mandá-lo embora hoje mesmo, urra?

Campbell sorriu largamente.

— Urra!

— Muito bem, soldado. — Rivera deu-lhe um tapinha nas costas e apontou para o portão. — Vamos terminar os procedimentos, então. O voo é daqui a duas horas e, acredite em mim, aqueles *hombres* não esperam por ninguém.

— Sim, sargento instrutor.

— Sua última tarefa como guia de pelotão, então, é baixar a bandeira vermelha. Quando eu a substituir por esta bandeira azul, vocês, órfãos, estarão oficialmente na Fase Azul, urra?

— Urra!

Carl sentiu o estômago revirar.

Campbell voltou às fileiras, lançando um sorriso cauteloso em direção a Carl, e apanhou o estandarte do pelotão. A bandeira tremulou quando ele a carregou subindo os degraus, a fênix carmesim no centro quase invisível contra o tecido cor de sangue.

— Sanchez — chamou Rivera, retirando um rolo de tecido azul de uma caixa próxima. — Prepare o pelotão para a troca de bandeiras.

— Sim, sargento instrutor! — respondeu Sanchez, saindo das fileiras. Tomando o lugar de Campbell, à frente e à esquerda da formação, ele encarou o pelotão. — Sentido!

O grupo respondeu em uníssono, assumindo a posição de sentido. Carl podia sentir a expectativa pulsando em todo mundo.

Isso não significa o que eles acham que significa, pensou. É mais uma peça do jogo. Só estão

nos entregando isso para poderem tomar depois.

Campbell segurou o mastro da bandeira enquanto Rivera, movendo-se lenta e deliberadamente, tirava a bandeira vermelha e fixava a nova no lugar. Contra o estandarte azul, a fênix vermelha agora queimava, brilhante. Voltando-se para o pelotão, ele disse:

— Bem-vindos à Fase Azul, órfãos. Agora, não sei se lhes interessa, mas o Ancião me deu carta branca para deixar vocês livres pelo resto do dia. Urra?

A alegria dos jovens explodiu.

Rivera disse que podiam se retirar, e a maioria dos garotos correu em direção aos alojamentos, gritando de entusiasmo. Um dia inteiro de tempo livre? Parecia impossível.

Carl e Ross se aproximaram de Campbell, que estava falando com Rivera. Este apertou a mão de Carl.

— Freeman, se ficar por aqui, vai se tornar um ótimo soldado.

— Obrigado, sargento instrutor, e obrigado por nos tratar como seres humanos.

Rivera sorriu.

— Sem problema, Freeman. Vocês são *quase* humanos. Agora, vá pro chão e pague 10 por sugerir que eu peguei leve com vocês.

— Sim, sargento instrutor. — Ele se abaixou e pagou 10 flexões.

— Ross — disse Rivera, oferecendo a mão —, você, por outro lado, daria um péssimo soldado.

Ross sorriu alegremente.

— Sim, sargento instrutor.

— Mas suponho que a sociedade vá encontrar algo pra você. Fique longe de encrencas.

— Sim, sargento instrutor.

— Tem cerca de 30 segundos pra se despedir, Campbell. Me encontre no portão e eu o levo ao processamento.

Enquanto Rivera se afastava a passos largos, Campbell disse:

— Parece que ganhei na loteria, hein?

Embora Carl odiasse ter de vê-lo partir, estava feliz por ele.

— Não se esqueça — disse Ross.

— Não esqueite — respondeu Campbell. — Vou entrar em contato com umas pessoas. E você — disse, voltando-se para Carl —, tome cuidado com Davis e Parker.

Abraçou os dois rapidamente e correu em direção ao portão.

— Bom pra ele — comentou Carl.

— É — concordou Ross —, mas ruim pra nós. Tenho uma sensação...

— Ei, Carl.

Ele se virou. Era Octavia.

— Oi — respondeu ele.

— Posso falar com você um segundo?

— Claro.

— Vejo você lá dentro — disse Ross, seguindo para o alojamento.

Carl e Octavia estavam a mais de um metro de distância um do outro. Ela olhou para ele com aqueles belos olhos cinzentos e comentou:

— Então, Campbell está mesmo indo embora, hein?

— É — concordou Carl.

Olharam um para outro durante um segundo. Mesmo ali, mesmo agora, com tudo o que estava acontecendo, o coração dele deu um pequeno salto por estar cara a cara com Octavia, perto o bastante para que qualquer um deles estendesse a mão e tocasse o outro.

— Carl, não sou boa nessas coisas — disse ela.

— Que...

— Nem vem. Você sabe do que estou falando. Não finja, tá?

— Tá bem — disse. — Octavia, tem uma coisa que você precisa saber.

— Vai finalmente me contar por que tem agido desse jeito tão esquisito?

— Quê? — Então, percebeu que ela falava do modo como ele a vinha evitando. Tanta coisa havia mudado desde que encontrara o diário; todo o resto parecia banal agora. — Ah... não... É uma coisa *muito séria* sobre este lugar. Eu encontrei este diário...

A garota balançou a cabeça negativamente.

— Peraí. Não vou ouvir nada disso até você se explicar. O que está acontecendo com você?

— Nada — afirmou, e a resposta pareceu tola até para ele. Mas não poderia lidar com tudo isso agora; precisava contar a ela a verdade sobre a Ilha Fênix.

— Diga de uma vez, Carl. Estou de saco cheio desse jogo, o que quer que seja. Você anda esquisito há dias, me evitando.

— Sério, não é nada. Só tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Ah, tá, claro. E antes não tinha? Não achei que você fosse assim, e foi disso que gostei em você. Pareceu estar acima de toda essa besteira e desses joguinhos. Pareceu diferente. Isso mostra o que eu sei sobre as pessoas...

— Peraí — pediu ele. — Não vá embora. Vou lhe contar. Mas então você tem que escutar essa outra coisa também, tá?

Octavia apenas olhou para ele. Carl continuou:

— Olhe, eu sou o livreiro, certo? Estava arquivando uns papéis e vi uma coisa no seu arquivo, algo sobre... — E, de repente, percebeu que não conseguia terminar a frase.

— O quê? O que você viu? — Os olhos dela brilharam de raiva.

— Um recorte de jornal — respondeu, fitando os próprios pés. — Esquece.

— Não, Carl. *Não vou esquecer*. O que o recorte dizia? Seja homem e me conte o que acha que viu.

Carl olhou-a nos olhos e odiou a fúria que viu neles.

— Dizia que você causou um incêndio e matou alguém.

Ela mostrou as mãos espalmadas.

— É verdade. Pronto, tá feliz?

— Não. Eu...

A garota cruzou os braços, os olhos cinzentos agora escuros como nuvens tempestuosas.

— Leu o artigo todo, Carl? Teve o trabalho de ler a história inteira antes de bancar o arrogante pra cima de mim? Já pensou em me perguntar antes de me julgar e sair agindo desse jeito esquisito?

— Octavia, olha... Eu não queria causar nenhum problema. Foi por isso que não disse nada sobre o recorte. Pensei que, talvez, com o tempo...

— Com o tempo, o quê, Carl? Você perceberia que é capaz de me perdoar? — Ela riu desdenhosamente. — Muito nobre da sua parte. Você é mesmo uma pessoa maravilhosa por considerar ficar perto da ralé como eu.

— Não foi o que eu quis dizer.

Estendeu a mão para Octavia. Ela se desvencilhou, batendo-lhe nos dedos.

— Ah, cale a boca. Pensei que você fosse um cara legal, Carl, mas no fim é tão ruim quanto o resto. Você vai xeretar nos meus arquivos, vê uma coisa, supõe o pior e depois nem tem coragem de vir falar comigo sobre isso. Fica jogando esse jogo idiota, me fazendo vir atrás de você. Realmente não pensei que fosse assim.

— E não sou.

— Tanto faz. Me faça um favor, me deixe em paz, tá? Apenas fique longe de mim. Eu não ia querer contaminar a perfeição que é Carl Freeman. — Ela começou a se afastar, com os punhos cerrados.

— Octavia.

Ela se virou e, por um momento enganoso, Carl sentiu alívio.

— E, da próxima vez que sair bisbilhotando os assuntos particulares de alguém, vê se lê a história inteira, gênio. Sabe aquele cara que morreu no incêndio? Bom, ele matou minha mãe, tá? E abusou de mim por anos. Mas é claro que você não se preocupou em verificar nada disso, não é, Hollywood?

Com isso, ela se afastou. E dessa vez não olhou mais para trás.



CAPITULO 10



Os alojamentos ressoavam com gritos e risadas, todo mundo enlouquecendo de alegria com o tempo livre.

Carl arrastou-se para cima, sentindo como se sua cabeça fosse explodir. Campbell se fora. Rivera se fora. Agora, era como se Octavia tivesse partido também. Ele ainda precisava avisá-la sobre o lugar, mas aparentemente, ela não pretendia voltar a falar com ele algum dia. Queria estar zangado com ela por ter sido agressiva com ele, mas tudo o que sentia era um vazio. Era horrível aquela história toda, e Carl sentia-se terrível pelo que ela havia passado com a mãe e o padrasto...

Ross o deteve quando chegou à baia.

— Peraí — disse ele. — Não exagera na reação.

— Quê? — Carl contornou-o, entrando na baia. Seu armário estava aberto. Suas coisas estavam todas expostas e reviradas. — Ótimo. Outro tornado.

Quando o pelotão estava fora, os sargentos às vezes entravam e mexiam em tudo: equipamentos, camas, roupas. Uma vez, haviam empilhado as botas de todo mundo no meio do recinto. Os recrutas tinham levado uma eternidade para separá-las, cada um tentando reaver a sua.

— Não parece tão ruim desta vez.

— É — concordou Ross. — Hã... olha pra baixo.

Pedaços de papel brilhante espalhavam-se feito confete no chão. Carl olhou para cima e viu a superfície nua no fundo do armário onde suas fotografias ficavam.

— Não...

Agachou-se diante da destruição e, com as mãos trêmulas, apanhou uma tira fina de papel que mostrava metade do sorriso de sua mãe. Fitou os dentes, olhou acima deles. Quem faria algo tão

cruel?

Parker.

Carl deixou a foto rasgada cair no chão. Sua garganta começou a apertar-se, mas, em vez disso, ele apertou os punhos. Melhor derramar sangue que lágrimas.

Ross disse:

— Carl... espera! Não faça nada estúpido.

Carl seguiu para o corredor pisando duro. Tomar sua medalha era uma coisa, mas destruir suas fotos? Eram tudo que lhe restava dos pais. E agora *já eram*. Para sempre...

Deu pancadas na porta fechada do escritório dos sargentos instrutores.

Nada.

Experimentou virar a maçaneta. Estava trancada.

— Já rabiscaram o rosto dele — disse Ross, apontando para a foto do pelotão pendurada na porta. A tinta mascarava o rosto de Campbell. — Vão fazer o mesmo com a sua cara se você não se acalmar. Não vê que está fazendo exatamente o que Parker planejou?

— Me deixe em paz — pediu Carl, retrocedendo pelo corredor. Talvez Parker estivesse nas baías.

Ross o seguiu, tentando falar.

— Agora não — avisou Carl.

Garotos se reuniam na entrada na segunda baía. Carl viu os olhos brilhantes e os sorrisos nervosos, e a raiva que sentia ardeu ainda mais. Parker...

A risada soou dentro da baía como o rugido de um monstro.

O riso e a crueldade, sempre o riso e a crueldade... Não importava aonde fosse, lá estavam, esperando por ele.

Seus punhos latejaram com a velha dor.

— Peraí — disse Ross. — Estou implorando.

Carl ignorou o garoto menor e mais fraco. Desde a chegada à Ilha Fênix, havia evitado situações que teria enfrentado no passado, temendo meter-se em encrenca, ansiando por uma ficha limpa e um futuro normal — e a cada vez que fizera isso ele se odiara um pouco mais.

— Para! — gritou uma voz aguda dentro da baía.

Um dos garotos parados na entrada riu nervosamente. Carl empurrou-o ao passar por ele e viu Pronto-Socorro no chão, soluçando.

Parker não estava lá. Era Decker, o caipira de olhos esquisitos, e seus puxa-sacos que estavam ao redor do menino ruivo, rindo.

Carl começou a se aproximar deles.

— Fique fora disso — aconselhou Ross. — É exatamente o que o Parker quer.

Carl hesitou, rilhando os dentes. Uma parte de sua mente — um tímido sussurro no fundo — dizia que Ross estava certo. Não podia lutar. Não agora, com as ameaças insinuadas pelo diário. Tudo estava em jogo: sua liberdade, sua vida inteira, aquela palavra mágica, *limpo*...

Decker empurrou Pronto-Socorro com a bota.

— Agora, imite um carro.

— Vrummm — fez Pronto-Socorro entre lágrimas.

Decker abaixou-se e deu um puxão na cueca de Pronto-Socorro, expondo-a.

— Deu uma freada!

Pronto-Socorro gritou e caiu de cara no chão. Os valentões rugiram risadas, e Carl entendeu: estavam empurrando Pronto-Socorro rumo ao limite. Não ligavam para o que ele sentia. Só queriam dor. Dor e poder.

Belo poder, pensou Carl, *quebrar a resistência de um menino que já estava quebrado quando chegou aqui*. Sentiu ódio por aqueles caras.

Com sua fraqueza, Pronto-Socorro tentou lutar.

— Para! Por favor, para!

Mais risadas.

— Faz um cachorro — ordenou Decker.

Pronto-Socorro emitiu um latido sufocado.

— Mais alto — mandou Decker.

— Vocês ganham tempo livre e é assim que aproveitam? — gritou Carl.

Decker ergueu o olhar, os olhos azuis gélidos cintilando.

Carl continuou:

— *Deixa ele* em paz.

Decker sorriu.

— O que foi, Hollywood? — Ele era baixo e forte, talvez uns cinco quilos mais pesado que Carl, no máximo sete, com músculos sugerindo que havia passado a maior parte da infância manobrando máquinas pesadas. Apenas fitou, com os olhos repletos de diversão e fúria, esperando que Carl tomasse uma atitude.

Carl relanceou para os outros, medindo-os. Os outros três se envolveriam se ele avançasse, mas a luta em si se resumiria a Carl e Decker. Se isso ia mesmo acontecer, Carl sabia que precisava ir com tudo. A situação seria decisiva. Do contrário, Decker se tornaria uma sangria lenta em sua vida. Era agora ou nunca.

— Estamos tentando motivá-lo — disse um dos garotos.

Alguém riu. Decker só continuou fitando, com uma terrível expressão de satisfação no rosto. Era um senso de humor frio que Carl já vira em outros valentões. Os mais durões. Os realmente autoconfiantes. Psicólogos e professores diziam que os valentões eram inseguros e covardes, e, claro, alguns eram mesmo. Mas caras como Decker, que tinham aquela expressão nos olhos, não eram nem inseguros nem covardes — e não estavam só fingindo para chamar a atenção.

Caras como Decker eram confiantes e durões e maus até os ossos. Feriam as pessoas porque gostavam de causar dor. O sujeito andava provocando Carl durante semanas, tentando obter alguma reação dele, mas Carl não tinha mordido a isca. Agora, isso. Os olhos de Decker brilhavam, cheios de interesse.

Enquanto isso, Pronto-Socorro olhava para Carl com ar suplicante. Sua boca se retorcia em formas esquisitas e o rosto estava vermelho e lavado em lágrimas. Um alvo natural. Carl não gostava do garoto, não tinha razão para gostar dele, mas não podia simplesmente deixar esses caras arruinarem o coitado assim.

Decker sorriu.

— Por que você se importa? Também não gosta dele. Dá pra ver isso nos seus olhos.

Decker não era estúpido. Era apenas mau.

— Olha — disse Carl. — Estamos todos juntos nisso. Eles estão tentando nos quebrar. Não precisamos fazer o mesmo uns com os outros.

Decker endireitou o corpo.

— Eu estava me perguntando quando é que você ia tomar uma atitude. — Gesticulou na direção de Pronto-Socorro. — Chega junto, vem se divertir. O Pronto-Socorro vai imitar um macaco.

Deu um passo na direção de Carl, que retrocedeu. Decker era um lutador — Carl o havia visto prensar uns caras na baia dos fundos —, então, queria manter as costas num espaço amplo, queria ter espaço suficiente para se mover. Não gostaria que Decker o agarrasse.

Decker sorriu.

— Calma aí, Hollywood. Tá meio nervoso, né?

Garotos riram, reunindo-se ao redor deles. Davis e seus comparsas entraram na sala, aguçando os olhos e fazendo barulho. Ross chegou mais perto, balançando a cabeça. Decker se voltou para os amigos:

— Já viram alguém tão nervoso?

Um dos puxa-sacos de Decker, Stroud, começou a andar em direção a Carl, que ergueu a mão.

— Se segura aí, Stroud.

— Aqui, vamos apertar as mãos — disse Decker. Deu um passo à frente e esticou o braço grosso, com uma mão quadrada e forte.

— Não, valeu — respondeu Carl. Se apertasse a mão de Decker, seria jogado no chão em meio segundo. Já vira esse gesto de praxe usado por lutadores antes, e não era sua especialidade. — Só

deixe o moleque em paz. E me deixe fora disso.

— Uuuuuh — exclamou alguém.

— *E me deixe fora disso* — zombou Stroud com uma voz aguda.

Carl ignorou-o, mantendo os olhos em Decker.

— Olha, você sabe que tenho razão. Se a gente lutar, os sargentos vão surtar. Eles ficam esperando algo assim acontecer e depois crucificam todo mundo. — Carl rapidamente olhou de relance para o resto do quartel. Então, disse a Decker: — Você e eu vamos ficar com a pior parte. Vão fazer de nós um exemplo. Mas todo mundo vai ser receber punição. Parker vai castigar todo mundo, tirar nossos privilégios e manter a gente na Fase Vermelha. Sabe que estou certo. Se quiser fazer isso, vamos fazer depois, só nós dois, em algum lugar onde não sobre encrenca pra mais ninguém. Eu não...

— Você fala demais — rosnou Decker. — Acho que é só isso que sabe fazer. — Fez um movimento com a cabeça e a mão de alguém agarrou o braço de Carl, que reagiu instintivamente. Abaixou-se de uma vez, recuando, e livrou o braço.

Stroud o atacou.

Carl se esquivou e contra-atacou com um soco direto, acertando o garoto na ponta do queixo, o que fez a cabeça dele girar. Então, em vez de golpear Stroud com a mão direita, empurrou o peito do oponente com o braço rijo e esticado e lançou-o contra Decker, que estava finalmente vindo para cima dele.

Mais baixo e movendo-se rápido, Decker colidiu contra Stroud como o jogador de futebol americano que se joga contra o zagueiro da equipe adversária. Olhou de relance para Carl, acima, e ergueu as mãos espalmadas, numa espécie de finta, atirando-se para baixo, mirando as pernas dele, pretendendo jogá-lo no chão.

Carl pulou.

Decker passou voando por baixo dele.

Carl virou-se e o lado de sua cabeça explodiu em dor. Instintivamente, levantou as mãos, encolheu o ombro e enterrou um gancho de direita no estômago do atacante. Stroud arfou, sem ar, e se dobrou ao meio.

Outra briga havia começado a poucos metros deles. Ross estava no chão, engalfinhado com um deles; outro valentão os rondava, na intenção de chutá-lo.

Carl avançou para eles, mas alguém o agarrou pelas pernas. Uma voz aguda berrou:

— Peguei ele! Peguei o Hollywood pra você!

Tinha sido Pronto-Socorro. *Pronto-Socorro*, dentre todas as pessoas...

Ross gritou:

— Cuidado!

E Carl foi derrubado.

Foi um golpe duro. Caiu no chão com um som áspero, ficando sem fôlego com o baque, e, antes que pudesse rolar para longe, Decker passou um braço em volta das pernas dele, controlando-as, e começou a vir por cima dele, apertando os braços fortes em volta de Carl enquanto prosseguia, como uma jiboia envolvendo a presa.

A multidão uivava de prazer.

Decker disse algo que Carl não pôde entender. Carl se apoiou num cotovelo, e Decker balançou o grande punho fechado no ar acima dele, recuando a mão para desferir um soco. Carl nem tentou bloqueá-lo e não se incomodou em lançar um dos seus. Em vez disso, quando o punho de Decker veio ao seu encontro, ele tensionou os músculos do estômago, jogou a parte superior do corpo para cima e mandou a cabeça para a frente com toda a força que pôde reunir.

O soco esfolou sua orelha. Mas o topo da cabeça chocou-se contra o rosto de Decker, acertando-o feito uma marreta bem no meio dos olhos.

A cabeçada atordoou Decker e abriu-lhe um corte na ponte do nariz. Carl balançou-se, levantou-se e torceu o valentão até jogá-lo para baixo, invertendo a posição. Adoraria deitar mil socos na cara estúpida de Decker, mas não queria cortar nem quebrar os nós dos próprios dedos. Então, em vez disso, agarrou as orelhas do oponente e desceu com força a cabeça dele no chão de ladrilhos, uma, duas, três vezes.

Era tarde demais para ficar longe de encrenca. Tudo o que podia fazer agora era ensinar uma lição a eles. Fazê-los entender. Era tudo o que tinha.

A multidão torcia e gritava, pedindo sangue.

— Eu *lhe disse* pra deixar isso pra lá — rosnou Carl, segurando a cabeça de Decker novamente. Dessa vez, em lugar de empurrá-la contra o chão, ergueu-a pelas orelhas e a acertou com outra cabeçada. Os olhos do oponente rolaram, ficando brancos. O nariz era um chafariz de sangue.

A raiva consumia Carl. Ficou de pé e ergueu Decker consigo. O garoto cambaleou, quase inconsciente. Carl o sacudiu.

— Ainda acha que eu só sei falar, seu caipira cretino?

Decker levantou um punho.

— Rá! — gritou Carl. — Vai me dar um soco? — Virou o corpo inteiro ao desferir um direto no queixo que fez a cabeça de Decker virar-se para trás com um estalo, lançando-o sobre o leito mais próximo. Caiu do outro lado, os pés suspensos na cama, e lá ficou, imóvel.

A multidão parou de gritar.

Carl voltou-se para encará-los, vagamente consciente de Stroud, que saíra correndo, gritando. Precisava agir rápido agora, precisava deixar sua marca, mostrar a todos com quem estavam lidando. Era tarde demais para qualquer outra coisa.

Os dois puxa-sacos restantes — Funk e Chilson — recuaram, mãos erguidas. Carl viu Davis olhando tudo com grande interesse, sorrindo. O resto da multidão observava de olhos arregalados, retrocedendo também.

Colocando-se diante dos puxa-sacos, Carl gritou:

— Por que vocês sempre têm que provocar? — Ergueu o braço esquerdo com velocidade alucinante e invadiu a guarda lamentável de Funk. Dessa vez, Carl deixou a mão aberta, e a palma estalou alto no rosto do garoto. Funk gritou e cambaleou. — Tá gostando? — Ainda com a mão esquerda, lançou três tapas rápidos, um atrás do outro, *plaft, plaft, plaft*, e depois esbofeteou tão forte com a direita que Funk caiu.

As palmas de Carl queimavam. Ele sorriu diante da dor.

Chilson fugiu. Ross lançou-se contra ele num salto baixo e o valentão perdeu o equilíbrio, caindo estatelado no chão. Carl pulou por cima de Ross, levantou Chilson pelas costas da camiseta e da calça e meteu a cabeça dele numa estante de sapatos, com um estrondo. Deu um chute na barriga dele e Chilson soltou um grito agudo.

Carl encarou o resto do pelotão.

— Se algum de vocês quiser incomodar alguém — disse, e respirava com dificuldade agora, não pela fadiga, mas pela fúria —, incomode a mim. Entenderam? Se eu pegar vocês perturbando mais alguém, vou dar uma surra pior que essa.

Ele procurou Davis na multidão e olhou-o nos olhos.

— Temos algum assunto pra resolver, você e eu?

Davis balançou a cabeça negativamente, exibindo um sorriso torto.

— Já tá resolvido, mano.

Carl virou-se e apontou para Pronto-Socorro, que estava chorando outra vez.

— E você. Você é um merdinha patético, é isso que é. Derrubar alguém que estava tentando ajudá-lo? Eu devia arrancar seus dentes na porrada. Mas você não vale o esforço. Não tem coração. É só um vagabundo que morre de medo dos valentões.

Então, uma voz profunda ressoou:

— O que está acontecendo no meu quartel?

O sargento Parker entrou na baia, trazendo algo que parecia um desses babyliss que as garotas usam para fazer cachos no cabelo. Olhou para os garotos no chão e depois para Carl. Stroud estava atrás dele, falando sem parar.

Então, Parker apontou para Carl com o instrumento em forma de bastão.

— Agora você vai pagar, Hollywood. Se prepare pra tomar uns choques. — Chicoteou o ar com o bastão e um arco azul de eletricidade crepitou na ponta. — Este é o meu eletrocutador. Quinhentos mil volts. Eu o uso com vagabundos atrevidos como você, delinquentes que se acham espertinhos e pensam que podem entrar aqui e fazer as coisas do seu jeito.

À merda com isso, pensou Carl, olhando para o eletrocutador.

— Foram eles que começaram, sargento instrutor.

— Não lhe fiz nenhuma pergunta, Hollywood! — Andou na direção dele. — Atenção... Descansar!

Carl obedeceu à ordem, afastando as pernas e dobrando as mãos uma sobre a outra atrás da cintura, mas falou sem que lhe fosse ordenado, dizendo:

— Rasgou minhas fotos, não foi?

— Calado, Hollywood — ordenou Parker. Ele avançou lentamente. A arma de eletrochoque reluzia e crepitava.

— Sargento instrutor — falou Carl, atendo-se ao protocolo —, soldado raso Freeman solicita permissão para falar, sargento instrutor.

— Permissão negada — respondeu Parker. E Carl nunca tinha visto um sorriso mais cruel. Esse cara era o valentão supremo, um homem que feria pessoas em período integral. Carl sabia que campos de treinamento de adolescentes enchiam suas fileiras com sargentos instrutores rejeitados, caras que foram afastados do Exército ou da Marinha. Se haviam sido expulsos por serem cruéis demais ou apenas afastados, estavam tão irritados por causa disso que tinham vontade de passar uns 10 ou 20 anos maltratando garotos. Qualquer que fosse o caso, Carl soube, aqui e agora, que Parker era como um astro do rock entre esses monstros do fundo do poço, esses valentões profissionais, e estava prestes a obter um pouco de diversão. E algo mais. Carl pôde ver nos olhos dele. Parker não queria apenas ferir Carl; queria matá-lo.

— Agora, vamos ver se você é mesmo durão, Hollywood. Se conseguir continuar nessa posição enquanto é eletrocutado, eu dou um choque só e a gente encerra o assunto.

Os músculos de Carl se retesaram.

— Mas, se gritar ou sair da posição... Bom, daí vai tomar mais um choque.

— Sargento instrutor... — recomeçou Carl.

— Permissão negada! — rosnou Parker. Estava bem na frente de Carl agora, fulminando-o.

Carl forçou-se a não encarar o homem, forçou-se a não abandonar a posição. Pensando nas fotografias rasgadas, quis acertar Parker com um gancho forte o bastante para enterrá-lo na parede antes mesmo que aquele chapéu de Urso Smokey tivesse tempo de cair da cabeça dele. Mas não o fez. Era um momento crucial. Se estragasse tudo agora, Parker o mataria, acabaria literalmente com sua vida.

Parker levantou o eletrocutador entre seu rosto e o de Carl. A coisa estalava, parecendo rir, brilhando, azul.

Carl olhou sempre em frente.

— Está com medo, Hollywood?

— Não, sargento instrutor.

— Mentira. Por que está tremendo, então?

— Estou bravo, sargento instrutor. Esta situação toda é injusta, e eu não mereço ser punido,

sargento instrutor. O senhor destruiu minhas...

— Não quero ouvir a história da sua vida, Hollywood! — berrou Parker. — Só quero que todo mundo aqui entenda o que acontece com espertinhos que não seguem as regras. Lembre-se: se sair da posição ou gritar, toma outro choque. E outro. E mais outro. Até você morrer ou eu ficar entediado. E também não vá mijar nas calças. É o que a maioria faz.

— Isso é besteira! — bradou uma voz atrás de Parker. — Freeman não fez nada de errado, sargento instrutor. Foi Decker quem começou.

Ross. Carl viu seu pequeno amigo parado lá, o nariz sangrando, as mãos estendidas, parecendo tudo menos um soldado. O baixinho era corajoso, mas Carl desejava que ele calasse a boca antes que acabasse se machucando também. Tudo que um cara como Parker queria era dor, e, uma vez que tivesse apertado o botão, só podia piorar. Mais dor e mais dor e mais dor.

— Vá pro chão e pague 30, Ross! — mandou Parker.

— Isso é absurdo. Aqui não é o Exército de verdade. E...

— Agora são 50 flexões, Ross! Você *não* vai falar de novo a menos que eu fale com você. — Voltando-se para Stroud, disse: — Você, linguarudo, garanta que ele faça todas as 50, e, se ele trapacear, dê um pontapé nas costelas dele.

— Sim, sargento instrutor! — respondeu Stroud. Virou-se na direção de Ross, que já estava se posicionando.

Voltando-se novamente para Carl, Parker disse:

— E aqui vamos nós.

Carl tentou se fortalecer. *Não grite, pensou. Não abandone a posição. E não bata nele. Não importa o que faça, não bata nele.*



CAPITULO 11



Carl preparou-se.

Parker manteve o bastão perto do rosto dele.

— Vamos ver se você é mesmo durão, Hollywood — repetiu.

Carl ficou tenso quando a arma de eletrochoque crepitou e um arco da energia azul sibilou entre dois pontos na extremidade do bastão.

— Não é justo! — gritou Ross, no chão.

Carl ouviu o baque surdo de um pontapé e ouviu o amigo grunhir com o golpe.

— Formem um círculo, órfãos — mandou Parker. — Quero que vejam o que acontece com *indivíduos* na Ilha Fênix.

Os outros se aproximaram. Decker veio para a frente, o rosto quebrado e sangrando.

— Você se acha um astro, Hollywood — disse Parker —, então, vamos iluminá-lo. — O bastão crepitou e duas agulhas da energia mergulharam no antebraço de Carl. A eletricidade percorreu seu corpo e travou rigidamente os músculos, enchendo-o de uma dor faiscante. Os dentes trincaram, mas ele não gritou.

Era como tomar um soco muito forte — quando alguém com mãos rápidas o acerta em cheio e você nem vê o punho chegando. Luzes brancas se acendem na sua cabeça e você fica como um personagem de desenho animado pego de surpresa, com estrelas girando em volta da cabeça. Era essa a sensação, só que a explosão fora no braço dele, não na cabeça, e todas aquelas estrelinhas de choque, em vez de girarem em torno dele, brotaram lá dentro, percorrendo o braço e o corpo todo, espalhando-se e multiplicando a dor.

Afastando a arma, Parker pareceu mais zangado do que nunca.

De alguma forma, Carl havia passado no teste, conseguido manter a posição e evitado gritar. Sentia-se grato por isso. Soltou o ar, estremecendo. Havia conseguido. Tinha aguentado um tranco de 500 mil volts e não cedera um centímetro a Parker.

O sargento sorriu em meio à raiva.

— Nada mal para o primeiro.

O primeiro... E então o horror surgiu dentro dele; Parker não tinha a intenção de parar, não importava o que Carl fizesse. Continuaría eletrocutando Carl até que este não aguentasse mais. Continuaría atacando e atacando e atacando até finalmente quebrar o garoto ao meio, e depois atacaria um pouco mais. *Bom, pensou, ele vai ter de se esforçar. Não vou simplesmente me render.*

— Sabe de uma coisa, Hollywood? — recomeçou o sargento. — Hoje estou me sentindo gentil. Se você quiser, podemos parar. — Estendeu um pé para a frente. — Tudo o que você precisa fazer é ser humilde. Beije as minhas botas, e eu o deixo ir.

— Faça o que ele quer — pediu Ross.

À merda com isso. Não vou dar esse gostinho a ele.

— Não? Que seja... Nas aulas de combate não letal, me ensinaram quais são os três melhores lugares pra eletrocutar alguém com uma arma dessas: o quadril, o ombro e o pescoço. O que acha de seguirmos essa ordem?

Parker estendeu o bastão novamente. Carl ouviu o estalar e viu o relâmpago azul e as agulhas de dor espetarem o seu quadril. Os músculos se apertaram feito um punho, o maxilar se travou, e ele sufocou um grito no fundo da garganta. Seu corpo tremeu mais dessa vez, mas ele resistiu. A dor era um clarão branco. O choque inicial foi como a explosão de um soco muito forte, mas o sofrimento não se pareceu com a dor de uma luta. A luta gerava uma dor do tipo “engula o choro e aguenta o golpe”. A dor do eletrochoque era uma coisa completamente diferente. Não exatamente pior, mas mais abrupta. Algo que o agarrava, tomando o controle do corpo, e essa falta de controle o enchia de um louco desespero. Lutar contra isso era mais como lutar contra o pânico do que contra a dor. Era mais como afogar-se do que como ser espancado.

A eletricidade foi interrompida. De alguma forma, mais uma vez ele conseguira manter a posição e evitar o grito.

Parker estourou numa gargalhada.

— Como foi, Hollywood? Hum? Vamos ver o que faz quando eu ponho esta coisa no seu ombro. Bem onde tomou vacina hoje... deve fazer cócegas. A menos que esteja pronto pra parar com este joguinho. Sabe o que precisa fazer: só um carinho nas botas do papai.

Carl respondeu:

— Você não se parece nada com meu pai.

— Tem razão — retrucou Parker. — Ainda estou vivo.

Carl abriu a boca para dizer a Parker o que realmente pensava dele, mas um solavanco doentio golpeou-o no ombro e penetrou-lhe no peito, e foi como se houvesse um pássaro dentro de seu

coração, batendo as asas. O choque iluminou-lhe a cabeça, e Carl sentiu como se seu crânio fosse uma lanterna acesa.

Com a dor veio o pânico, mas ainda assim ele não gritou e, embora a parte superior do corpo se movesse involuntariamente aos trancos, conseguiu manter as mãos às costas e as pernas firmes. Tinha que...

— Uhu! Esse foi bom! — berrou Parker. — Bom, Hollywood, tomou choque no braço, no quadril e no ombro. Não quer mesmo tomar no pescoço, né? Seja um individúozinho inteligente. Beije as botas, e eu faço tudo isso parar.

Carl balançou a cabeça, recusando. Preferia morrer a jogar o jogo idiota de Parker.

O sargento se voltou para os outros.

— Estão vendo? O Hollywood acha que é melhor que vocês. Sempre se exibindo. Agora é o super-herói. Dá a vocês o dever de montar guarda e, enquanto estão passando a noite em claro, ele dorme como um bebê.

Carl viu pessoas assentindo, zangadas, ansiosas... loucas. Como animais farejando sangue. Como podiam cair nessa? Mas ele sabia a resposta, não sabia? Essa era a razão de ser da Ilha Fênix. Parker estava preparando-o para o abate. Estivera fazendo isso desde o primeiro dia. O diário de Eric estava certo. Parker e o lugar não queriam apenas matar adolescentes; queriam transformá-los em assassinos. O sargento estava tentando transformar os garotos unindo-os em seu ódio por Carl.

E, pela expressão nos rostos ao redor, estava funcionando.

Com uma exceção notável e inesperada.

Davis.

Carl viu Davis olhar para ele, o rosto frouxo, infeliz. Davis, que parecera ansioso para matar Carl havia poucos dias, agora aparentava ter a única face sã na multidão. Davis, dentre todas as pessoas, parecia contido, pensativo. Ao ver Carl olhar para ele, acenou com a cabeça, apoiando-o.

Parker disse:

— Última chance, Hollywood. Quer se tornar humilde ou continuar se mostrando e tomar um choque no pescoço? — Sorriu. — Bom, o que diz? Quer que eu pare?

Querer que ele parasse? Doía tanto que Carl queria que ele parasse mais do que tudo... Mas render-se a Parker, depois de tudo o que ele havia feito?

Continuou a olhar em frente, esperando.

— Bom... — disse o sargento. — Você é exibido mesmo, hein? — Voltou-se para os outros. — Eu dei uma chance a ele. Todos vocês me ouviram. Tentei oferecer misericórdia, mas o Hollywood aqui insiste em ser um indivíduo. Tudo bem. Temos a noite toda.

O sargento instrutor ativou novamente a arma de eletrochoque, e a luz azul estalou nas pontas, brilhando. *Crack, crack, crack*. Aproximou o bastão do rosto de Carl e lá o deixou por vários segundos; mais uma vez, Carl teve de se forçar a não fechar os olhos. De repente, estranhamente,

ocorreu-lhe que não tinha nada no mundo. Nem posses, nem família, nem futuro. Tudo o que tinha era a si mesmo. Seu amor-próprio. Preferia morrer a deixar que Parker lhe tomasse isso.

— Vá em frente — disse. Só teve tempo bastante para ouvir as pessoas explodindo em gargalhadas antes que as pontas da arma mergulhassem como presas em sua garganta, e toda a cabeça se encheu de luz branca, e o corpo moveu-se aos trancos, e dessa vez a boca *realmente* fez barulho, um som animalesco e baixo que não era um grito.

Parker pressionou ainda mais as pontas. Tudo em Carl queria berrar. Tudo nele queria saltar para longe. Mas, usando cada resquício da força de vontade, permaneceu no lugar enquanto o relâmpago lhe percorria o pescoço e o fazia sentir que sua cabeça estava cozinhando por dentro. Parker continuou, e a luz mudou de branca para azul, e tudo no mundo brilhou e crepitou como se sua cabeça não fosse nada além de uma das extremidades da própria arma de eletrochoque. *Crack, crack, crack!* Era como se seus olhos fossem saltar do crânio feito foguetes soltando caudas de fogo.

Parker afastou o bastão.

— Iiiirra! Pensei que a cabeça dele fosse explodir!

Carl estremeceu. Seus músculos tremiam de fadiga, choque e raiva. Forçou-os a ficar no lugar o melhor que pôde, as pernas afastadas, as mãos dobradas atrás da cintura. Manteve o queixo erguido e o olhar fixo adiante enquanto Parker andava à sua volta num círculo amplo, como se o inspecionasse. O sargento disse:

— Você balançou feito uma garotinha dessa vez. Acho que está pronto pra parar. Está pronto pra parar, Hollywood?

— Sim, sargento instrutor.

Parker sorriu.

— Sabe que fazer, então. Vá pro chão e faça um biquinho.

— Não, sargento instrutor.

Parker sacudiu a cabeça.

— Em treinamento de combate não letal, também nos ensinam a mirar a zona vermelha durante emergências. — Deu três tapinhas no peito de Carl com o bastão, mas não o acionou. — A zona vermelha pode matar. Sabe, uma arma de eletrochoque opera através dos músculos. É por isso que você fica com cara de idiota toda vez que leva um choque, como se estivesse tendo uma convulsão ou coisa assim. Bom, o coração também é um músculo. O que acha que acontece se eu passar meio milhão de volts por ele?

Carl nada disse.

Parker voltou a balançar a cabeça.

— Sabe, isto é o que chamo de uma situação de emergência. A emergência aqui é que você precisa de uma mudança de atitude. Você está fodido da cabeça aos pés, e não digo isso no bom sentido. FUBAR^[2]. O soldado mais FUBAR que eu já vi. — Voltou-se novamente para o resto do grupo. — O Hollywood é bom demais pra nós, legal demais. Acha que é melhor do que nós. O que vocês

acham? Ele é melhor do que nós?

Gritos furiosos encheram o recinto.

Carl entendeu o que Parker estava fazendo, soube que estava alimentando a sede de sangue do pelotão. Queria que eles uivassem exigindo sua morte.

— Última chance de fazer isso tudo parar, Hollywood. Se formos pra zona vermelha, você vai gritar pela mamãe. — Olhou nos olhos de Carl. — Se bem que poderia muito bem poupar o fôlego, já que a mamãe está morta.

A raiva emergiu de dentro de Carl, e ele precisou se esforçar para não tirar os punhos fechados de detrás do corpo. Sabia que isso era exatamente o que Parker queria. Esperava que Carl o atacasse, que abandonasse a posição e o agredisse. Então, poderia justificar qualquer coisa... *qualquer coisa*. Até mesmo execução pública.

Parker levantou a arma de eletrochoque novamente.

— Comece a beijar, Hollywood, ou vamos pra zona vermelha.

Antes que Carl pudesse ao menos pensar no que fazia, sua boca se abriu e palavras saíram:

— Vá pro inferno, sargento instrutor.

O pelotão berrou de prazer.

Parker olhou para ele como se tivesse tomado um tapa na cara.

— O que você disse? Seu merdinha imprestável, vai desejar que eu o tivesse jogado aos tubarões.

— A arma crepitou, ganhando vida. — Que seja. Diga oi aos seus pais por mim.

— Pare! — gritou Ross. — Você é um monstro!

O coração de Carl saltou por gratidão e preocupação com seu pequeno amigo. Este se soltou de Stroud e agarrou o braço de Parker.

— O que está tentando fazer, matá-lo?

O sargento enfiou um soco de direita esmagador na boca de Ross, que voou para trás, caindo no meio dos outros e depois no chão. Seu corpo frouxo convulsionou.

Foi quando Carl começou a socar.



CAPITULO 12



Carl não se conteve. Não se preocupou em ferir as mãos. Apenas descarregou os socos com a força total de todo aquele ódio reprimido. Parker havia provocado e provocado e provocado, e, se fosse inteligente o bastante para apenas continuar provocando, poderia ter derretido Carl com aquela sua arma de eletrochoque idiota. Mas não; ele havia socado Ross e agora teria de pagar, mesmo que isso significasse a morte de Carl.

Os socos de Carl aterrissaram em cheio e com potência total, pegando Parker desprevenido — *pou, pou, pou, pou* —, mas não o nocautearam. Aquele cara não era nenhum garoto. Era um homem que havia levado uma vida repleta de dor e que tinha passado a maior parte dessa vida levantando peso, injetando esteroides, treinando o corpo e se preparando para situações como aquela. Tinha o pescoço grosso, o maxilar quadrado e os ombros largos, tão pesados de músculos que o faziam parecer um macaco. Não seria fácil derrubá-lo.

Mas isso não incomodou Carl. Não lhe restava mais nada no mundo, nada além disso. E não se importava se alguém atirasse nele. Não se importava que o enforcassem ou o pregassem numa cruz... Acabaria com tudo isso agora. Havia feito o melhor que pudera para não se meter em encrenca, para ficar numa boa, mas ali fora provocado como em todos os outros lugares, e Parker era o pior valentão de todos. Além disso, Ross estava no chão, muito ferido, e agora Carl deixaria Parker igualmente ferido, não importava o preço.

Os outros garotos rugiam como selvagens.

Antes que o sargento pudesse se recuperar da primeira muralha de socos, Carl se adiantou e desferiu mais meia dúzia de golpes certos: ganchos e diretos no queixo e um cruzado de direita tão vívido quanto o efeito daquela arma de eletrochoque.

O chapéu de Parker escapou da cabeça. Ele levantou as mãos. O rosto já estava inchado e vertendo sangue. Ele praguejou e arremeteu contra Carl, que se esquivou e, na saída, acertou Parker com outro soco. O homem bateu num beliche, girou e rugiu:

— Vou matar você!

Correu em direção a Carl novamente, abaixando-se como Decker fizera, e o garoto ergueu o pé, metendo um chute bem no rosto de Parker. Houve um choque de duas forças poderosas em colisão, e Carl se jogou para trás, o pé explodindo de dor. Na outra ponta dessa colisão, a cabeça de Parker se atirou para trás no pescoço grosso. Os braços se abriram, e ele caiu sentado com um grunhido, depois tombou de corpo inteiro.

Houve uma gritaria generalizada. Carl estava consciente das pessoas em fuga, gritando pelo socorro de outros sargentos. Sabia que devia fugir também, mas, antes, precisava terminar com aquilo. Além do mais, para onde fugiria? Aquilo era o fim da linha. *Uma instituição terminal*, era como o juiz o havia chamado. *Terminal*. A mesma palavra que o doutor tinha usado ao explicar o câncer da mãe de Carl.

De repente, Carl entendeu que nunca mais voltaria a ver o mundo.

Parker grunhiu quando agarrou a coluna de sustentação de um beliche e, apoiado nela, puxou-se para cima. Carl pôde ver a tatuagem novamente, a caveira e os ossos cruzados, *A Morte Antes da Desonra*, e lembrou-se do primeiro dia, Parker mexendo nas coisas dele e tomando-lhe a medalha. Hoje, o nariz do sargento estava achatado contra o rosto, a ponta virada de lado, e abaixo dele havia um bigode de sangue vermelho-vivo. Bufava de exaustão e frustração, e seus olhos queimavam de ódio.

E Carl viu algo mais lá: medo.

Finalmente, Parker começava a perceber contra o quê andava lutando. Não importava que tivesse prejudicado garotos ano após ano. Não importava que fosse capaz de levantar halteres de 180 quilos. Não importava que tivesse 30 anos e Carl, 16. Nada disso valia agora. Tudo o que importava era o que estava acontecendo naquele instante e o que aconteceria a seguir, e era Carl quem estava no controle. Por um breve momento, o garoto pôde visualizar a luta interior nos olhos de Parker, a disputa de cabo de guerra entre a raiva e o medo enquanto o sargento se decidia entre desistir ou seguir em frente.

O ódio venceu. Carl o viu nos olhos do homem, viu o medo e a raiva se separando, viu os olhos estreitos e cheios de propósito. Parker veio para cima dele mais lentamente dessa vez, mãos erguidas, movendo a cabeça de um lado para o outro como um boxeador novato que imita um veterano.

Ele é canhoto, lembrou-se Carl, vendo-o avançar com o pé direito para a frente, *e só teve treinamento suficiente para fazer as coisas que um canhoto deve fazer*. Lutaria com o pé direito à frente do corpo e tentaria martelar Carl com a mão esquerda reta e talvez um gancho de direita. *Tudo o que preciso fazer é manter meu pé dianteiro do lado de fora do dele, e aí acabo com ele*. Se Parker avançasse para ele assim, esperando mandar seu melhor soco com a esquerda, Carl poderia simplesmente ficar de lado, e Parker se viraria e o perseguiria e bateria de frente com a mão direita do garoto.

Enquanto Parker se aproximava dele, Carl viu outra vantagem. A mão direita do sargento estava solta e livre, e o braço esquerdo estava tenso, os nós dos dedos dessa mão apertados em volta do

cabo da arma de eletrochoque. Estava concentrado demais na arma, confiando demais nela. Era como se fosse capaz de ler os pensamentos do outro. O sargento se agarrara à ideia de eletrocutar Carl mais uma vez.

O garoto fez um pequeno ajuste de posição, dando passos à esquerda, reposicionando o pé dianteiro — o esquerdo — do lado de fora do pé direito de Parker, que não pareceu notar a mudança. Só continuou avançando, movendo a cabeça para a frente e para trás, mas se esquecendo de manter as mãos perto do rosto sempre que se balançava. Seu treinamento era suficiente para voltar-se contra ele. Um lutador não instruído era perigosamente imprevisível. Parker sabia lutar, fora ensinado, e isso o tornava vulnerável a Carl, que havia lutado milhares de rounds e centenas de brigas de rua.

O garoto riu. Balançou-se para a frente e para trás e de um lado para outro, movendo os ombros. Então, avançou com um golpe rápido só para ver o que Parker faria.

O sargento oscilou para cima dele com a arma crepitante, movendo-a num arco, de cima para baixo, como um cassete, e Carl desviou-se para a esquerda. Ele se virou e apoiou-se na perna direita, balançando, como se fosse uma mola. Esse movimento levantou seu ombro direito. Então, como Carl havia imaginado, Parker virou-se para encará-lo e avançou, recuando depois a mão com a arma de eletrochoque, e Carl o atingiu com um soco de direita que produziu um estrondo, jogou a cabeça de Parker para trás e ponteceu de dor todo o braço do garoto. *Tudo bem, pensou. Tenho que continuar socando, não importa o que aconteça.*

Parker andou sem firmeza em direção a ele até que Carl o acertasse com um gancho bem no fígado. Curvado, com o corpo inclinado para a frente, o homem cobriu a área do abdômen com a mão. Sorriu em meio à dor, o sangue do nariz despedaçado fazendo seus lábios parecerem grandes e vermelhos como os de um palhaço demente.

— Sabe o que vamos fazer com você, Hollywood? — perguntou, e Carl pôde ouvir a dor na voz dele. Os olhos pareciam queimar, cheios de súbita inspiração... ou talvez insanidade. — Vamos trancar você na cabine do suor e cozinhá-lo por uma eternidade. Depois, vou colocar todo mundo em formação e mostrar o que fazemos com exibidos feito você.

Sua risada foi um ruído feio, repleto de dor e loucura. Carl a fez cessar com um gancho no maxilar.

Parker caiu de quatro, mas se recuperou mais rápido do que o garoto esperava e arremeteu contra as pernas dele, tentando derrubá-lo. Quase teve sucesso. Estava segurando a perna de Carl, mas este conseguiu girar para um lado e se libertar, e o sargento caiu estatelado no chão. A arma de eletrochoque deslizou para longe.

Parker havia caído de cara e foi lento ao tentar se levantar. Se fosse um oponente mais fraco, Carl teria pulado naquela direção agora, prendido as pernas dele com as suas, passado um braço sob o queixo dele, envolvido o pescoço enorme com o outro braço e apertado até que o Rei de Todos os Valentões ficasse inconsciente. Mas Parker era perigoso demais para isso, forte demais, e, por enquanto, era melhor mantê-lo a certa distância e acabar com ele aos poucos, usando os punhos.

Enquanto Parker se firmava nos quatro membros, Carl notou Decker apanhando a caixa metálica de um kit de polimento para botas e gesticulando para seus puxa-sacos. Estavam prestes a atacá-lo com tudo o que tinham, todos eles, e Carl sabia que não poderia aguentar. Então, em vez de investir contra

Parker, recuou e pegou a arma de eletrochoque do chão. Decker e os outros olharam para ele com cautela.

Parker se ergueu, gemendo. Carl tateou o cabo da arma até encontrar o botão, apertou-o e a luz azul crepitou, viva.

— Se chegarem mais perto — disse ele —, vai ser a sua vez de tomar choque.

Os outros se detiveram, olhando para Decker.

— Ele não pode com todo mundo de uma vez — afirmou ele. — Aquela coisa dói, mas não vai nos matar. Ele não pode com todo mundo. — Então, levantando a voz, anunciou: — Pessoal, Freeman passou do limite. A gente tem que fazer o cara parar. Tem que ajudar o sargento instrutor.

— Besteira — retrucou uma voz familiar. — Deixa os dois terminarem. É a luta deles. Entendeu? — E Davis deu um passo na direção de Decker. Os caras da gangue se reuniram em volta dele, unidos, e Carl, de repente, percebeu-se rindo. Não pôde evitar. Aquilo tudo era loucura.

As pessoas murmuravam e hesitavam. Algumas avançavam e pegavam objetos. Mantas, botas, caixas de metal como a que Decker havia apanhado. Alguém veio dos fundos, num passo acelerado, empunhando um esfregão.

— Vocês são uns cretinos mesmo — xingou Davis.

Decker estava certo, Carl sabia. Realmente não tinha a menor chance contra todos eles de uma vez, nem mesmo com a ajuda de Davis.

— No três — disse Decker.

Carl ficou tenso.

— Um — começou Decker.

Parker cuspiu sangue no chão.

— Dois.

Parker fulminou Carl com o olhar, babando sangue, e levantou um punho no ar.

— Afastem-se — mandou. — Vou terminar isso sozinho. Agora mesmo. — Enfiou a mão num bolso da calça camuflada, cuspiu mais sangue e tirou a mão do bolso. Zombando, virou o braço para um lado. Houve um som agudo de estalo e 15 centímetros de aço surgiram de seu punho. — Agora — disse, avançando para Carl —, vou estripá-lo como a um peixe.

Ele falava a sério. Carl pôde ver isso nos olhos do homem. Todo o ódio e o medo e agora o embaraço por ter sido derrotado na frente dos garotos, tudo isso fervera dentro de Parker, criando uma raiva verdadeiramente psicótica. Ele avançou numa pose baixa, quase agachada, típica de quem luta com facas, e o garoto soube que agora estava mesmo encrocado. Caras como Parker treinavam luta com facas e passavam a vida inteira sonhando com situações do tipo “matar ou morrer”, como essa. A arma de eletrochoque ajudaria muito pouco no que se referia ao próprio choque. Parker poderia com certeza aguentar a eletrocussão e a dor por tempo suficiente para afundar aquela lâmina em Carl.

Esqueça o botão, então, pensou Carl. Simplesmente use a coisa como bastão e tente manter a faca longe de você. Relanceou ao redor, procurando algo que pudesse usar para se proteger.

Não havia nada.

Parker continuou vindo.

Ross gritou da multidão, contido pelos outros. *Ótimo, pensou Carl. Segurem-no.* Do contrário, Ross acabaria recebendo uma facada. O garoto era corajoso o suficiente para encarar alguém que tinha três vezes o seu tamanho.

Se estivessem do outro lado do recinto, Carl poderia sair correndo porta afora e noite adentro, mas estava de costas para a parede traseira, e a porta poderia perfeitamente estar a um quilômetro de distância. Entre ele e a saída havia um psicopata brandindo uma faca e pelo menos uma dúzia de moleques que ficariam felizes em se juntar a ele para acabar com Carl.

Parker fez um arco com a faca. Não chegou perto, só chicoteou o ar, ameaçando-o. *Está avaliando minha reação, pensou o garoto. Tentando ver o que vou fazer, tentando me provocar.* Desviou-se para o lado, não querendo recuar para o espaço mais apertado entre os últimos beliches, e Parker o atacou.

Carl colidiu contra uma cama e deslizou para longe, a velocidade inesperada do ataque fez o pânico surgir dentro dele. Driblou o inimigo, mas uma linha de fogo se acendeu em seu cotovelo. Sofrera um corte. Sentiu o calor do sangue e a ardência da ferida, e, quando balançou o braço, um arco de sangue salpicou os ladrilhos do chão.

— Tá gostando? — perguntou Parker. — É ainda melhor do que o lápis, hein? — A voz soou pastosa e abafada, e Carl percebeu que o nariz de Parker estava quebrado.

Ótimo. Que Parker engasgasse com o próprio sangue.

Os olhos do garoto passearam pelo ambiente mais uma vez. Nada. Então... espere... Ele estendeu a mão e pegou um travesseiro do beliche mais próximo.

Parker riu, partindo na direção dele novamente.

— Acha que isso aqui é uma guerra de travesseiros?

Carl segurou o objeto na frente do corpo e manteve o bastão na mão direita. Encontrou seu ritmo outra vez, balançando de um lado para o outro, pronto para fugir para qualquer um dos lados. Tinha de funcionar. Precisava agir no tempo certo — ou morreria.

Parker lançou-se para a frente, e Carl, para a esquerda. A lâmina passou longe.

Carl começou a trazer o braço num giro, vendo a abertura — e então algo se chocou com força contra sua cabeça. Foi um golpe tão surpreendente e tão agudo que ele perdeu o equilíbrio.

A lâmina arremeteu uma vez mais, e Carl teve apenas tempo suficiente para encolher o abdômen. O fio da faca passou rasgando pelo lado do corpo, cortando a camiseta e as costelas. Sentiu o aço roçar no osso antes de partir. A dor percorreu a ferida — outra linha ardente —, e ele girou para longe mais uma vez, tropeçando numa coisa no chão. Uma caixa metálica de polimento estava a seus pés, a tampa aberta, todo o conteúdo espalhado pelo ladrilho feito tripas esparramadas.

Decker. Decker havia lançado a caixa na cabeça de Carl e quase causara sua morte.

Então, o alojamento inteiro pareceu explodir. Carl viu Davis acertar Decker com um gancho e os amigos de Davis se engalfinharem com os puxa-sacos de Decker. Tentaria entender isso mais tarde... se estivesse vivo até lá. Por enquanto, precisava sobreviver a esse ataque. A região das costelas ardia, muito danificada. O braço queimava. O corpo inteiro doía de fadiga.

Parker pareceu perceber isso. Estava sorrindo novamente, e não se via mais medo em seus olhos. Ainda queimavam de raiva, e agora brilhavam de excitação também, de expectativa; sede de sangue. Balançou-se e partiu na direção de Carl, riscando o ar novamente com a faca.

Dessa vez, Carl não bateu numa cama e nada o acertou na cabeça. Ele avaliou o golpe, visualizou o arco e inclinou-se para escapar dele, conseguindo por uns poucos milímetros. Seu braço esquerdo trouxe o travesseiro para adiante de uma vez, atingindo o lado exposto da cabeça de Parker, forte o suficiente para fazer o grandalhão cambalear. Então, o garoto desceu a mão, rápida e brutal, com o bastão, que acertou o polegar e o pulso do homem. A faca caiu e o sargento tropeçou desajeitadamente num armário, segurando o pulso com a outra mão. Carl pôs a arma de eletrochoque no pescoço grosso dele e apertou o botão.

Ouviu o rápido *crack-crack-crack* e viu o relâmpago azul, e agora Parker estava gritando. Tremeu e se debateu no ar, aterrorizado. Carl deu um pontapé na faca, mandando-a para debaixo de um beliche, e apertou o botão novamente. O rastro do relâmpago azul crepitou.

— Tá gostando?

Parker recuou para a pequena área entre os últimos beliches. Lançou um olhar desesperado em direção ao leito sob o qual sua faca agora estava.

— Nem tente — disse o garoto. — Não vai conseguir.

O terror brilhou nos olhos do sargento instrutor. Mergulhou para o chão. Carl deu-lhe um forte pontapé nas costelas. Parker grunhiu, mas lançou a mão debaixo da cama, em busca da faca.

— Desista — mandou Carl, e deu-lhe outra descarga elétrica.

Parker gritou e se debateu, mas estava determinado. Continuou procurando a faca. A cabeça e os ombros estavam debaixo da cama agora.

Não posso deixá-lo pegar aquela coisa de novo, pensou Carl. Estava perdendo muito sangue pelos cortes que sofrera, o bastante para sentir um frio estranho tomar conta de seu corpo. Logo começaria a sentir-se fraco. Se Parker pegasse a faca novamente, mataria Carl.

— Rá! — gritou o sargento, e o garoto soube que havia encontrado a arma. O grandalhão lançou-se para trás, os ombros largos e musculosos tornando-se visíveis, e apoiou-se numa mão para levantar-se.

Era agora. A última chance de Carl. Ergueu o joelho até a altura do peito e pisou com toda a força que pôde na clavícula exposta.

Houve um estalo alto, e o sargento gritou. O garoto pisou de novo e de novo e de novo, mirando o osso já quebrado. Então, quando Parker deslizou aos berros de debaixo da cama, pretendendo matar

Carl, este pisou novamente — agora, no rosto do valentão. Uma, duas, três vezes. Parker balançou a faca inutilmente no ar, e Carl pisou de novo. Precisava acabar com aquilo. De uma vez por todas. Agora. Viu o maxilar ceder. Ao pisar novamente, viu a mão que segurava a faca baixar e a arma cair por terra mais uma vez. Estava acabando de pensar em apanhá-la e dar um fim ao monstro quando algo se chocou contra sua nuca e a escuridão o devorou.



CAPITULO 13



Carl despertou no inferno.

O próprio ar parecia feito de chamas. Em sua grande dor e confusão, sentiu o corpo indistinto, como se houvesse se derretido no calor em volta.

Lentamente, recobrou a razão, só para desejar não ter feito isso. Sabia onde estava.

Na cabine do suor.

A jaula cheirava a sujeira e podridão, suor e sangue. Talvez tivesse cerca de 1,50 metro de comprimento e a metade da largura, pequena o bastante para que ele não pudesse se esticar e tão curta que precisaria se dobrar para a frente se tentasse ficar de pé. Não que tivesse vontade de se levantar; não queria mover-se nem um milímetro. Estava inundado numa semiconsciência nebulosa, imerso na dor e ardendo em febre. Os olhos embaçados e inchados, quase fechados com as feridas, visualizaram barras de bambu estreitamente espaçadas, o teto de metal ondulado e, abaixo dele, uma esteira de palha imunda. Sua visão estava tão oscilante que a própria palha parecia tremer com uma vibração sutil.

Sentia muita dor.

Alguns dos ferimentos eram da luta. Os nós dos dedos, inchados e cortados em talhos profundos, latejavam, assim como os ossos das mãos inchadas. A mão direita não funcionava bem e estava quase certamente quebrada. Ambos os pulsos doíam profundamente. Os cortes feitos pela faca: um, uma faixa de fogo em seu braço, o outro, uma ardência urgente percorrendo as costelas, doíam tanto, mesmo naquele torpor, que ele sentia como se as próprias feridas estivessem se movendo. As pancadas generalizadas haviam inflado seu corpo inteiro, deixando-o rijo e latejante, da cabeça aos pés.

A maior parte dos danos ocorrera, obviamente, *depois* da luta, depois que alguém batera em sua nuca. Essa parte da história ele inferia pelas evidências: o inchado dolorido na base do crânio, os

muitos hematomas, a extrema sensibilidade e o inchaço por todo o rosto, os lábios rachados e, especialmente, os ouvidos zunindo, com as orelhas feridas. A cabeça inteira rugia com a pior dor que já sentira... sem dúvida, uma concussão.

No fundo da boca, faltava um dente. Perguntou-se vagamente se o teria engolido. O pior de tudo eram as costelas, que pulsavam com a dor de cima a baixo e de ambos os lados; pareciam se estilhaçar a cada vez que ele respirava fundo. Doíam tanto que pareciam tremer ligeiramente. Estavam contundidas, talvez trincadas ou quebradas.

Já contundira as costelas antes; conhecia a dor e sabia quanto tempo demorava a recuperação. Só uma eternidade, mais ou menos, talvez mais uma semana ou duas.

A dor e esse inventário metódico de danos levaram Carl cada vez mais longe da inconsciência. O nariz latejava e não inspirava nenhum ar. A sensação era a de que havia sido tapado com sujeira enquanto ele dormia. Sangue com muco, pensou. Provavelmente estava quebrado também. Imaginou, na reação condicionada de todos os boxeadores, que aparência teria o nariz dessa vez. Depois, considerou quão piores os cheiros na cabine do suor deveriam ser, se já eram tão pungentes para um nariz quebrado. Terríveis.

Na boca, o sangue deixara um gosto de cobre, e ela estava seca e áspera pela desidratação e pela respiração oral durante o tempo que ele passara inconsciente, qualquer que tivesse sido. A garganta estava ferida por dentro e a língua parecia enrugada, de alguma forma reptiliana. Ficava grudando no céu da boca. Sabia que estava acometido de uma febre razoavelmente grave, mas não tinha certeza de quanto calor vinha de dentro dele e quanto vinha da própria jaula, onde certamente passava dos 40 graus.

Precisava desesperadamente de água.

Havia uma tigela no canto perto de um buraco no chão. Fitando-a, preparando-se para a dor que, sabia, acompanharia o movimento, Carl começou a juntar as peças de uma ideia perturbadora. Aquele movimento estranho e incessante que sentia nos cortes e sobre as costelas lentamente acertou o passo com sua visão ainda oscilante. Então, a vibração sutil da palha cobrindo o chão coordenou-se com um sussurro suave, quase inaudível sob o zumbido em suas orelhas. Finalmente, num momento de súbito horror, seu tato se aguçou e, através do grito profundo da dor que estivera ensurdecendo sua percepção do mundo, Carl detectou uma última sensação.

Leves cócegas cobriam sua carne.

Movimento. Na pele, sob as roupas, no cabelo. Em todo lugar.

Insetos.

Estava coberto de insetos.

Deu um salto do chão, batendo a cabeça no teto baixo, chocou-se contra as barras de bambu e gritou, a voz baixa e rasgada — o guincho do fantasma de alguém morto havia muito tempo —, sacudindo o corpo quebrado, batendo em si mesmo, limpando, contraindo-se, agarrando coisas do corpo e das roupas. Durante vários segundos, rendeu-se à loucura, debatendo-se para todos os lados na pequena jaula, fazendo sons animais de raiva e terror, arranhando e arrancando e esmagando, enquanto, por dentro, estourava um vulcão de dor absoluta. Alguns insetos lutaram com ele, picando

e agarrando-lhe as roupas e a carne com patas que eram como espinhos. Gritou mais uma vez ao encontrar seus cortes borbulhantes de insetos que ali se alimentavam, e arrancou-os com as unhas sujas só para soltar outro grito rouco ao descobrir uma centopeia negra do tamanho de seu dedo indicador enterrada na ferida aberta das costelas. Lutou usando os dedos rijos e inchados para agarrar aquela coisa horripilante, que se partiu em duas quando ele a puxou, e rompeu-se de novo e de novo. Carl levou uma eternidade para acreditar que conseguira retirá-la completamente.

Mais tarde, convencido de que se livrara de todos os insetos, caiu agachado, o mundo inteiro pulsando, entrando e saindo de foco à sua volta. Estava sem fôlego, fraco de febre e quase cego de dor. Agachado ali, concentrou-se na respiração e mandou a dor de volta para o lugar dela da melhor forma que pôde, mentalizando o espírito do homem mais sábio que já havia conhecido — seu treinador de boxe, Arthur James — até que pudesse quase ouvir a voz suave de Arthur arrulhando em sua orelha, como fazia entre rounds, dizendo: *Está tudo bem, filho. Recupere o fôlego. Isso mesmo. Primeiro o fôlego, depois a mente.*

Uma vez capaz, rastejou pela palha até a tigela. Sem água, morreria.

Grandes insetos pretos com faixas amarelas nadavam na água escura. Tirou-os da tigela, esmagou-os com as mãos e sacudiu-os pelas barras da jaula, atirando os restos para fora. Levou a tigela aos lábios e quase engasgou. Sentiu cheiro de ovo podre. O fedor casava com aquele que vinha do buraco no chão. Carl rastejou até o outro lado da jaula, tomando cuidado para não derramar a água.

Ignore o cheiro, disse a si mesmo. *É um caso de vida ou morte.*

Drenou a metade da água num gole. Era quente e tinha um gosto horrível, mas era água, e ele imediatamente quis mais. *Vá devagar*, disse consigo. *Seja esperto.*

Bebeu mais, e dessa vez não engoliu de uma vez. Deixou a água parada na boca por um tempo. *Como se eu estivesse sentado no corner do ringue entre um round e outro*, pensou. Arthur removeria o protetor bucal de Carl e daria a ele só um rápido esguicho de água para evitar câibras no estômago. Bochechou, deixando a água embeber sua língua e lavar o sangue. Depois, inclinou a cabeça para trás e gargarejou, aliviando a garganta, e finalmente engoliu. Só outro bocado ou dois permaneceram na tigela. Pensou no que fazer com eles. E se ninguém lhe trouxesse mais? Deveria usar o pouco que restava para limpar as feridas?

Não. Precisava da água agora. Se não levassem mais em breve, ele morreria antes mesmo que a infecção tivesse tempo de se instalar.

Inspecionou o talho amplo e feio nas costelas e tirou dele sujeira, pedaços de palha e restos dos insetos esmagados. As bordas da ferida estavam inchadas e muito vermelhas, como os lábios de uma boca maliciosa pintados de batom... ou sangue. Carl pensou de novo na infecção, que provavelmente se desenvolveria com rapidez nesse clima e em meio à imundície, e imaginou se a febre aparente era um primeiro sinal. Também se perguntou se os insetos poderiam ter se entocado e posto ovos em sua carne. Ouvira falar desse tipo de coisa, histórias em que besouros ou formigas punham ovos no interior das pessoas, histórias pavorosas: os ovos chocando, as larvas devorando a pessoa de dentro para fora.

Só pensar nisso fez seus cortes coçarem e o corpo inteiro formigar sob insetos invisíveis, mas deu

fim a esse absurdo imediatamente. Não adiantava se preocupar com isso quando não havia nada que pudesse fazer a respeito. Não ainda. Precisava lidar com o que era real e palpável, não com o que temia que pudesse acontecer.

Num momento como esse, a preocupação era tão perigosa quanto a esperança. Outra lição que havia aprendido no boxe: se você quer ganhar, não pode se deixar cegar nem pelo medo nem pela esperança. Tem de ver as coisas como elas realmente são e fazer as escolhas e ajustes certos.

Precisava fazer o possível para manter os insetos e a sujeira longe de suas feridas.

Ao rasgar a borda da camiseta, logo descobriu que a mão direita estava tão danificada e inchada que não era capaz de apertar. Então, usou os dentes e a mão esquerda. Fez um serviço bem desajeitado, rasgando mais tecido do que pretendia. Amarrar a faixa foi muito difícil. Exigiu várias tentativas, e, no fim, ele usou o braço direito para pressionar o tecido contra as costelas e o esquerdo para enlaçar o corpo. As ataduras resultantes estavam longe de ficar tão justas quanto ele havia esperado, mas teriam de servir.

Repetindo o processo e cobrindo o corte no braço, ele finalmente virou-se para mirar o mundo do lado de fora da pequena prisão.

Através das barras, pôde ver os alojamentos e a área do estacionamento, os caminhões parados junto do mastro, no topo do qual tremulava a bandeira com a fênix em chamas. *Bom*, pensou Carl, o calor inacreditável oprimindo-o, *pelo menos acertaram a parte do fogo*. Viu a cerca, o portão e, à distância de uns 180 metros mais ou menos, as torres de guarda, onde alguns soldados estavam de pé, um perto do outro, com rifles sobre os ombros.

Não viu nenhum dos adolescentes. Pensando em Ross, sentiu uma torrente feroz de afeição pelo amigo baixinho. Ross estivera consciente dos perigos — também havia lido o diário —, mas ainda assim defendera Carl, primeiro contra Decker e depois contra o próprio Parker. O garoto tinha coragem. Verdadeira coragem. Levara uma surra por defendê-lo, e sabia-se lá o que estaria passando agora. Carl esperava que ele estivesse bem. Assim como Octavia. Repudiou a si mesmo por ter sido tão tolo em relação a ela. Afastar-se dela por causa de um artigo de jornal, sem se preocupar em perguntar a história inteira diretamente a ela, não conseguindo avisá-la sobre o diário... ele tinha, de fato, estragado tudo.

Não podia fazer nada para ajudá-los agora. Precisava manter o medo e a esperança sob controle e concentrar-se na realidade.

Sabia que poderia morrer ali. Talvez na jaula. Talvez em público, como um exemplo, na frente de Ross e Octavia e todo o resto. Talvez o libertassem na selva e o caçassem como um animal.

Bebeu o resto da água e pensou na possibilidade da morte por um momento. De alguma forma, não era tão assustadora como teria esperado. Não queria morrer, mas pensar na morte não o entristecia nem o apavorava. Era meramente um fato, algo a reconhecer, a saber. Podia acontecer.

Tudo se exauria dentro dele. Pensou no diário escondido no quatinho que era o escritório do livreiro, nas histórias de morte e como haviam começado, um garoto arrastado para fora da cabine do suor e executado diante do pelotão.

Por Parker, é claro...

Bem, não havia nada a fazer quanto a isso agora. Lutaram e agora Carl estava ali, na cabine do suor, e teria apenas de esperar e fazer o pouco que podia para prolongar sua vida. Pelo menos havia vencido. Pelo menos havia mostrado a eles.

Trancado ali, na cabine do suor, estava completamente à mercê dos soldados. Imaginou Parker apontando uma pistola para ele por entre as barras da jaula, imaginou-se sorrindo diante do cano num ato final de desafio. Isso deixaria Parker louco da vida, negando-lhe o que ele mais desejava — o medo que infundia nos outros — até o fim. Com aquela imagem, Carl riu em voz alta, machucando as costelas, e essa dor, realçando o absurdo do riso num momento como esse, só o fez rir ainda mais.

Podem me bater por trás e me espancar enquanto estou inconsciente e me trancar nesta jaula, mas não podem determinar quem eu sou. Podem me negar comida e água, mas não podem me mudar. Podem atirar em mim pelas barras desta cabine ou me pendurar no mastro da bandeira ou me jogar aos tubarões, mas não podem me fazer gritar nem implorar. Não vou deixar. Sou eu quem determina o que sou. Não vou pedir misericórdia. Não vou demonstrar fraqueza. Vou ser forte. Se me matarem, vão se lembrar da minha força; vou forçá-los a viver com a lembrança da minha força pra sempre.

E, se eu viver, vou fugir da Ilha Fênix e contar ao mundo. Vou acabar com essa gente.

Despertou quando um inseto rastejou em sua orelha. Rugiu ao senti-lo, tentou tirá-lo com a mão direita ferida, fracassou e usou a esquerda para arrancá-lo e esmagá-lo até virar pasta entre os dedos.

Em algum momento, sem nem mesmo perceber, havia perdido os sentidos e escorregado para o chão, e agora havia insetos sobre ele outra vez. Forçando-se a permanecer calmo, esmagou, espanou e afugentou-os. Depois, sorriu sombriamente ao perceber que as ataduras improvisadas protegeram os cortes.

Era o final do dia. O metal ondulado acima estalava e silvava enquanto o ar exterior ia se resfriando, mas a sensação no interior da cabine do suor ainda era a de estar dentro de um micro-ondas.

No ponto onde uma perna havia se apoiado nas barras, o tornozelo estava vermelho feito carne malpassada e repleto de bolhas. Baixou a perna da calça e expulsou essa nova complicação de sua mente.

O pátio permanecia tranquilo. Perguntou-se onde estariam todos. Provavelmente treinando. Ou talvez no refeitório. Ou sendo castigados por causa dele. Esperou que Ross estivesse bem. E Octavia também. E Campbell, no caminho de volta ao Texas.

Por um instante, sua mente foi à deriva entre possibilidades: Campbell chegando em casa, entrando em contato com as pessoas certas, dando o alarme... helicópteros aterrissando, jornalistas e policiais e soldados — bons soldados — enchendo a ilha, libertando os adolescentes, libertando-o...

Mas encerrou essa linha de pensamento. Poderia acontecer. Poderia. Mas *poderia* era perigoso naquele momento. *Poderia* levava a um caminho escuro da espera por coisas que ele não tinha razão suficiente para esperar. Precisava se ater aos fatos, lembrar-se de seu plano.

Que era...? Não tinha certeza. Tinha de esperar. Manter as feridas tão limpas quanto possível.

Tentar fugir. E, acima de tudo, não demonstrar medo.

Estava com muita sede.

Seu estômago rosnou também, mas, com o imenso calor e a febre, a dor e o dano que haviam causado à boca, ao maxilar e às costelas, ele não tinha vontade de comer. Só de beber água.

Enquanto a luz do dia se apagava, um grande zumbido crescia na mata. Carl agarrou-se às barras da jaula minúscula e soube... Estava preso na cabine do suor e os mosquitos e moscas levantavam voo sob o frescor do anoitecer, prontos para devorá-lo vivo.

Um mosquito pousou em seu braço. Ele o estapeou, estremecendo de dor.

Sentiu outro no pescoço. Outro no rosto. Mais na parte de baixo das costas, no ponto onde havia rasgado a camiseta. Ouviu um zunido dentro da orelha.

E logo ele estava estapeando tão rápido quanto podia com a mão esquerda e usando a direita quebrada para espanar a pele.

Não adiantou. Os insetos enxameavam na jaula, cobriam sua carne e atacavam cada pedaço de pele exposta, não importando quão pequeno fosse, picando e ferroando e sugando seu sangue. Apinhavam-se nas orelhas e narinas, zunindo e picando. Voavam para dentro da boca, e ele cuspiu e gritou e respirou por entre os dentes rilhados. Estapeou os braços, o pescoço, o rosto, esmagando-os às centenas, mas, assim que livrava um trecho de pele, eles o atacavam novamente, cobrindo, picando, sugando, roubando. Finalmente, enrolou-se numa bola apertada no chão e cobriu a cabeça com os braços, e os insetos o comeram vivo pelo que pareceu uma eternidade.

Rolou sobre a palha, tentando esmagá-los, e bateu-se contra as barras da cela, o que fez com que suas costelas parecessem se quebrar mais uma vez. A dor na cabeça tornou-se pior e pior e, depois de pouco tempo, ele simplesmente caiu no chão e se espanou em movimentos repetitivos, inconscientes.

Os mosquitos tornaram-se um cobertor vivo. Carl rolou de barriga para baixo e uivou de raiva e frustração na palha imunda na base da jaula. Por quanto tempo isso continuou, ele não soube — dentro em pouco, os mosquitos implacáveis lançaram-no numa espécie de loucura —, mas então a escuridão se fez completa, e, de repente, moscas e mosquitos desapareceram.

Voltou a pensar com clareza, rolou e sentou. A pele ardia com as picadas, a cabeça ardia de febre e a garganta ardia de sede.

Foi um alívio, mas, na escuridão absoluta da noite, a selva se tornou um hospício ressoante: gritos e berros, brados e bufos, pios e algaravias — algo grande bramindo nas profundezas da mata. E, abaixo de tudo, o coro constante e ensurdecidor de insetos pulsava, ruidoso, e esse ritmo que pipilava e balia era para ele o batimento cardíaco da noite na mata, enlouquecido pela fome e o perigo.

A chuva o acordou.

Caiu suavemente, tamborilando no teto, um som suave como o de ratos correndo sobre o mármore. Ele se sentou, acordando sem demora, e ignorou os vários insetos que sentia rastejarem sobre o corpo; em vez de bater neles, tateou na escuridão até encontrar a tigela, que pôs para fora entre as

barras.

A chuva desceu fria e agradável por sua garganta, e, enquanto lavava os cortes e picadas e limpava pelo menos parte da sujeira que o cobria, fez uma prece silenciosa de agradecimento.

Acreditava em Deus e o temia. Tentava acreditar também no céu, esperando um dia ver os pais novamente. Mas, apesar da fé, não conseguia se forçar a acreditar inteiramente no que os outros diziam sobre Deus e decerto não se imaginava capaz de compreender a mente de Deus. Muitas vezes rezava em gratidão, mas havia muito tempo deixara de rezar com convicção verdadeira pedindo favores ou proteção. A vida não havia preparado Carl para acreditar no poder desse tipo de oração. No entanto, ofereceu uma prece sincera de agradecimento por aquele pequeno conforto, e a chuva continuou a cair, e ele bebeu o quanto pôde, limpou-se e depois jogou punhado após punhado de água sobre a cabeça para combater a febre.

Depois de algum tempo, a chuva se abrandou e, no ritmo suave das gotas, ele mais uma vez pegou no sono, deslizando como areia sob a maré.

Sonhou com o passado.

Seu pai, antes da tragédia. Andavam juntos, a neve suja e salpicada de cinzas flanqueando a calçada. A velha vizinhança no inverno. O frio, os pelos das jaquetas de inverno, a altura do pai. Felicidade.

Rapazes mais velhos reunidos em torno de uma forma no chão. Risadas maldosas.

A voz de seu pai, alta e forte. Os rapazes se espalhando, indo embora.

O vulto caído, um homem — o velho Cobbie, o beerrão —, seu pai ajudando-o a levantar-se, acompanhando-o pela rua até o Rose's Diner. Fazendo Cobbie sentar diante do balcão, entregando dinheiro a Rose. Dizendo a ela:

— Café e um sanduíche.

De volta à rua, Carl perguntando o que havia acontecido. Seu pai agachando-se, colocando as mãos grandes nos ombros de Carl. Os olhos do pai fitando os seus. O pai dizendo: — Isso é o que eu faço, Carl. E, um dia, quando crescer, caberá a você protegê-las, todas as pessoas que não sabem se defender sozinhas. Um bom homem não se entrega ao medo quando há trabalho a fazer e alguém precisa dele. Você fará isso?

Sua própria voz:

— Sim. Prometo...

Carl acordou no meio da noite, ainda agachado. O sonho havia acontecido em estado de lucidez, como uma janela para o passado. Esfregou as feridas e escutou os sons além da jaula. Folhas gotejando. Os ruídos da mata, mais tranquila agora, pássaros chamando e respondendo, soando, de alguma forma, perdidos e pesarosos. Uma brisa leve farfalhou nas folhas das palmeiras e derramou uma rajada de pingos de chuva. O gancho da bandeira tinia ritmicamente contra o mastro metálico, como um sino distante anunciando um funeral.

Carl se acomodou contra as barras da jaula e esticou as pernas rijas.

Uma voz profunda disse:

— Carl Freeman.

Não foi uma pergunta.



CAPITULO 14



Na noite profunda, Octavia esfregou a escova de dentes entre os ladrilhos do banheiro, apertando não as cerdas, mas o cabo de plástico, tão fortemente quanto pôde no chão.

De vez em quando, o nervosismo levava a melhor sobre ela, e a garota parava e corria para o banheiro. E, a cada vez que vomitava, odiava-se por sua fraqueza. Tinha de ser forte.

Forte como Carl.

Disseram que ele havia lutado com Decker e três outros, todos ao mesmo tempo. Batido neles. E depois espancado Parker.

Pensou nas mãos dele. Os grandes nós dos dedos, as cicatrizes. Pensou na mandíbula quadrada, no nariz ligeiramente curvo e nas cicatrizes sutis em volta dos olhos cor de avelã. Lembrou a maneira como aqueles olhos haviam suplicado da última vez que ele falara com ela.

E ela lhe havia dado as costas.

Agora, desejava poder voltar atrás.

E daí que ele surtara ao ver o recorte de jornal? É claro que surtara — qualquer pessoa teria surtado, não conhecendo a história e vendo só o título.

Lembrou-se da noite em que havia ateado fogo na casa. Das coisas que seu padrasto fizera — novamente — e da aparência dele, caindo de bêbado; da força que fora necessária para espalhar a gasolina e riscar o fósforo. Psicólogos e psiquiatras e até mesmo o juiz a incitaram a sentir remorso, e ela havia mentido, dizendo que lamentava, mas estava contente por tê-lo detido, por tê-lo matado. Afinal, ele também não tivera sua cota de matança? Havia levado a mãe dela ao suicídio e assassinado completamente a menina inocente que Octavia já havia sido, tanto que era até difícil agora acreditar que ela um dia tinha sido uma criança feliz. Era como se, ao destruir sua inocência, ele tivesse matado uma amável irmãzinha que ela tivera. Era um monstro, exatamente como Parker, e

não era com remorso que ela se lembrava dos gritos daquele homem em meio ao fogo. Era com orgulho.

Só rezava para ter forças para matar outro monstro amanhã.

Era tarde demais para fazer qualquer outra coisa. Tarde demais para se explicar a Carl ou pedir desculpas por ter ficado furiosa. Tarde demais para os dois conhecerem realmente um ao outro.

Para a frente e para trás ela raspou a escova, para a frente e para trás.

Disseram que a luta de Carl começara porque ele não quisera deixar Decker maltratar Pronto-Socorro. Então, Parker havia entrado e tentado derrotar Carl com uma arma de eletrochoque, mas o garoto não se entregou. Não cedeu à pressão de Parker até o momento em que o sargento começou a bater em Ross.

Ah, Carl, eles vão matá-lo por ser um cara decente.

Não podia deter todos eles, mas talvez pudesse deter Parker. Talvez então Carl visse quem ela era. Talvez entendesse o que ela realmente pensava dele. E talvez ambos pudessem passar seus momentos finais com o conforto de saber o que poderia ter acontecido entre eles. Num lugar como aquele, onde não poderia haver esperança ou clemência ou justiça, o que mais alguém poderia querer?

Fez uma pausa no trabalho, não devido às câibras na mão — quanto a isso, ela cerraria os dentes e prosseguiria —, mas para verificar seu progresso.

Ótimo.

A extremidade do cabo da escova de dentes agora formava uma ponta, ainda cega demais para seus objetivos, mas já reconhecidamente perigosa. Esfregou e afastou as farpas de plástico raspado e voltou a trabalhar.

Para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Pela manhã, já teria acabado, mesmo se precisasse passar a noite toda em claro. Pela manhã, teria uma ponta letal e, se Deus quisesse, a força para usá-la.



CAPITULO 15



Pela primeira vez, a dor e a fadiga de Carl o ajudaram, pois conseguiu não pular diante da voz inesperada. Não demonstraria medo. Não cederia nada a eles. Morreria com honra.

— Sou eu.

Um par de olhos brilhou na escuridão.

— E como está, Senhor Freeman?

Carl encolheu os ombros. Doeu.

— Estou como você vê.

— De fato.

Carl estudou a escuridão em volta daqueles olhos. A silhueta de um homem agachado perto da jaula. Vestido de preto. O rosto pintado da cor da noite. Um homem grande. *Muito* grande, percebeu Carl.

Não que isso importasse. Trancado numa jaula, estava indefeso. Um menino de seis anos com um graveto afiado e uma tendência à maldade poderia acabar com ele. Tudo o que Carl podia fazer era esperar para ver... e não demonstrar medo.

A voz profunda falou novamente:

— “Para revelar os segredos de minha prisão, eu poderia contar uma história cuja menor palavra rasgaria tua alma, congelaria teu sangue jovem, faria teus dois olhos, como estrelas, saltarem das órbitas; teus cachos penteados e compostos se desmanchariam e cada fio de cabelo se eriçaria como as cerdas do porco-espinho irascível. Mas esta eterna descrição não é para ouvidos de carne e osso”. Conhece Shakespeare?

— Não.

— Segunda Guerra Mundial? Os presidentes? Dwight D. Eisenhower uma vez disse: “O fardo de um soldado não pesa tanto quanto as correntes de um prisioneiro”.

— Que bom pra ele.

— Talvez esteja mais familiarizado com a sabedoria de outro presidente e militar, John F. Kennedy. “A conformidade é o carcereiro da liberdade e o inimigo do crescimento”.

Carl não disse uma palavra sequer.

— Ambos estavam certos, naturalmente — afirmou o homem.

Carl esbofeteou um inseto.

— Olha, vamos direto ao assunto, que tal? Você veio aqui pra me matar?

Uma pausa. O homem inclinou a cabeça para trás e ergueu os olhos para as estrelas. Carl viu os dentes dele, muito brancos e retos na escuridão.

— Vim para *ver* você.

Carl esperou.

O homem olhou para ele de novo, os olhos brilhantes como se fossem líquidos, olhos de uma pantera negra na selva mais escura.

— Eu me pergunto... o que faria se eu estivesse aqui para matá-lo?

— Tentaria matar você primeiro.

Uma risada discreta.

— Excelente. E como tentaria fazer isso?

— Fingiria que estou fraco. Esperaria você abrir a jaula e me deixar sair.

— E depois?

— Você pode abrir a porta e descobrir.

Mais uma risada, baixa e borbulhante como um rio subterrâneo.

— Não acho que isso faria bem a nenhum de nós. É melhor que certas portas permaneçam fechadas. A impaciência é um grande amplificador do sofrimento.

— Sou bastante paciente.

— Acredito que seja. Estas são circunstâncias excepcionais, não?

— Quem é você?

— Tenho muitos nomes. — Rolando a cabeça para trás para observar o céu novamente, respondeu: — Pode me chamar de Capitão Meia-Noite.

Carl tentou cuspir, mas a boca estava seca.

— Parece um nome bobo de personagem de quadrinhos.

— É um nome antigo, o nome que o Exército dá a um comando especializado em operações noturnas.

— É isso que você é?

— Sou o quê?

— O que disse, um comando noturno.

— É algo que faço. — O homem fechou os olhos e toda a sua forma se tornou menos distinta na escuridão. Carl ouviu-o respirar profundamente pelo nariz. — Você ama a noite?

Carl pensou durante um segundo antes de responder. O homem era estranho. O garoto sentiu confiança e poder, mas não maldade. Havia algo de sombrio nele — algo letal, pensou Carl, como se o próprio homem fosse uma arma, a personificação da violência sem intenção —, mas, por enquanto, ele parecia simplesmente curioso, interessado em conversar.

Eu vim para ver você, havia dito.

Tá legal, então, pensou Carl. *Não tem sentido me recusar a falar.*

— Acho que gosto. Gosto de andar à noite, quando ninguém mais está em volta, sabe, lá na Filadélfia. Principalmente no verão. Como nas ruas menores, o jeito como tudo fica tão parado e a rua parece tão larga e você consegue ouvir os sons mais baixos, como o vento nas árvores ou talvez alguém tocando piano numa casa ou pessoas conversando numa varanda. Também dá pra ver muita coisa à noite. Gatos. Cangambás. Drogados. Caras andando com as namoradas. Sim, eu gosto da noite.

Percebeu que estivera divagando e, mais que isso, que sua mente estava à deriva num mar de febre. Nada disso parecia real. A presença do homem, sua imensidão, a voz profunda, a calma, a torrente de palavras que havia voado dos lábios do próprio Carl... era tudo matéria de sonhos, sonhos febris. Mas, em meio à dor, Carl sabia que não estava sonhando.

— Também amo a noite — disse o homem, e Carl ouviu-o respirar profundamente mais uma vez. — A quietude, o mistério, o aguçamento dos sentidos. Os sons ressoando na escuridão, e as pontas dos dedos podem quase enxergar na cegueira de noite. Até mesmo o gosto das coisas se realça. Já comeu uma laranja na escuridão completa?

Carl disse que não.

— Aqui, então — respondeu o homem, e, depois de um ruído baixo, uma laranja surgiu na escuridão, tão esférica e inteira e brilhante como uma miniatura do sol, e se aproximou das barras da jaula. — Não é uma experiência a ser descartada.

— Obrigado — agradeceu Carl. A laranja estava fresca e úmida, e ele precisou se esforçar para passá-la entre as barras. Descascou-a lentamente com a mão esquerda.

O homem esperou em silêncio, observando.

Carl retirou um gomo. A primeira mordida foi uma explosão de sabor. O pedaço virou suco em sua língua e lhe encheu a boca, e o homem estava certo; o gosto era melhor na escuridão — especialmente *melhor* na escuridão.

— Maravilhoso.

— Realmente — disse o homem. — Você não tem medo de mim.

Carl balançou a cabeça.

— Sou da Filadélfia. Não me assusto fácil.

A risada do homem foi profunda e sombria, um som da noite.

— Você prestou primeiros socorros primitivos a si mesmo.

Carl olhou para baixo, para as costelas enfaixadas.

— Não deu pra fazer muita coisa. Eu me lavei com a água da chuva, rasguei um pedaço da camiseta e enfaixei as costelas. A faca machucou muito. Eu estava principalmente tentando afastar os insetos.

— Antes que acordasse, eu estava admirando seu trabalho manual. — Apontou para os insetos mortos que cobriam a terra do lado de fora da jaula. — Os samurais respeitavam os insetos. Para eles, representavam eficiência e vitória.

— Não sou um samurai.

— Não? E como sabe disso?

Carl encolheu os ombros.

— Miyamoto Musashi, o maior samurai de todos os tempos, encorajava seus jovens guerreiros a vagar pelos campos, lutando. Dizia a eles que não levassem nenhum dinheiro e que dormissem a céu aberto e se fizessem mandar para a prisão de propósito. Sabe por quê?

Carl comeu a laranja e não disse nada.

— Para que eles pudessem se livrar dos problemas por meio de seu próprio poder e sabedoria. Por que está nesta jaula?

— Bateram em mim pelas costas. Não vi a pessoa se aproximar. Foi o meu erro.

— Ah, sim... bem justo, mas o que estou perguntando é por que quiseram colocar você nesta jaula, em primeiro lugar. Ouvi um relatório. Agora eu gostaria de ouvir sua versão.

Carl contou. Começou com Decker e Pronto-Socorro e narrou tudo, passando por Parker até a parte em que bateram em sua nuca e como, depois, havia despertado ali. O homem não o interrompeu.

— Parker disse que vai me executar.

— Disse? — perguntou o homem, mas o tom de sua voz fez as palavras soarem menos como uma pergunta do que como uma expressão de divertimento. — Pelo que entendi, o sargento instrutor Parker já fez o que pôde para matar você no alojamento.

— Veio pra cima de mim com uma faca.

— E como explica sua sobrevivência? O sargento Parker é mais velho que você, bem treinado e experiente em combate. Já matou antes. Muitas vezes.

— Bom — começou Carl, fazendo uma pausa. Normalmente, falar mal de um instrutor seria uma passagem só de ida para a terra da encrenca, mas ele já estava no fundo do poço, e algo lhe dizia que esse tal de Capitão Meia-Noite tinha mais respeito pela verdade do que por Parker. — Ele foi um idiota. Me forçou a isso. Já queria me prejudicar desde o primeiro dia e ficou me provocando, e, finalmente, quando machucou o meu amigo, eu mostrei a ele.

— Diria que você fez isso mesmo.

— Honestamente — disse Carl —, ele não sabe lutar. Bota fê demais nos músculos. Está sempre se exibindo e tudo. Além disso, ele deixa a raiva ficar no caminho. E finge que as coisas são o que ele quer que sejam, não o que realmente são.

— Interessante. Por favor, dê mais detalhes.

— Quando você luta, tem que conhecer a situação. Como eu entendi que ele era muito forte mesmo, então, não ia me atracar com ele. E sabia que era canhoto, então tratei de me mover mais pra minha esquerda, pra ficar longe do alcance dele. Trabalhei só na velocidade e nos ângulos e o acertei, e isso deixou o cara doido da vida. Então, ele foi ficando mais e mais descuidado, e isso me ajudou a começar a dar golpes mais pesados.

— E quanto às armas?

— Ele tentou usar a arma de eletrochoque, mas eu a derrubei da mão dele. Isso fez ele ficar ainda mais doido.

— A faca?

— Não fiquei feliz em vê-la. Lâminas são assustadoras. Mas parte de mim... — Ele deu de ombros. — Talvez parte de mim tenha ficado feliz por vê-la. Quero dizer, fiquei com medo, mas nessa hora também soube que tinha realmente afetado o cara. Se ele estivesse confiante, não teria puxado a faca. Mas deve ter pensado que precisava dela.

— O que ele deveria ter feito, em vez disso?

— Se reajustado. Devia ter deixado de lado o que queria que acontecesse, dado uma boa olhada no que realmente estava acontecendo e feito algo quanto a isso.

— Se tivesse feito isso, ele poderia ter derrotado você?

Carl ficou em silêncio por um segundo. Então, disse:

— Não. Provavelmente, não.

— E quanto à sua situação atual? O que está realmente acontecendo? E o que você vai fazer a respeito disso?

— Neste exato momento, eu estou terminando esta laranja e tendo uma conversa. Depois, acho que vou só esperar pra ver. Acho que provavelmente vão me matar.

— Isso não o assusta?

Carl deu de ombros.

— Não muito. Quero dizer, não quero morrer, mas, se vou morrer, vou morrer e pronto. Sabe o

que quero dizer? Parker espera que eu implore por misericórdia ou beije as botas dele ou algo assim, mas pode ter certeza de que isso não vai acontecer.

— Musashi disse: “O caminho do guerreiro é a aceitação resoluta da morte”.

Carl assentiu com a cabeça.

— Talvez eu tenha sido um samurai, então.

O homem mostrou os dentes novamente num sorriso.

— Talvez. E talvez não seja tarde demais. Mas, falando em tarde... “O vaga-lume mostra que a aurora se aproxima; sua luz vã começa a empalidecer. Adieu, adieu!”^[3] Carl Freeman, lembre-se de mim.

Virou-se e, silencioso como o anoitecer, desapareceu na escuridão.



CAPITULO 16



Estavam do lado de fora, no pátio. Havia chovido à noite, e agora, sob o sol nascente, o nevoeiro girava e se erguia do asfalto em fiapos pálidos, como uma multidão de espíritos flutuando para longe. Normalmente, o cheiro da chuva era reconfortante para Octavia — uma lembrança de casa, do estado de Washington, onde sempre chovia —, mas, naquela manhã, o cheiro pesado de decadência se elevava da selva e o cheiro de terra molhada enchia-lhe as narinas, e ela respirou o odor de vermes até parecer plena dele, serpenteando em seu estômago, como se já estivesse morta e enterrada...

Estava muito cansada.

— Formação!

Octavia aproximou-se da frente e seguiu para a esquerda. Precisava ficar perto.

— Sentido!

Ela assumiu a posição, cambaleando só ligeiramente. Não estava mal, considerando que, depois de semanas de privação de sono, havia passado a noite toda em claro.

A faca de fabricação caseira estava em seu bolso. Rezou para não ter de usá-la. Também rezou para que, se realmente tivesse de usá-la, a peça fosse boa o bastante para terminar o serviço. E que ela fosse boa o bastante também. Forte o suficiente.

— Bom dia, órfãos — disse a primeiro-sargento Oteka.

— Urra!

— Motivados — disse Oteka. — Hoje, órfãos, é um dia especial. Muito especial. Hoje, às 17 horas, vocês vão conhecer um grande homem, o homem que criou a Ilha Fênix, o Comandante Stark.

Todos fizeram *urra* novamente.

Octavia oscilou com a fadiga. Respirou profundamente e forçou os olhos a permanecerem abertos.

Acorda, disse a si mesma. *Tem que ficar atenta... pelo Carl.*

— Vamos passar o dia de hoje em preparação — declarou Oteka. — A base de treino número 1 vai ficar completamente limpa e organizada. Cuspir e polir, órfãos, cuspir e polir. Tudo perfeito: os alojamentos, as prateleiras de sapatos, os equipamentos e vocês mesmos. Tudo deve brilhar. Mas, primeiro, devemos cuidar de um tipo diferente de limpeza. Como sabem, logo eu vou deixar a Ilha Fênix para fazer meu próximo trabalho. Foi um prazer supervisionar seu treinamento inicial, e é com a confiança total que passo vocês ao sargento instrutor Parker, que vai supervisionar a Fase Azul e preparar os felizardos que, um dia, vão treinar em tempo integral sob as ordens do Comandante Stark.

Oteka fez um movimento de cabeça para Parker e deu passagem a ele, flanqueando a formação.

— Obrigado, primeiro-sargento — disse Parker, seguindo em frente e gritando como um palestrante motivacional que entra no auditório de uma escola. Uma tipoia amparava um de seus braços, e manchas pretas cobriam-lhe o rosto. — Urra, órfãos! Hoje é seu dia de sorte. Sim, vocês finalmente verão como de fato as coisas funcionam por aqui.

Um longo facão pendia numa bainha ao lado do seu corpo. Pelo que todo mundo andava sussurrando, ele pretendia usá-lo para matar Carl.

Do facão, os olhos de Octavia foram para o pescoço grosso de Parker, agora ainda mais grosso, de um jeito cômico, por causa da faixa de espuma que estivera usando desde a luta.

Imaginou sua faca improvisada passando por aquela espuma, atravessando a densa musculatura e afundando nas veias. Cortando-as. Imaginou a faca sendo arrancada e depois mergulhando de novo. Imaginou um borrifo indistinto de sangue e uma luta que terminaria mal para ela. Quantos buracos seria capaz de abrir nele antes que a derrubassem? Teria ao menos força para fazê-lo? A fadiga e a ansiedade brincavam de pega-pega em seu estômago vazio, fazendo-a sentir que poderia vomitar outra vez.

Sua mão agarrou a faca.

— Tragam-no — ordenou Parker ao grupo de três de soldados musculosos ao lado da cabine do suor. — Cuidado. É bravinho feito um chihuahua.

Sentiu os músculos tensos. Parker estava logo à frente dela, de costas. *Ainda não*, disse a si mesma, ficando nas fileiras, mantendo a arma escondida. Precisava ter certeza de que Parker faria mesmo aquilo. Precisava ter certeza de que não era outro blefe.

Mas então, vendo Carl pela primeira vez, esqueceu Parker completamente.

Ah, Carl...

Seu coração se partiu à vista do corpo frouxo do garoto quando os soldados o levantaram da cabine do suor. A cabeça pendia e balançava, semiconsciente, e o rosto, sempre tão bonito e intenso, era um balão purpúreo de inchaço e hematomas.

Carl, Carl, Carl...

Ela fechou os olhos, apertando-os, resistindo às lágrimas, e respirou pelo nariz. *Fica fria*, disse a

si mesma. *Precisa ficar fria e aguentar.*

Ouviu pancadas e riso. Abriu os olhos só para desejar não tê-lo feito. Haviam jogado Carl no chão. Parker ria enquanto os outros o chutavam, com força, de novo e de novo. A náusea encheu o corpo trêmulo de Octavia. Por que Carl não gritava? Estaria inconsciente? De que outra forma poderia não gritar?

Não... não estava inconsciente. Quando se curvaram para levantá-lo, ele socou um soldado com tanta força que o cretino musculoso caiu sentado. Então, começaram a chutar Carl novamente.

Odiou o entusiasmo dos outros garotos, a excitação que brilhava em seus olhos. Muitos sorriam. Viu-os cutucar uns aos outros, viu-os esticar o pescoço para ter uma visão mais clara. Deixavam-na enojada.

— Deixem um pouco pra mim — disse Parker. — Jenson, levante. Eu avisei que ele era bravinho.

Faça de uma vez, disse a si mesma. Faça agora, enquanto ele está distraído. Saia calmamente das fileiras. Fique tranquila e aja naturalmente e depois percorra o resto do caminho correndo e enterre a faca no pescoço dele de novo e de novo e de novo, até que tudo esteja acabado — para vocês dois.

Respirou profundamente e alisou a calça com as mãos, secando as palmas. Precisaria de firmeza.

Arrastaram Carl através do pátio. Ver o rosto maltratado dele partiu o coração dela mais uma vez. Estava caído entre os soldados, a cabeça balançando como se lutasse contra a inconsciência. Largaram-no no asfalto aos pés de Parker.

O sargento sorriu. Sua mão tocou o cabo do facão, mas ele não o desembainhou.

A mão de Octavia tocou sua própria arma.

— Ora, ora, ora — disse Parker —, o que temos aqui? — Voltou-se ao pelotão, sorrindo tanto que as crostas de ferida em seus lábios se romperam, vertendo sangue, que escorreu entre os dentes. — Nosso velho amigo Hollywood, o indivíduo. — Para Carl, disse: — Eu lhe avisei do que aconteceria, não avisei? Fui muito claro. E, quem diria... foi exatamente o que aconteceu. Como um milagre, Hollywood... nosso próprio milagrezinho.

Carl se mexeu e se empurrou para cima, apoiando-se no chão com braços trêmulos.

Parker deu um passo para trás. Os outros soldados o rodearam, prontos para recomeçar a dar pontapés. Mas Carl simplesmente fez um esforço para apoiar-se nos quatro membros e depois jogou o tronco para trás, ficando de joelhos diante de Parker, que riu.

— É isso. Exatamente como eu disse. É uma pena você ter passado todo esse tempo na cabine. Provavelmente nem tem voz para implorar.

Carl levantou a cabeça, e os olhos inchados fitaram o sargento.

— *Deixe ele em paz!*

Todo mundo virou a cabeça. Ross rompeu as fileiras, o rosto contundido retorcido de indignação.

— *Deixe ele em paz, seu animal!*

— Ross, *de novo*? Qual é o seu problema, lesão cerebral? — Parker estalou os dedos. Decker e seus amigos se jogaram sobre Ross e o arrastaram na direção dos quartéis. Parker riu levemente. — A gente cuida dele depois. Mas agora os holofotes estão neste indivíduo. Você sabe que o momento é este, Hollywood. Sabe o que precisa fazer. Você se lembra. — Colocou uma de suas botas sujas de lama diante de Carl. — Não precisa dizer uma palavra. Só abaixe aí e beije as minhas botas. Lamba até ficarem limpas na frente do seu público e eu o deixo voltar às fileiras.

Faça de uma vez, Carl, pensou Octavia. *Só desta vez.*

Carl balançou a cabeça, negando.

— Última chance, Hollywood! Beije as minhas botas ou vou cortar sua cabeça idiota!

Carl jogou o tronco para trás e mostrou ambos os dedos médios.

Parker rugiu xingamentos.

Lágrimas queimaram os olhos de Octavia. *Ah, Carl... você acabou de matar a nós dois.*

Era isso. Agarrando a arma, ela rezou: *Por favor, Deus, me dê força.* Rompeu as fileiras, dirigindo-se a Parker.

O sargento desembainhou o facão.

Octavia puxou a faca improvisada do bolso, mantendo-a baixa e escondida do lado do corpo.

— Agora — recomeçou Parker, levantando o facão acima da cabeça. — Agora, seu miserável, filho da...

— Pare!

Tudo se congelou. A ordem foi tão alta e profunda, tão cheia de poder, que até o vento pareceu cessar.

Parker olhou na direção de onde a ordem viera e baixou o facão ao lado do corpo.

Octavia repôs sua própria arma no bolso. Uma mão se fechou em seu ombro e a voz de Oteka sussurrou:

— Volte para as fileiras, Gregoric. — Então, para todos, gritou: — Sentido!

Octavia voltou ao lugar e assumiu sua posição. De detrás das fileiras saiu um homem que parecia ter vindo diretamente das páginas de uma história em quadrinhos. Muito provavelmente, ele chegava aos 2 metros de altura, tinha os ombros largos, cintura estreita e músculos salientes, movia-se devagar, personificando toda a graça fluida e o poder de uma pantera. Vestia-se totalmente de preto — botas militares pretas, calça cargo preta, camiseta preta sem mangas e boina preta —, e seus olhos escuros brilhavam com uma intensidade intimidadora no rosto de beleza rude, muito bronzeado.

— Sargento instrutor Parker — disse o gigante de boina preta.

— Sim, Comandante Stark! — respondeu ele, assumindo uma rígida postura de atenção.

Comandante Stark, pensou Octavia. O hóspede especial de Oteka havia chegado cedo.

— Guarde sua arma, sargento instrutor — mandou Stark.

O alívio inundou Octavia.

Mas Parker não embainhou o facão.

— Comandante, ele me atacou...

Stark deu um passo à frente e soltou a voz:

— Está questionando minha autoridade?

Parker deu um passo atrás.

— Não, comandante. Eu só...

— Dei uma ordem.

Os músculos de Parker se contraíram. Os nós dos dedos estavam brancos ao redor do cabo do facão, tamanha a força com que o segurava.

— Sim, comandante.

— A menos, é claro, que queira desafiar o Senhor Freeman para um duelo oficial.

O rosto de Parker sofreu uma transformação assombrosa, indo, numa fração de segundo, de uma máscara de frustração a uma de excitação sorridente.

— Sim, comandante!

Não, pensou Octavia, *um duelo, não...* Carl não conseguia nem ficar de pé. Como poderia lutar?

— É claro... — disse Stark, um sorriso astuto formando-se em seu rosto agora — ... que eu daria ao seu oponente tempo para se recuperar. — Com este comentário, a garota viu um sinal de compreensão entre os dois homens. O sorriso do sargento caiu por terra, e ela teve de lutar para impedir que surgisse no seu próprio rosto. — E, seguindo as regras dos duelos, se o Senhor Freeman escolher aceitar o seu desafio, como suponho que fará, os termos do duelo seriam definidos por ele. Poderia, por exemplo, escolher o combate desarmado.

Ele fez uma pausa, o sorriso ficando cada vez maior. Parker nada disse.

— Bem, sargento instrutor. Propõe um desafio oficial?

Parker disse algo que Octavia não pôde ouvir. O sorriso de Stark desapareceu.

— Fale mais alto, Parker. Quero que todos ouçam a sua resposta. Você desafia ou não Carl Freeman para um duelo a se iniciar após a recuperação total do rapaz e com as regras definidas por ele?

— Não, comandante — respondeu Parker.

— Entendo. Mais uma das muitas mortes de César.

Meia dúzia de soldados apareceu atrás do Comandante Stark, quatro homens e duas mulheres, todos parecendo ter cerca de 20 anos, em inacreditável boa forma e intensamente perigosos. Cada um se vestia como o comandante, com uma exceção: em vez da regata preta e lisa, usavam camisetas pretas estampadas com a fênix vermelha.

— Ajudem esse soldado a levantar — disse Stark. — Demonstrem o respeito que ele merece.

Os soldados que haviam chutado Carl se afastaram, e os novos soldados o ergueram. O garoto conseguiu compor um sorriso exausto, e o coração de Octavia se iluminou. Talvez tudo ficasse bem, afinal. Talvez aquele fosse o fim de algo. Um novo começo. Ela sentiu como se as pernas fossem de borracha quando a adrenalina se desvaneceu.

Stark tirou um cantil do cinto.

— Todos vocês devem se lembrar deste dia para sempre. Lembrem-se da maneira como este soldado enfrentou a própria morte. Aceitação resoluta, órfãos... aceitação resoluta do próprio fim. — Levantou o cantil e gesticulou com a outra mão em direção a Carl. — Contemplem Carl Freeman! Um verdadeiro guerreiro! Chamo-o de irmão e peço que beba da minha própria água. — Estendeu o cantil na direção de Carl.

O garoto se desvencilhou das mãos que o seguravam, cambaleou, aceitou o cantil e bebeu avidamente.

— Urra! — berrou Stark.

A resposta trovejante do pelotão intrigou Octavia — apenas alguns minutos antes, eles queriam o sangue de Carl —, mas ela não se importou. Queria muito juntar-se àquela alegria, mas não conseguiu. As lágrimas a dominaram. Estava acabado. O pesadelo estava finalmente acabado...



CAPITULO 17



Carl abriu os olhos para ver as lâminas de um ventilador girando acima dele. Estava numa cama confortável, com grades baixas de metal em cada lado. Junto do leito havia um suporte metálico do qual pendia uma bolsa de líquido transparente. O líquido gotejava devagar num tubo fino que serpenteava do fundo da bolsa até um cateter intravenoso inserido em seu braço.

Um quarto de hospital.

Sentindo o cheiro da decadência pantanosa, ele se retesou.

A Oficina...

Pensou no garoto que vira quando viera no caminhão, no garoto levantando a mão, na boca aberta, e lembrou-se do diário de Eric: *Nós os vimos parados perto da cerca, caras que conhecíamos, caras que foram à Oficina e nunca mais voltaram. Eles só olhavam para a gente, gemendo como zumbis...*

Carl tremeu.

Mas sentia-se bem. Melhor do que bem. Sentia-se ótimo. Não parecia possível.

Lembrou-se de Parker levantando o fâção no ar, a luz do sol brilhando na lâmina, e depois a voz, profunda e familiar, mandando o sargento parar...

A voz pertencia a seu visitante sombrio, o Capitão Meia-Noite. *Comandante Stark.*

Ele havia detido Parker e salvado a vida de Carl.

Depois da provação horripilante na cabine do suor, a sobrevivência não parecia nada menos que um milagre. Fez uma prece de agradecimento e estudou o quarto ao seu redor. Era pequeno e organizado, com paredes de um azul pálido como o ovo de um tordo e uma janela única, pela qual Carl pôde ver a brilhante luz do dia. Apesar das barras na janela...

Chega, pensou Carl. *Estou caindo fora*. Já tivera sua cota de aprisionamento. Precisava sair dali e encontrar uma rota de fuga daquela ilha horrível.

Tentou sentar-se, mas largas tiras de lona o atavam à cama. Faixas prendiam seu peito, braços, quadris, pernas e tornozelos. Lutou contra elas, mas foi inútil. Não havia fuga possível.

Uma porta se abriu.

— Já acordou?

Carl virou a cabeça e encontrou o homem barbudo que vira do caminhão no primeiro dia, o médico, o homem com olhos de fogo. Sem a luz refletida nos óculos, as lentes grossas faziam os olhos do doutor parecerem grandes, redondos e ávidos. Um sorriso dividia a barba, os dentes muito brancos sob o pelo do bigode preto e lustroso.

— Era pra você dormir mais 30 minutos... tão cedo. — O sotaque era forte. Talvez mexicano; talvez sul-americano. Carl não soube precisar.

O homem atravessou o quarto e se inclinou para o garoto, que se apertou contra o travesseiro enquanto o doutor erguia o dedo indicador na frente do rosto dele.

— Quantos dedos vê?

— Um.

— Agora?

— Três.

— É bom. *Tres. Sí*. É menino forte. Muitos meninos vêm aqui, nunca vejo um tão forte como este. Como você. O que acho que gosto mais... — O médico estendeu o indicador novamente e o baixou em direção ao rosto de Carl.

— Ei — disse o garoto. — O que está fazendo? — Tentou fazer com que a voz soasse forte, mas saiu áspera, como a voz de um velho. — Não encoste em mim.

O maluco ia cutucá-lo no olho.

Carl fechou os olhos assim que a ponta do dedo se apertou suavemente no canto interior de um deles. Pôde ouvir o doutor respirando pelo nariz, pôde sentir cheiro de alho no hálito do homem. Então, ele disse:

— O que acho que gosto mais é de ver como você faz com o *chip*.

— Sai fora — disse Carl, virando a cabeça de um lado para o outro. Era como estar numa armadilha. Quanto mais lutava, mais as faixas pareciam apertá-lo, esmagando-o em seu próprio medo.

O doutor riu e retirou o dedo.

— Tanto fogo este menino tem. Tanto, tanto. É tão machão. Será que é o tal?

— Me solte ou quebro o seu nariz.

O doutor riu abertamente.

— Gosto muito disso. Vocês, meninos americanos, às vezes acho que só vocês são assim. Está todo amarrado, mas ainda me diz essas coisas.

Carl lançou a ele o mais duro dos olhares.

— Eu quebro. Juro. Se não me deixar levantar, vou quebrar seu nariz. Não sei quando, mas vou.

O doutor alisou a barba.

— Um garoto do meu país, amarrado como você, fica gentil como um bebezinho. Ele olha ao redor e diz pra si mesmo: “isto é ruim, mas o médico tem razão”. — O homem deu um tapinha na própria cabeça. — Ele acredita que a coisa ruim pode acontecer com ele.

— Se não me deixar sair, sabe o que vai acontecer com *você*.

O sorriso do doutor murchou, e Carl não gostou da maneira como o rosto barbudo se modificou. O homem parecia zangado, pensativo e entretido, tudo de uma vez, como se Carl fosse uma mosca e ele estivesse pensando em arrancar suas asas. O médico comentou:

— Quem sabe talvez você seja o tal. Quem sabe talvez não seja. Veremos. Mas ele me faz esperar. — Atravessou o quarto com as mãos dobradas atrás das costas. Parou sob a janela, o rosto virado para cima, e mais uma vez as lentes brilharam, dessa vez parecendo não tanto com círculos de fogo, mas com os faróis de um carro que se aproxima. — Sinto dor em esperar. Vejo um menino como você, bons músculos, boa reação aos medicamentos, e me pergunto: será ele o garoto? E quero saber. Mas ele me faz esperar. — Suspirou.

— Me deixe levantar, e a gente resolve isso agora mesmo.

Os faróis miraram diretamente os olhos do médico.

— Ah, não... Não tenho nenhum problema em esperar. O que tenho a fazer além de esperar? Não tem ópera, nem café, nenhum *jai alai*^[4]. Até tiraram os galgos de mim. Então, espero. Mas penso, quem sabe, talvez quando ele disser que é a hora, trago os meus instrumentos e faço você cantar primeiro. Sinto falta da música.

Carl tentava pensar em algo para dizer quando a porta se escancarou de novo e uma voz estrondosa que ele reconheceu perguntou:

— Acordado, já? Carl Freeman, você me impressiona.

— Comandante Stark — disse o doutor, curvando-se ligeiramente.

Carl foi tomado por uma sensação de alívio.

Stark se aproximou da cama, com um sorriso de orelha a orelha, com seus mais de 2 metros de altura fazendo Carl pensar num ginasta repleto de velocidade e poder, sem nenhum excesso de massa corporal, os movimentos fluidos. Ficou ali com as botas militares afastadas, as mãos nos quadris, os ombros largos diante de Carl. Acima de um pescoço nodoso de músculos, o queixo quadrado dava lugar a um sorriso caloroso, um nariz torto de lutador e olhos escuros, penetrantes, que brilhavam com inteligência e vigor. A boina preta assentava no topo do crânio raspado.

— Doutor Vispera, alguém alguma vez acordou tão cedo de um dos seus comas induzidos?

— Não, comandante. É o primeiro.

— Realmente — disse Stark. Sorriu. — Bem, Carl, vamos tirar essas correias. Pronto pra sair deste lugar?



CAPITULO 18



Andaram lado a lado pela rua, conversando com facilidade, Stark recusando formalidades e tratando Carl como um velho amigo. Era surreal. O mais estranho de tudo era como a situação parecia natural: os dois no mesmo passo, tagarelando como pai e filho.

Qualquer que fosse a razão, Stark gostava dele. Carl preferia que continuasse assim. Se pudesse ficar perto do comandante, estaria protegido contra Parker até Campbell revelar tudo sobre a Ilha Fênix.

O garoto perguntou quanto tempo havia passado inconsciente.

— Duas semanas, menos meia hora mais ou menos. O Doutor Vispera induziu o coma para maximizar a cura, depois se ocupou em consertar você. Reidratou seu corpo, suturou os ferimentos e debelou a infecção.

— Duas semanas? Sério? — O medo o arrepiou: muita coisa poderia acontecer em duas semanas.
— Meus amigos estão bem?

— Amigos?

— Neil Ross e Octavia Gregoric — disse Carl. — Eles estão bem?

Stark deu-lhe um tapinha nas costas.

— Não se preocupe, Carl. Depois de tudo que você passou, é compreensível que espere o pior, mas confie em mim: todos estão bem.

— Tem certeza?

Stark riu.

— Positivo.

Carl relaxou... um pouco. Teve medo de perguntar o que realmente queria saber. O comandante

pareceu perceber isso.

— Você deve ter um milhão de perguntas. Vá em frente. Pergunte o que quiser.

— Vocês, hã... — começou ele, decidindo arriscar, mas sentindo o rosto quente de nervosismo.

— Adolescentes... são executados aqui?

Stark fitou-o por um longo segundo; a seguir, caiu na gargalhada. Não foi um risinho casual. Foi uma explosão de risada profunda e total, que fez o homem parar no meio do caminho e se dobrar em dois, o som do riso tão cheio e catártico que, na hora em que se endireitou novamente, enxugando lágrimas dos olhos, Carl percebeu que ele próprio também estava rindo.

— Me desculpe por rir assim — pediu Stark, mais uma vez pondo a mão no ombro de Carl. — Realmente, eu não deveria. Campos de treinamento produzem especulação e os rumores mais loucos. Se eu tivesse passado por tudo o que você passou, também acreditaria em algo assim. Aqui está a simples verdade: as coisas saíram do controle. *O sargento instrutor Parker* saiu do controle. Nada disso foi culpa sua. Você está a salvo agora, e já falei com Parker. Também vou verificar como estão seus amigos. Quais são mesmo os nomes, Ross e Pandora?

— Ross e Octavia — respondeu Carl, sentindo-se enormemente aliviado. — Obrigado.

— Sem problemas — devolveu Stark. — Lamento que você tenha passado por tudo isso, mas agora eu gostaria que superasse os problemas e pensasse no lado positivo. Sua cura, por exemplo. Surpreendente, não é?

— Ainda não faz sentido — admitiu o garoto, balançando a cabeça. — Eu me sinto melhor do que nunca. Meus cortes estão quase curados. Meus ossos parecem até novos. A dor sumiu.

— Seja bem-vindo à era pós-humana. O Doutor Vispera usou nanotubos de óxido de titânio, células-tronco e estimulação elétrica para reparar seus ossos. Você vem recebendo o hormônio do crescimento humano desde sua chegada à ilha, além de doses diárias das melhores vitaminas e ervas, proteína e creatina. Tudo isso está trabalhando a seu favor. Mas é claro que vai precisar de um tempo para se acostumar ao seu novo corpo.

Novo corpo?, pensou Carl. Estendeu as mãos e olhou para elas. Estavam curadas — o que já parecia bem milagroso —, mas novas? Pareciam as mesmas velhas mãos, com as juntas dos dedos cobertas de cicatrizes e tudo mais...

Stark riu discretamente.

— E mais: o Doutor Vispera lhe deu certos complementos durante o coma. Implantou vários microchips nos seus órgãos e glândulas e injetou centenas de outros no seu ventrículo, e agora eles já se espalharam pelo corpo, ligando-se aos músculos lisos ao longo do seu sistema circulatório.

De repente, Carl sentiu como se estivesse coberto de carrapatos.

— Pra quê?

— Por enquanto, estão mapeando você, elétrica e quimicamente. Não faça essa cara de assustado, Carl, e não preocupe. Neste exato momento, chips em vários pontos estão monitorando seus órgãos e registrando seus movimentos, as contrações musculares, o transporte do oxigênio, a reação dos

nervos. Estão aprendendo seus processos. Depois, vão ajudar a melhorar esses processos.

Imaginando as coisas entocadas dentro dele, Carl sentiu o impulso louco de começar a se coçar.

Stark disse:

— São como instrumentos musicais. O chip principal vai ser o maestro.

Vispera havia falado sobre música. A lembrança causou arrepios na pele de Carl.

— Não quero mais nenhum chip.

O comandante deu-lhe um tapinha no ombro.

— Bem, isso vai depender inteiramente de você quando a hora chegar. Neste momento, certos riscos permanecem. Estamos seguindo rumo a uma versão aprimorada, e o Doutor Vispera ainda precisa otimizar a implantação. Muito em breve, porém, o procedimento vai ser 100% seguro e você vai poder fazer sua escolha. Eu, particularmente, mal posso esperar pela oportunidade. O chip vai mudar nossas vidas para sempre.

— Você vai receber um?

— Não perderia essa chance por nada no mundo. Eu mesmo também recebi o tratamento sanguíneo que ele deu a você enquanto estava em coma.

— Tratamento sanguíneo? — O assunto só piorava.

— Você perdeu muito sangue. O Doutor Vispera o substituiu com sangue especial, um sangue ao qual acrescentou um vírus sanguíneo.

— Peraí... ele pôs um *vírus* no meu *sangue*?!

Stark sorriu.

— Relaxe, Carl. Não é um vírus de verdade. Só atua como um. Quando um verdadeiro vírus invade nosso sistema, permanece escondido por um tempo e depois começa a fazer cópias de si mesmo. Ele se reproduz dentro de nós. Assim como as Forças Especiais, penetra as áreas remotas do hospedeiro com um contingente relativamente pequeno e depois ergue um exército atrás das linhas inimigas.

Carl imaginou minúsculos triângulos prateados percorrendo seu sangue, dividindo-se em triângulos ainda menores, e estes crescendo até o tamanho dos anteriores, multiplicando-se também e preenchendo as veias. Um tremor da repugnância correu por seu corpo.

Stark riu e, mais uma vez, deu-lhe um tapinha no ombro.

— São ótimas notícias, Carl. O vírus está fortalecendo seus glóbulos brancos e tornando os glóbulos vermelhos capazes de transportar mais oxigênio. Isso vai deixar você mais forte, ajudando a construir os músculos, e vai aumentar muito sua resistência.

— Como *doping* sanguíneo? — Lembrou-se de um grande pugilista amador na Filadélfia que perdera uma medalha por isso.

— Não. Isso é muito mais eficaz... e permanente. Pelo resto da vida, você vai se curar mais

rápido e ser mais resistente a tudo, das infecções à malária. Olhe: um porco. — Stark apontou para a floresta, e Carl viu uma silhueta escura desaparecer na densa vegetação. — Animais perigosos, esses porcos selvagens. Vê aquele pico? — O homem gesticulou em direção à mais alta das saliências rochosas que se erguiam no centro da ilha. — A floresta na encosta oposta é cheia desses porcos. Evite o lugar. Se for parar lá no meio deles, vai ter sorte se conseguir manter seu novo sangue especial.

Carl assentiu. Nada daquilo parecia real.

— O Doutor Vispera não é nenhum novato no que se refere a sangue — acrescentou o comandante. — Antes que problemas políticos o trouxessem à Ilha Fênix, ele foi o “inquisidor” de um ditador sul-americano especialmente brutal. Dê a ele uma agulha e meia hora, e o homem consegue revelar os segredos mais profundos de qualquer prisioneiro.

— Ele foi um torturador?

Stark assentiu.

— Já ouviu aquele ditado “os olhos são a janela da alma”? O Doutor Vispera tem um ditado próprio. “Os nervos são as chaves da verdade”. Sujeito inteligente. As “chaves” dele têm duplo sentido: destrancam a verdade, mas também se referem às chaves que afinam um piano.

Um calafrio percorreu Carl, que se lembrou do médico dizendo que o faria cantar, pois sentia falta da música.

— Ele se considera um músico da dor. Um maestro. A dor é o piano dele, e os nervos da vítima são as teclas.

Ótimo, pensou Carl. E eu ameacei quebrar o nariz dele.

Stark continuou:

— Apesar dessa monstruosidade, ele não é tão diferente de você.

— Não é tão diferente de mim? O cara é doido.

— Vocês dois são indivíduos de imenso talento... mas nasceram no lugar errado, no momento errado.

— Não entendi.

Passaram debaixo de folhagens mais densas, as árvores à beira da estrada arqueando-se acima deles, tocando-se de forma imperfeita, salpicando o caminho com luzes e sombras. Stark disse em tom distraído:

— Se o Doutor Vispera tivesse nascido em Londres ou Detroit, sem dúvida teria chegado às fileiras dos mais respeitados médicos e cientistas e se estabelecido de forma mais *convencional*. Infelizmente para ele, e mais ainda para a sinfonia de vítimas, nasceu num lugar que valorizava o poder acima da ciência. Às vezes, a única diferença entre um vencedor do Prêmio Nobel e um criminoso da guerra é a geografia. Entende?

— Não muito — respondeu Carl.

— Considere seus próprios talentos: habilidade para lutar, resistência física, coragem na batalha. Você tem o dom de permanecer firme durante momentos de extrema pressão emocional, momentos que deixariam a maior parte dos garotos e homens em frangalhos. Como o Doutor Vispera, sofre de importabilidade de ativos. É um paradoxo. Na sociedade de hoje, na qual a criança americana é recompensada por ficar imóvel em sua cadeira na escola dia após dia, seus talentos naturais se tornaram desvantagens. Por ser um jovem de ação que acredita na sua visão do mundo, por lutar quando considera necessário, você acabou vindo parar aqui.

O garoto concordou, balançando a cabeça.

— Sempre me meto em encrenca quando executo algo em que sou bom.

— Sim, por causa da hora e do lugar do seu nascimento. Quando enfrenta valentões, a sociedade americana considera você um animal. Continuam pondo-o em jaulas e finalmente enviam-no para cá. Para mim.

— É tão idiota — acrescentou Carl. — Na escola, eles têm esses programas antibullying, mas nunca fazem nada. Nada de verdade. Daí, você faz alguma coisa, e punem você por isso.

— A hipocrisia institucionalizada só funciona em sistemas corruptos e distorcidos. Se você nascesse numa caverna durante os tempos pré-históricos, Carl, seria um líder respeitado. Forte o bastante para proteger seu povo, inteligente o bastante para tomar as decisões certas, coerente o bastante para fazer com que confiassem em você. Nasceu simplesmente no lugar errado e na hora errada. Até mesmo um ajuste leve, digamos 100 anos e 100 quilômetros, e você teria sido um agricultor ou construtor muito próspero.

Carl pensou enquanto dava alguns passos.

— Mas, se eu tivesse nascido em algum outro lugar ou época diferente ou algo assim, não seria eu, né? Quero dizer, seria outra pessoa, com habilidades diferentes.

— Possivelmente. A boa notícia é que está aqui agora. — Stark abriu os braços. — Este é um mundo fora do tempo, um mundo que reconhece seus talentos. E aqui você terá orientação. Eu lhe darei habilidades que autorizarão você a criar seu próprio destino.

No começo, Carl havia imaginado que a Ilha Fênix fosse só outro campo de treinamento de adolescentes, com um monte de ex-soldados entusiasmados além da conta forçando garotos a brincar de exército numa mistura verde-oliva de punição e reabilitação. Agora, depois de tudo o que lera no diário e de toda a brutalidade que experimentara, não tinha certeza de nada. No entanto, depois da pergunta estúpida sobre as execuções, não estava a fim de perguntar a Stark sobre mercenários nem sobre o misterioso Ancião. Em vez disso, manteve o palavreado simples:

— Coisas de exército?

— Em parte, sim, mas vou ensinar você a ser muito mais que um simples recruta, e, no fim, será escolha sua tornar-se soldado ou não.

Soldado? Era um trabalho que ele havia considerado quando criança, um que sempre lhe parecera verdadeiro, e conhecia muitos agentes da lei — seu próprio pai, inclusive — que entraram nas forças militares antes de se juntar à força policial.

Mas agora, depois de tudo o que havia experimentado ali? Provavelmente não...

O comandante gesticulou em direção a uma estrada secundária.

— Vire aqui.

Deixaram a estrada principal e subiram o morro. Stark disse:

— Muitos lugares no mundo ainda valorizam homens como nós. Podemos ficar ricos nesses lugares. Eu fiquei. Mas o que é o dinheiro? Nos Estados Unidos, é tudo. Dinheiro é status, poder. Naquele mundo, os reis das cavernas dirigem Jaguares com adesivos de Harvard no vidro traseiro. Absurdo. — Cuspiu no mato à beira da estrada. — Eu não duraria nem uma semana num subúrbio americano. A primeira pessoa que tentasse me envolver nessa conversinha fiada de merda levaria um dedo em cada olho.

Carl riu.

— As pessoas falam besteira mesmo. Eu via uns garotos pararem pra ficar conversando sobre nada. Alguém vai estrear num programa de TV ou como cantor ou coisa assim, e eles simplesmente ficam ali e concordam que gostam das mesmas coisas e depois falam delas por *horas*. É esquisito, mas parece que isso os faz mesmo felizes, verdadeiramente. Como você poderia ter sucesso num mundo assim? Estão dormindo, e todos, os professores e pais e futuros chefes deles, querem que continuem dormindo. Um rapaz como você poderia despertá-los.

Fazia sentido. A escola e quase todo o resto — exceto praticar boxe e estar com os amigos — muitas vezes pareciam coisas inteiramente sem sentido para Carl. Sempre havia pensado que o problema era com ele, não o contrário.

Stark continuou:

— Aqui, seus talentos farão de você um grande homem. Assim como os do Doutor Vispera fizeram *dele* um grande homem.

Isso fez Carl hesitar por um momento.

— Um grande homem? É um torturador.

— O mundo fora da América é cheio de pessoas que comeriam nossos fígados crus pelo simples prazer de encher a barriga. Se eu capturasse um desses assassinos e ele tivesse uma informação que pudesse significar a vida ou a morte dos meus homens, usaria qualquer meio necessário para extrair essa informação dele. O conforto de um homem ruim não vale as vidas de dez homens bons.

— Acho que até faz sentido quando você fala desse jeito.

Os dois continuaram caminhando e, subindo para além da floresta escura, o caminho se abriu num planalto, onde, no centro de uma clareira verde, havia um hangar camuflado e imenso, do comprimento de um campo de futebol e provavelmente com três ou quatro andares. Parecia o tipo de coisa que as forças armadas usariam para aviação, mas Carl não viu nenhuma pista de aterrissagem ou aviões.

Atrás do caminho, erguia-se o alto pico de montanha, a rocha áspera e cinza elevando-se como uma estátua enorme e inacabada, um busto meio esculpido, humanoide, mas não necessariamente

humano, um ensaio de Deus sobre homem ou monstro...

Stark estendeu os braços, um gesto épico para um homem daquele tamanho, e disse:

— Bem-vindo à minha casa.

Os bifes estavam malpassados, servidos com salada fresca e fatias de tomate vermelho-vivo por cima; havia também purê de batata em pratos brancos e pesados ao lado de longos copos de água gelada, cobertos de gotículas de condensação. Carl cortou outro pedaço de carne e o levou à boca com o garfo. Nada jamais tivera um gosto tão bom.

Stark olhou para ele como um pai divertido.

— Vá devagar, Carl. Mastigue a comida. Saboreie. Aqui não é o refeitório.

Carl sorriu sem mostrar os dentes, o pedaço do bife fazendo volume em sua bochecha. Com esforço consciente, reduziu a velocidade da mastigação. Estava tudo tão bom, e ele estava tão faminto, que teve vontade de inclinar o prato na boca e engolir tudo de uma vez só.

O comandante gesticulou com sua faca de cortar carne.

— Você acha estranho que eu coma minhas refeições aqui, nesta... garagem?

Carl sacudiu a cabeça. Estavam sentados em cadeiras metálicas dobráveis diante de uma mesa de plástico, no centro do grande espaço aberto separado do resto do hangar por uma cortina longa. Uma velha geladeira branca zumbia encostada à parede entre um forno e uma pia. Vigas de madeira e placas de gesso dividiam alguns pequenos recintos de ambos os lados do hangar. Tudo era limpo e simples.

— Já que é educado o bastante para mentir, serei educado o bastante para fingir que acredito em você.

Carl riu.

— Não, falei sério. É um lugar legal.

Stark ficou quieto por um momento, parecendo pensar. Depois, disse:

— Levo uma vida muito simples, Carl, que você poderia chamar de uma existência espartana. Conhece os espartanos?

O garoto respondeu que havia visto o filme *300*.

— Ah, sim, os corajosos trezentos nas Termópilas. Uma história eterna e uma parte importante da história humana. Há muito tempo é a favorita das forças especiais dos Estados Unidos: SEALs, Boinas, Rangers, Reconhecimento e Delta. É uma história com a qual todos podemos nos identificar: um pequeno grupo de guerreiros bem treinados, imensamente superados em número, esperando por reforços que nunca chegaram. — Um sorriso feroz surgiu em seu rosto. — Mas arrasando tudo enquanto esperavam.

Carl assentiu, enfiando outra garfada de purê na boca. O comandante prosseguiu:

— Aos espartanos, só a guerra importava. Todo o resto, dinheiro, joias, decoração de qualquer

espécie, não significava nada. O estilo de vida simples deles me serve bem. Não desejo coisas bonitas: carros chamativos, casas caras, televisões de tela grande. Nada disso. Se arranjar essas coisas, sabe o que acontece?

Carl sacudiu a cabeça.

— Nunca tive muita coisa.

O comandante baixou os talheres, soltou-os e juntou os dedos.

— Vou lhe dizer, então. Você adquire algumas coisas e depois quer mais. E mais. E mais. Para as pessoas comuns, possuir coisas bonitas fornece o único senso de poder que vão conhecer em toda a sua vida. A propriedade é venenosa, Carl. Nunca acumule coisas apenas para tê-las e nunca confunda posses com poder.

Carl concordou. Fazia sentido.

Stark perguntou:

— Conhece a mitologia grega?

Carl encolheu os ombros.

— Zeus?

O garoto engoliu um pedaço especialmente delicioso do bife.

— Era o rei dos deuses, né?

Isso valeu um sorriso.

— Correto. Ele vivia no topo do Monte Olimpo, de onde podia dominar o mundo dos seus adoradores, os seres humanos. Conhece a história de Prometeu?

Carl meneou a cabeça, negando.

— Quando o mundo era jovem — contou Stark —, a humanidade vivia em cavernas e levava uma vida simples, feliz, existindo só para adorar os deuses.

— Como Adão e Eva?

O comandante sorriu novamente.

— Sim, e a Grécia antiga era o Jardim do Éden desses adoradores, até que alguém, não a serpente, mas um titã chamado Prometeu, destruiu o paraíso... com um presente.

Carl pensou durante um segundo.

— Uma maçã?

Stark balançou a cabeça, negando.

— O fogo. Prometeu roubou o fogo dos deuses, levou-o Monte Olimpo abaixo e o compartilhou com a humanidade. No início, tiveram medo das chamas, mas, quando Prometeu mostrou às pessoas como podiam cozinhar carne, clarear a escuridão e se manter quentes e secas até nas noites mais frias e úmidas, o fogo pareceu uma grande bênção.

— Mas foi na verdade uma maldição?

— Foi ambas as coisas. — O comandante inclinou-se para trás na cadeira. — Antes disso, Zeus havia prestado pouca atenção aos seus adoradores primitivos. Para ele, aquelas vidas eram tão breves e previsíveis como a vida das moscas domésticas é para nós. Mas acordou numa manhã no Olimpo, olhou para baixo e viu um mundo modificado. A humanidade havia abandonado as cavernas e agora vivia em casas, vilas, cidades, algumas com castelos no centro. As mulheres usavam roupas finas e joias, tocavam harpas de belíssimo formato. Os homens brandiam espadas e lanças, usavam armaduras brilhantes e elmos. Alguns usavam até *coroas*.

— Zeus ficou furioso?

Stark assentiu.

— Ele ofereceu três punições. Uma para Prometeu, que não vamos discutir enquanto você come. Aqui, pegue um pouco mais. — Empurrou mais bife para o prato de Carl.

O garoto sorriu.

— Obrigado.

Tudo estava tão excelente. A comida era maravilhosa e em grande quantidade. Nenhuma pressa, ninguém olhando feio para ele enquanto comia. Era tão bom apenas descansar e falar, e não sobre como tudo era uma droga na Ilha Fênix ou sobre coisas ruins que poderiam acontecer. Stark era interessante. Do nada, Carl percebeu que gostaria de saber mais sobre aquele assunto, talvez até ler um livro sobre os mitos gregos.

— A segunda punição — continuou Stark — veio na forma de uma bela mulher e uma caixa dourada. Vamos deixar esta para depois também.

Carl encolheu os ombros, mastigando. O comandante prosseguiu:

— A punição final foi a clemência.

O garoto reduziu a velocidade da mastigação, inclinando a cabeça e estreitando um olho. Engoliu.

— Como a clemência pode ser uma punição?

— Zeus sabia que, se deixada por conta própria, a humanidade puniria a si mesma, e consequentemente se autodestruiria com o presente nocivo. O fogo havia dado a eles não somente luz e calor, mas também ambição, imaginação e invenção. Veja, o fogo gerou a tecnologia, que permanece sendo tanto uma bênção como uma maldição, e com a qual ainda brincamos de deuses... e punimos a nós mesmos. Você entende?

Carl assentiu.

— Acho que sim.

— Lamento pelas crianças de hoje — disse Stark. — Mimadas como pequenas divindades, são fracas e infelizes, não têm nada a que se agarrar, nada a cultuar além de seus próprios desejos. Nada mais é honrado. Nada é sagrado. Num mundo onde nada importa, elas são superalimentadas e deixadas no pasto. É assim que estamos destinados a viver? Não, é como as ovelhas estão destinadas

a viver. E é como a maior parte das crianças é hoje, pequenas ovelhas gordas, contentes em seus campos de pastagem eletrônica. Passam a vida fitando telas de televisão e tagarelando em telefones celulares, absortas em video games e falando por horas a fio sobre nada na internet.

Era muita coisa para absorver. O que Stark estava dizendo parecia bastante verdadeiro, e, antes que Carl realmente pudesse pensar nisso, o comandante falou de novo.

— Mas — disse Stark, levantando um dedo — o que acontece quando uma criança não é uma ovelha? O que acontece quando ela se destaca do rebanho? Ela é punida. Se isso não funcionar, ela é medicada. Se isso não funcionar, ela é então aprisionada. E, se *isso* não funcionar, é enviada para mim.

— E se isso também não funcionar? — perguntou Carl.

— Sempre funciona.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. Stark colocou mais purê no prato de Carl. O garoto agradeceu e começou a fazer seu trabalho, imaginando o que, exatamente, Stark quisera dizer com *sempre funciona*. Com certeza, na Ilha Fênix não funcionava para alguns adolescentes. É claro que ele provavelmente só havia visto a pior parte, e muitos deles se adaptariam, mas e quanto a garotos como Pronto-Socorro? O que acontecia a alguém como ele?

— Estava pensando na Grécia antiga e nos espartanos quando projetei este lugar — contou Stark. — Com 7 anos de idade, os meninos espartanos deixavam a família e recebiam um treinamento militar que chamavam de *agogê*. O treinamento era intenso, até brutal. Os meninos aprendiam a lutar e roubar para sobreviver. Infâncias eram destruídas, mas os sobreviventes emergiam como homens respeitados e guerreiros temíveis.

Carl lembrou-se de *300*, a parte em que garotinhos lutavam, o personagem principal ajoelhado em cima de algum outro menino, espancando-o. Então, pensou em Pronto-Socorro novamente. Nunca, nem em mil anos, Pronto-Socorro seria o menino em cima do outro...

Stark disse:

— A Ilha Fênix é o *agogê* do século 21. Eu pego órfãos descartados pela sociedade e ofereço a eles uma vida significativa. O historiador grego Heródoto escreveu sobre os espartanos, inclusive os seus trezentos. Também escreveu sobre a fênix, uma ave semelhante a uma águia que tinha a capacidade de irromper em chamas, morrer e voltar à vida, renascendo das cinzas. Durante seu tempo na cabine do suor, você deve ter sentido que esteve a ponto de irromper em chamas, não? Mas olhe para você agora: renascido.

Carl assentiu, mas a menção de Stark à cabine do suor diminuiu seu apetite. Sim, essa experiência tinha sido como renascer, mas Ross e Octavia ainda estavam lá, sofrendo sob o controle de Parker. Se ao menos pudesse trazê-los para cá, com Stark, onde tudo era tão diferente, não estariam apenas seguros. Estariam felizes. Então, pensou em Campbell, que se dirigia para casa com a promessa de expor a situação na Ilha Fênix.

E se fizesse mesmo isso? E se as autoridades aparecessem perguntando por Carl?

Ao ver Stark terminar sua refeição, Carl vergou sob o peso da culpa. O comandante fora gentil.

Tinha acreditado nele. Instantaneamente, o garoto reviu na mente todos os adultos que o haviam desprezado, punido, interpretado mal. Depois, Stark. E este era muito mais impressionante do que os outros. Mais inteligente, mais forte, mais experiente. Seria verdade o que dissera durante a caminhada? As habilidades de Carl haviam causado todos os problemas que o trouxeram até ali? Seria Parker o único verdadeiro problema, um cachorro bravo no qual Stark agora havia colocado uma focinheira? Seria possível que a Ilha Fênix realmente fosse o melhor lugar para Carl, o único lugar que reconheceria suas habilidades e o ajudaria a aproveitá-las ao máximo? E, nesse caso, como Stark reagiria quando as autoridades aparecessem, fechando o lugar e culpando Carl por tudo?

Observando o comandante mastigar o último pedaço de bife, Carl sentiu-se o maior cretino do mundo. Nesse momento, o resgate parecia uma ideia horrível. Nunca seria capaz de encarar Stark novamente. Traição...

E, enquanto Carl tentava imaginar as consequências, Stark ergueu-se da mesa modesta e foi à pia, onde ficou parado, um homem gigante com músculos salientes nas costas, pescoço e braços, lavando o sangue do prato e da faca.



CAPITULO 19



Fazendo o garoto passar pela cortina para o hangar principal ao final daquela mesma tarde, Stark disse:

— Carl Freeman, conheça o dojo [\[5\]](#).

Carl sorriu. O dojo era enorme. Havia um ringue elevado de boxe no outro canto. Ao longo das paredes, viam-se sacos de pancadas de todos os tipos — pequenos, grandes, de fixação dupla — e toda espécie de equipamento de treino: cordas de salto, protetores para a cabeça e luvas penduradas em ganchos; montes de bolas para exercícios, escudos aparadores de chutes e socos; e pilhas do que pareciam ser espadas de madeira.

— Esta é a primeira vez que vejo você sorrir de verdade — afirmou Stark.

— O quê? Ah... — Carl deu alguns passos pelo recinto, registrando tudo o que via.

Stark disse:

— O ringue deve parecer um velho amigo.

— Com certeza — respondeu o garoto. Mesmo com tudo o que havia acontecido, era bom estar num ginásio novamente, e nada era mais nostálgico que o ringue elevado e suas cordas vermelhas, brancas e azuis.

— Vá em frente. Suba e dê uma olhada.

Carl agradeceu, cruzou o recinto e subiu os degraus curtos até o ringue. Deslizou por entre as cordas, entrando, e seu corpo inteiro se entusiasmou ao sentir que aquele espaço o rodeava — os tensores, as cordas esticadas, a forma sutil como o piso cedia sob seus pés — como se o ringue o envolvesse num abraço.

Sacudiu os braços, fez alguns agachamentos e depois começou a dar voltas. O estofamento do chão

era ideal, suave sob os pés, mas não suave demais, e as tábuas do piso o cumprimentaram com rangidos familiares quando deslizou sobre elas. Testou as cordas nos quatro lados. Estavam um pouco mais apertadas do que ele gostaria. Se você jogasse um cara contra cordas assim tão apertadas, um bom contra-atacante poderia usar o impulso extra e realmente quebrar sua cara se você não tomasse cuidado.

— Gosta? — Stark estava no chão junto do ringue, parecendo um lutador profissional pronto para passar pelas cordas.

— É perfeito — respondeu Carl, arrastando os pés em direção ao centro do ringue, onde adotou seu movimento de balanço tradicional, para a frente e para trás, para a frente e para trás, de um lado a outro. Mandou pelo ar uma combinação de seis socos leves e deu meia-volta. A partir do giro, bamboleou, agachou-se, lançou uma combinação mais forte e virou novamente.

Era maravilhoso. Não havia nenhuma dor. Stark estava certo sobre Vispera. Maluco ou não, o cara era um milagreiro.

Depois de um minuto de luta contra um oponente imaginário, pôde sentir os novos músculos cooperando e soube que, com um pouco de prática, recuperaria toda a sua velocidade e ganharia muito mais potência. Mandou uma sequência de *uppercuts* leves e rápidos, sacudiu os braços e foi até as cordas, perto de Stark.

— Obrigado. Quero dizer, é maravilhoso estar no ringue outra vez.

— O prazer é meu. Respeito a habilidade e tenho um interesse profundo no combate. Parece que você se recobrou muito bem dos danos que sofreu.

Carl sorriu. Era ótimo sentir-se tão bem de novo, mover-se no ringue, sem ninguém zombando dele nem o provocando. Perguntou-se quando teria de voltar ao quartel e encarar Parker. Então, repeliu esse pensamento. O sargento já havia feito o bastante para estragar a vida do garoto; não permitiria que arruinasse também aquele momento perfeito.

— Meus socos estão enferrujados e meus passos estão todos errados, mas acho que posso aguentar uns dez rounds.

— E talvez possa. Mas não vamos começar com *sparring*. Vamos nos alongar e fazer um treinamento de circuito, tirar essa ferrugem e testar seus novos músculos.

— O que... agora?

— O grande samurai Musashi disse que, se queremos aprender o caminho, devemos treinar pela manhã e à noite. E agora é noite.

Enquanto se alongavam, Stark perguntou a Carl sobre sua experiência com o boxe.

O garoto começou pelo fim — a vitória nos campeonatos nacionais — e depois foi retrocedendo, contando como tudo acontecera, indo de ginásio em ginásio na Filadélfia e lutando contra profissionais, homens feitos que o superavam em peso em 2, 4 e até 7 quilos. Stark perguntou se era verdade o que todos diziam sobre as disputas entre academias esportivas na Filadélfia, e Carl sorriu, respondendo que sim. Em Philly, como chamavam a cidade, os lutadores atacavam com mais força que em qualquer outro lugar. Havia até um velho ditado usado no mundo todo: “Claro, o moleque é

bom, mas quanto tempo ele duraria num ginásio de Philly?”.

— Seu pai o ensinou? — perguntou Stark.

— Não — respondeu Carl. — Eu me meti em encrenca, e o juiz me mandou aprender boxe.

O comandante riu.

— Juiz inteligente.

— É mesmo, né? — concordou o garoto. — Foi quando conheci meu treinador, Arthur James. Um cara incrível.

— Conte mais — pediu o comandante, fazendo um movimento longo e abrangente com o braço. — Sobre tudo isso. Tudo.

Então, Carl contou como havia amado o boxe desde o começo, contou sobre Arthur James e como o treinador mal olhava para ele e falava menos ainda, a não ser para indicar quando estava errando. Carl ia para o ginásio toda noite e trabalhava duro. Com três meses de treinamento, ganhou a chance de lutar.

Arthur o jogou no ringue com Cliff, um boxeador esperto que já participara de várias disputas amadoras, era alguns anos mais velho e o excedia em peso (tinha aproximadamente 9 quilos a mais que Carl). Enquanto Arthur amarrava os cordões das grandes luvas e apertava a tira do capacete de boxe desconfortavelmente sob a garganta de Carl, este repassava, em silêncio, as coisas que havia treinado, murmurando lembretes para si mesmo. Mãos erguidas. Queixo baixo. Dê um passo quando socar. Use movimentos laterais e preste atenção aos ângulos. Use o corpo. Comece com um *jab*; finalize com um *jab*. Socos aos montes. Depois, enquanto afastava as cordas para permitir a passagem de Carl entre elas, Arthur ofereceu um raro sorriso e disse:

— Bom, filho, aqui vai. Era isso que você estava querendo.

Cliff já estava no ringue. Sorriu, mostrando o protetor bucal, mas Carl sabia que o sorriso não significava que o rapaz pegaria leve com ele. No *sparring*, o treino de lutador contra lutador, você vai com tudo, só recuando se o treinador mandar. Carl respeitava isso. Não queria que ninguém tivesse pena dele e que não lutasse pra valer.

O sino tocou. Vinte segundos depois, Carl mergulhou com um cruzado de direita, lançou um gancho de esquerda e mandou Cliff para a lona. Carl foi para o canto neutro do ringue como vira outros lutadores fazerem. Cliff se levantou, ainda disposto, e Arthur disse:

— Muito bem, filho. — E mandou que continuassem.

Cliff esfregou as luvas na camiseta sem mangas e prosseguiu mais cautelosamente, colocando um espaço mais amplo entre eles e usando mais movimentos, mais *jabs*, mantendo as mãos erguidas e bem próximas do corpo sempre que Carl se aproximava.

O resto da sessão de *sparring* foi favorável a Cliff, mas Carl teve alguns bons momentos e fez o que Arthur dizia, mantendo-se atento e tranquilo e lançando montes de socos. No fim do terceiro round, estava com o lábio partido e sangrando, e um vazio agradável zunia, preenchendo-lhe a cabeça. Ao toque final do sino, Cliff cuspiu o protetor bucal, sorriu e deu um tapa nas costas de Carl

com a luva enorme e estofada.

— Urru, Carl! Você soca como um peso-médio!

Arthur mandou que parassem de tagarelar e passassem 20 minutos subindo e descendo uma escada; além disso, deveriam fazer seis séries de exercícios pulando corda. Permitiu a cada um deles um gole rápido do bebedouro (um raro prazer), e dirigiu-se a Carl com muita tranquilidade, e como sempre:

— Belo trabalho lá no ringue, filho. Você vai ser dos bons.

Carl o agradeceu, foi para os degraus e seguiu Cliff no exercício. Nunca havia se sentido melhor com nada que alguém lhe tivesse dito na vida inteira. Ouvir “belo trabalho... você vai ser dos bons” de Arthur Marcellus James era como ganhar uma medalha de ouro de qualquer outra pessoa.

Carl se exercitou na escada, para cima, para baixo, para cima, para baixo, desejando que fosse possível contar a seu pai o que Arthur dissera. Um dos boxeadores mais velhos se juntou a ele e Cliff nos degraus, e os três cantaram *I want to be an airborne ranger*, uma velha canção militar, até que um dos treinadores, um cara barulhento chamado Benson, veio ao topo da escada para dizer que eles cantavam horivelmente, riu e jogou uma luva em Cliff. Este se abaixou e correu para baixo, gargalhando feito um doido, e Carl foi atrás dele, rindo na mesma proporção.

Carl ria discretamente agora, lembrando-se de tudo enquanto contava a Stark, mas então a risada se foi.

— O que foi? — perguntou o comandante.

Carl balançou a cabeça.

— Nada. É isso.

Stark estreitou os olhos ligeiramente.

— Temos que confiar um no outro — declarou ele. — Conte-me.

Carl ficou sentado em silêncio por um segundo. Depois, disse:

— Foi naquela noite, na mesma noite, quando fui para casa, que uma ambulância estacionou em frente à nossa porta. — Fez uma pausa, abalado pela memória. E então tudo voltou à sua mente: o pânico que havia sentido, parado ali, o quarteirão inteiro iluminado pelas luzes piscantes da ambulância e o pavor gelado que o dominou quando os paramédicos fecharam as portas traseiras do veículo e o lamento de sua mãe rasgou a noite, a alma de Carl e tudo o que ele já conhecera.

Stark pôs uma mão sobre o ombro dele.

— Você está bem?

Carl assentiu e soltou uma lufada de ar trêmula.

— Foi a noite em que meu pai morreu.

— Ah, Carl — disse o comandante, franzindo o cenho. — Sinto muito. — Apertou de leve o ombro do garoto. — Eu não devia ter pressionado você a me contar.

Carl balançou a cabeça e forçou um sorriso.

— Tudo bem. Tudo bem mesmo. Só... meio que me levou de volta àquela noite, sabe?

Stark assentiu.

— A vida é difícil... e, às vezes, difícil de entender. Vitória e derrota. Prazer e dor. Bênçãos e maldições. — Ficou de pé, um sorriso surgindo no rosto. — O truque é continuar em frente, meu jovem amigo, continuar vivendo. — Abaixou até o chão num *spacatto* completo sem soltar nem um grunhido, depois levantou-se de uma vez e deu a Carl um tapa bondoso no braço, dizendo: — Vamos fazer um pouco de aquecimento.

— Parece bom — respondeu o garoto, com sinceridade. Odiava ficar triste e tentava não passar tempo demais pensando em coisas tristes.

Fizeram polichinelos, flexões, exercícios abdominais e agachamentos.

— Pegue uma corda de pular — disse Stark. Foi até a parede e apertou um interruptor. O grande cronômetro instalado ali tocou *ding, ding, ding* e sua luz verde se acendeu. — Tempo! — exclamou o comandante.

Era bom pular corda. Carl adorava o ritmo simples dessa atividade, a batida familiar dos rolamentos dentro dos punhos de madeira, o giro da corda de couro e o som de tapa que fazia ao bater no chão. Depois de meros segundos, reencontrou seu velho e conhecido ritmo, e os pés começaram a dança tradicional com a corda girando. Acrescentou saltos duplos e cruzamentos, e, quando o sinal de 30 segundos soou e a luz amarela se acendeu, girou a corda tão rápido que precisou correr para acompanhá-la.

Sentia-se ótimo. Nenhuma dor ou rigidez, nada de câibras ou ardor nos músculos. Nem respirava com dificuldade.

Pularam por três rodadas, depois subiram juntos no ringue e moveram-se, cada um no próprio círculo, enfrentando oponentes imaginários por mais três rodadas. Stark era impressionante. Não lutava como um pugilista — ficava com as costas um tanto retas, e sua postura era um bocado ampla —, mas os socos eram soltos e rápidos, e Carl pôde perceber que o grandalhão tinha verdadeira potência nos punhos.

— Enfaixe as mãos — pediu o comandante, apontando para a parede onde os conjuntos de faixas pendiam de ganchos. — Vamos trabalhar um pouco nos sacos de pancadas.

O garoto hesitou. Lutar contra oponentes imaginários era uma coisa; esmurrar o saco de pancadas era outra. Stark riu e balançou a cabeça.

— Ainda preocupado com seus ossos? Carl, precisa aprender a confiar em mim.

Carl agarrou um par de faixas e os enrolou nas mãos, amando a sensação de solidez e de pressão que isso dava aos punhos. O comandante o ajudou a colocar um par de luvas de treino e apontou para o saco mais pesado.

— Vamos ver o que você sabe fazer. Ao toque do sino.

Carl entrou na posição. Stark se colocou atrás do saco de pancadas, segurando-o com as mãos e

apoiando-o no ombro.

— Comece com *jabs*.

O sino tocou. Carl distribuiu socos, no começo bem leves, aliviado por não sentir nenhum tipo de dor. Aquele era um bom saco — bem pesado, mas não duro demais, e revestido por um couro marrom muito bom e gasto pelo uso —, e o garoto adorou a sensação de seus golpes acertando aquela superfície, adorou o som de seu trabalho, o baque dos punhos e o tinir estridente das correntes acima. Moveu-se de um lado a outro, golpeou, recuou, golpeou, mergulhou, golpeou, rodeou o oponente fictício. Começou a medir o tempo dos golpes pelo trabalho dos pés. Quando acrescentou uma pequena torção no ombro e no joelho dianteiro, as correntes cantaram.

— Ótimo, Carl — disse Stark, sorrindo do outro lado do saco. — Trabalhe um pouco com socos de direita.

Carl começou a protestar — sua mão direita havia sido muito mais ferida que a esquerda —, mas então lembrou-se do comandante dizendo: *precisa aprender a confiar em mim*, e enfiou a mão direita com toda a força para a frente.

Não houve nenhuma dor.

Trabalhou no saco de pancadas de cima a baixo. *Jab, jab*, direto de direita, outro *jab*. Começou a trabalhar os ângulos, e isso tornou suas combinações mais cortantes. Sentia-se maravilhosamente bem. Toda a ferrugem e a falta de jeito desapareceram. Aos poucos, deixou os socos mais e mais livres, e, no fim do round, estava chocado com a nova potência que descobrira em ambas as mãos.

Seus socos soavam como tiros de rifle. Quando o aviso de 30 segundos soou, Carl lançou uma barreira de socos ferozes que surraram o saco com tanta velocidade que agora seus tiros de rifle soavam como os de uma metralhadora, as correntes do saco tilintando estridentes como as cápsulas de metal saltando da arma após os disparos.

O sino soou e Stark gritou:

— Urra! — e bateu os punhos nos de Carl, que não estava nem mesmo ofegante.

— É maravilhoso — disse o garoto. — Sinto como se pudesse continuar socando pra sempre.

— Quando chegou à Ilha Fênix, já era um atleta de primeira qualidade, com genética superior e anos de treinamento. Aqui, a comida, os suplementos e as inoculações estão ajudando você a maximizar seu potencial. Essas coisas e o seu novo sangue, é claro. Espere mais algumas semanas. Vai ficar maravilhado.

— Parece bom — declarou Carl, pensando: *mais algumas semanas*? Esse treinamento viraria meio que uma coisa de rotina? Então, pensou em algo e perguntou: — Os chips também estão me deixando mais forte? — Ficara totalmente desorientado com aquela conversa, mas de repente não parecia tão ruim ter chips pelo corpo.

— Não ainda, mas vejo que está começando a gostar da ideia. Ótimo. Foi uma das razões pelas quais eu quis treinar com você hoje. Queria que vislumbresse o futuro diante de si. Por enquanto, os chips estão meramente analisando seu organismo. Uma vez que receber o chip-mestre, será capaz de usá-los como quiser, e terá tal poder, velocidade e resistência que se lembrará do dia de hoje e

pensará que era lento e fraco.

O sino soou.

Carl voltou ao trabalho. Stark pediu socos e combinações específicas, e Carl obedeceu. Quando o aviso de 30 segundos zumbiu, o comandante disse-lhe que deixasse os socos seguirem livremente, e Carl terminou o round assim como fizera com o primeiro, numa longa combinação.

Treinaram por uma hora, 15 rounds divididos entre corda de pular, luta contra oponentes imaginários, saco de pancadas e o favorito de Carl: a prática com as luvas especiais, que cobriam a mão e apenas a primeira falange dos dedos. Nesse exercício, Stark pedia combos e recebia os golpes de Carl com aparadores de socos nas mãos. Com essas luvas, os socos do garoto ficavam até mais incisivos e barulhentos do que haviam sido no saco, usando as luvas que cobriam toda a mão. Ecoavam pelo salão de teto alto. Carl não se cansava.

— Estou impressionado — disse o comandante. — Sabia que você era um bom lutador, mas isto é assombroso.

Carl sorriu.

— Obrigado mais uma vez. Quero dizer, você salvou minha vida. E agora tudo isso.

— Carl, você não é como os outros órfãos. Mental e fisicamente, está à frente deles. Muito à frente. Moral e filosoficamente também. Sua coragem, sua história, sua capacidade de lutar, seu senso de honra, o modo como suportou as dificuldades, a forma como enfrentou a própria morte, com aceitação resoluta, todas essas coisas me dizem que você está a caminho de se tornar não apenas um grande homem, mas também um grande líder.

Carl soltou uma gargalhada.

— Eu, um *líder*? Não sou ninguém. *Acabei* de começar a Fase Azul.

— Fase Azul? — perguntou Stark. — O que um homem como Parker ensinaria a alguém como você? Tudo aquilo está abaixo de você agora.

— Sério?

O comandante o olhou nos olhos.

— Sério.

— Uau — exclamou Carl. Pôde sentir o sorriso atordoado se formando no próprio rosto. Estivera imaginando quando Stark o mandaria de volta ao quartel, de volta a Parker. — Obrigado.

— Desde que construí a Ilha Fênix tenho esperado por um candidato digno, que eu possa treinar de maneira intensiva e criar como um filho. E agora minha espera finalmente acabou. Você, Carl; é você por quem tenho esperado todos estes anos — explicou Stark.

O rosto do garoto ficou repentinamente quente de emoção: surpresa, gratidão, orgulho e uma felicidade quase esmagadora. Por tanto tempo, fora jogado de um lugar para outro, indesejado — “um bom garoto, claro, mas tão pavio curto!” — e, não importava aonde fosse, a encrenca sempre o seguia. Os adultos deixaram de olhar para ele com esperança e compaixão e passaram a considerá-lo

uma espécie de fera perigosa, e até ele mesmo tinha começado a imaginar o futuro como uma sucessão de jaulas. Mas agora esse homem, esse homem impressionante — e a garganta de Carl se apertou quando tentou acreditar que aquilo era verdade —, esse homem, mais inteligente e mais forte do que qualquer pessoa que Carl já tivesse conhecido, estava dizendo a ele que...

— Eu?

— Sim, Carl, você. — Stark pôs as mãos sobre os ombros do garoto e sorriu. — Diga que será meu aprendiz.

Mas Carl não pôde dizer nada — teve medo de que, se tentasse falar, começasse a chorar. Então, em vez disso, apenas sorriu e assentiu, e continuou sorrindo e assentindo até que Stark o puxasse para um abraço esmagador.



CAPITULO 20



Duas semanas depois, Octavia corria.

Como sempre, o pelotão começou a manhã com exercícios físicos, antes mesmo de o sol raiar, uma excursão até a série de obstáculos e uma longa corrida, fazendo a volta até o refeitório. A única coisa excepcional era a fome de Octavia. Durante todo o mês desde a partida de Carl, ela mal havia comido. Sempre fora esbelta, mas agora era possível contar suas costelas através da camiseta e os ossos do quadril se projetavam feito barbatanas. A preocupação com Carl lhe havia roubado o apetite.

Mas naquela manhã, inexplicavelmente, sentia tanta fome que poderia ter comido as próprias botas.

Sonhando com a comida, correu até mais rápido do que o habitual e se separou do grupo. Quando chegou ao refeitório, a única pessoa que a havia ultrapassado, Sanchez, estava chutando a terra com a lateral da bota diante da porta fechada.

— O que foi? — perguntou Octavia.

— Está trancada.

Ela experimentou a maçaneta, esperando que ele estivesse enganado. Não estava.

— Pelo menos vamos ser os primeiros da fila — disse a garota.

Outros corredores começaram a aparecer.

Tamika chegou junto a Octavia e lançou-se a um discurso violento e muito criativo sobre a porta trancada. Octavia riu. Tamika era uma poetisa da irreverência.

Enquanto outros chegavam, as reclamações se tornavam mais barulhentas. Alguns deram pancadas na porta e verificaram a parte de trás da construção, mas de nada adiantou. Quando os retardatários

começaram a surgir, Sanchez, que fora nomeado guia do pelotão depois de Campbell, tentou fazer com que todos se alongassem. Octavia acatou a sugestão. Pelo menos alongar-se dava a ela algo em que pensar além da fome que sentia.

— Lá vem o amigo de Carl — anunciou Tamika. — Não parece nada bem.

— Ah! — disse Octavia.

O rosto de Ross lembrava uma máscara de Halloween por causa de alguma surra recente que havia levado. Estava todo preto e azul de hematomas, tão inchado que parecia ter dificuldade para abrir os olhos e fechar a boca. Octavia sentiu-se péssima por ele. Lembrou de como ele havia sido valente, defendendo Carl.

Pronto-Socorro apareceu cambaleando e chorando de novo. O nariz sangrava. A garota notou, com uma involuntária onda de nojo, que ele tinha molhado as calças.

Decker e seus bandidos rodeavam o garoto infeliz, rindo e cutucando-o com porretes.

Porretes? Octavia estreitou os olhos. *Qual era a desses caras andando com armas?*

Então, percebeu que cada um deles usava uma braçadeira preta brilhante com a fênix vermelho-viva no centro.

— Parecem a porcaria da Juventude Hitlerista — disse Tamika.

— É... ou a Juventude Parkerista.

O garoto ao lado delas, um sujeito tímido chamado Soares, disse:

— Se eu fosse vocês, não ficaria tirando sarro. As coisas mudaram por aqui, então, se cuidem. — Ele estava com um lábio inchado e partido, com um pouco de sangue seco. De olhos arregalados, observou o bando de Decker cutucar Pronto-Socorro, empurrando-o para dentro do grupo.

— Como assim *mudaram*?

— Só tomem cuidado — respondeu Soares. Afastou-se disfarçadamente, como se tivesse medo de chamar a atenção e arranjar encrenca.

Tamika disse:

— Se um deles tentar usar um desses porretes comigo, eu transformo o desgraçado em patê.

Octavia riu, mas teve de forçar o riso. Isso não era nenhuma piada. Não sabia exatamente o que significavam as armas e as braçadeiras, mas era algo ruim — muito, muito ruim. Em seu temor, quase pôde ouvir a voz do padrasto morto: *Você não achou mesmo que ia ficar tudo bem, né? Sua vida a ensinou a acreditar em final feliz?*

Não, não havia ensinado. De jeito nenhum. E ali estava finalmente, pensou ela, a nova onda de má sorte... na forma de braçadeiras e paus.

O porrete de Decker acertou em cheio o traseiro de Pronto-Socorro, e este caiu, chorando feito uma criancinha.

— Levanta, Gaguinho — mandou Decker, cutucando a barriga de Pronto-Socorro com o bastão.

Octavia se levantou de um salto.

— Deixe ele em paz.

Decker ergueu o olhar para ela, sorrindo.

Ah, não, pensou, vendo a crueldade terrível e prazerosa nos olhos dele. *O que eu fiz?*

As portas do refeitório se escancararam. A voz de Parker ribombou:

— Formação, órfãos!

Octavia deu as costas a Decker e entrou nas fileiras.

— Bela ideia — sussurrou Tamika —, arranjar briga com um psicopata armado.

Octavia revirou os olhos. Por que eles tinham armas? E Parker obviamente não se importava que as usassem com Pronto-Socorro.

Quando aquele cara, o tal Stark, salvara Carl, ela havia esperado — quase acreditado — que o pesadelo tinha chegado ao fim. Estava enganada. Estava começando de novo, só que, dessa vez, *dessa vez*, não seriam só Parker e os outros sargentos...

O soldado passeou pelas fileiras, encarando todo mundo.

Parker parecia tão idiota, de pé ali com aquele protetor de pescoço idiota e a tipoia idiota e a mesma velha carranca idiota no rosto. Ela o odiava como jamais odiara ninguém, exceto o padrasto. Odiava-o como nunca imaginaria que voltaria a odiar alguém.

Ele sorriu para as fileiras.

— Acho que vocês, órfãos, estão com fome, urra?

— Urra!

Octavia odiava toda essa merda de “urra” também. Depois que saísse da ilha, a primeira pessoa que fizesse “urra” para ela tomaria um “urra” no meio da cara.

Parker disse:

— Hoje vocês vão aprender localização por terra. Vão trabalhar em equipes. Os instrutores vão deixar cada equipe num local diferente. Vocês vão usar uma bússola, um mapa topográfico e coordenadas para encontrar uma série de pontos de verificação. Urra?

Eles gritaram, concordando.

Nada mal. Pelo menos ela ficaria longe de Parker durante algum tempo. De Decker também. Então, um pensamento sombrio nublou sua mente. E se Parker a pusesse no grupo daquele bronco? Pensou no porrete, na risada cruel, nos olhos frios. Não queria *mesmo* entrar na floresta com ele.

Parker declarou:

— Não vão ganhar café da manhã hoje.

Todo mundo gemeu.

— Calados — mandou o sargento. — Queremos vocês motivados. Sempre, sempre, sempre. O primeiro grupo a alcançar a linha de chegada ganha ração extra no jantar. O último grupo fica sem. Urra?

— Urra!

— Isso sim é motivação. E tem mais: o primeiro grupo a voltar não precisa montar guarda esta semana. O último grupo a voltar cobre os turnos. Urra?

Todo mundo gritou em resposta, inclusive Octavia. Por ração e sono extras, faria o trajeto todo *correndo*. Além disso, haviam estudado a leitura de mapas e o uso da bússola. Seria muito fácil.

— Mais uma coisa, órfãos. O Comandante Stark está procurando órfãos motivados que saibam obedecer a ordens e pegar pesado quando for preciso. Um dia, alguns de vocês podem ser convidados a fazer parte da Força Fênix, o time oficial da casa, urra?

Gritaram mais alto do que nunca. Octavia não dava a mínima para a Força Fênix — no dia em que fizesse 18 anos, cairia fora dali —, mas gritou tão alto quanto o resto, sonhando com comida e cama.

— Puta merda, órfãos, o que andaram comendo? Uísque com pólvora?

— Carne crua, sargento instrutor! — gritaram. Só mais um par idiota de pergunta e resposta que Parker havia imposto a eles.

— Urra! Isso é o que eu gosto de ouvir. Agora, fechem a matraca, porque a maioria aqui tem quase tanta chance de ser parte da Força Fênix quanto eu tenho de ser a rainha da Inglaterra.

Taí uma imagem desagradável, pensou Octavia.

— Estes são seus grupos de orientação por terra. Grupo Um...

Aqui vamos nós, pensou ela. O estômago se contraiu.

— Decker...

Não, não, não, não...

— Funk, Chilson e Stroud.

Decker e seus puxa-sacos aplaudiram. Octavia relaxou. Não estaria com eles.

— Grupo Dois: Gregoric, Ross e Pronto-Socorro — declarou Parker.

O Grupo Um explodiu em risadas, e Parker parou para encontrar Octavia na multidão e lançar um largo sorriso a ela. A garota desviou o olhar. Que fosse. Ele a colocara com Ross, que no momento parecia precisar de uma passagem pela sala de emergência, e Pronto-Socorro, que *sempre* parecia precisar de uma passagem pela sala de emergência — ou por um hospital mental. *Que seja, droga...*

Quando chegou a hora de se agruparem, Ross se aproximou.

— Desculpe por esta cara — disse. — Deixei a verdadeira no alojamento... Hã... sorrir dói.

Octavia olhou ao redor.

— Cadê o Pronto-Socorro?

Ross deu de ombros.

— A gente “tá” ferrado. Ter o Pronto-Socorro na sua equipe de orientação é como ter um acrófobo no seu grupo de alpinismo.

— Cadê ele?

— Viu, foi uma piada. Um acrófobo é alguém que tem medo de altura...

— Eu sei. Entendi. Olha, Ross — disse ela, pondo uma mão enérgica no ombro dele. — Não ligo se a gente tiver que se revezar pra carregar o Pronto-Socorro. *Vamos* ganhar essa coisa.

— Ganhar? — O garoto olhou para ela como se fosse louca. — Vai ser um milagre se a gente não chegar por último.

— Ganhar. Quero aquela ração e descanso extras.

— Você tá falando sério, né?

— Isso é mais sério que um engavetamento entre dez carros. Vamos lá achar o terceiro mosqueteiro.



CAPITULO 21



Carl ergueu o peso mais uma vez e colocou a barra de volta no suporte.

— Está em boa forma — afirmou Stark. — Descanse por 30 segundos. Depois você fará mais uma série. Mas é só. Tem um grande dia pela frente.

Carl assentiu. Era maravilhoso. Mesmo depois de duas semanas de treinamento, fazendo exercícios várias vezes por dia — praticando principalmente boxe, exercícios aeróbicos e o que o comandante chamava de sequência combativa (uma mistura de artes marciais e ginástica) —, não se sentia nem um pouco fatigado.

— Três, dois, um, *vá* — disse Stark.

Carl ergueu uma dúzia de halteres, concentrando-se na postura e na respiração, como Stark havia instruído. A cada puxão, seus músculos sobressaltavam. Quando acabou a série, os músculos do tórax estavam maciços e arredondados, doidos por mais exercício.

— Ótimo trabalho, Carl. — Stark bateu as mãos uma na outra. — Minha vez. Me dê uma mão.

A mente do garoto conjurou uma imagem de Ross tirando sarro da situação: Stark pedindo uma mão, Ross encolhendo os ombros e batendo palmas bem de leve...

Sentia falta daquele esquisitinho. Com as piadas cretinas e tudo.

De Octavia também. Ficou pensando se ela sabia que ele estava bem. Ficou imaginando se ela se importava. Da última vez que a vira, a garota tinha ficado bem zangada com ele. Isso já fazia tempo — caramba, provavelmente um mês atrás.

Tirando a saudade e a preocupação com os amigos, a vida estava perfeita. As semanas que passara ali como aprendiz de Stark tinham sido realmente ótimas. O sujeito era impressionante — inteligente e forte, legal e interessante, otimista e encorajador —, e a vida de Carl tinha passado a ser uma mistura feliz de treinamento de alta qualidade, leitura e discussão de livros e conversas sem fim, tudo

fascinante. Ele estimulava Carl a abraçar a “autoeficácia”, que dizia ser a chave do sucesso a longo prazo. Autoeficácia significava ter fé absoluta em sua missão e em si mesmo, tanto que você se libertaria das preocupações e cismas, permitindo-lhe viver no presente e concentrar-se em qualquer ação que devesse executar naquele exato instante. Na situação de Carl, significava fé resoluto em suas habilidades, no seu trabalho com o comandante e no seu destino. Esquecer o passado, não duvidar do futuro e focar no momento presente.

Ele adorava sua nova liberdade. Stark permitia que escolhesse os próprios livros, e as perguntas de Carl conduziam a debates sobre a leitura. Tinha poder de decisão quanto a qual treinamento fazer e quando, e o comandante o deixava ir e vir à vontade em corridas solitárias, desde que promettesse evitar os outros adolescentes em treinamento. Tinha até seu próprio quarto no hangar, com uma pequena estante de livros e uma minigeladeira repleta de comida boa que ele podia devorar sem precisar de permissão. A vida era ótima.

Ou era, até que ele pensasse nos olhos de Octavia ou imaginasse Ross imitando Rivera. Então, toda a felicidade se esvaía dele. Mas o que deveria fazer? Abandonar a aprendizagem e voltar à Fase Azul? Isso não serviria a ninguém. Logo que pudesse ajudá-los, faria isso. Até lá, era melhor abraçar a autoeficácia de Stark e focar no momento presente.

Distraído por esses pensamentos, Carl moveu-se tão mecanicamente quanto um robô, ajudando o comandante a colocar placas mais pesadas na barra. Só quando fizeram a última placa escorregar para o lugar é que ele percebeu a realidade.

— Isso aí é pesado pra caramba.

— Trezentos e vinte quilos — respondeu Stark, deitando-se no banco e colocando-se abaixo da barra.

— Sério? — Não fazia sentido. Trezentos quilos...

— Sério. No três. Eu conto. Um, dois, três... — A barra vergou quando Stark a baixou devagar até o peito imenso e a ergueu novamente com aparente facilidade.

— Que demais! — Carl quase gritou.

Stark baixou e ergueu a barra mais sete vezes antes de devolvê-la ao suporte. Não precisou de ajuda.

— Isso foi incrível!

— Obrigado — respondeu Stark. Não houve nenhum exibicionismo, nenhum rugido, nenhuma flexão de músculos, nada. Ele agiu com a calma de alguém que tinha acabado de fazer só oito flexões. — No mês passado, cheguei a 445 quilos. Estou só 43 quilos abaixo do recorde mundial.

— Que doideira.

O comandante sorriu.

— Sim, é bem legal. Daqui a uns dois meses, devo ser capaz de ultrapassar essa marca. Não que me preocupe com os livros de recordes. Quero força, caso precise dela. Se numa missão houver luta corpo a corpo, quero ser capaz de abrir um buraco no peito do inimigo apenas com socos.

— Ou arrancar o braço dele e usá-lo pra espancar o cara. — Carl não conseguia imaginar uma luta com Stark. Não era só o poder. O cara era esperto e rápido e lançava socos inteligentes. Podia dar um pontapé ou agarrar, e provavelmente sabia usar todas as armas do mundo.

— Você será igualmente forte — anunciou o comandante.

O garoto riu.

— Estou falando sério. Não nasci neste nível. Você está comendo o que eu como, tomando os mesmos suplementos, treinando como eu treino. Logo mais, vai fazer levantamento de peso com jipes. — Stark atravessou o recinto até uma balança. — Vamos verificar sua altura e peso, obter uma base.

Carl subiu à balança. Stark verificou a altura primeiro.

— Um metro, oitenta centímetros e três milímetros. Parabéns, cresceu cinco centímetros desde que chegou à Ilha Fênix.

Carl não podia acreditar. Estava com mais de 1,80 metro de altura...

Stark ajustou os controles acima da balança.

— Oitenta e cinco quilos — informou ele. — E imagino que esteja com, no máximo, 6% de gordura corporal. Seis por cento é bom. Se baixar mais, chegará a suas reservas de energia.

— Surreal... — admirou Carl, em voz alta. Desceu da balança e flexionou os músculos. — Parece impossível.

— Você não terminou de crescer ainda. Ficaré mais alto, mais pesado e mais forte. Preferiria não criar um excesso de músculo em você, mas sua genética pode não concordar comigo. — Stark descobriu um espelho de corpo inteiro junto da balança. — Veja por si mesmo.

Carl virou-se na direção do espelho. Estivera tão preocupado que nem havia olhado para si mesmo por várias semanas. Seu reflexo não pareceu verdadeiro. Ele se assemelhava a uma versão menor de Stark. Levantou os braços e flexionou os músculos.

— Aquelas injeções que tomamos no acampamento eram daquele negócio? O HC-alguma-coisa?

— HCH, hormônio do crescimento humano. E, sim, você e alguns dos outros o receberam. Não todos. Afinal, o HCH é caro, e vamos encarar os fatos: seria um desperdício em muitos deles.

— Mas eu...

Stark sorriu.

— Carl, estive de olho em você por muito tempo. Tenho empregados em todas as partes do sistema penitenciário juvenil. Pense neles como caça-talentos. Assistentes sociais, oficiais de justiça, juízes. Por dinheiro passado por debaixo dos panos, identificam jovens em perigo que demonstrem potencial considerável. Os nomes vêm a mim e eu faço uma pesquisa. Seu nome chegou pouco depois que você ganhou seus títulos no boxe.

Carl começou a rir — isso só podia ser piada —, mas parou quando se lembrou de seu arquivo, da nota escrita a mão, *campeão nacional de boxe*, abaixo da foto do sexto ano escolar.

— Mas isso foi... anos atrás.

— De fato — respondeu Stark. — Muitos anos. Rastreei você e, quando chegou a hora certa, tomei as providências necessárias.

Uma sensação se avolumava em Carl, semelhante a receber um soco, a tomar um murro de uma mão direita que você nem vê se aproximar, mas em câmera lenta.

— Peraí. — Ele lembrou a folha do sumário que havia encontrado na pasta, a nota estranha sobre Idaho e a Carolina do Norte, a data que havia presumido ser um erro. — É sério?

Stark sorriu.

— Completamente.

Atordado por um momento, Carl só pôde fitar o nada. Sentiu que o cérebro havia virado pedra.

— Então, está dizendo... que você...

Stark fez um gesto casual com a mão.

— Não posso ficar com todo o crédito, afinal, suas escolhas e ações é que levaram a cada movimento, mas eu me assegurei de que seu caminho o trouxesse até aqui. — Riu novamente. — Não achou bizarro ser deslocado por todo o país? Para Idaho? A Carolina do Norte?

— É — respondeu Carl, a própria voz soando estranha para ele, distante, e a rocha dentro do crânio esmigalhando-se agora, virando pó. — Achei, sim.

Stark virou-se e começou a recolocar a cobertura sobre o espelho.

— Bem, tive de levar você para longe de casa, romper velhos laços e colocá-lo nas mãos de um dos meus juízes. Tenho umas duas dúzias de amigos espalhados do Alasca à Flórida, e eles me mantêm no negócio, sem jamais saber exatamente o que estão fazendo.

Os resquícios do cérebro esmigalhado de Carl agora giravam dentro do crânio num tornado confuso. Todos esses anos, Stark estivera observando-o, esperando, mexendo os pauzinhos para levá-lo até ali? Começou a questionar muitas coisas. Aquele juiz grisalho na Carolina do Norte, sentado lá e fazendo piadinhas com o policial... estivera só seguindo ordens de Stark? As implicações o fizeram estremecer.

— Você me colocou em lugares onde sabia que eu daria mancada?

O comandante riu.

— Assim você me faz parecer o vilão de alguma teoria doida da conspiração.

— Estou certo? — perguntou Carl, com os nós dos dedos começando a doer. — Você armou pra mim?

— Armei para você? — perguntou Stark, quase como se estivesse magoado pela pergunta. De repente, seu sorriso desvaneceu e seu olhar ficou sombrio. — Eu *salvei* você.

Naquele momento, tudo mudou, a ira de Stark encaixou-se no lugar certo tal qual a simples eficiência de uma arma engatilhada — como se ela sempre tivesse estado lá, pronta para quando ele

precisassem usá-la. Carl se retesou, certo de que acabara de cruzar uma linha muito perigosa. Precisava retroceder antes que fosse tarde demais.

— Diga-me — recomeçou Stark, dando um passo para mais perto dele. — Se eu não tivesse *armado* para você, como disse, onde estaria agora? Mais importante: *o que* seria?

Estaria vivendo minha própria vida, pensou Carl. Mas, com um alarme pulsando na mente, guardou esse pensamento para si e simplesmente encolheu os ombros, como se estivesse inseguro e aberto à opinião de Stark.

— Eu digo o que seria — continuou o comandante. — Sem mim, seria o cachorrinho castrado de alguma família adotiva suburbana que o encheria de drogas da felicidade 24 horas por dia, 7 dias por semana. Você gostaria disso?

— Não — respondeu Carl, e acrescentou para si mesmo: *Conserta... isso... agora...* — Não gostaria nem um pouco. — Balançou a cabeça para enfatizar a resposta.

— Imaginei que não — disse Stark, recuando um pouco. — Só quero o que é o melhor para você, Carl. É tudo o que sempre quis.

Carl forçou um sorriso a surgir no rosto.

— Eu sei. Obrigado.

Stark sorriu e deu-lhe um tapinha no ombro.

— Minha decisão de facilitar sua direção pode parecer ousada, mas isso não deveria incomodar alguém como você. A vida é uma série de escolhas. As pessoas fingem que essas escolhas são simples, certo *versus* errado, bom *versus* mau, cara ou coroa, você escolhe, mas, no mundo real, enfrentamos dilemas. Não há respostas simples. Nada é preto ou branco, tudo é cinza. Você e eu sabemos disso.

Carl assentiu, pensando: *Continue concordando. Mantenha-o feliz.*

— O sucesso no boxe fez com que seu nome chamasse a minha atenção — disse Stark —, mas foi sua forma de lidar com dilemas que me convenceu. Uma mesma atitude, repetida *ad infinitum*.

Carl tensionou os músculos do corpo. A frase exata que ele vira no arquivo...

Stark começou a andar novamente.

— Quando via valentões atormentando alguém, você agia de maneira decidida, intervindo, embora soubesse que isso lhe traria problemas. Mesmo sendo um garoto, foi um homem de ação. — Stark sorriu.

Carl olhou para o chão.

— Eles me deixavam com raiva.

— Compreensível — continuou o comandante. — A raiva é uma resposta natural a um mundo insano, onde escolas que temem a opinião pública alegam “tolerância zero” ao bullying, mas castigam um rapaz por demonstrar exatamente essa falta de tolerância. O mesmo mundo onde um governo que teme a opinião global declara “guerra contra o terror”, mas trai um soldado de elite que

de fato tenta empreender essa guerra.

— Foi o que aconteceu com você?

Mas Carl pôde ver que Stark tinha se perdido no discurso e não parecia ter ouvido a pergunta.

— O mundo precisa de nós, Carl, precisa que endireitemos as coisas. Não hesitamos diante dos dilemas, agimos decididamente, porque entendemos e reconhecemos que o preço do progresso às vezes é alto. É isto que fazemos: afetamos o progresso, fazendo do mundo um lugar melhor, mesmo que isso signifique quebrar regras, mesmo que o preço às vezes seja alto.

Carl assentiu mais uma vez, sentindo-se como uma marionete suspensa por fios.

— Não importa como você veio parar aqui — continuou o comandante —, veio ao lugar certo. a Ilha Fênix é o coração de uma organização muito maior dedicada a fazer do mundo um lugar melhor. Temos operações adicionais, embora mais rudimentares, em todo o mundo.

— Peraí — entrevistou Carl, rompendo a sequência concordante. — Há mais lugares como este?

— Muitos — respondeu Stark. — Temos instalações na África, Ásia, América Central e América do Sul, no Oriente Médio e na antiga União Soviética. Mas os melhores adolescentes vêm para cá, onde eu os treino como soldados da Força Fênix.

Carl ficou tenso, lembrando-se do diário de Eric. Força Fênix, os assassinos de aluguel do Ancião. Mas tudo o que disse foi:

— Você treina a Força Fênix?

— Absoluta-*urra*-mente — respondeu ele, irradiando um orgulho notável. — Sou o comandante da companhia, o pai desta organização. É por isso que me chamam de Ancião.



CAPITULO 22



O jipe os deixou a poucos quilômetros do acampamento. A densa floresta envolvia a estrada de ambos os lados. Pouco antes, passaram de carro sobre o grande pântano. Octavia abriu o mapa.

Ross, fingindo chamar o jipe de volta, disse:

— Pensando bem, mudei de ideia. Me deixem em Massachusetts.

O cara nunca parava de fazer piadas. Ali estava ele, com a face desconjuntada feito os destroços de um acidente ferroviário, no meio da selva, ainda tirando sarro de tudo. De certa forma, era muito legal. De outro modo, não tanto — e Octavia esperava ser capaz de controlar a própria raiva.

Vai conseguir, disse a si mesma. *Vai fazer tudo o que precisa fazer, porque vai ganhar essa coisa*. Tinha de colocar aqueles moleques para trabalhar.

— Tá legal — disse ela. — Ô, Pronto-Socorro... hã, qual é o seu verdadeiro nome?

Pronto-Socorro olhou para ela e riu. Uma brisa leve passou, e Octavia sentiu cheiro de urina.

Senhor, me dê forças, pensou.

— Tá bom, então. Vamos simplesmente continuar com Pronto-Socorro. Vamos até aquele ponto de verificação. Disseram que haveria algum papel na caixa.

Para sua surpresa, Pronto-Socorro foi direto à caixa de correio, tirou dela o papel e trouxe-o para Octavia.

— Olhem — disse Octavia. — A gente consegue, caras. De verdade. Podemos não ser o grupo mais atlético, mas somos inteligentes. Ler mapas é fácil. Eu gosto.

— Síndrome de Estocolmo — disse Ross. — Você está se adaptando. Daqui a pouco vai desenvolver amor pela camuflagem, bolar um vestido de casamento todo verde e preto.

— Ross, apesar de eu admirar seu senso de humor, se não parar de zoar, vou estrangulá-lo.

— Opa... — respondeu ele, levantando as mãos. — Sou a favor de tentarmos ganhar, mas não me peça pra parar com as piadas, tipo... nunca.

— Que seja. Só dê uma olhada neste mapa, tá?

Aplainaram o mapa na terra, tiraram a bússola e um lápis e começaram. Pronto-Socorro ficou arrastando os pés na estrada, falando consigo mesmo, enquanto ela e Ross traçavam o caminho.

— Foi aqui que ele pegou... — comentou Ross, apontando para o lado direito do mapa, que mostrava o traçado da ilha, mas nenhum detalhe, só um sombreado escuro, a não ser por uma frase curta que ela não conseguiu entender.

— Foi aqui que *quem* pegou o *quê*?

Ross olhou por sobre o ombro em direção a Pronto-Socorro.

— Nada. Vi outro mapa, e ele usava esta frase, *hic sunt dracones*: “aqui há dragões”. É uma figura de linguagem, bem velha, e significa uma área não mapeada, talvez perigosa, talvez não. Além disso, o que quer que exista do outro lado da ilha está separado da gente por uma cerca.

Octavia não gostou do modo como ele sorriu no momento, como se fosse forçado, como se estivesse preocupado ou com medo ou coisa assim. Como se estivesse mentindo. Ela começou a dizer algo, mas parou. Não havia tempo.

— Beleza. Vamos achar o azimuth.

— A menina fala *mapês*! — disse Ross, e dessa vez o sorriso foi genuíno. — Procurando o azimuth, madame.

Ela sabia que Ross era inteligente. Ele demonstrou isso enquanto traçavam o melhor caminho juntos.

— Às vezes — comentou o garoto —, a distância mais curta entre dois pontos não é uma linha reta. — Traçou com o dedo através do mapa entre a posição do grupo e o primeiro ponto de verificação. — Está vendo como todas estas linhas e círculos ficam mais apertados aqui? Vê como os números ficam mais e mais baixos?

— O pântano? — sugeriu Octavia.

— Bingo! — respondeu Ross. — Vamos voltar pra estrada, passar por ela e *depois* entrar na floresta. Daí a gente não tem que cruzar o pântano a pé. Dá pra usar a ponte.

À primeira vista, a rota que ele havia traçado parecia boba, uma linha longa e curva que se desviava muito antes de chegar a um ponto bem à frente deles, mas Octavia sabia que ele tinha razão. Se viajassem em linha reta, entrariam no pântano com todas aquelas cobras e aranhas e sabe-se lá mais o quê.

— Boa ideia — respondeu ela. Virando-se para Pronto-Socorro, disse: — Tá legal, vamos.

Ela e Ross começaram a andar. Pronto-Socorro os seguiu. *Anotação mental*, pensou ela. *Olhe para trás de vez em quando. Garanta que esse moleque não se afaste e se perca no meio do mato.*

Subiram a estrada e cruzaram a ponte.

— Vamos apertar o passo — propôs Octavia. — Quero ganhar essa coisa.

Pronto-Socorro riu, talvez um tanto maldosamente.

— Detesto dizer isso, mas o moleque até que tem razão — disse Ross. — Só quero evitar chegar por último. Se alguém algum dia já precisou de um sono de beleza, esse alguém sou eu. Quero dizer, é sério. — Fingiu arrumar um cabelo inexistente. — Não acho que estes hematomas combinem comigo, né?

A garota quis socá-lo. O lugar, a pressão constante... a estavam deixando louca. Lutou para manter a voz inalterada.

— Estou falando sério, tá? Temos que ganhar. Não ligo pra comida, tá bom? Ligo, sim, mas essa não é a questão, nós temos que mostrar a eles que não podem nos controlar. Viu a cara do Parker quando anunciou nosso grupo? Ouviu a risada do Decker? Obviamente esperam que a gente chegue em último lugar. Não vou dar essa satisfação a eles.

Ross começou a tocar uma guitarra invisível.

— *I can't get no... satisfaction!*

Octavia agarrou a garganta dele e o fulminou de perto com o olhar.

— Ross! Chega... de... piadas! Agora, fique sério, ou juro que te encho de porrada.

Ross se desvencilhou e recuou, esfregando o pescoço.

— Pra ser sincero, não tenho certeza de que *consiga* parar. É um problema que eu tenho. Quero dizer, não consigo controlar, sério. Na noite passada, aqueles caras estavam me dando uma surra com os porretes, daí eu tirei sarro e me deram mais porrada ainda. Quero dizer, a piada que eu contei nem foi *boa*.

— *Peraí*. Você disse “aqueles caras”... quer dizer Decker e o bando dele?

— Bom, sim... você viu mais alguém andando por aí com porretes?

— Pensei que Parker tivesse feito isso. Ele deixou os caras baterem em você?

— Deixou? Ele *mandou* me baterem. E não precisou dizer duas vezes.

— Isso é loucura. Não sei por que me surpreendo, mas...

— Tem muita coisa neste lugar que surpreenderia você. — Ross fitou-a durante um segundo, e Octavia nunca o vira tão sério. Aquele olhar estava a milhas de distância de uma piada.

— Não vem com joguinhos de adivinhação, Ross... desembucha.

Mas o garoto virou os olhos contundidos na direção de Pronto-Socorro, que cambaleava atrás deles vagamente.

— Depois eu conto.

— Ei — disse ela a Pronto-Socorro, que vinha rindo e resmungando para uma borboleta azul que tremulava sobre a cabeça dele —, quer apertar esse passo? Pare de brincar com a borboleta e vamos lá.

— Borboleta bonita! — disse Pronto-Socorro, depois deu risadinhas, como se a coisa fizesse cócegas nele.

Voltando-se para Ross, ela disse:

— Ele não está ouvindo.

— Não tenha tanta certeza. O moleque ficou completamente doido nas últimas duas semanas, mas ouve muito mais do que parece. Não é mesmo, Pronto-Socorro?

O menino ruivo riu.

Ross levantou as sobrancelhas.

Octavia suspirou.

— Que seja. Mas vamos mais rápido, tá? Espere... isso tem a ver com Carl?

Ross encolheu os ombros.

— Sim. Quero dizer, tem a ver com todos nós, mas, sim... Estou preocupado com ele. Mas é sério, depois eu conto, tá? Não vale a pena correr riscos com o nosso parceiro.

— Conta agora. Não ligo pro...

Abruptamente, ela caminhou até Pronto-Socorro — não uma, mas duas borboletas azuis tremularam em volta dele agora —, agarrou-o pela camisa e o sacudiu. O menino gritou.

— Estamos tendo uma conversa particular — advertiu ela. — Não meta o nariz na nossa conversa, senão eu mato cada borboleta que vier. Sacou? Arranco as asas delas e esmago as cabecinhas. — Ela demonstrou como faria, esfregando o polegar e o indicador um no outro, esmagando uma borboleta imaginária. — Sacou?

Os olhos do garoto se arregalaram de medo.

— Não machuque as borboletinhas!

— Não machuco, a menos que você venha xeretar.

Pronto-Socorro sacudiu a cabeça, negando.

Octavia voltou-se para Ross.

— Me lembre de não pisar no seu calo, falou? — disse ele. — Isso foi... hã... meio perverso.

Octavia passou a mão nos tocos de cabelo sobre a cabeça.

— Eu sei. Este lugar está me afetando. O que dizia?

Olharam de relance para trás. Pronto-Socorro os seguia a certa distância, as mãos apertando as orelhas. O pobre garoto estava mais doido que cair para cima. Talvez ela tivesse sido maldosa, mas não havia tempo para ser legal. O lugar punia quem fosse legal.

— Bom, é que... tenho medo de que eles vão... — começou Ross, detendo o passo. — Tenho medo que talvez já tenham...

E então Ross realmente a surpreendeu. O eterno comediante começou a soluçar.

— O que foi? Você tá bem?

Octavia pôs um braço em volta dele. Foi esquisito. Nunca havia sido uma pessoa toda sensível e carinhosa. Os ombros dele pareciam muito, muito pequenos sob o braço dela. Naquele segundo, ficou claro para ela, mais uma vez, que Decker e seus amigos eram insanos. Ross tinha o tamanho de um menino de 12 anos. Ele enxugou as lágrimas, murmurando.

— Odeio chorar. Quero dizer, odeio muito, muito mesmo.

— Não pense nisso. Só me conte. — O frio que ela sentia no estômago se intensificou. Uma parte de Octavia estava preocupada em saber o que ele diria e a outra simplesmente não queria ouvi-lo.

— Pintaram a cara dele de pe-pe-preto.

— Quê?

Ross rolou a cabeça para trás e piscou, tentando afastar as lágrimas.

— A foto de pelotão. Parker pintou o rosto de Carl.

— E daí?

— Tenho medo que tenham matado Carl.

Como um reflexo, ela olhou por cima do ombro para se assegurar de que Pronto-Socorro estava distante deles.

— Isso é besteira. Ninguém matou Carl.

Ross apenas olhou para ela. Então, começou a andar novamente e a garota o seguiu, mas tinha vontade de gritar.

— Stark *salvou ele*. Do que você está falando?

— Encontramos um diário. Bom, Carl encontrou, e o diário contava tudo sobre a Ilha Fênix.

— O que... Espera... Por que disse isso sobre Carl? — O pânico se ergueu dentro dela, derretendo o frio no estômago e fazendo-o ferver. A qualquer momento, ela começaria a chiar feito uma chaleira...

— Estou tentando te contar, tá? — Ele relanceou para Pronto-Socorro, depois se inclinou para perto de Octavia e sussurrou: — Encontramos o diário de alguém. Um tal de Eric. Era livreiro. Durante um ciclo anterior, quero dizer. Falou sobre tudo o que aconteceu na época. E as mesmas coisas têm acontecido com a gente.

— E daí?

— Quando o pelotão de Eric entrou na Fase Azul, os sargentos começaram a matar pessoas.

— Peraí. — Ela sacudiu a cabeça. — Quê?

— Não olhe pra mim assim. Tô falando sério.

A garota respirou profundamente. Ele decerto parecia sério... mas não... isso não podia ser real.

— Matando pessoas? *Matando de verdade?* Sabe que isso parece loucura?

— Foi Parker quem começou. Daí... os outros se juntaram a ele.

— Bom, Parker queria matar Carl, mas Stark o deteve.

— Verdade, mas depois mandou Carl pra Oficina.

— Não chame o lugar assim — disse ela, com uma careta. — Odeio quando chamam assim.

Ross curvou-se levemente.

— Também odeio, mas, qualquer que seja o nome, foi pra lá que Stark mandou ele.

Ela abriu as mãos.

— Dã! Pra onde mais mandariam ele? Estava machucado.

— Eles fazem umas coisas lá. Era isso que o diário dizia. Esse cara, Eric, não sabia exatamente o que faziam, mas desconfiava. Disse que as pessoas iam pra lá e nunca mais voltavam. Então ele passou por lá e viu pessoas andando por aí como zumbis. Carl e eu vimos um menino assim no primeiro dia.

Ela ergueu a mão como uma policial de trânsito ao parar um carro que vai no sentido errado.

— Calma aí. Não está fazendo nenhum sentido.

— Acho que fazem alguma coisa com o cérebro das pessoas lá. Cirurgia ou algo assim. Lobotomia.

— Loboto...

— Lobotomia. Significa que pegam algo afiado e enfiam no cérebro de alguém.

— E matam a pessoa?

— Não. Costumavam fazer isso no passado. Quero dizer, os médicos. Psiquiatras. Viam isso como um tratamento. Cutucavam o cérebro da pessoa e espetavam em volta do lobo frontal e...

— Chega — disse ela. Sentia-se enjoada. Só de pensar em alguém fazendo isso com qualquer um, mais ainda com Carl...

— De todo jeito, a operação meio que apagava a mente das pessoas. Elas ficavam como zumbis.

Octavia sacudiu a cabeça. Isso era loucura.

— Pare, tá bem? Não quero ouvir mais. Está enganado, falou? Carl está bem... ele está bem! — Uma risada inesperada escapou da garota, e ela não se sentiu inteiramente confortável com a hilaridade assim que a ouviu. — Mande o menino-borboleta parar com essa história de “macaco-não-ouve-o-mal” e vamos encontrar aquele ponto de verificação.

— Peraí. Não me mande calar a boca. Isso é importante.

— Não. — Ela se afastou dele. — Está acabado. Eu nunca deveria ter escutado essa merda.

A mão dele agarrou o braço dela.

— Octavia, por favor.

A garota virou-se e o empurrou com ambas as mãos. Ross caiu sentado de uma vez.

— Você está enganado, Ross! *Não me toque*. — As mãos tremiam, e ela respirava com dificuldade, como se estivesse correndo. De repente, sentiu que começaria a chorar também. Marchou para dentro da floresta.

Pelo resto da caminhada, Ross ficou dez passos atrás dela. Pronto-Socorro ficou ainda mais atrás. Ainda mantinha as mãos sobre as orelhas, mas agora sorria e cantava uma espécie de canção desarticulada.

Mergulharam numa ravina arborizada. As trepadeiras densas e a vegetação rasteira pesada os forçaram a sair um pouco do curso, mas então a mata se abriu e eles penetraram numa parte da floresta que parecia ter saído diretamente de um livro infantil.

O tipo de livro infantil com bruxas. E palmeiras. Esse tipo.

Cinco minutos depois, ela deu um pontapé numa árvore.

— Estamos perdidos, né? — perguntou Ross.

Ela voltou o olhar para o céu.

— Sim. Fiquei tão chateada que... merda. Nem café da manhã, nem almoço. Não quero ficar sem jantar.

Ross aproximou-se lentamente e estendeu a mão para o mapa.

— Posso?

— Vá em frente. — Ler mapas fora tão fácil na aula... Mas, na aula, o cérebro dela não estava sob esse tipo de estresse.

Ross trabalhou arduamente, tentando aplainar o mapa no chão irregular e atrapalhando-se com a bússola.

— Hum...

Octavia fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. Ainda por cima, uma dor de cabeça matadora parecia cavar um túnel em seu crânio.

— Tá legal — disse Ross, esforçando-se demais para soar calmo, seguro e controlado. — Só temos que voltar pra estrada e começar de novo.

Ela resmungou.

— Isso vai levar tempo demais. Tem que haver um marco por aqui, algo assim.

Ross balançou a cabeça.

— Estou perdido. Completamente perdido.

— Merda! — berrou ela.

Uma revoada de pássaros se ergueu, gritando por entre as folhagens.

As árvores, maiores e mais altas ali, erguiam-se retas feito colunas, expandindo-se em galhos só bem no alto e bloqueando a maior parte da luz. Abaixo, na terra, tudo era escuro, fresco e úmido. Aqui e lá, a luz caía na forma de lanças, destacando-se no forte contraste com a penumbra.

— Nós — anunciou Ross, balançando a cabeça — estamos oficialmente ferrados.

Um mosquito zumbiu na orelha de Octavia. Ela o esmagou.

Pronto-Socorro bamboleou, inclinou-se para perto de Ross durante uns dois segundos e continuou andando.

— Ei! — chamou ela. — Não se afaste.

— Por aqui — respondeu o menino ruivo, continuando.

— Espera! — Octavia gritou para ele, porém o garoto desapareceu na escuridão por entre um matagal mais denso. — Ótimo — disse ela. — Se ele se perder e a gente perder tempo procurando por ele, vamos chegar por último.

Ross levou uma eternidade para dobrar o mapa.

— Vamos — disse ela. Os dois trotaram na direção que Pronto-Socorro havia tomado.

Mas ele sumira. Só viram árvores e videiras, sombras e mosquitos.

— Pronto-Socorro? — chamou Octavia. — Cadê você?

À esquerda, algo grande se moveu pela floresta, quebrando ramos. Ouviu-se um grunhido.

— Ô-ô. Nada bom — exclamou ela. — Ei, Pronto-Socorro? Pronto-Socorro!

— Ei! Espere a gente — pediu Ross.

Ela esquadrinhou a floresta. Nada.

Ross sacudiu os punhos no ar.

— Por que tudo é uma droga?

— Peraí — disse a garota. Algo, ela ouvira algo... — Fique quieto.

Lá.

— Estou ouvindo — respondeu Ross.

— É a musiquinha sem sentido dele — disse. O alívio a preencheu. — Vem. Vamos encontrá-lo antes que ele pare de cantar.

Apressaram-se e pararam várias vezes para tentar localizar a voz, voltando atrás duas vezes. A selva produzia sons estranhos. Era fácil entender por que as pessoas se perdiam, com tão pouca luz, em meio à uniformidade opressiva da floresta e sem nenhuma vista ampla.

Finalmente, acharam-no numa pequena clareira, debruçado num poste com uma caixa pregada nele.

Ross socou o ar, comemorando.

— Uhu! O ponto de verificação!

— Pronto-Socorro, você achou! — exclamou Octavia. Correu para onde o menino estava, espiando uma borboleta que havia pousado inexplicavelmente em seu dedo. A garota estava tão aliviada que quase o abraçou... mas então viu o sangue e o ranho no rosto dele, sentiu o cheiro da urina novamente e acabou dando apenas um tapinha suave nas costas do garoto.

Pronto-Socorro encolheu-se.

— Não machuque as borboletas.

Octavia retrocedeu.

— Não vou fazer isso. Sério. Você agiu bem. Não vou machucar as borboletas.

Visivelmente aliviado, Pronto-Socorro começou a andar de novo.

— Peraí — disse ela. — Temos que escrever nossos nomes aqui e pegar as coordenadas.

— Por aqui — retomou ele, continuando a andar. As borboletas o seguiram, adejando em círculos em volta da cabeça dele.

Ross rabiscou furiosamente no livro de registro e o recolocou na caixa.

— Vá atrás dele — sugeriu Octavia. — Eu vou verificar o mapa. Só grite a cada minuto ou coisa assim e eu alcanço vocês.

Ross assentiu e saiu a passos largos.

Tá legal, disse a si mesma. *Foco. Você consegue.*

Olhou para o mapa, observou as coordenadas e circulou o próximo ponto de verificação. Usando a bússola e o transferidor, marcou o azimuth.

A distância, Ross gritou para ela.

Tá legal, repetiu para si. *Veja*. Olhou para as linhas topográficas. Havia a depressão do mapa, a subida, então isso significava... que precisavam ir *naquela* direção...

Exatamente aonde Pronto-Socorro havia ido.

Será possível? Não... Tinha de ser sorte, coincidência... Não é?

Ross chamou novamente. Dessa vez soou mais baixo.

Octavia correu atrás deles.



CAPITULO 23



Stark mal tinha decretado o início do round e o primeiro oponente de Carl já estava atravessando o “ringue” — estavam praticando boxe ao ar livre, num quadrado coberto de pedrisco compactado no centro do Acampamento Força Fênix — e o garoto sentiu gosto de sangue.

Stark acabara de apresentá-lo aos membros da Força Fênix que estavam na ilha quando anunciou um exercício de boxe improvisado, uma sessão geral de *sparring* com Carl enfrentando um novo oponente por vez.

Carl avançou, deslizou para o lado e retrocedeu ao centro do ringue — depois, desviou-se num mergulho quando o membro da Força Fênix passou como um vulto, atacando selvagememente.

O cara era desleixado, mas rápido. *Loucamente* rápido. E não só as mãos. O corpo inteiro.

Assim como o próximo cara. E a garota a seguir. Todos eles eram rápidos, fortes e agressivos, arremetendo contra Carl logo que Stark dava o sinal.

A velocidade dos oponentes abalou o ritmo do garoto e arruinou sua noção do espaço entre ele e o adversário, o que Carl havia aprendido a controlar observando a lenda da Filadélfia, Bernard Hopkins. Se alguém quisesse lutar a distância, socava-se o peito dele. Se quisesse lutar muito perto, você ficava uns dois centímetros fora do alcance dele e bancava o porteiro, impedindo a entrada dos socos.

Naqueles primeiros três rounds, Carl não pôde nem medir esse espaço, muito menos controlá-lo. Abaixou-se muitas vezes e manteve as mãos erguidas.

Então, ele se ajustou. Os outros eram rápidos, mas, uma vez que a mente e o corpo de Carl se sincronizaram, ele percebeu que também era. Encontrou o velho ritmo, só que tudo estava mais acelerado. O corpo estivera pronto. Ele só não o havia reconhecido ainda.

Depois disso, mostrou a que viera, derrubando-os, um após o outro. Alguns com golpes na cabeça,

mas, na maior parte, pelo corpo.

E eles o amaram por isso.

Agora, estava sentado na primeira fila de uma sala de aula da Força Fênix, o pelotão suado reunido ao redor, falando uns por cima dos outros, competindo pela atenção de Carl.

O leve inchaço abaixo do olho, combinado com o do lábio superior, fazia-o sentir que havia um sorriso tonto colado a seu rosto. Tomou outro gole de água do cantil, adorando a sensação de cabeça vazia e zunindo que sempre vinha depois de uma sequência pesada de *sparring*. Na Filadélfia, o boxe o ajudara a pôr os problemas em perspectiva, e ali estava ajudando novamente. Então, e daí se Stark era o Ancião? Isso não significava necessariamente que o diário era verdadeiro. Afinal, esses soldados não faziam bem o tipo bárbaros sanguinários. Tratavam-no como uma celebridade, o maioral, o campeão inquestionável e invicto do mundo.

— Eu peguei você com aquele gancho — disse Cheng, debruçando-se por cima do ombro dele. Ela fora a quinta oponente. Parecia asiática e soava inglesa. — Sorte a sua eu não ter acertado o cruzado de direita também.

— É — concordou Henshaw —, pena Carl Matador tê-la nocauteado antes que você pudesse ao menos dar o soco. Agbeko, você viu Cheng se arrastando no chão? Pensei que estivesse dançando *break*!

Agbeko riu, mas nada disse. Ninguém havia se queixado quando ele se sentou ao lado de Carl. Pelo sotaque, ele era o líder dessa equipe da Força Fênix, recrutado em algum lugar na África, pensou Carl. Era o maior no grupo — quase do tamanho de Stark — e o melhor lutador entre eles. Havia conseguido acertar o garoto algumas vezes com força suficiente para deixá-lo feliz pelos socos não terem sido diretos. Carl o derrubou duas vezes, mas Agbeko não ficou no chão. Quando o round acabou, ele cuspiu o protetor bucal e o abraçou, dizendo:

— Você é um matador, Carl.

Henshaw gritou:

— Carl Matador! — E o apelido ficara.

Agora Agbeko falava e, ao som de sua voz profunda, os outros soldados se calaram:

— No meu país, os generais que transformam crianças em soldados não lhe ensinam nada. Só mandam fazer. Eles dão uma arma a elas; dizem pra onde apontar, em quem atirar. “Ali, atira nele”, dizem. “Mas é o meu pai”, você responde. “Então, atira na cabeça, pra ele não sofrer”, respondem. E você faz. Senão, atiram em você. — Fez um gesto que envolvia toda a sala. — Somos todos tão abençoados. O Ancião, este lugar, são grandes bênçãos. Há um plano, percebem?

Todo mundo fez *urra*.

Antes que Carl pudesse realmente pensar no que Agbeko havia dito, Cheng anunciou:

— Lá vem ele.

A porta da frente da sala se abriu, e a Força Fênix ficou de pé de uma só vez.

— Sentido! — disse Agbeko.

Todo mundo, incluindo Carl, assumiu a posição.

— À vontade — respondeu Stark, andando à frente do quarto. — Relatório pós-ação da sessão de *sparring* desta manhã: Carl acabou com vocês.

Ele sorriu, e os soldados gargalharam. Alguém deu um tapinha nas costas de Carl novamente.

Stark foi até o computador na frente da sala e a imagem no monitor apareceu na grande tela de projeção que cobria a maior parte da parede dianteira.

— Carl, a cada semana, entrego o “re-sit”, um relatório de situação que delineia as atividades da Força Fênix ao redor do mundo. Henshaw, apague as luzes.

— Sim, comandante. — Um segundo depois, o quarto ficou escuro.

— Aqui vamos nós — continuou Stark. Um mapa da Rússia e uma porção de países menores encheu a tela. O comandante apontou para possivelmente o menor deles, dizendo: — Zurquistão. Antigo membro da República Soviética. Limitado ao norte pela Rússia, a oeste pela Geórgia... o país, não o estado americano, Henshaw.

Os soldados riram, nenhum mais que Henshaw. Stark continuou, apontando para várias posições no mapa enquanto falava:

— O Zurquistão é limitado a leste pelo Mar Cáspio e ao sul pelo Azerbaijão. Área: aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados, a maior parte montanhosa. População: pouco mais de 2 milhões de habitantes. Renda *per capita*: aproximadamente 2 mil dólares por ano. Topografia: colinas e montanhas. Ativos primários: mineração, agricultura e fabricação de vinho. Um rendimento significativo vem dos impostos de um oleoduto que atravessa o país, saindo do Oriente Médio rumo à Rússia. Mas esse não é o único duto que corre pela região.

Ele arrastou a ponta do bastão que usava como indicador ao longo de uma linha negra que se estendia do sul do Zurquistão, atravessando o resto do país, até a Geórgia.

— Esta é a Rota de Taakvili. Tem milhares de anos; uma antiga via comercial de caravanas. Agora, é a rota de todas as coisas terroristas. Estamos falando de armas, drogas, dinheiro e os próprios terroristas. O lugar certo para qualquer extremista que queira entrar na Rússia, da Al-Qaeda até qualquer outro “Al” ou algum desses recentes “convertidos” que queiram se juntar à luta. Estão me acompanhando, soldados?

— Alfa Charlie, comandante!

— Urra! — respondeu Stark. — O governo zurquistanês odeia esses terroristas. Mais que tudo, o Zurquistão quer uma cadeira na ONU, mas, até que possa deter o fluxo de bandidos que passa por lá para entrar nos países vizinhos, isso não vai acontecer. Por falar em bandidos, de quem estamos falando?

Mãos se ergueram em volta de Carl. Stark apontou.

— Boudazin.

A garota bonita que levantara a mão antes dos outros falou com sotaque francês, dizendo:

— Os Tigres, Comandante Stark.

— Correto — respondeu ele. Apontou para uma região montanhosa no extremo sudoeste do Zurquistão. — Há dois grupos étnicos principais no Zurquistão. Temos os típicos agricultores nativos, pobres de dar pena e bobos feito uma porta; e uma miscelânea de muçulmanos ao sul. Muitas pessoas de etnia chechena e um ramo de mujahidins que se mudaram depois que os soviéticos saíram do Afeganistão. Apesar de tudo, eles, na verdade, parecem se dar bem uns com os outros na maior parte do tempo, pelo menos bem o bastante para que os terroristas dentre eles tenham formado uma organização chamada Tigres de Taakvili... Enquanto isso, lá na capital — continuou Stark, tocando numa estrela do outro lado do país —, o que o governo zurquistanês pode fazer? Os Tigres não vivem em quartéis; misturam-se com os habitantes locais, portanto, o governo do Zurquistão não consegue extirpá-los sem matar milhares de não combatentes. A comunidade internacional chamaria isso de genocídio. Por que não pedir ajuda à Rússia?

Mãos se ergueram de uma vez. Era coisa de louco ver aqueles soldados durões, a maioria mais velha que Carl, agindo como crianças ansiosas na escola.

— Nachev?

— Os habitantes locais se lembram da vida sob domínio soviético — respondeu Nachev — e temem a ocupação russa.

— Ótima explicação — afirmou o comandante.

— Nerd! — gritou Henshaw, e todos explodiram em risos.

— Muito bem, muito bem — disse Stark. — Então, não podem lidar com os Tigres pessoalmente e não vão pedir ajuda à Rússia, mas querem aquele assento da ONU. Portanto, quem eles chamam? Phillips?

— Os Estados Unidos.

— Bingo — afirmou Stark. — De fato, os Estados Unidos gostariam de varrer da face da terra os Tigres e todos os terroristas antiamericanos que eles estão treinando e abrigando, mas não podem fazer isso. Por quê? Cheng?

— Múltiplas razões, comandante — respondeu a garota. — A Rússia não gostaria disso, pra começar, e, mesmo se não fosse o caso, as tropas americanas enfrentariam o mesmo problema que as tropas zurquistanesas. Os Tigres estão escondidos nas montanhas, espalhados entre os não combatentes.

— Excelente. — Stark sorriu. — Você vai ganhar uma cinta de munição extra da próxima vez que estivermos em campo.

Alguém resmungou, em meio a uma tosse fingida:

— Puxa-saco! — Isso fez todo mundo rir novamente.

Stark fez um gesto pedindo silêncio e continuou:

— Matar não combatentes continua sendo inaceitável, apesar de as mulheres e crianças em questão também serem terroristas e futuras terroristas. Então, mais uma vez, o maior exército da Terra, que poderia arrasar essa região inteira com uma arma nuclear de uso tático, se curva às regras sacramentadas do engajamento e não faz nada. — Sorriu. — Bem, pelo menos *oficialmente* eles não fazem nada. Não oficialmente, alguns indivíduos previdentes em certas agências governamentais nos convocam de forma discreta e tomam providências. Pois a Força Fênix só tem uma regra de engajamento. Carl, sabe qual é nossa regra de engajamento?

O garoto balançou a cabeça, negando. O agradável zumbido pós-*sparring* tinha ido embora, e a estranha irrealidade das pessoas à sua volta — pessoas que falavam nesses termos militares que soavam claros de certa forma, mas ainda um tanto inquietantes — estava rapidamente se transformando em medo.

— Não sei o que quer dizer com *regra de engajamento*.

Alguns soldados riram.

— Tudo bem, filho — retomou Stark. — E vocês, piadistas, fechem as matracas. Carl acabou de chegar. Talvez tenham dificuldade em se lembrar disso, considerando o modo como ele acabou com todos vocês no boxe hoje, mas ele é novo aqui.

Alguém fez *urra* e uma mão deu um tapinha nas costas de Carl.

— As regras de engajamento — explicou o comandante — são as regras da guerra. Políticos em busca de votos usam-nas para agradar estrangeiros e liberais de coração mole que não sabem nada sobre combate. Então, dizem ao exército: “Brinquem direitinho, amarrem uma mão atrás das costas e não atirem até que alguém atire em vocês”, esse tipo de coisa. Felizmente para o mundo, contudo, a Força Fênix só tem uma regra de engajamento, o que me leva de volta à minha pergunta original. Soldados, qual é nossa única... regra... de... engajamento? — Pronunciou cada sílaba lentamente, como um professor incitando uma resposta condicionada.

— Vencer!

Stark inclinou-se na direção deles, colocando dramaticamente a mão em concha junto à orelha.

— Quê? Não consigo ouvi-los.

— Vencer! — rugiram.

O comandante pareceu muito contente.

— Urra!

— Urra!

— Esplêndido — declarou Stark. — E, como recompensa, aqui estão gravações recentes do Zurquistão, feitas há aproximadamente duas horas, logo depois da meia-noite, hora local.

Ele apertou algumas teclas, e o mapa desapareceu, substituído por um vídeo noturno: a periferia de uma aldeia na montanha, tudo parecendo sobrenatural naquela incandescência verde e esquisita da visão noturna.

Os membros da Força Fênix se inclinaram para a frente. Carl ficou imóvel; não gostou da expressão ávida no rosto de todos.

O vídeo irrompeu em gritos e tiroteio. Carl viu o clarão de armas de fogo, depois decifrou silhuetas vagas disparando por detrás de rochas, veículos estacionados e um poço de pedra. Homens barbudos em mantos emergiam de casas, gritando e disparando rifles, e morriam rapidamente. Uma série de explosões de um verde vivo cobriu tudo, e as casas se foram, e o próprio solo rochoso se queimou.

— Termita — informou Stark, e os soldados urraram em resposta.

Na tela, alguns militares estavam de pé e em movimento, enquanto outros continuaram agachados ou deitados, dando-lhes cobertura. Um dos soldados em pé, um homem de feições agudas com nariz aquilino e cavanhaque, aproximou-se da câmera e vociferou ordens aos outros soldados. Então, lançou à câmera o olhar mais intenso e selvagem que Carl já tinha visto.

— Baca! — gritaram alguns dos soldados, e a sala ressoou com o nome e uma onda de urras.

Então, o homem de olhos intensos — *Baca*, disse Carl a si mesmo, *um nome digno de lembrança* — saiu correndo, disparando a arma.

Stark pausou a reprodução.

— Baca é a personificação de um ciclo OODA otimizado: Observar, Orientar, Decidir, Agir. Observem-no. Ele executa o ciclo OODA tão rapidamente quanto qualquer comando SEAL ou Delta.

Stark retomou a reprodução do vídeo, e a câmera seguiu o estimado soldado, que virou numa rua lateral e correu entre duas filas de edifícios, iluminando a noite com o fogo da metralhadora numa mão e lançando granadas com a outra. Outros militares o seguiram, trabalhando em equipes, chutando portas e matando qualquer pessoa que cruzasse seu caminho.

Entorpecido, Carl olhou quando uma mulher entrou correndo na rua com uma criança nos braços. Depois, horrorizado, observou Baca disparar contra ela, matando-a e avançando sem pensar duas vezes, quase como se não tivesse notado a existência dela. A cena tornou-se um borrão de atrocidades. Mais tiros e explosões; casas em chamas; homens, mulheres e crianças caindo mortos. Um animal — um cachorro, pensou Carl, e realmente não quis saber — correu, completamente engolfado pelas chamas de uma das casas, para ser morto a tiros por um dos soldados.

Carl desviou o olhar.

Sons terríveis encheram a sala, e o pior de todos foi o dos aplausos e vivas da Força Fênix.

Cinco minutos depois, uma eternidade, acabou.

Um massacre.

Os soldados urraram em apreciação.

Carl sentiu-se enjoado. Não podia acreditar no que vira, não queria acreditar...

— Vamos discutir o relatório pós-operação depois que eu tiver tempo para revisá-lo, mas, de forma geral, foi um sucesso completo — afirmou Stark. — A Força Fênix sofreu apenas uma baixa, e

a condição da soldado ferida é estável.

— Urra!

— Fica ainda melhor — continuou o comandante. — Contagem de corpos dos inimigos: 184.

— E um cachorro! — gritou alguém, e os outros estouraram em gargalhadas.

Carl forçou-se a participar, odiando cada segundo. Isso era loucura.

— O melhor de tudo — acrescentou Stark — é que, no meio deles, fizemos uma identificação positiva do homem que estávamos procurando. Terrorista conhecido morto, missão cumprida.

Enquanto a Força Fênix explodia em mais urras, Carl pensou: *Massacraram uma vila inteira só pra matar um cara?*

Então, voltando-se para ele com olhos incandescentes, Stark disse:

— Estou feliz que você tenha visto isso, Carl. Não gostaria que tivesse a impressão de que havia se unido a alguma força mercenária barata, depósito de mercenários ou coisa assim.

— “Para todas as suas necessidades mercenárias”, acrescentou Henshaw, e todos riram ainda mais.

— Realmente — concordou Stark. — Você vai ver por si mesmo um dia, Carl. Assim que terminar o treinamento inicial, vou colocá-lo na equipe de Baca e deixá-lo começar o trabalho.

O medo e a repulsa de Carl se transformaram em terror. *A equipe de Baca? Começar o trabalho?*

— Ilotas! — gritou alguém.

Os outros riram, muitos deles repetindo a palavra estranha.

— Uma piada interna — explicou Stark. — Lembra-se dos espartanos e seu *agogê*? Os ilotas viviam em Esparta, mas não eram realmente cidadãos. Eram camponeses comuns, presos em algum lugar entre a servidão e a escravidão. Mas serviam a um objetivo mais elevado também. Para se graduar no *agogê*, um jovem espartano precisava matar um ilota.

— Zip! — gritou alguém.

— Zap!

— Cabum!

Mais risadas.

Stark riu com eles e, quando o barulho se reduziu, disse:

— Você vai adorar seu teste final, Carl. — Sorriu, fitando o garoto com olhos brilhantes. — É muito, muito melhor do que nocautear alguém.

— Carl Matador! — berrou Henshaw, e a sala explodiu em urras e gargalhadas.

O garoto forçou mais um sorriso no rosto, mas no interior vacilava. O diário de Eric era verdadeiro — todo ele. As execuções de Parker, o Ancião, os garotos assassinos, tudo. Será que Ross e Octavia estavam bem?



CAPITULO 24



Quando Pronto-Socorro os levou diretamente ao segundo ponto de verificação, ficaram impressionados. Talvez um pouco bestificados. Cautelosamente otimistas até. Mas impressionados.

Rumo ao terceiro ponto de verificação, Pronto-Socorro virou à esquerda quando o mapa claramente sugeria que eles deveriam seguir à direita, depois abriu o berreiro quando tentaram redirecioná-lo.

— É por aqui! — gritou de novo e de novo, até que os outros dois finalmente cedessem e tomassem o caminho indicado por ele.

Quinze minutos depois, eles haviam escrito seus nomes nos livros de registro tanto do terceiro quanto do quarto ponto de verificação e agora atravessavam um terreno pantanoso para alcançar o garoto. Era como se tivesse memorizado o mapa a um só olhar. Ainda mais estranho era o fato de que ele agora tinha mais de uma dúzia de borboletas azuis brilhantes rodopiando em volta da cabeça. Octavia e Ross correram atrás dele, rindo. Incrível... absolutamente incrível.

Pronto-Socorro ia cambaleando, corado de um azul vívido, balbuciando sua canção sem sentido.

— Entende o que isso significa? — perguntou Ross a Octavia.

— Que o Pronto é uma espécie de GPS humano?

— Sim, isso, um milagre e tal, só que mais importante: não vamos ter que passar fome esta noite.

Ela riu.

— Graças a Deus.

Depois de 15 minutos e mais alguns pontos de verificação, Octavia ergueu o olhar para o céu e disse:

— Ainda não é meio-dia. Não quero atrair o azar pra nós ao dizer isso, mas, neste ritmo, podemos

até derrotar todo mundo.

— Eu sei. Acho que vamos mesmo ganhar. — Um enorme sorriso se espalhou pelo rosto dele, fechando o olho inchado. — Estamos economizando muito tempo por não ter que consultar o mapa. Nunca pensei que diria isso, mas o Pronto-Socorro é um gênio.

— Mais um ponto de verificação e a gente já vai pra linha de chegada.

— E pra comida extra.

— E sono. Mal posso esperar pra ver a cara de Parker quando a gente chegar.

Comemoraram com um *high-five* e prosseguiram.

Pronto-Socorro os conduziu por uma ladeira íngreme, movendo-se com uma velocidade misteriosa para um garoto tão roliço e normalmente desajeitado.

Escalaram até o alto e começaram a descer uma leve inclinação do outro lado, passando por entre árvores que se tornavam mais e mais distantes umas das outras até que o grupo chegou, rindo, à beira de outra clareira. Mais ou menos a 90 metros de distância, abaixo das árvores, Pronto-Socorro estava parado no centro do espaço aberto.

Ross ergueu o braço, detendo Octavia antes que ela deixasse a mata.

— Ah, não — disse ele. — Olha quem é.

Decker se apoiava contra o próximo ponto de verificação. Não os havia visto ainda, mas fitava diretamente Pronto-Socorro, que estava a uma curta distância do bronco.

As entranhas de Octavia se apertaram, a boca ficou seca e, em sua imaginação, o padrasto riu. *Tão burra! Como pôde acreditar que as coisas dariam certo pra alguém como você?*

A memória amplificou o medo, enfraqueceu Octavia.

Você não é exatamente a senhorita sortuda, a voz dele lembrou-a. Ela sentiu que poderia desmoronar.

Mas não, precisava ser forte.

Imaginou a pessoa mais forte que conhecia, Carl, e usou essa imagem como se fosse uma cruz de prata contra um vampiro para afugentar a voz do padrasto.

Então, uma risada de verdade chegou a seus ouvidos e os bandidos de Decker entraram na clareira.

Pronto-Socorro deixou de cantar. As borboletas saíram voando em todas as direções como confete vivo espalhado ao vento.

Ela cerrou os punhos.

— Tá legal, vamos lá.

Ross mirou-a com os olhos arregalados.

— Tá louca? Sabe o que vai acontecer se formos lá embaixo?

— Não... mas nós dois sabemos o que vai acontecer se não formos.

Ele esticou a mão para pegar o braço da garota, mas Octavia o deteve com um olhar severo.

— Você não conhece esses caras — disse ele. — Devíamos só esperar.

— Não. Carl não abandonaria o Pronto-Socorro, e eu também não vou. — Meio enlouquecida de medo, marchou para fora das árvores, forçou um sorriso no rosto e disse, num tom despreocupado:

— Ei, caras. Vocês venceram a gente aqui.

— Não, ainda não — respondeu um deles. Outro riu levemente. Era um ruído maldoso, sujo.

Ela fingiu não ouvir. Tentou fazer a voz parecer natural e otimista.

— Então, e aí, já estão quase terminando? Quero dizer, é seu último ponto de verificação?

Por alguma razão, todos eles começaram a rir... exceto Decker. Ele saiu detrás do poste, fitando Pronto-Socorro, que começou a choramingar. O rosto de Decker era quase inexpressivo — nenhum sorriso falso nem carranca de sujeito durão —, mas, de alguma forma, nunca parecera mais assustador. Eram os olhos. O resto da face, com hematomas verdes e amarelos, já desbotados, estava relaxado, quase sonolento, mas os olhos fitavam Pronto-Socorro com uma intensidade assustadora. Queimavam num azul líquido, como uma chama de gás sem calor, e sempre pareciam estranhamente deslocados no rosto quadrado, brutal, com pelos pretos e minúsculos: os olhos de um astro de cinema cravados na cabeça de um troglodita. Fitavam de cada lado do nariz quebrado. *Mais uma de Carl*, pensou. *Como a tipoia e os hematomas de Parker*. Mais do trabalho de Carl, permanecendo como um eco, lembrando a ela a ausência dele. E, com esse pensamento, uma espécie de fadiga lhe sobrecarregou o peito.

Embora tivesse vontade de voltar correndo para as árvores, Octavia forçou-se a continuar descendo o morro.

— Vocês já assinaram o livro? Se não, vão em frente. É óbvio que chegaram aqui primeiro. — Ela esboçou mais um sorriso.

Decker moveu-se rapidamente. Ela viu o rosto do rapaz se alterar, viu o corpo mudar e teve apenas tempo bastante para entender o que estava acontecendo antes de ouvir o baque e o ganido de Pronto-Socorro. Este caiu no chão e se enrolou, apertando o estômago.

— Ei! — Ela apontou para Decker. — Não pode fazer isso!

Agora ele olhava para ela, e lá estava o sorriso novamente. Octavia imaginou se o sujeito era capaz de sorrir por outro motivo que não a dor dos outros.

— Você não soube? Sou o xerife. Posso fazer o que eu quiser.

Brandiu o bastão preto e brilhante acima da cabeça e baixou-o com força no traseiro de Pronto-Socorro. Ouviu-se um estalo alto, e o menino gritou.

— Não! — protestou Octavia. — Deixe ele em paz!

Stroud, o valentão alto e muito magro, riu. Manchas pretas cercavam seus olhos também. Eram marcas provocadas por Carl.

Ah, Carl, pensou ela, queria que você estivesse aqui agora.

Mas ele não estava. Ela precisava cuidar disso sozinha. Lamentou não estar com a faca improvisada que fizera com a escova de dentes.

Pronto-Socorro tentou rastejar para longe, contudo Decker pisou duramente em sua região lombar e o pregou ao chão da floresta sob a bota militar.

— Vamos tirar a calça dele — disse um dos valentões.

Octavia apontou para Decker, tentando não demonstrar medo.

— Se não parar com isso agora, vai ficar bem encrencado. Vou dedurá-lo. — E então pensou: *Dedurar? O que é isso, o terceiro ano?*

Decker riu e deu as costas a ela.

— Vá em frente, Funk, tira a calça dele.

— Não pode estar falando sério — disse ela. — Isso é coisa de doente.

— Você nem tem ideia de como sou doente. — Decker a olhou nos olhos. — Quer descobrir?

— Não.

Tá legal, merda, é isso. Não dá mais pra me fazer de corajosa. Esse cara é doido. E aqui na floresta... ai, meu Deus, ele pode fazer qualquer coisa.

— É a namorada do Hollywood — afirmou Stroud. A mão dele a alcançou, e ele levou um tapa dela.

— Não encoste em mim.

— Estou pensando em transformar ela em *minha* namorada — respondeu Decker. — Mas é mais reta que uma tábua.

Stroud se aproximou de Octavia novamente, sorrindo.

— Sim, mas ainda é a *namorada do Hollywood*.

Ela bateu naquela mão mais uma vez e deu um passo para trás. Esse único passo a encheu de vontade de correr para longe.

Decker ergueu o bastão.

— Ela fica olhando pro meu porrete. — Balançou a coisa na direção de Octavia. — Gostou, nenê? Quer pegar nele?

Stroud disse algo e riu.

Octavia fingiu não ouvir.

Pronto-Socorro levantou-se de um salto e correu em direção às árvores. Funk e o outro foram atrás dele. Decker não pareceu se importar. Em vez disso, aproximou-se dela.

— Por que você tem cabelo branco?

— Talvez ela seja velhota.

Decker agarrou o braço da garota.

— Não parece uma velhota. — O aperto daquela mão era muito forte, e ela pôde sentir os calos ásperos.

— Ai! — exclamou ela, e imediatamente se arrependeu. Não podia deixar caras como Decker saberem que a machucaram. Isso só os estimulava. Ela não conseguia se livrar do aperto. Sentiu o calor dele. O cheiro, forte e azedo, encheu seu nariz, fazendo-a querer escapar, gritar.

Ele riu.

— Aonde está indo? Os longos braços da lei a pegaram.

Ela sentiu as mãos de Stroud nos seus quadris. Sem pensar, chutou para trás com o calcanhar. O salto baixo da bota atingiu algo mole, e Stroud a soltou com um *uf!* bem alto.

Ela mandou a mão livre contra o rosto de Decker, mas ele bloqueou o soco facilmente e a puxou para junto de si.

Octavia gritou.

Ele a torceu enquanto puxava, envolvendo-a com um braço e levantando-a do chão. Por um segundo, a garota ficou no ar, depois foi jogada no chão com tanta força que uma luz brilhou dentro de sua cabeça e todo o ar lhe fugiu dos pulmões.

Então, Decker estava sobre ela. O corpo dele era sólido e forte, e ele a empurrou no solo da floresta, a fez virar-se de frente para ele e apertou-lhe os ombros contra a terra, machucando-a. Os olhos azuis permaneciam frios e racionais, num rosto que, ao contrário, estava tomado pela raiva quando falou:

— Gosta de bater?

Então, esbofeteou-a com força no rosto.

O mundo explodiu em dor incandescente.

De repente, foi como se seu padrasto estivesse vivo outra vez, como se estivesse sobre ela outra vez, segurando-a, ferindo-a, e ela só quis matar ou morrer. Praguejou.

— Por mim, tudo bem, docinho. Temos o dia todo. A noite toda também, se eu quiser. Porque o xerife pode fazer o que desejar. — Fitou-a com algo que parecia curiosidade e beliscou seu braço com força.

Ela gritou e tentou morder a mão dele. O rapaz a moveu a tempo, e os dentes dela se fecharam no ar.

Stroud apareceu atrás dele, parecendo um assassino.

Decker riu.

— Ah, quer morder, ahn? Que cachorrinha mais malvada. Preciso lhe ensinar boas maneiras. Como meu pai costumava dizer, “cachorro e mulher, quanto mais apanham, melhores ficam”. — Ele

ergueu a mão no ar, e ela fechou os olhos, esperando o golpe.

Então, houve um ruído surdo e o peso de Decker sobre ela se alterou, se erguendo do corpo dela ligeiramente.

Octavia o empurrou de uma vez. Ele rolou, e ela se afastou num movimento rápido, esperando que Stroud saltasse sobre ela, no entanto ele estava olhando para cima, para as árvores.

No topo do aclave, Ross se curvou, pegando outra pedra.

Decker xingou em voz alta, segurando o rosto. O sangue gotejava entre seus dedos.

A garota se levantou de um pulo e correu. Para onde, não sabia, nem se importava. Só correu. Para longe deles. Longe de Decker e Stroud e da voz do padrasto. A distância, pensou ter ouvido Pronto-Socorro gritar. Lá atrás, Decker berrou:

— Pega ela! Ross é meu!

O medo a consumiu como fogo. Correu, queimando de terror, por entre as árvores, aproveitando ao máximo a vantagem que tinha sobre Stroud. Era boa corredora e, enquanto se embrenhava entre as árvores, lutou contra o medo até que a mente começasse a funcionar novamente. Seus olhos esquadrinharam a floresta. Lá: uma ladeira íngreme.

Correu para a encosta. Ouviu Stroud atrás de si, fazendo galhos estalarem e ofegando pela corrida, mas não olhou para trás. Não. Ia correr e correr e correr.

Foi subindo com dificuldade, agarrando trepadeiras e brotos, impulsionando-se para cima como um macaco a escalar uma árvore. Os sons de Stroud ficaram para trás, contudo ela não reduziu a velocidade. Subiu rapidamente a encosta, chegou ao topo e entrou numa floresta mais densa, tudo imerso na sombra. Mergulhando atrás de um arbusto enorme de folhas largas, agachou-se e tomou fôlego, dando uma folga aos pulmões e espiando o caminho em busca de Stroud.

Segundos depois, quando a respiração voltou ao controle, ela o ouviu, arfando. Sorriu sombriamente. Decker e seus amigos sempre ficavam para trás nas corridas, se achando legais demais para fazer um esforço. Agora Stroud sofria por isso. Ele cambaleou até o topo, onde caiu de quatro. Não a viu. Levantou a cabeça, sugando ar, semicerrando os olhos fechados.

A fraqueza dele transformou o medo de Octavia em raiva. Havia pensado mesmo que poderia pegá-la tão facilmente? Ela se ergueu do arbusto.

Ele abriu os olhos, vendo-a chegar no último segundo.

— Mas que...?

Octavia jogou a perna com toda a força que pôde reunir, e a bota se chocou contra o rosto dele. A cabeça do garoto se virou para trás, os braços decolaram da terra e o tronco se arqueou para trás e desapareceu colina abaixo. As pernas se ergueram e logo desabaram também, e ele se foi, gritando enquanto desmoronava pela encosta íngreme, quicando e lançando-se no ar, caindo e quicando outra vez até chegar ao solo da floresta, lá embaixo, onde atingiu em cheio uma árvore e ficou imóvel.

Ótimo, pensou ela, trêmula de raiva. Espero que tenha quebrado a coluna.

Ao longe, alguém gritou.

Ross?

Precisava ajudá-lo como ele a ajudara.

Mas tinha tanto medo. Olhou para baixo. Stroud ainda estava no chão, inerte.

Respirou profundamente. Precisava ajudar Ross. Mas imaginou Decker, o rosto dele sobre ela, os olhos azuis gélidos, e por um segundo não pôde se mover.

Ah, meu Deus, pensou. Por favor. Tenho que ser forte. Tenho que ajudar Ross.

Foi quando descobriu o porrete largado a seus pés. O bastão de Stroud. Ele deve ter deixado cair quando ela o chutou.

Lá embaixo, ele se mexeu. Não houve muito movimento, mas estava vivo.

Ela apanhou o porrete. Era mais leve do que esperava, feito de madeira. A superfície era lisa, mas o cabo tinha ondulações para oferecer mais firmeza à mão e um pequeno laço de couro preso no fim. Octavia deslizou a mão pelo laço e começou a voltar colina abaixo.

Desceu de lado, tomando cuidado para não cair. Quando chegou ao chão, Stroud gritou e tentou se arrastar para longe. Octavia avançou, sabendo que precisava feri-lo o bastante para que ele não a seguisse. Ele não teria oferecido clemência. Ela não faria diferente.

Acertou o rosto dele com o cassetete. O corpo do garoto amoleceu, caiu para a frente e permaneceu imóvel. Considerou golpeá-lo de novo e de novo, simplesmente acabar com ele. Para sempre. Mas restava-lhe racionalidade suficiente para saber que essa era uma má ideia, uma ideia horrível, para a qual não haveria volta.

Olhando para baixo, viu uma das mãos dele largada sobre uma raiz de árvore exposta.

— Você não deveria tocar em pessoas que não querem ser tocadas — disse e desceu o porrete com toda a força. Ouviu os ossos da mão dele estalarem e retrocedeu, assustada com a própria ferocidade. Seu estômago se apertou e se revirou, e ela sentiu a garganta se contrair, mas não vomitou. *Esquece isso*, disse a si mesma, correndo em direção a Ross.

Fez uma pausa na extremidade da clareira, que estava vazia. Uma armadilha? Não tinha tempo para se preocupar com isso agora.

Avançou para o espaço aberto e esperou. Nada.

Através da clareira, Octavia correu, com o medo crescendo dentro dela quando imaginou a raiva de Decker.

Seja dura, ordenou a si mesma. *Seja como Carl*. Chegando ao outro lado da clareira, correu colina acima, mas desacelerou ao passar pelo ponto de onde Ross havia lançado a rocha. Quis recuperar o fôlego todo, caso precisasse dele. Além disso, seria capaz de ouvir melhor se andasse e respirasse com calma.

Esquadrinhando de um lado ao outro e ouvindo atentamente, seguiu em frente. Esperava que essa fosse a direção certa. Onde estava Pronto-Socorro quando precisava dele?

Esse pensamento a entristeceu. Imaginou Pronto-Socorro, feliz pela primeira vez naquele lugar horrível, cambaleando com seu cortejo de borboletas e conduzindo-os quase magicamente de um ponto de verificação a outro. Então, lembrou-se dos gritos dele na floresta e sentiu frio. O que haviam feito com ele?

Um galho se partiu.

Ela se agachou atrás de uma árvore.

Um grande porco marrom com presas longas e curvas emergiu da vegetação rasteira. Trotou por seu campo de visão e desapareceu na escuridão. Octavia esperou que a fera encontrasse Decker.

Ela ficou de pé, depois agachou-se novamente.

Um arrastar de pés barulhento...

E lá estava ele: Decker.

Espreitando na mata, com sangue na camiseta, o porrete na mão e os olhos examinando de um lado a outro, ele parecia um tipo sub-humano e primitivo das profundezas da Pré-História, um selvagem sanguinário que caçava carne e a comia crua e ainda quente na floresta. Octavia abaixou-se ainda mais e apertou a arma, respirando superficialmente e rezando para que ele não a visse.

Então, como o porco, Decker desapareceu na penumbra.

Movendo-se da maneira mais calma possível, ela se apressou em seguir o rastro dele. O medo a preencheu de novo. E se encontrasse Ross estatelado numa poça de sangue? Conhecía só os primeiros socorros básicos e não tinha outros recursos.

Mas estes eram pensamentos ruins, pensamentos de pânico, perigosos para ela agora. Afastou-os da mente e prosseguiu.

Estava começando a imaginar se teria seguido na direção errada quando uma voz chamou baixinho da vegetação rasteira:

— Octavia.

— Ross?

Um arbusto denso se agitou e o garoto emergiu. Ela não viu nenhuma nova escoriação nele, mas os olhos estavam arregalados.

— Onde está Decker?

— Foi por ali.

A garota assentiu e começou a se deslocar na direção oposta. Agarrou a mão dele e puxou-o consigo.

— Onde conseguiu o bastão?

— Conto tudo depois. Temos que encontrar o Pronto-Socorro.

Ross encolheu os ombros.

— Honestamente? Não quero parecer covarde, mas não acho que possamos fazer muito por ele. Não aqui. Temos que contar ao Stark o que aconteceu.

Octavia nada disse. Seu rosto ainda doía onde Decker havia batido e, com a adrenalina retrocedendo, sentia a dor se arrastar pelos ombros e a nuca, que bateram no chão quando o maluco a derrubou. Os eventos do dia pareciam irreais, mas ali estava ela, ferida e com um porrete na mão.

Era real. Tudo era real.

— Não podemos deixar Pronto-Socorro — disse. Ross começou a protestar, contudo ela o deteve. — Escuta. Mais cedo, quando você começou a falar de Carl e como poderiam ter feito alguma coisa com ele, eu não quis ouvir. Não quis acreditar. Mas, agora, depois de tudo isso? As coisas mudaram. Eu acredito. No diário, em tudo.

— Um passo na direção certa — respondeu ele —, mas ainda não vejo o que isso tem a ver com arriscar nosso pescoço pelo Pronto-Socorro.

— Ele precisa de nós. Decker é “o xerife” agora, não é? Pode fazer tudo o que quiser.

Ross fez cara de quem chupou limão podre.

E naquele momento indeciso ela viu. Viu, de repente, qual seria seu próprio plano.

Ross suspirou.

— Perfeito. Vamos dar uma olhada rápida, e depois vamos procurar Stark.

Ela ergueu um dedo.

— Não exatamente. Tenho que fazer mais uma coisa primeiro.

Ele esperou, parecendo enjoado.

— Tenho que encontrar Carl.

— Que... na Oficina?

Octavia assentiu.

— Ele pode estar precisando de nós, Ross. E, se estiver, eu preferia morrer aqui mesmo e deixar os porcos me devorarem a abandonar Carl. É sério.

— Sei que é. — Ele ficou quieto por algum tempo depois disso. A boca se movia como se estivesse mastigando uma semente, para a frente e para trás. — Tá legal. Vamos. Mas não vou passar o dia inteiro procurando o Pronto. Vamos tentar encontrar ele e depois procurar Carl. — Revirou os olhos. — Estamos totalmente ferrados.

— Basicamente — respondeu ela. — Está com a bússola?

Ross balançou a cabeça, negando.

— O mapa também já era.

— Merda.

Avançaram pela mata, verificando o sol quando conseguiam, e continuaram no que esperavam ser

a direção correta. Depois de um tempo, ela disse:

— Se você não tivesse jogado aquela pedra... muito obrigada, Ross. Quero dizer, você me salvou...

Ele armou um sorriso desajeitado.

— Este sou eu, sempre pronto a salvar uma donzela em apuros.

Ela riu.

— Pela primeira vez, eu até que gosto de você fazendo graça.

— Todo mundo acaba gostando.

Segundos depois, Ross assobiou e os dois se agacharam. Octavia ouviu o movimento, mas não viu nada. Olhando para ela de olhos arregalados, o garoto apontou para a encosta da colina e levantou quatro dedos.

Ela viu Decker a distância, passando entre as árvores. Então, vieram Funk e aquele de cujo nome não conseguia se lembrar, e finalmente Stroud, que agora mancava, com a mão quebrada. Os quatro seguiam na direção onde ela imaginava estar a estrada. Ótimo. Agora, ela e Ross poderiam seguir no sentido contrário e possivelmente encontrarim Pronto-Socorro. Esperava que ele estivesse bem.

Acenou para Ross, e os dois começaram a se mover outra vez. Evitando a clareira ao máximo, entraram na parte da mata para a qual Pronto-Socorro havia corrido.

Seguiram um rastro de porco-do-mato numa região escura, quente e úmida, onde tantos mosquitos roçavam neles que era como entrar num quarto escuro cheio de teias de aranha. Ela arriscou alguns gritos, chamando pelo menino.

Nada.

Moveram-se devagar, olhando atrás de arbustos e debaixo de árvores, em qualquer lugar onde Pronto-Socorro pudesse ter se escondido. Ele provavelmente estava tão apavorado que não confiaria nem mesmo neles.

— Olha — disse Ross. O tom dele a encheu de medo.

A calça de Pronto-Socorro estava largada na terra. Havia uma bota perto dela. Tudo manchado de sangue.

Ross xingou.

— Bater nele é uma coisa, mas por que humilhá-lo assim? Piadas à parte, a selva não é lugar pra alguém ficar andando sem a calça.

Chamaram mais algumas vezes. Nada.

Um pouco mais adiante, ela notou uma gota de sangue vermelho-vivo sobre a trilha enlameada do porco, redonda como uma boca aberta a gritar. Segundos depois, encontraram outra gota. Assim, seguiram a pista dele, como caçadores atrás de um cervo ferido.

É assim que ele deve estar se sentindo, pensou. Aterrorizado, como um animal ferido.

O sangue os levou a outra clareira, no centro da qual pulsava algo grande e azul... algo azul que não fazia sentido. No início, Octavia pensou que fosse uma coisa viva, algum tipo de criatura brilhante — alguma coisa —, um volume azul do tamanho de uma banheira, tremulando como uma série de olhos azuis, todos piscando. Então, aproximando-se, viu o que realmente era: um montículo de borboletas azul, num tom muito vívido, todas esvoaçando e colidindo entre elas.

— Que esquisito — comentou Ross. — Deve haver milhares.

— Vamos — disse ela. — Temos que encontrá-lo.

De repente, as borboletas se ergueram no ar como uma erupção de lava azul.

— Ah... ah, não... — disse.

Alguns dos insetos permaneceram, as asas se abrindo e se fechando ritmicamente, como vários corações pulsantes. Uma estava sentada sobre um joelho branco. Outra se emaranhou no cabelo ruivo. Uma terceira — e esta foi a que ela notou pouco antes de começar a gritar — empoleirou-se no olho aberto e inerte.

Pronto-Socorro estava morto.



CAPITULO 25



Tremendo de exaustão e ensandecida pelo medo, Octavia lutou para passar entre a vegetação densa. A lama engolia seus pés. As raízes a atrapalhavam. As trepadeiras a agarravam. Os espinhos rasgavam-lhe a carne. As largas folhas cobriram-lhe o rosto, cegando-a, tentando sufocá-la, como se a própria floresta quisesse matá-los.

Resmungou, lutando para seguir em frente.

Os uivos se aproximavam.

Logo atrás dela, Ross soluçou. Não conseguia continuar. Sempre que chegavam a trechos abertos, ela queria correr para longe, mas não podia abandoná-lo.

Não agora. Não quando sabia a verdade.

A gangue de Decker matara Pronto-Socorro.

E agora querem nos matar.

Ela e Ross haviam passado tempo demais fitando o corpo, descrentes, e os assassinos voltaram para encontrá-los.

Rastejou sob uma árvore caída, lembrando-se das cenas como lampejos: Pronto-Socorro, a borboleta azul pousando no olho aberto, as asas piscando para ela, como se tudo aquilo, a morte do menino, a Ilha Fênix, o mundo... tudo... fosse uma grande piada cósmica.

É isso mesmo, disse a voz do padrasto. O mundo é uma grande piada, e você é a frase de efeito...

Enquanto relembrava a descoberta terrível — os gritos que lhe haviam escapado e os assassinos berrando em resposta, vindo pegá-los —, uma onda de loucura percorreu seu corpo novamente.

Não. Não podia permitir a loucura. O pânico já lhes havia custado bastante tempo.

Ela fugira cegamente pela floresta e só depois de não se sabe quanto tempo havia por fim

conseguido se acalmar, o bastante para se dirigir à estrada. Ou para onde esperava que a estrada estivesse.

Precisavam encontrar a estrada e algum adulto antes que Decker conseguisse pegá-los. Se ele conseguisse...

— Rossinhoooo! — gritou alguém na floresta atrás deles. Parecia próximo. Assim como a risada que se seguiu.

Octavia mergulhou para a frente e se chocou contra uma densa parede de folhas largas que estapearam seu rosto, bloqueando a luz do dia. A seiva queimou-lhe a pele, ateando fogo ao que pareciam ser mil arranhões e cortes que lhe cobriam o corpo. Empurrou-as com a mão, bateu nelas com o bastão e continuou avançando, certa de que, a qualquer segundo agora, o ar atrás dela se encheria dos gritos de Ross e da risada dos assassinos.

— *Gre-go-ric!* — chamou Decker, numa voz zombeteira. — Vamos pegar você, nenê! — Ele parecia estar uns três metros atrás dela agora...

Penetrando a vegetação que cegava, Octavia quase podia sentir a mão de Decker se fechar sobre seu ombro.

Então, tropeçou, caindo da embocadura verde da mata para a luz, e desabou com força na terra batida da estrada. O porrete escapou e rolou para longe, e a garota cambaleou atrás dele, com a palma das mãos ardendo. Quando agarrou o bastão, seu coração deu um salto.

A estrada se estendia para longe em ambas as direções, cercada pela floresta escura. Um som alto de debulhamento soou atrás dela. A vegetação se movimentou, e Ross emergiu dela, uma mão cobrindo o olho, retraído de dor.

Algo devia tê-lo espetado. Que fosse. Tinham de correr. Octavia agarrou a mão dele.

— Vem, cara. Estão logo atrás de nós.

Correram tão rápido quanto puderam estrada acima.

Os caçadores irromperam da mata atrás deles, uivando como canibais, a zombaria ruidosa como um tiroteio a céu aberto.

Um guincho irrompeu involuntariamente dos pulmões de Octavia. Separou-se de Ross sem perceber o que fazia, depois desacelerou, pegando uma curva no caminho, acenando às cegas com um braço, pedindo que ele se apressasse. Virou-se a meio caminho enquanto corria e viu Ross lutando para acompanhá-la, o rosto do garoto uma máscara contundida de terror. Aproximadamente à distância de um campo de futebol atrás dele, aproximando-se rapidamente, vinha Decker. Com o terror familiar da presa observada pelo predador, ela viu Decker reduzir a distância.

Gritou para Ross, o medo como um vulcão em erupção dentro dela, incapaz de desviar o olhar da visão terrível cada vez mais perto. Noventa metros... 70... 40...

E, fugindo com o rosto voltado para trás, quase bateu no jipe estacionado no meio da estrada.

Parou no último segundo, estendendo uma mão e apoiando-se no capô. *Estamos salvos!*

— O que está acontecendo aqui? — Uma voz familiar retumbou.

O sargento instrutor Parker estava junto do jipe, olhando feio para ela. Pela primeira vez na vida, Octavia ficou feliz em vê-lo.

— Eles... — disse, lutando para tomar fôlego — ... mataram ele.

Parker se aproximou dela.

— O que disse?

Um soldado saiu da floresta à sua esquerda.

Ross colidiu contra ela, arfando.

— Ele — respondeu a garota, apontando para Decker, que deixara de correr e agora andava em direção a eles com um grande sorriso no rosto. Mais atrás, os outros socaram o ar e gritaram. — Foram eles. Eles mataram o Pronto-Socorro.

— Lorota — disse Parker.

A palavra a surpreendeu como um soco no estômago.

O soldado de Parker gesticulou para que ela entregasse o porrete. Ela o ignorou.

— O que disse?

— Lorota — repetiu Parker. Apontou para o bastão. — Onde arranjou isso?

— Quê? — perguntou ela. Nada disso fazia sentido. Acabava de informar um assassinato, mas ele...

— Ela tomou de Stroud — respondeu Decker, aproximando-se deles.

Octavia virou-se e empunhou o porrete.

— Fica longe da gente, seu assassino!

Ross se colocou entre eles, enfrentando Decker.

— Você tá *muito* encrencado.

Ainda sorrindo, Decker respondeu:

— Acho que é você quem tá encrencado, companheiro.

Uma mão se fechou no pulso de Octavia. Ela gritou e tentou se livrar, mas não conseguiu escapar ao aperto. Parker arrancou o porrete de sua mão.

— Ponha algemas nela.

— O que está fazendo? — perguntou a garota.

O soldado que ela não notara antes agarrou-a por trás e jogou-a contra o jipe. Apertou os quadris dela contra a grade do veículo e achatou-lhe o peito e o rosto contra o capô.

— Braços para trás. Pulsos juntos.

Ela esforçou-se — muito pouco consciente dos sons de luta atrás dela, Ross gritando —, mas o soldado era forte demais e, quando as frias algemas de aço se fecharam em volta dos pulsos de Octavia, o rosto de Parker se inclinou para ela, sorrindo.

— Você é igualzinha ao seu namorado, hein? Um indivíduo. — Estendeu a mão e beliscou o nariz dela como se fosse um tio brincalhão. — Bom, estragou tudo desta vez, docinho. Você e Ross mataram aquele pobre saco de merda ruivo e agora vão pagar.

Então ela entendeu.

— Você planejou isso, não foi? Mandou Decker... fazer *aquilo* pra depois poder nos culpar. Você é louco!

Ele ficou vesgo, pôs a língua para fora e caiu na gargalhada. Então, endireitando a postura, disse:

— Joguem Ross e a Senhora Hollywood no jipe. É temporada de caça!



CAPITULO 26



A mochila chiava a cada passo. Carl puxou as tiras passadas sobre o peito e o ruído cessou, deixando só o som das botas na terra batida da trilha florestal, o canto dos pássaros e o ritmo calmo da respiração — a de Stark e a sua própria, sincronizadas tão claramente quanto os passos deles. Por enquanto, precisava fingir que estava de completo acordo com os planos e a visão do comandante... quando tudo nele queria correr no sentido contrário.

Ressoaram subindo uma colina íngreme sem reduzir a velocidade. Por cerca de uma hora, desde que haviam deixado toda aquela loucura para trás no Acampamento Força Fênix, estiveram trotando para cima e para baixo na rede de trilhas retorcidas no meio do mato, vestidos com farda completa e botas militares, uns bons 30 quilos no dorso de cada um. Apesar da sessão de *sparring* e da mochila pesada, o “novo corpo” de Carl estava à altura do desafio.

Sua mente é que não ia tão bem.

Stark era ninguém menos que o Ancião do diário de Eric, um soldado com 2 metros de altura e com experiência em combate, que conseguia erguer halteres de meia tonelada e planejava levar Carl para algum canto do mundo devastado pela guerra para matar pessoas. Isso significaria a morte de tudo em que o garoto acreditava, a morte da pessoa que sempre fora, a morte do filho de seu pai... e o nascimento de uma nova pessoa, um assassino de sangue frio, filho de Stark.

Precisava escapar.

A mochila começou a chiar novamente.

Puxou as tiras.

À sua frente, o comandante riu.

— Bem-vindo à vida militar. Desde a época dos espartanos, soldados lutam para carregar o equipamento. Vamos consertar sua mochila lá no hangar. Acha bom?

— Acho ótimo — respondeu Carl. Nunca fora bom em esconder os sentimentos, mas merecia um Oscar por sua mais recente performance.

Correram por outra subida escarpada.

Como poderia escapar?

Guardas armados vigiavam os barcos no Acampamento Força Fênix, e embarcar como clandestino no avião de provisões parecia impossível. Não sabia o horário exato da saída e, mesmo se soubesse, como subiria furtivamente a bordo? Stark o deixava sair sozinho para corridas e às vezes o deixava a sós para estudar, mas o garoto não poderia exatamente sincronizar esses momentos com a chegada do avião. Mesmo que de fato conseguisse embarcar, onde se esconderia?

Insanidade...

Ande logo, Campbell, pensou. Traga alguém aqui antes que seja tarde demais.

Interrompendo seus pensamentos, Stark gritou, e Carl observou uma pequena vara de porcos-domato correndo nas profundezas mais escuras da floresta.

— Animais perversos, esses porcos — disse o comandante. — Se der de cara com um grandalhão, é melhor estar preparado. — Deu um tapinha na grande faca que sempre trazia numa bainha no cinto. O homem adorava facas, um fascínio que provavelmente vinha dos samurais e seu código, o Bushido; só mais uma parte de sua loucura muito bem instruída.

Saíram dentre as árvores para a larga cordilheira de pedra que percorria a ilha como uma espinha dorsal. Apesar das inquietações de Carl, a visão ali, acima da linha das árvores, o surpreendeu, a ilha inteira espalhando-se verde abaixo deles, o Oceano Pacífico circundante, nebuloso em sua vastidão. À direita, para além da encosta que acabavam de subir, Carl pôde ver partes da estrada, uma faixa marrom, interrompida e quase invisível em meio à mata. Adiante da estrada, uma linha mais reta e ininterrupta dividia a floresta, separando essa metade da ilha do lado oriental, o lado “aqui há dragões”. Dessa altura, Carl pôde ver que a cerca corria de um extremo da ilha ao outro, as árvores de ambos os lados dela estavam podadas. Considerando que essa metade da ilha tinha porcos perversos e psicopatas com armas automáticas, que “dragões” seriam tão perigosos a ponto de exigir uma cerca elétrica como aquela?

Ele nem queria saber...

Virando-se para o outro lado, deu um passo instintivo para trás, as entranhas tensionadas como um punho. O espinhaço rochoso descia na forma de um penhasco íngreme de pedra nua, uma queda de 30 metros até a floresta lá embaixo. Adiante, como um crânio pétreo erguendo-se da espinha rochosa, agigantava-se o pico mais alto da montanha. Além, o oceano se estendia obscuro até o infinito.

— Ao topo — disse Stark, gesticulando para que Carl o acompanhasse. — Não há melhor lugar para ver o pôr do sol.

Carl o seguiu, mantendo-se no centro do espinhaço. Nunca tivera medo de altura, mas o precipício agudo à sua esquerda — todo aquele espaço aberto! — parecia capaz de sugá-lo para o vazio. Travou o olhar na trilha e continuou pondo um pé na frente do outro.

No topo, o comandante largou a mochila e soltou um *urra*.

Mantendo sua performance digna de um Oscar, Carl fez o mesmo.

Ao redor deles, espalhava-se o pico arredado de pedra crua, chato como um convés de observação e quase do tamanho de um ringue de boxe. Stark foi até a borda e lá ficou, com as mãos no quadril e encarando o vazio.

— Alexandre, o Grande, conquistou o mundo conhecido antes do seu trigésimo aniversário. Levou um exército da Grécia até a Índia. Destruíu os persas, todo mundo. No Afeganistão, pensaram que ele fosse Deus. De acordo com a lenda, ele escalou uma montanha não muito diferente desta e, chegando ao pico, olhou para as vastas terras abaixo dele e chorou. — Ele se voltou para Carl. — Sabe por que chorou?

— Tinha perdido muitos soldados?

O comandante balançou a cabeça.

— Chorou porque não havia nada mais a conquistar.

— Uau — respondeu Carl, fazendo o possível para parecer impressionado.

Virando-se para ficar de frente para o oceano, Stark acrescentou:

— Sempre que venho aqui, imagino Zeus olhando do alto do Monte Olimpo e rindo de um mundo que ainda está se punindo com o presente do fogo.

Um empurrão, pensou Carl, fitando as costas de Stark, *e ele cai do penhasco*.

— O fogo de Prometeu deu aos líderes do mundo livre tudo de que precisam para aniquilar nossos inimigos — continuou o comandante. — Vigilância via satélite, aviões *drones*, armas nucleares, supervírus geneticamente modificados... tudo. Mas, enquanto nossos cidadãos e soldados morrem, eles bancam Hamlet e hesitam. Por quê?

Ele nem perceberia, pensou Carl, dando um passo à frente. *Um empurrão e posso acabar com tudo isso*.

— Porque o fogo de Prometeu também criou a era da informação — disse Stark — e, com vários bilhões de idiotas assistindo à CNN e choramingando na internet, os homens mais poderosos do planeta têm medo de agir.

Carl hesitou. Não podia fazer isso. Não era um assassino.

Stark virou-se com um sorriso.

— Mas você e eu, filho, somos diferentes. Entendemos que o progresso tem um preço. Ainda não está na hora, mas logo, quando o fogo de Prometeu nos der o chip principal, atuaremos de forma decisiva. Então, quando for a nossa vez de olhar para o mundo conquistado, não choraremos como Alexandre. Vamos rir como Zeus.

— Maravilha — respondeu Carl, e até conseguiu sorrir. O que Stark queria dizer com *mundo conquistado*? O que planejava fazer com o chip principal?

O comandante verificou o relógio, abriu o zíper da mochila e se reergueu com um par de binóculos. Entregando um a Carl, disse:

— Venha. Quero lhe mostrar uma coisa.

Foram até a borda, onde a encosta da montanha se inclinava abruptamente num trecho de floresta danificado por uma tempestade. De um emaranhado denso de vegetação baixa projetavam-se as pontas lascadas de árvores partidas... as fraturas expostas de uma selva que já se fora. Carl pensou no osso quebrado de Mitchell.

Stark apontou para baixo.

— Parece familiar?

O garoto levou o binóculo até os olhos e viu uma cena familiar até demais: o oceano, os edifícios quadrados e baixos, a rampa, o píer, a pista de pouso, o estacionamento onde Parker havia roubado sua medalha.

— Ah, sim — respondeu —, é onde pousamos no primeiro dia.

Stark disse:

— Pelo que entendi, você passou a conhecer o asfalto muito bem naquela tarde.

Carl forçou uma risada. Stark sabia de tudo.

— Continue olhando. Algo genuinamente interessante está a ponto de acontecer.

Mas, em vez de olhar para onde o comandante pareceu estar indicando, os olhos de Carl fitaram algo que ele acabava de notar.

Um barco.

Um navio solitário balançando na maré, amarrado a um píer escuro que sobressaía como um dedo que aponta para a terra firme, para o México e, mais além, os Estados Unidos...

— Lá vêm eles — avisou Stark. — Estou ouvindo.

Carl ouviu um motor em algum lugar lá embaixo, mas não desviou o olhar do barco. A esperança cresceu dentro dele e estourou, brilhante como fogo, em seu peito. *Um barco!* Havia pensado que todos eles estivessem no Acampamento Força Fênix, mas não — do outro lado dos edifícios baixos que flanqueavam a pista de aterrissagem, o barco se sacudia leve e tão ritmicamente quanto uma mão que acena.

— Bem na hora — disse o comandante. Lançando um olhar para longe do barco, Carl viu um jipe no fim do píer.

Dois soldados lutaram para tirar um grande tambor da traseira do veículo, inclinaram-no e jogaram uma pasta úmida no mar. A água ficou turva, e Carl viu coisas flutuarem na superfície.

— Lixo do refeitório — informou Stark. — Continue olhando.

De repente, a água ferveu. Formas escuras vieram à superfície, girando e espirrando água. Um dos soldados deu um passo para trás.

Stark riu.

— Tubarões-martelo. Algumas das máquinas de matar mais perfeitas da natureza, limpando nossa

sucata.

— Caramba — exclamou Carl. Mesmo daquela distância, pôde ver os corpos escuros e musculosos dos peixes se debatendo.

— Agora, o prato principal — anunciou o comandante.

Lá embaixo, os soldados tiraram algo mais do veículo.

No início, Carl não acreditou no que via. Era um corpo. O corpo de uma *pessoa*.

— O preço do progresso às vezes é alto — disse Stark. — Nunca se esqueça disso, Carl.

Como se não fosse mais que um saco de batatas, os soldados balançaram a massa e lançaram-na do píer para o frenesi alimentício do mar.

— Não — gemeu o rapaz. Olhou, horrorizado, enquanto o corpo se movia aos arrancos sob a superfície, olhou enquanto as pernas se batiam para a frente e para trás, depois mergulhavam na água, olhou enquanto a água ficava vermelha... tão vermelha quanto o cabelo do menino que era consumido pelos tubarões.

Carl se virou e vomitou tudo o que tinha no estômago.



CAPITULO 27



Parker sorriu para ela através das barras da cabine do suor.

— Dormiu bem, Senhora Hollywood?

Lá vinha o apelido outra vez — Sra. Hollywood —, convencendo-a ainda mais de que tudo aquilo tinha a ver com Carl. Era a maneira de Parker se vingar da única pessoa que tinha sido boa e forte o bastante para desafiá-lo.

O sorriso dele desapareceu.

— Eu lhe fiz uma pergunta, órfã. Dormiu bem?

— Como os mortos, sargento instrutor.

O sorriso voltou, mais largo dessa vez.

— Como os mortos. Ótimo. Gosto disso.

Na verdade, ela mal havia dormido, o corpo inteiro latejando como um nervo exposto. Os braços, pescoço e rosto estavam cobertos de bolhas pelo que parecia ser o pior caso de alergia do mundo, erupções vermelhas que gotejavam, queimavam e coçavam até Octavia pensar que enlouqueceria. Havia dormido e acordado o tempo todo, num sono rasgado por pesadelos, e tinha passado as horas de vigília matando insetos, esbofeteando as erupções ardentes, gritando, rezando e tentando não pensar em Pronto-Socorro morto na floresta. Agora o sol fervia no céu, cozinhando a cabine do suor, assando o ar até fazer sua pele parecer a ponto de rachar sobre os ossos, fumegando como carne na grelha.

— O que é isso enfiado no seu nariz? — perguntou ele.

— Pedacos da minha camisa, sargento instrutor. Este lugar fede.

Parker sacudiu a cabeça, fingindo decepção.

— Isso aí não é a *sua* camisa. Todos os uniformes são propriedade da Ilha Fênix.

— Me processe, sargento instrutor.

Parker riu.

— Eu deveria ter prendido você há muito tempo. Fica engraçada numa jaula.

Ela não disse uma palavra sequer. Não importava. O que fizesse ou dissesse não faria diferença ali. Se Parker decidisse ferrar você, já era. Era tudo o que se podia esperar.

— Bom — disse ele —, você parece bem cretina com esse nariz tampado. Talvez se ele não fosse tão empinado o fedor não a incomodasse tanto.

— Quanto tempo tenho que ficar aqui?

— Você quer dizer: “Quanto tempo tenho que ficar aqui, *sargento instrutor*?”. E aqui está sua resposta: até que eu a deixe sair.

Ela revirou os olhos.

— E quando vai fazer isso, sargento instrutor? — Esticou as sílabas do título, fazendo-o soar melado de sarcasmo. Talvez fosse besteira provocá-lo, mas não podia mais bancar a menina boazinha. Ele era mau, de uma maldade pura, então, por que se segurar?

Ele balançou a cabeça, rindo novamente.

— É igualzinha ao seu namorado.

— Não tenho namorado.

— Dá pra ver por quê — retrucou Parker. — Você tem cabelo branco como uma velha e age como se fosse a rainha da França. Quem iria querê-la?

— Onde está Ross? — Não o via desde a noite anterior, quando a haviam jogado na cabine e arrastado Ross para o alojamento. Durante toda a longa noite, os gritos dele cortaram a escuridão, como ecos dos pesadelos dela.

— Decker e os rapazes estão preparando ele.

Teve medo de perguntar o que ele queria dizer, medo de que já soubesse.

Parker tirou o cantil do cinto, tomou um longo gole e estalou os lábios com gosto.

— Humm... água fresca, fresquinha, sabe o que quero dizer?

— O que você quer de mim?

— Tudo.

— Pare com esse joguinho. Sabe que não fiz nada com o Pronto-Socorro. Ross também não fez. Foi Decker. Sabe...

— O Pronto-Socorro agora é comida de tubarão. Pare de choramingar, docinho. Eu sou o chefe por aqui. Juiz, júri e executor.

— Ah, é? Diz isso pro Stark.

O rosto de Parker ficou vermelho-escuro, e seus olhos se cravaram nos dela.

— Depois que caçarem você, vou jogá-la num buraco e encher sua boca de terra. A última coisa que verá nesta terra será a sola da minha bota.

Ela se apertou contra os fundos da jaula.

— Bom, eu adoraria ficar e conversar, princesa — disse Parker, levantando-se —, mas é hora de caçar.

Nos alojamentos, pessoas começaram a gritar.

— Aqui vamos nós — disse o sargento. Gritou em resposta aos berros.

Quando ele desceu a colina, ela os viu, saindo para o pátio: meninos e meninas brandindo pedaços de pau no ar.

Não... paus, não...

Lanças.

À frente de todos, Decker jogou Ross no chão.

Ross, descalço, sangrando e vestindo apenas um short, ficou de pé, parecendo pequeno e frágil como um menininho da terceira série.

Parker gritou com ele, apontando para o portão, que estava escancarado.

Os adolescentes rugiram e sacudiram as lanças enquanto Ross corria pelo portão, saindo do complexo e penetrando na mata.

— Comecem a contagem! — mandou Parker. Octavia viu Funk acionar um dos cronômetros que eles usavam na corrida de obstáculos. — Dez minutos!

— Urra! — gritou uma voz da torre de guarda, e tiros rasgaram o céu, fazendo Octavia pular.

— Aquele moleque é um ladrão e assassino! — berrou Parker para todos. — Matou um dos seus! E agora vamos caçá-lo como o cão raivoso que é!

— Urra! — gritou a turba, a excitação visível nos rostos até mesmo daquela distância.

Monstros...

— Quando virem o clarão — disse Parker —, a caçada acaba. Voltem à base. Vamos ter uns momentos bem alegres. Com fogueira e tudo. Vamos pôr a cabeça de Ross numa estaca e dançar em volta dela feito um bando de selvagens! E depois, daqui a uns dois dias... — virou-se e apontou para cima — a caça será *ela*.



CAPITULO 28



Durante toda aquela noite em claro, a mente de Carl repetiu com lucidez impiedosa a cena de pesadelo que havia testemunhado no topo da montanha. Ele suportou, concentrando-se num pensamento: *precisava* dar o fora da Ilha Fênix.

Ao amanhecer, levantou-se para encarar um novo dia com Stark. Foram direto ao treinamento, sem nenhuma menção ao dia anterior, como se absolutamente nada tivesse mudado no mundo. Para Carl, foi mais difícil do que nunca sorrir e fingir que tudo estava bem, mas ele conseguiu. Precisava manter Stark satisfeito...

Começaram com uma sessão de luta corpo a corpo que acabou virando uma discussão sobre um livro de samurai, *O Livro dos Cinco Anéis*, o que conduziu a uma sessão de *kendo* com armadura completa, que por fim os levou de volta à luta, quando Stark derrubou a espada de madeira de Carl no tatame.

Durante um almoço de shakes de proteína espumosos, o comandante disse que precisava sair por algumas horas.

— Tá bem — respondeu Carl, tomando o cuidado de manter a voz indiferente. — Provavelmente vou dar uma corrida e depois terminar *O Livro dos Cinco Anéis*.

O comandante apenas fitou o vazio durante um segundo, parecendo pensativo. Depois, bebeu de um só gole o resto do shake e colocou o copo com força na mesa.

— Ótimo... mas atenha-se ao lado norte da ilha, está bem? Parker levou os órfãos para a floresta hoje.

— Pode deixar — respondeu Carl, honestamente.

O lado norte, afinal, era exatamente aonde precisava ir

Correu desde que saiu do hangar, estourando de excitação, e literalmente riu em voz alta quando

chegou à água, contornou o edifício e viu o barco, ainda flutuando lá, desprotegido.

— É isso aí! — disse, dando alguns socos no ar.

Então, olhou mais de perto; foi como receber um golpe baixo. Grossas correntes prendiam o barco a uma estaca sólida.

Olhou para a corrente e o cadeado e tentou imaginar um jeito de se livrar deles. Uma chave. Ou algo para quebrar a corrente. Um ou outro. Era disso que precisava.

Erguendo a corrente — cada elo maior que sua mão —, pensou que era melhor procurar a chave mesmo. Olhou para o edifício próximo.

Sentiu cheiros de garagem: óleo, graxa.

Tentou abrir a porta. Trancada, claro. Como tantas outras coisas na Ilha Fênix, o prédio não entregaria nenhum segredo. Era só uma construção quadrada com uma única porta de metal, trancada, sem janelas nem pistas. Só outro obstáculo na estrada.

Por que aquele barco não estava com os outros? Não fazia sentido. A menos que...

Olhou do barco para o prédio, do prédio para o barco, farejando o óleo.

Voltou ao barco e examinou o motor externo. Um rápido olhar para dentro do estojo inclinado revelou um interior chamuscado e manchado de... alguma coisa. O motor estava com defeito. O barco era inútil.

Dentro de Carl, algo se desvaneceu. Esse barco inútil, os outros vigiados... Voltou à ideia do avião e, depois de uma noite acreditando que poderia usar o barco para escapar, percebeu mais claro que nunca o quanto seu plano para o avião de suprimentos era desesperado e suicida, na verdade. Como diabos conseguiria ao menos embarcar?

Talvez fugir fosse impossível.

Não, disse a si mesmo. Não se entregue. Continue lutando.

No entanto, precisava sair correndo outra vez. Não poderia ficar muito tempo ali. A última coisa da qual precisava era que Stark desconfiasse dele. Precisava da confiança do comandante, de liberdade para continuar fazendo suas corridas solo, se pretendia encontrar uma rota de fuga da ilha.

Então, sim, era hora de voltar.

Ainda assim, demorou-se só mais um momento, admirando o oceano azul e cintilante. Assombroso. Mesmo ali, mesmo agora, em meio à frustração e às preocupações, o mar o atraía. Sua beleza, sua tranquilidade... Desejou saltar da doca e voar feito uma bala de canhão nas profundezas quentes e azuis... e novamente pensou em nadar num oceano e imaginou que sabor o sal teria, como faria os olhos arderem e como seria estar entre as correntes, que o puxariam quando nadasse.

Mas essas águas eram cheias de tubarões.

Tubarões e gente morta.

Visualizou a cena horrenda de novo, os soldados arremessando o corpo pálido e ruivo no caos rodopiante dos tubarões.

Pronto-Socorro.

Havia acontecido bem ali. Ele fez uma pausa. Não devia sentir algo? Alguma emoção mais profunda? Não deveria fazer algum tipo de oração? Mas não havia nada a fazer ou dizer. A localização pouco significava. A ilha inteira estava suja de sangue e assombrada pelos mortos. Histórias de terror jaziam abaixo de cada metro quadrado daquele lugar terrível, e, a qualquer momento, as atrocidades escondidas poderiam emergir como tubarões que sobem da espuma para morder e matar qualquer fê que ele tentasse manter.

Chega, disse a si mesmo. *Tenho que continuar em frente.*

Não havia tempo para sonhar em nadar no oceano, nem tempo para prantear os mortos. Precisava voltar ao hangar e terminar de ler aquele livro de guerreiro, precisava manter-se nas boas graças de Stark, não importava o custo, e encontrar um modo de fugir.

Carl começou a correr novamente, dirigindo-se à casa do comandante e pondo um pé diante do outro enquanto o cérebro trabalhava sem sucesso no problema da fuga. As pernas o levaram montanha acima, sob o sol, para dentro da mata escura e úmida. Acabava de rejeitar uma ideia ridícula — talvez pudesse encontrar um manual de reparos e consertar o barco, um pouco de cada vez! — quando um fedor pantanoso e muito familiar encheu-lhe as narinas. Olhando para a esquerda, viu a estrutura agourenta chamada de Oficina e sentiu o mesmo pavor profundo que experimentava cada vez que a via.

Como algo saído de um filme de terror, pensou. O fedor, a cerca alta com arame farpado no topo, todos aqueles edifícios baixos cobertos de palha e imersos na sombra, agachados no complexo sombrio como cogumelos gigantes. E venenosos...

Estremeceu de surpresa.

Alguém estava junto da cerca, olhando fixamente para ele.

Alguém enorme. Conhecido.

Carl se deteve, um sorriso surgindo no rosto. Sem chance... não podia ser.

— Campbell?

Carl riu. *Era* Campbell, parado junto da cerca do complexo da Oficina, fitando-o. O bom e velho Walker Campbell, descolado demais para demonstrar qualquer entusiasmo, mesmo que os dois não se vissem havia um mês.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Carl, deixando a estrada e indo até a cerca. Isso era insano... e maravilhoso. Campbell! — Pensei que você tivesse partido há muito tempo. Cara, é ótimo ver...

Mas então parou. Parou de falar, de andar e até respirar por um segundo, um temor crescendo nele agora que realmente conseguia ver o amigo.

Era Campbell, sim, senhor, mas havia algo errado com ele.

Horivelmente, horivelmente errado.

A cabeça do grandalhão pendia contra a cerca, como se os músculos do pescoço já não pudessem sustentar seu peso. O rosto, sempre tão expressivo, era uma máscara de pele frouxa. O maxilar forte pendia solto sob a boca aberta. Os olhos, sempre alertas e ardentes de inteligência, fitavam Carl parecendo vazios, olhando sem ver...

— O que aconteceu? — perguntou ele num sussurro assustado.

Campbell não disse nada, não mostrou nenhum sinal de que ouvira a pergunta, nem mesmo um sinal de que notara o amigo. Os braços grossos estavam pendurados dos lados do corpo e, no ponto onde a testa cinzenta tocava a cerca, os elos da grade pareciam estar pressionando a carne, o crânio.

— O que *fizeram* com você?

Campbell não respondeu, mas a própria mente de Carl o fez, dizendo-lhe num tom frio, oriundo de uma vida difícil: *Você sabe o que fizeram. Sabe exatamente o que fizeram.*

Reprimindo o terror, o garoto estendeu a mão e tocou a testa do amigo através da grade. Estava fria e seca.

Campbell emitiu um som baixo, semelhante à primeira brisa do inverno soprando dentro de um poço seco, e um calafrio percorreu Carl.

— Você tá bem, Campbell? Fale alguma coisa.

O rapaz enorme fitou o vazio com olhos vítreos. A pálpebra sobre o esquerdo estava inchada e descolorida, o próprio olho pouco irrigado de sangue. Uma longa faixa de saliva escorria do lábio inferior.

Talvez ele tenha se machucado no último dia, pensou Carl. *Bateu a cabeça, arranjou uma concussão...*

Não. Você sabe que não é nada disso, a voz fria em sua cabeça o corrigiu. *Sabe exatamente o que aconteceu com ele.*

E lembrou-se da Oficina, lembrou-se de Vispera debruçado e tocando seu olho... o olho esquerdo.

O pânico o fez estremecer.

— Ah, cara... Campbell. Consegue me ouvir? É Carl. Carl Freeman. Tá ouvindo?

Outro gemido, outra brisa de inverno saída do poço, só que, dessa vez, não somente resfriou Carl: congelou-o.

Ele o fitou, incapaz de entender a verdade — ou relutante em fazê-lo.

Não era possível. Não Campbell. Campbell havia escapado. Campbell estava de volta ao Texas, curtindo com as namoradas, rindo, ouvindo música, deixando os dreadlocks crescerem outra vez. Campbell estava marcando reuniões com um senador, com a imprensa. Campbell era grande demais, forte demais, inteligente demais, legal demais para uma coisa assim...

Campbell arrotou despreocupadamente.

Carl quis gritar.

Sabia exatamente o que havia acontecido, não importava quanto quisesse negar. Seu amigo nunca deixara a ilha. Em vez disso, recebera uma passagem só de ida para a Oficina, onde o Doutor Vispera o usara como cobaia.

O que Stark havia dito sobre seu amado chip principal?

Ainda não estava pronto, ainda não era seguro.

Mas estava perto.

Como você achou que testavam a coisa?, perguntou-se o garoto. *Como sabiam que ainda não era seguro? Como sabiam que estavam chegando perto?*

E, de repente, tudo ficou claro para ele.

Ninguém jamais ia para casa. Juntavam-se à Força Fênix e tornavam-se assassinos profissionais ou falhavam, e neste caso eram caçados, assassinados e dados de comer aos tubarões, ou então eram levados até ali e usados como ratos de laboratório. O doutor sórdido levantava suas pálpebras, enfiava a versão mais nova do chip principal e transformava seus cérebros em pudim, pronto. Quem sentiria a falta deles? Eram só um bando de órfãos descartáveis.

Lembrou-se de Stark dando-lhe tapinhas nas costas depois que havia vomitado à vista dos soldados lançando o corpo de Pronto-Socorro aos tubarões.

— Seja forte, Carl — tinha lhe dito ele, e o garoto havia precisado reunir todas as forças para não atacá-lo. — A aceitação resoluta da própria morte não é o bastante; deve-se passar a aceitar as mortes de outros também. Não se sobrecarregue de vínculos emocionais com seus inferiores. O preço do progresso às vezes é alto, e você não pode se permitir fraqueza.

Intimando cada fibra da força de vontade, Carl havia limpado a boca e assentido, para apaziguar o Ancião.

Agora, sentindo que poderia vomitar de novo, mais uma vez conjurou a vontade. Precisava se controlar, impedir-se de entrar em colapso total.

Respire, pensou. Precisa ser duro. Tem que se controlar. Se não fizer isso, nunca vai escapar deste lugar.

Campbell o fitava com olhos vazios.

O preço do progresso às vezes é alto...

Para Stark, Campbell fora só mais um peão perdido.

Campbell, Campbell, Campbell! Não importava o que tentasse fazer, o horror ressoava em Carl como um relógio de pesadelo — como dez relógios, mil, um milhão, todos eles tocando e se chocando dentro de seu crânio.

Mas não — ele conteve o pânico. Precisava manter a calma. Precisava se concentrar no que podia *fazer*, não no que sentia.

— Vou ajudá-lo — disse ao amigo. — Vou tirar você daqui e consertar tudo. — Mas, ao mesmo tempo que dizia essas palavras, sentia que se esvaíam no ar, vazias e trêmulas.

Tirá-lo dali? Consertar tudo? Como? Com um transplante de cérebro?

Sua mente recuou como uma mão que toca um forno quente. Não podia ser verdade.

Mas era.

Não podia ser.

Era.

E então sua mente ressoou, rejeitando, reconhecendo, renegando, entendendo... e o choque deu lugar à angústia, que deu lugar à raiva.

Por que fariam isso? Campbell era tão tranquilo, tão talentoso, tinha tanto potencial...

Como em resposta, o grandalhão gemeu novamente.

Então, a música começou.

Carl rilhou os dentes e olhou para além de Campbell: o edifício baixo com teto de palha e uma varanda, do qual escapava o que parecia ser uma ópera. *Vá até lá e mate-o*, pensou Carl. *Quebre o pescoço do torturador antes que ele possa fazer mal a mais alguém, antes que possa fazer mal a Ross, a Octavia, a você. Depois, vá direto pro hangar e enterre uma faca de cozinha nas costas de Stark...*

Mas sabia que não faria isso. Uma vida cheia de tragédias dera-lhe forças para enxergar o que era real, e suas experiências na ilha estavam lhe ensinando uma paciência relutante. Ir atrás do doutor agora seria loucura, e ir atrás de Stark seria suicídio. Nenhuma dessas ações ajudaria Campbell.

Ainda assim, o calor da raiva o havia auxiliado, tirando-o do choque e da tristeza por tempo suficiente para fazer planos ruins, pelo menos. A vida inteira, a raiva o governara. Ela havia acabado com tudo, do medo ao bom senso, metendo-o em encrenca de novo e de novo.

Bem, agora ela o *tiraria* da encrenca. Ele a usaria para manter outras emoções sob controle, paralisadas, até que desse o fora da ilha. Era isso que faria. Pronto. Preferia morrer tentando a terminar como um zumbi. *Esse* destino o aterrorizava mais que tudo.

O avião viria dali a poucos dias. Stark falava disso o tempo todo.

O avião.

Sim, era um plano desesperado, mas precisava arriscar tudo, apesar de suas poucas chances, para salvar Ross e Octavia, deter esses loucos e fazer tudo o que pudesse por Campbell e os outros.

— Vou ajudar você — disse Carl, mas evitou dizer mais e lançar-se a um longo adeus. Não podia deixar a tristeza congelar as chamas da raiva.

Então, deu as costas ao amigo e começou a correr novamente. A distância, mais tiros soaram. Era o quarto estouro desde que ele deixara o hangar. Esperava que tudo estivesse bem lá na base de treino.

Precisava ajudar Ross e Octavia antes que fosse tarde demais, precisava barrar as emoções, usando a raiva se necessário, e nunca perdendo-se na fúria. Embora cada fibra de seu corpo desejasse lutar, tinha de sorrir até achar uma forma de embarcar naquele voo.

Essas tarefas pareciam completamente impossíveis. Exigiriam cada fibra de força, entranhas e cérebro que ele pudesse reunir.

Que seja, disse a si mesmo, imaginando Stark numa cela de prisão. *O preço do progresso às vezes é alto.*

E, enquanto voltava pela estrada em direção ao hangar, o clarão de algum exercício de tiro ou de algum outro tipo de exercício subiu de repente no céu, a distância. Carl pensou que sua raiva poderia ser assim: uma chama controlada, útil.



CAPITULO 29



Carl ergueu o olhar do *O Livro dos Cinco Anéis* quando ouviu um jipe parar no exterior do hangar. Que rápido. Não esperava que Stark voltasse tão cedo.

Aqui vamos nós, pensou. De volta ao palco.

A maçaneta da porta se virou.

Carl forçou um sorriso... só para ver Parker passar pela porta.

Uma surpresa completa — e um momento esquisito: a última vez que o vira fora umas semanas antes, quando o sargento instrutor tentara cortar-lhe a cabeça.

Como as coisas mudaram. Agora, Carl vivia ali como aprendiz do chefe de Parker. Em boa forma e limpo, ele usava um uniforme novo — um traje da Força Fênix. Parker, por outro lado, estava suado e sujo, coberto de algo... sangue? Era o que parecia e, conhecendo Parker, provavelmente era mesmo. Sangue. O cara nunca conseguiria ficar sem sangue.

Então, de certa forma, foi um susto vê-lo passar pela porta.

Carl não gostou da expressão no rosto dele. Esperava raiva, talvez choque. Em vez disso, Parker apenas sorriu.

— Ele não está aqui — disse Carl.

— Sei onde ele está, Hollywood.

Ouvir aquele apelido — Hollywood — atçou um fogo no garoto.

— Por que não vai lá falar com ele, então, Parker? Estou estudando.

— Ulalá — respondeu o sargento —, estudando. Que CDF. Não vim pra ver Stark. Vim ver você.

Decker, Funk e Chilson apareceram atrás dele. Traziam cassetetes.

— Braçadeiras bonitas — disse Carl. — O que é isso, fantasias de nazistas pro Halloween?

Não disseram nada. Funk e Chilson o fulminaram com o olhar. Decker pareceu esforçar-se para não rir. Parker deu outro passo para dentro do hangar.

— Hora do intervalo no seu estudo, Hollywood. Tenho uma coisa pra você ver.

— Não estou interessado — respondeu Carl. — Sigo você até a porta, daí vocês quatro pulam em cima de mim, né?

— Nunca — retrucou Parker. — Stark não ia querer que seu bebê precioso se machucasse.

— Quer dizer o bebê que quase matou você? — acrescentou Carl.

Parker fez uma carranca, depois recuperou o sorriso afetado.

— Ross está lá fora.

— Ross? — Ele ficou de pé. — Onde?

Parker indicou o exterior.

— Logo ali, no jipe. Saia e diga oi.

Carl se aproximou dele.

— O que está aprontando, Parker?

— Só estou levando seu amigo para nadar. — E desapareceu porta afora.

Carl o seguiu, piscando ao sair sob a luz do sol.

Decker e seus comparsas estavam na traseira do jipe. Funk e Chilson sorriam. Decker só fitava, parecendo satisfeito, interessado.

Durante um segundo, ninguém disse nada. Carl ouviu os cliques do radiador do veículo.

Então, o sargento sacou a pistola.

— Não seja idiota, Parker — disse Carl. — Se atirar em mim, Stark vai matá-lo.

— Sossega, Hollywood. Não vou atirar em você. A não ser que me obrigue. Se fizer algo estúpido, eu meto uma bala bem no meio da sua barriga. Aí você vai passar o resto da vida numa cadeira de rodas, carregando uma bolsa de colostomia. O que acha?

— Acho que pra mim já deu. Se quiser falar comigo, volte quando Stark estiver aqui. — Virou-se e voltou para dentro.

— E quanto ao seu amiguinho? — perguntou Parker.

— Que tem ele? Você mentiu. Ross não está aqui.

— Claro que está. — O sargento acenou em direção à traseira do jipe. — Está tirando uma soneca. O coitadinho está esgotado de tanto correr pela floresta.

Funk riu.

A apreensão chamuscou dentro de Carl.

— O que você fez?

Parker correu para a traseira do veículo. Os outros recuaram, levantando as armas. Ross estava lá, coberto de sangue, de olhos cegos cinzentos como um filme nublado.

— Ross! — Carl mergulhou para a frente, cutucando o amigo, puxando-o, tentando fazer algo... algo...

Ross!

Mas o corpo do menino estava rijo e frio e...

— Vou matar você! — rugiu Carl e começou a dar a volta no jipe.

— Parado! — Parker brandiu a pistola. — Eu o derrubo aí mesmo. Legítima defesa.

Carl deu um passo à frente.

— Acha que eu ligo se me matar?

— Vai ligar se eu matar sua amiga.

Uma nova onda de pânico.

— O que você fez?

— Ah, não é o que eu fiz — respondeu Parker. — É o que *ela* fez. Matou o palito de fósforo. Sabe, o Puta-Socorro?

— Mentiroso — disse Carl.

— Estou dizendo a verdade, em nome de Deus — disse Parker —, e estes bons rapazes são minhas testemunhas.

— Cadê ela?

— Na cabine do suor.

Carl apontou para o homem e falou devagar:

— Tire ela de lá e deixe ela em paz. Se tem um problema comigo, vamos resolver. Só nós dois. Deixe ela fora disso.

— É exatamente o que eu quero fazer — afirmou Parker.

— Muito bem, então — disse Carl, estalando os nós dos dedos. — Vamos resolver isso já.

— Não vou lutar com você aqui. Stark teria um faniquito. O homem adora uma tempestade em copo d'água, adora mesmo. Não; você quer me pegar? Me desafie para um duelo.

Lá estava. Agora, Carl entendia.

— Ah, tá, claro... pra que você possa definir os termos.

Parker sorriu.

— Lógico. Amanhã, ao amanhecer, na frente de todo mundo, sob os meus termos. Concorde e não vou fazer com ela o que fiz com Ross.

— Esqueça. Vamos esperar Stark chegar.

Parker entrou no jipe.

— Não. Estou ocupado demais. Tenho de alimentar os tubarões e chegar em casa a tempo de começar a próxima caçada. É a temporada de caças às meninas de cabelo branco.

— Não pode fazer isso.

— Ah, não? Explique isso pro seu amiguinho. Agora, dê um beijinho de adeus nele e saia do meu caminho, Hollywood. Tenho 40 órfãos morrendo de vontade de enfiar as lanças na sua garota e ver como ela sangra.

O motor rugiu ao ser ligado. Os outros entraram.

Carl voltou-se rapidamente para os olhos vazios do amigo morto e soube que era verdade, tudo aquilo...

Parker começou a se afastar.

— Espere! — gritou o garoto.

O sargento parou e olhou para ele com uma sobrancelha erguida.

— Tá legal: desafio você para um duelo. Eu e você, amanhã ao amanhecer, como você quiser. Só a deixe em paz. Nada de caça.

Parker jogou a cabeça para trás e riu.

— Falou, Hollywood. Aceito. Amanhã, ao amanhecer, na praia junto do lote onde nos encontramos pela primeira vez. Pistolas a dez passos!



CAPITULO 30



— **S**aque! — gritou Stark.

Carl sacou a pistola tão rápido quanto pôde, deu um passo para o lado e se ajoelhou. Mirou o centro da massa e apertou o gatilho. A arma latiu alto e escoiceou a mão dele. Apertou o gatilho de novo e de novo, até acabar com o pente, e o ferrolho travou para trás.

— Se lutar desse jeito, é um homem morto! — Stark atravessou a areia, fazendo uma carranca. — Concentre-se, filho. O que há de errado com você?

O que há de errado comigo?, pensou Carl. *Meu melhor amigo está morto, meu outro amigo é um zumbi, vou lutar até a morte amanhã de manhã e, se perder, a pessoa de quem mais gosto no mundo inteiro vai morrer também.*

Estavam treinando na praia havia horas. Stark instalara um alvo na forma de uma silhueta humana e ensinara a Carl o melhor modo de lutar, dadas as circunstâncias. Parker era um duelista experiente e excelente atirador. Poucas pessoas poderiam acertar alguém àquela distância, usando uma pistola, sob tanto estresse, mas Parker podia e já o fizera. Se Carl tivesse pressa, falharia, e o sargento o mataria. Sua única esperança estava nas táticas simples praticadas à perfeição: dar um passo para o lado, forçando Parker a se ajustar; abaixar-se apoiado num joelho; mirar cuidadosamente e atirar contra o centro da massa. Repetidas vezes, Stark citou um velho adágio das Forças Especiais: *Lento é suave; suave é rápido; rápido é mortal.*

Agora, o próprio Stark parecia bastante mortal, com o rosto vermelho de frustração.

— Você deu o passo na direção errada. Um erro fatal. Ele é canhoto. — Fez uma demonstração lenta, sacando com a mão esquerda. — Significa que vai colocar a arma diante do corpo assim. Você tem que dar um passo para a direita, fazê-lo voltar-se para o outro lado. Se for para a esquerda, ele pega você.

Carl assentiu. O zunido em suas orelhas combinava com o som intermitente em sua mente. Não

podia acreditar que tudo isso fosse verdade, que Ross estava morto, Campbell, perdido e Octavia, trancada na jaula, sofrendo, e que a vida dela estava nas mãos dele.

Stark pôs uma mão no ombro dele.

— Precisa se concentrar, filho.

Carl assentiu uma vez mais. O comandante estava certo. Precisava focar e matar Parker. Por Ross. Por Campbell. Por Pronto-Socorro. Pelo que havia feito desde o primeiro dia... e antes disso. Mais que tudo, precisava matar Parker para salvar Octavia. Assim que ela estivesse segura, ele poderia se preocupar em embarcar furtivamente no avião.

— Estes são tiros assassinos — disse Stark, apontando para quatro buracos no alvo de papel. — Mire o centro da massa. Assim, quer você vá para cima ou para baixo, esquerda ou direita, ainda terá uma chance de atingi-lo.

— Eu mirei o centro da massa todas as vezes.

— Tem que fazer melhor. Doze dos seus disparos nem chegaram perto dela. — Apontou para dois outros buracos no alvo, um no braço, um no ombro. — Um tiro como este mutilaria Parker e daria a você uma chance. Mas, mais cedo ou mais tarde, terá que abrir um buraco num ponto mais importante. O coração, os pulmões, a barriga.

— Ok — respondeu Carl. As mãos estavam frias como gelo quando Stark prendeu um novo alvo de papel no suporte.

O garoto trocou o pente da arma e voltou à linha de tiro.

Eles se encontrariam no meio, se virariam de costas e dariam dez passos para lados opostos, com Stark contando. Então, ambos se voltariam e se encarariam — a uns 15 metros de distância — e o comandante os mandaria sacar as armas; então, tudo explodiria, os dois disparando até que um deles caísse e não pudesse mais levantar.

Carl encontrou a marca e esperou.

— Foco desta vez — orientou Stark. — Alguma pergunta?

— Só uma — respondeu Carl.

Ao tomar ciência do duelo, Stark surtou, berrando enquanto detonava o hangar, derrubando a mesa e a prateleira de livros, quebrando pratos no chão e jogando o micro-ondas pelo quarto. Quando Carl sugeriu que ele cancelasse o duelo e tirasse Octavia da cabine do suor, o comandante lhe deu um ressonante *não*. O duelo era uma tradição antiga e uma parte sagrada da cultura guerreira da Força Fênix. Stark não poderia e não faria uma exceção. Uma vez que um desafio fosse aceito, o duelo estaria gravado em pedra.

— Sei que não pode impedir que isso aconteça, mas que tal um adiamento? Podemos adiar por umas duas semanas, só para eu ter tempo de treinar?

Na verdade, Carl só queria ganhar tempo. O avião de suprimentos viria dali a cinco dias. Se pudesse atrasar o duelo, persuadir Stark a tirar Octavia da jaula e depois levá-la consigo para o avião...

— Nada de adiamento — respondeu ele, acabando com seus planos. — O duelo é uma instituição, Carl. Se eu mudasse as regras por você, desonraria a tradição e nossos soldados em todo o mundo perderiam a fé.

Carl quis discutir, mas em vez disso assentiu. Precisava manter Stark satisfeito.

— Estamos tão perto... — disse Stark, e o garoto sentiu que ele estava naquele humor melancólico que significava mais falatório em termos filosóficos grandiosos. Mas o Ancião apenas comentou: — Uma vez que o chip principal esteja pronto, ninguém será capaz de nos deter. Ninguém estará fora de alcance. Nem líderes de corporações, nem mesmo o presidente dos Estados Unidos.

Aparentemente, Carl deixou sua máscara cair um pouco, pois Stark acrescentou:

— Ah, não pareça tão surpreso, filho. Você não achou que a ambição da minha vida era dirigir uma unidade de mercenários, achou? Matar terroristas não é diferente de espancar valentões. Ambas as ações tratam sintomas, não a doença essencial. Os valentões são o sintoma de um sistema de ensino doente, assim como os terroristas são o sintoma de um mundo doente. Você pode passar a vida toda tratando sintomas, mas, até que tenha curado a doença que os causa, sempre haverá mais sintomas, mais valentões e terroristas, mais pessoas usando o fogo de Prometeu para punir a todos nós.

Carl fez um esforço para se controlar. Não podia vacilar, não podia mostrar sua repugnância.

— O mundo é doente — continuou Stark. Seus olhos queimavam como fornalhas gêmeas, e, nas profundezas ígneas, Carl viu muitas coisas: raiva e loucura, mas também presunção e, mais que tudo, um propósito terrível... tudo era parte de algo maior, uma lava fundida, sibilante e destruidora. — Um dia, em breve, um grande fogo queimará tudo até o fim. Nós cuidaremos disso. Então, filtraremos a devastação e criaremos uma nova fênix a partir das cinzas.

Carl engoliu em seco e forçou-se a assentir.

— Retrogressão — disse o comandante, agora sorrindo —, um processo que avança ao retroceder, ao longo do tempo, rumo a um mundo mais jovem, quando a vida era simples e boa. Uma vez que tenhamos tomado da humanidade o presente punitivo do fogo e mandado os seres humanos de volta às cavernas, eles ficarão contentes em seu legítimo lugar, felizes em adorar os deuses de uma nova era: nós.

Stark pôs uma mão no ombro de Carl. Este conseguiu não se esquivar.

— É o nosso destino, filho, acabar com o sofrimento da humanidade e nos estabelecermos como os senhores de um novo Panteão. Mas, primeiro — apertou o ombro do rapaz —, você deve sobreviver. — Batendo as mãos uma na outra e com otimismo, ele acrescentou repentinamente: — Vamos fazer uma pausa no treinamento e meditar. Adquira o controle sobre suas emoções. Concentre-se no que é real.

— Tá bem.

— Sente-se. Não deixe entrar areia no cano da arma. Vamos começar com respiração profunda, certo?

— Claro — concordou o garoto. — Obrigado. Mas... tem mais uma coisa.

A raiva perpassou as feições de Stark novamente.

— Não é sobre o duelo. Sei que foi idiotice minha. Já entendi isso.

O rosto do comandante relaxou... um pouco. Esperou.

Carl tentou manter a voz tranquila.

— É sobre Octavia. Se eu morrer, você poderia fazer dela sua aprendiz? Ela é muito inteligente e durona e...

Stark balançou a cabeça negativamente, e Carl experimentou uma sensação esmagadora no peito.

— Esqueça a garota — disse o homem. — Como o duelo, a caça é uma tradição importante aqui. Caçar e matar são ritos de passagem. A caça afasta os fracos e batiza os fortes. Uma vez que uma criança mata alguém, sua infância morre e ela renasce como soldado, e mais uma fênix se ergue.

— Mas ela é forte. E já matou alguém, o padrasto dela, portanto passou no teste, né? Você poderia usá-la.

Stark balançou a cabeça outra vez.

— Esqueça-a, Carl. Essa garota representa sua única fraqueza: uma dedicação irracional aos outros. Foi o que trouxe você aqui, todas aquelas lutas contra valentões. E foi o que o fez lutar com aqueles rapazes e com Parker. Essa necessidade de defender os fracos, de certo modo, é nobre, mas é a ideia de um menino, não de um homem. Deixe essa noção de lado. Deixe-a ir. Essa é sua oportunidade de transcender sua única limitação e tornar-se um grande homem. É sua chance de se erguer das cinzas do passado.

— Tá — respondeu Carl, estremecendo de desespero, mas tentando não demonstrar. — Vamos esquecer a meditação, então. Me ensine. Me mostre como matar Parker. Vou tirar todo o resto da cabeça, vou matá-lo e, depois, quando a Octavia estiver livre, você vai ver como ela é legal, que ótima aprendiz ela seria.

— Carl, Carl, Carl — acrescentou Stark, mais uma vez meneando a cabeça. — É tarde demais para ela. Quer você ganhe ou perca, ela já está condenada. A caçada continuará. Não pode mudar isso. Não pode salvá-la. Só pode salvar a si mesmo.

— Mas Parker disse...

— O sargento instrutor Parker mentiu. Ele montou uma armadilha, e você caiu nela. Ele matou seu amigo para provocar sua ira, então prendeu a menina para usá-la como isca, sabendo que, depois de lançar o desafio, não haveria como voltar atrás. Assim como sabia que, depois de entregar a menina à caçada, não haveria salvação para ela. Tudo o que você pode fazer agora é forçá-lo a pagar. Nada mais mudará. Amanhã de manhã, às 8 horas em ponto, todo mundo, os órfãos, a equipe e a Força Fênix, estará aqui, aplaudindo. — Olhou para o relógio. — Daqui a menos de 14 horas, você ou Parker estará morto na areia.



CAPITULO 31



O quarto estava tão escuro quanto uma sepultura.

Carl estava acordado, os pensamentos em fúria, como o mar agitado por uma tempestade.

Não havia fuga, não havia esperança...

Então, em algum lugar abaixo do pânico, a voz calma de seu velho treinador, Arthur James, arrulhou baixinho, como uma ave noturna, lembrando-o: *Quando o processo é duro, quem é duro fica frio. Controle a respiração, controle-se. Veja uma imagem na mente. Visualize o que precisa fazer...*

Carl imaginou a manhã seguinte. Mentalmente, pintou a praia, a multidão, Parker, Stark, pintou tudo isso, sentiu o peso da pistola no coldre e ouviu os gritos da multidão e a voz profunda de Stark mandando os duelistas se aproximarem da marca do centro; ouviu o comandante contar, ouviu-o chegar ao 10, sentiu-se mover ao grito de “saquem!” e depois...

Nada.

Não conseguia pintar o resto da cena.

Nunca havia tido problema em visualizar situações. Claro, isso era diferente — uma luta até a morte —, mas precisava fazer o filme rodar na mente.

Não conseguiu. Tentou muitas vezes, a cena inteira parecendo-lhe real, mas, quando a voz imaginária de Stark deu a ordem de sacar, a tela ficou em branco.

Por quê?

Talvez, disse o espírito de Arthur, esteja tentando imaginar a luta errada.

Mas estava imaginando a única luta possível. Stark deixara isso bem claro. Não havia opção. Não havia modo de ajudar Ross ou Campbell ou Octavia agora. Só o duelo. Às oito em ponto, na praia,

até a morte. Pronto.

No mundo de Stark, as pessoas se feriam ao longo do caminho. Eram mortas no caminho. Para o comandante, o duelo representava uma oportunidade gloriosa, a chance de Carl romper os vínculos com pessoas fracas e acabar com o que Stark chamava de “seu padrão de autodestruição”.

Carl não podia negar o padrão: todas aquelas lutas, da briga no alojamento até tudo o que acontecera em Devil’s Pocket e com Liam.

Mas as raízes do padrão eram muito mais profundas, remontando à promessa que havia feito num dia nebuloso muito tempo antes, depois que seu pai espantou aqueles vagabundos e arranjou para Cobbie uma refeição quente na lanchonete.

Isso é o que eu faço, Carl. E, um dia, quando crescer, caberá a você protegê-las, todas as pessoas que não sabem se defender sozinhas. Um bom homem não se entrega ao medo quando há trabalho a fazer e alguém precisa dele. Você fará isso?

E a resposta de Carl: *Sim. Prometo...*

E, por todos esses anos, era isso que ele pensava estar fazendo: mantendo a promessa feita ao pai. Defendendo os fracos.

Contudo, estava enganando a si mesmo.

Seu padrão histórico de autodestruição realmente apontava para uma fraqueza pessoal profunda — todas aquelas brigas, todos aqueles deslocamentos, todas as encenacas nas quais tinha se metido ali... sempre havia um agressor, uma vítima e Carl se metendo entre eles.

Mas sua fraqueza não era a necessidade de ajudar as vítimas. A fraqueza era sua necessidade de destruir os agressores.

A diferença o acertou em cheio na testa como uma bala calibre 40...

Estivera lutando não por amor, mas por ódio.

Lembrou-se da luta com Decker, logo antes de começar. Decker maltratando Pronto-Socorro, sorrindo para Carl e dizendo: *Por que você liga, afinal? Também não gosta dele. Dá pra ver isso nos seus olhos.*

E ele tinha razão.

Carl não gostava de Pronto-Socorro.

Quando lutou com Decker, não foi por querer ajudar Pronto-Socorro; foi por odiar Decker. Assim como a grande briga que o havia enviado para a ilha: sua defesa contra aquele garoto Eli. Não conhecia Eli. Nunca o tinha visto. Nunca havia se preocupado. Nunca sequer tinha imaginado como o garoto estaria hoje em dia. Não havia arrasado com o time de futebol por gostar de Eli; havia acabado com eles porque eram valentões e Carl odiava essa laia.

Para ele, todos os valentões eram ecos de Liam.

E, em algum nível, Liam era um eco de Wilson W. Wilson, o homem que tinha baleado seu pai.

Stark via esse momento como a oportunidade para Carl romper com esse padrão de vida, eliminar

a fraqueza. Carl concordava completamente.

Era isso. Sua chance de romper com o padrão e tornar-se a pessoa que queria ser. Mas, para Stark, isso significava esquecer Octavia, matar Parker e seguir rumo a uma vida na qual Carl concentraria-se apenas em si mesmo. Era nesse ponto que o comandante estava enganado.

Era a grande oportunidade de Carl, sim, senhor. Mas não era hora de *deixar* de lutar pelos fracos; era hora de *começar* a lutar por eles. Hora de começar a cumprir a promessa a seu pai. Mesmo que isso lhe custasse a própria vida.

Às oito em ponto, deveria bancar o caubói na praia. Sua chance de matar um bandido a tiros...

Porém, era a luta errada. Matar Parker não destruiria a fraqueza de Carl; entregaria sua vida a essa fraqueza. Em vez de jogar longe sua falha fatal, permitiria que tal falha o definisse. Incineraria o Carl que ele tinha desejado se tornar, e de suas cinzas não se ergueria uma fênix, mas sim um monstro.

A morte de Parker vingaria tudo o que havia acontecido a Pronto-Socorro, Campbell e Ross, mas não salvaria nem a eles nem a Octavia.

Se Carl participasse do duelo, ela morreria. Não importava ganhar ou perder. A caçada continuaria.

Portanto, o único jeito de salvá-la era *não* lutar. E isso era impossível.

Duelistas não podiam mudar de ideia, não podiam voltar atrás. Uma vez que o duelo fosse proposto e aceito, ele deveria acontecer.

Imaginou todo mundo reunido na praia: Parker, Stark, os órfãos, a equipe dos quartéis, os membros da Força Fênix gritando:

— Carl Matador! Carl Matador!

Imaginou o hangar abandonado, as estradas vazias, os acampamentos às moscas...

Todos fora, na praia, prontos para o Grande Espetáculo da Ilha Fênix.

Quase todos. Ainda haveria uma garota abandonada, trancada numa jaula do outro lado da ilha...

Carl sentou-se na cama.

E se...?

Manteve duas imagens lado a lado na mente: Octavia na jaula, o Acampamento Força Fênix vazio... Os barcos balançando na água, desprotegidos...

Ficou de pé e andou para lá e para cá na escuridão. Pouco antes de apagar as luzes, Stark havia planejado a manhã seguinte, tentando ajudar Carl a visualizar o duelo. O comandante escoltaria a Força Fênix até a praia, deixando Carl em paz durante uma hora para meditar e concentrar-se.

E se, em vez de meditar, Carl esperasse Stark partir e depois partisse também? E se corresse não para a praia, mas diretamente para a Base de Treino Um? Para Octavia...

Quanto tempo todos levariam para perceber que ele não iria ao duelo?

Visualizou a multidão aos berros, e Stark atravessando uma variedade de emoções: percepção,

choque, decepção, raiva...

Todos pensariam que Carl estava com medo. Medo de Parker e da morte.

Parker sairia livre depois de tudo o que fizera, depois de ter matado Ross... e gargalharia até rachar.

O orgulho de Carl gritou. Conseguiria dar as costas à maior luta de sua vida?

Sempre havia preferido morrer a deixar de punir um valentão. Não importava quem fosse, seu tamanho ou quantos fossem. Ele lutava de novo e de novo, como se isso pudesse lhe devolver o pai. Nunca tinha devolvido.

Assim como enfrentar Parker agora não faria nada para trazer Ross de volta e nada para salvar Octavia.

Ross se fora. O pai de Carl se fora.

Nada os traria de volta.

Parker e Octavia permaneciam. A escolha era simples: arriscar tudo para matar Parker ou arriscar tudo para salvar Octavia.

Sabia o que precisava fazer.

Precisava romper com seu padrão de fraqueza.

Precisava cumprir a promessa feita ao pai.

Precisava deixar de lutar com os valentões e começar a ajudar as vítimas.

Devia defender, não destruir.

Amar, não odiar.

Precisava salvar Octavia.



CAPITULO 32



Os membros da Força Fênix o rodearam, apertando-lhe a mão e lhe dando tapinhas nas costas, todos sorridentes, encorajadores e de olhos brilhantes. Então, um deles gritou:

— Carl Matador!

E eles o levantaram do chão para os ombros, entoando:

— Carl Matador! Carl Matador! Carl Matador!

Stark sorriu como um pai orgulhoso enquanto carregavam o garoto pelo hangar. Então, ergueu um punho no ar.

Tanto o desfile quanto o canto pararam, e as mãos baixaram Carl à terra. Boudazin deu-lhe um beijo rápido na face.

— Para dar boa sorte — disse ela, sorrindo: uma bela garota que acertava alvos a 300 metros.

— Vamos guardar um pouco dessa celebração para depois do duelo — disse Stark. — Carl precisa de tempo para se preparar. Agbeko, coloque todos em formação do lado de fora. Eu me juntarei a vocês num instante.

— Sim, comandante — respondeu Agbeko. — Força Fênix, vocês ouviram o Ancião. Lá fora, em formação.

Os soldados o saudaram com um urra e se dirigiram à porta, muitos virando-se para um último aceno.

Carl acenou de volta, tomado por uma sensação súbita e inesperada de perda.

Os membros da Força Fênix realmente gostavam dele, e, não importava quão louco isso fosse, não importava quão mal orientados fossem, Carl também gostava deles, aqueles órfãos talentosos de todos os cantos do mundo. Também nasceram no lugar errado e na hora errada, e seus talentos

provavelmente os haviam condenado ao destino e à visão daquele louco. Não era culpa deles que Stark os tivesse cultivado como um vírus mortal. Sim, Carl gostava deles. Até se compadecia deles.

Mas era o fim de tudo. Se algum dia voltasse a vê-los — e, ah, como esperava que isso *nunca* acontecesse —, os membros da Força Fênix tentariam matá-lo.

Agbeko deu-lhe um abraço de esmagar ossos.

— Você vai vencer sua luta, Carl. Sei que vai. E depois você e eu seremos irmãos, sim?

— Sim — respondeu o garoto, sentindo na garganta um nó de tristeza, gratidão e calor por aquele enorme assassino que ele mal conhecia. Era completamente insano, não fazia o menor sentido, mas quem disse que emoções dão a mínima para a *merda* da lógica?

— À glória — exclamou Agbeko. Depois, saiu também.

— Está vendo, filho? — perguntou Stark, aproximando-se. — Percebe o efeito que tem sobre eles? E em tão pouco tempo. Você não é apenas um líder nato, é o líder nato *deles*. Não é só carisma. É destino.

— Obrigado — respondeu Carl, acrescentando as palavras que havia ensaiado à noite: — Foi uma honra aprender com você.

— A honra foi toda minha — replicou Stark, da maneira exata como Carl esperara, palavra por palavra, e curvou-se lentamente.

Carl devolveu a cortesia, lembrando-se de abaixar-se mais que o Ancião, como um samurai diante de seu senhor. Quando se endireitou, Stark estava sorrindo para ele, admirado, como se Carl estivesse indo para sua formatura em vez de prestes a participar de um duelo até a morte.

Lá fora, a Força Fênix retomou o hino:

— Carl Matador! Carl Matador! Carl Matador!

Stark o segurou pelos ombros.

— Sabe o que precisa fazer, não sabe?

— Sei.

— E está preparado para fazer?

— Estou — respondeu Carl, pensando: *Se você tivesse alguma ideia do que estou realmente preparado para fazer, quebraria meu pescoço agora mesmo.*

— Urra — disse Stark.

— Urra — ecoou Carl.

O comandante olhou para o relógio.

— Tem pouco mais de uma hora. Medite. Prepare sua mente. Autoeficácia, sim? O passado é um fantasma; o futuro, uma miragem. Coloque-se firmemente neste momento, o seu momento de ascensão.

— Vou fazer isso — disse Carl.

Stark deu-lhe uma sacudida leve.

— Não vou lhe desejar sorte, meu filho. Isso não tem nada a ver com sorte, só com destino.

O garoto assentiu.

Stark o soltou, retrocedeu, endireitando-se subitamente, e levou uma mão à testa, fazendo a Carl o maior cumprimento de todos, *saudando-o* como a um superior.

Carl devolveu a saudação, sustentou-a — escutando os soldados no exterior preencherem o momento de reverência com “Carl Matador! Carl Matador!” — e depois baixou a mão.

Stark finalizou a própria saudação, deu meia-volta num movimento suave e marchou para fora do hangar, onde o canto deu lugar a uma erupção de urras.

Carl soltou a respiração e ficou parado por um momento, tremendo e fitando a porta. Então, enquanto o comandante e a Força Fênix saíam correndo e cantando uma cadência, ele começou a reunir tudo de que precisava.

Vinte e cinco minutos depois, ouvindo o ronco de um motor, Carl mergulhou no mato à beira da estrada. As luzes próximas cortaram a escuridão da madrugada e alguns caminhões cheios de adolescentes passaram. Ele se achatou no chão e escutou as vozes ruidosas, a excitação. Pareciam crianças numa excursão a um parque de diversões.

Quantos deles esperavam vê-lo morrer?

Ficou satisfeito por não saber a resposta.

Então eles se foram, e Carl continuou a correr. Havia saído pouco depois de Stark, levando algum tempo só para vestir uma farda negra e passar graxa de camuflagem noturna nas mãos, rosto e pescoço.

Olhou para o relógio e acionou a luz. Vinte minutos haviam se passado. Dali a mais 40, começariam a se perguntar onde ele estaria. Quanto tempo até que comessem a caçá-lo?

Bem antes de chegar à entrada da Base de Treino Um, fez uma curva pela floresta em direção ao lado do complexo mais próximo da cabine do suor.

Rastejou para fora da mata à meia-luz da alvorada. Chegando à cerca, levantou a cabeça e esquadrinhou o complexo.

Um rosnado baixo escapou-lhe dos lábios.

Lá embaixo, um guarda vigiava o portão, metralhadora ao ombro. Outro estava na cabine em cima da torre de vigilância. Nada bom. Carl esperara que os guardas tivessem ido assistir ao duelo. Afinal, o que restava para vigiar?

Segundos depois, ouviu um sargento gritando ordens. Junto dos alojamentos, vários adolescentes limpavam o chão de cascalho e varriam as calçadas. Reconheceu Sanchez, Tamika, amiga de Octavia, e Lindstrom, um bom garoto de Post Falls, Idaho.

Percebeu que sabia por que estavam limpando em vez de espiar a grande luta com os outros. Sanchez, Tamika, Lindstrom... eram pessoas decentes. O assassinato de Ross devia ter sido o ponto

de virada. Parker extirpara cada um dos que se recusaram a caçar. Agora, serviam para três coisas apenas: trabalhar como escravos, ser caçados e alimentar os tubarões. Que ideia perversa.

Então, viu alguém mais lá embaixo: Davis. Como os outros, estava sendo forçado a trabalhar. Ele lembrou-se do alojamento, da luta com Parker, de Davis defendendo-o. Algo havia mudado nele... para melhor.

Carl lamentou não poder levar todos eles consigo, mas não havia tempo. Quanto mais rápido saísse da ilha, mais chances teria de alertar o mundo quanto à existência do lugar e, assim, ajudar todos eles. Só uma pessoa não podia esperar: Octavia. Se partisse sem ela, estaria tão morta quanto Ross.

Seus olhos encontraram a pequena e escura cabine do suor. Mesmo no relativo frescor da manhã, a jaula estaria esquentando, o telhado metálico, estalando como um radiador. À sombra da cabine, ele formava uma sombra mais escura, uma massa informe. Nenhum movimento.

Sentia-se enjoado ao vê-la sofrendo assim.

Escalou a cerca facilmente, graças aos novos músculos. Chegando ao topo, jogou-se do outro lado e seguiu rastejando até o dispositivo torturador.

Octavia estava na jaula, adormecida ou inconsciente, de costas para ele. Uma onda de compaixão e preocupação passou por Carl. Sabia o que ela estava sentindo lá dentro. Conhecia não apenas a dor, mas também a profunda desesperança.

Sussurrou o nome dela.

Ela se agitou e virou, os olhos piscando — olhos que o fizeram sentir-se enfurecido ao notar que estavam roxos de hematomas —, e falou com uma voz que parecia a de uma velha.

— Carl?

— Sim. Vou tirar você daí.

A garota fechou os olhos, depois abriu-os novamente.

— Você... é de verdade?

Carl foi até o trinco.

— Sou de verdade, sim. Vamos embora, Octavia. Vamos cair fora desta ilha.

Ela resmungou algo.

Ele empurrou os pinos e a porta se abriu.

— Sinto que estou morrendo — disse ela.

— Sei que sente. Mas você vai ficar bem. — Esticou-se para dentro, tomou-a pela mão e a ajudou a sair da cabine do suor. A garota estava quente ao toque e Carl lembrou-se da febre que sofrera durante seu tempo na jaula. Ela tremeu quando ele a puxou para um abraço rápido. Parecia muito pequena em seus braços. Ele olhou para baixo. Ninguém os notara ainda.

— Temos que nos apressar.

Levou-a para trás da jaula, seguramente longe das vistas, e entregou-lhe um cantil. Tinham pouco tempo, mas ela precisava de água.

Ela bebeu. Fez uma pausa. Deixou os olhos se fecharem. Bebeu um pouco mais. Quando voltou a abrir os olhos, disse:

— Não adianta, Carl. — A voz foi um sussurro áspero.

— Vamos, Octavia. Sei como se sente. Já estive na jaula. Mas também sei que você é forte. Quando virem que foi embora, vão nos caçar. Temos que sair agora.

Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que não consigo andar.

— Eu carrego você.

Sacudiu a cabeça novamente.

— Vou tentar.

— Temos que ir para o outro lado da ilha. Tem barcos lá.

— Carl, tem uma coisa que preciso lhe contar — começou ela, depois se calou. Tomou outro gole de água e se apoiou contra ele. — É sobre Ross...

— Eu sei. Sei o que Parker fez, mas ele não pode mais nos machucar.

Os músculos de Octavia relaxaram um pouco, como se o fato de não ser mais a portadora das notícias sobre Ross tivesse tirado um peso de suas costas. Conseguiu sorrir um pouco.

— Tá legal. Estou com você. E, Carl... obrigada.

Se fosse um filme, pensou Carl, ele a beijaria e diria alguma frase de efeito, mas apenas sorriu e a ajudou a caminhar. Então, percebeu seu erro.

A cerca.

A garota não poderia subi-la naquela condição, e, até mesmo com os novos músculos, ele não poderia levá-la com segurança para o outro lado. Por que não havia pensado em trazer uma corda?

— Tá legal — disse. — Temos que atravessar o portão.

Ela olhou para ele como se ele estivesse louco, e talvez estivesse.

— Nunca nos deixarão passar — afirmou Octavia.

Carl tentou parecer confiante.

— A gente consegue. Vem. — Passou o braço dela sobre os próprios ombros e envolveu-lhe a cintura com um braço. Enquanto desciam em direção ao portão, a tensão foi se formando em seu corpo. — Vou tentar convencer o soldado a nos deixar ir. Se tivermos que correr, vá pra esquerda e entre na mata o mais rápido possível.

Henshaw, o comediante não oficial da Força Fênix, de repente tirou a arma do ombro e apontou-a com a velocidade de um relâmpago.

— Epa! — disse Carl, forçando uma risadinha. — Henshaw, vá com calma.

O soldado baixou a metralhadora e ofereceu um sorriso perplexo.

— Carl Matador?

— Sim, sou eu — respondeu o rapaz, tentando manter a voz natural. Reconheceu a arma de Henshaw de suas idas ao campo de tiro com Stark: uma AK-47 7.62 mm, uma metralhadora grande do tipo “não mexe comigo” com uma câmara lotada de balas. Lembrou-se de Stark explicando que, se a merda um dia batesse no ventilador, ele preferiria estar com uma AK a qualquer outra coisa.

— Carl — uma garota com sotaque inglês chamou do topo da torre de 6 metros de altura. — Que diabo está fazendo aqui?

Ele ergueu o olhar. A arma de Cheng estava sobre o parapeito, não apontada para ele, mas também não atirada sobre o ombro dela.

Acenou, respondendo:

— Stark me mandou. — Depois, moveu-se em direção a Henshaw, fora do campo de visão direto de Cheng. Indicando Octavia com a cabeça, disse: — Esta menina é minha amiga. Ele disse que eu podia levá-la pra ver o duelo.

Henshaw assentiu e jogou a metralhadora por cima do ombro.

Carl tentou parecer relaxado.

— E essa pintura no rosto? — perguntou o soldado. — Planeja chegar escondido de Parker?

Carl forçou uma risada, esperando que soasse melhor para o outro do que soara para ele.

— Stark acha que isso pode assustar o sargento um pouco.

— Tomara. Ei... me faça um favor e mate o cara, falou? Quando cheguei aqui, ele dificultou tudo pra mim. Quebrou meu braço, me jogou na cabine. Cara, foi uma droga. — Sorriu. — Além disso, apostei 50 dólares em você.

— Parceiro! — disse Carl. Ergueu o punho fechado e o chocou contra o do outro, como se fossem velhos amigos. Octavia afundou contra ele e, durante um segundo, o garoto temeu que ela pudesse desmaiar.

— Tô doido da vida por não assistir à luta — comentou Henshaw. — De todos os dias pra montar guarda, este é o pior. É muito azar.

— Ei, Carl — chamou Cheng. — Precisa de um jipe? Ela não parece capaz de chegar muito longe.

— Não, valeu — respondeu ele. Se Cheng chamasse um jipe, tudo viria abaixo. — Stark me mandou que eu levasse ela andando. Vai entender. Estou perto dele o tempo todo e ainda não entendo tudo.

— Nem eu — concordou Henshaw. — O homem é profundo. Profundo como o meio do Oceano Pacífico. Não dá pra prever o Ancião.

— É bem isso — concordou Carl.

Henshaw deu-lhe um tapa no ombro.

— Não deixe a gente atrasar você.

— É — respondeu Carl. — Não quero chegar atrasado ao funeral de Parker.

Henshaw riu.

— Carl Matador! Eu devia ter apostado 100.

Ele alcançou o botão vermelho que abriria o portão, mas fez uma pausa quando Cheng se debruçou no parapeito e gritou:

— Espera um pouco. — Sua voz soou diferente. Afiada. Carl se retesou. — Tem uma coisa que não faz sentido aqui. Como é que ninguém nos informou disso?

— Pra quê? — retrucou Carl. Deslizou o braço da cintura de Octavia e estendeu as duas mãos num gesto de perplexidade inofensiva. — Stark sabe que vocês me conhecem.

Os olhos de Henshaw se estreitaram. Inclinou a cabeça um pouco.

— Agora que eu parei pra pensar, como você chegou aqui, Carl? Estivemos neste portão a noite toda.

Lá de cima, Cheng disse rapidamente:

— Mantenha o portão fechado, Henshaw. Vou informar. Não quero me queimar por causa disso.

Carl plantou um direito forte no rosto de Henshaw. Este nem viu o soco chegar e caiu de costas contra a torre, escorregando para o chão, inconsciente antes mesmo de perceber que fora atingido.

Carl estapeou o botão vermelho. Com um clique metálico, o portão começou a se abrir lentamente.

— Vem! — disse, puxando Octavia pelo braço.

Cheng gritou:

— Pro chão, Carl! De cara pra baixo, ou eu estouro a porcaria da sua cabeça.

Ele empurrou Octavia contra a torre de guarda e se achatou na parede junto dela, fora da linha de fogo de Cheng. Mas de onde estavam até a floresta eram mais de 30 metros de espaço aberto, uma verdadeira zona de morte.

— Do que está falando, Cheng? — gritou Carl. — Tá tudo numa boa.

Cheng não respondeu. Então, ele a ouviu falar no radiotransmissor:

— Todas as unidades! Todas as unidades! Aqui é Cheng na Base de Treino Um. Temos uma invasão em curso. Freeman e a menina da cabine do suor. Repito...

Carl sentiu-se congelar. Chegara tão longe, arriscara tudo e agora o plano desmoronava. Olhou novamente para o trecho de área descoberta, a zona de morte. Não havia jeito de escapar. Cheng os partiria ao meio.

— Carl, sabe usar aquela coisa? — Octavia apontou para a metralhadora junto de Henshaw, que permanecia inconsciente.

O rapaz assentiu e agarrou a arma da terra. Nem lhe ocorrera apanhá-la — nunca quisera atirar em ninguém —, mas precisava usá-la agora. Depois de colocar o seletor no modo automático e engatilhar a metralhadora, arriscou esticar-se rapidamente, olhou para cima e viu a linha escura do cano de Cheng sobressaindo no parapeito de torre. Carl inclinou-se para fora apenas o bastante para avistar claramente a silhueta negra da metralhadora dela e puxou o gatilho.

O barulho foi inacreditável. A arma escoiceou o ombro dele cinco, dez, quinze vezes — impossível saber —, e um espigão brilhante de fogo brotou do cano. Balas ganiram contra o metal e fagulhas explodiram lá no alto.

— Corra — disse para Octavia.

Ela saiu cambaleando em direção ao portão. Carl, sem saber se havia atingido o cano da arma de Cheng ou não, disparou outra rajada de balas no ar.

Não se debruce, a mente dele implorou à garota da Força Fênix. *Não quero matá-la!*

Enquanto ele olhava para a estrada, Octavia desaparecia na escuridão da floresta. Ótimo. Ela tinha conseguido. Carl retrocedeu para longe da torre e continuou disparando.

A distância, nos alojamentos, o estalo seco de um único tiro cortou o ar.

Carl viu um sargento instrutor, talvez a uns 70 metros de distância e correndo diretamente para ele, braço estendido, pistola na mão.

O sargento atirou de novo e uma bala resvalou na torre. Carl cravejou o chão entre eles com balas, e o homem se jogou no chão.

Retrocedendo pelo portão, Carl atirou contra a torre para desencorajar Cheng a se aproximar do parapeito. O ar era uma explosão de ruído, fogo cegante, fumaça e cheiro de pólvora. Estava a meio caminho das árvores quando o ferrolho travou no fundo da arma e ele soube que o pente estava vazio. Largou a metralhadora e correu pela escuridão.

Quando chegou à mata, tiros explodiram atrás dele. Balas penetraram na terra à sua esquerda e atingiram as árvores com estrépito. Uma delas chegou tão perto que uma lasca de madeira saltou, fazendo-o encolher-se. O garoto se meteu mais profundamente na floresta. O tiroteio mascou as árvores atrás dele, não tão perto dessa vez, e então parou. Carl pôde ver Octavia adiante, embrenhada na mata, a ponto de cair a qualquer momento.

Alcançou-a, tomou sua mão e os dois prosseguiram lado a lado. Ela estava emitindo uma espécie de gemido, um som áspero, mas ele não soube dizer se estava ofegando ou chorando. Um pensamento terrível lhe ocorreu.

— Acertaram você?

— Não — respondeu ela. — Acho que não.

Apertou a mão dela.

— Você se saiu muito bem lá.

A garota nada disse. Só continuou, aos tropeços.

Ele apontou para a escuridão.

— Deve haver uma trilha adiante. Eles esperam que a gente vá na outra direção, para a estrada. Este caminho vai nos levar direto pra cima. É bem íngreme.

— Íngreme? Carl, desculpe, mas eu não consigo. — De repente, ela deixou de correr. — Estou acabada. — Octavia começou a cair, mas ele a amparou.

— Peguei você — disse. Abaixou-se e a envolveu nos braços. — Sinto muito se isso dói. Mas agora eles sabem, e nós temos que ir o mais rápido possível.

E começou a correr.

Octavia era muito leve. Os braços dele eram fortes, as pernas, velozes. Mesmo os olhos pareciam mais aguçados, e ele percebeu que era capaz de se localizar pela floresta só com a luz turva da manhã que caía por entre as árvores.

Era hora do Plano B.

Na verdade, o plano A — entrar furtivamente e levar Octavia para longe sem alertar ninguém — nunca tivera chance de sucesso. Carl achava que havia apenas se iludido ao pensar que poderia funcionar porque, sem aquele fiapo de duvidosa esperança, nunca teria se atrevido a tentar o resgate. E, ao senti-la nos braços, *ah*, estava tão feliz por ter ido. Se iam morrer agora, pelo menos morreriam nos próprios termos, livres, lutando, juntos.

Então, Plano B. Pretendia se livrar dos perseguidores ao tentar algo inesperado, levando-a por cima da serra e descendo pelo outro lado, onde a ajudaria a se esconder perto da praia. Então, procuraria um barco. E, se o encontrasse a tempo — *Ah, por favor, que isso não seja mais um plano fora da realidade*, pensou —, contornaria a ilha para buscar Octavia. Era sua única chance.

Continuou a correr.

O chão se inclinava bruscamente para cima. Ao longe, ouviu tiros e gritos.

A essa hora, Parker estaria se gabando e chamando-o de covarde, e Stark estaria fervendo de raiva com a traição de Carl.

Agora, os dois distribuiriam armas e invadiriam a floresta.

Estava aberta a temporada de caça.



CAPITULO 33



Carl colocou Octavia gentilmente no chão ao lado da árvore caída. Os músculos do rapaz latejavam de cansaço e ele estava ensopado de suor, mas havia conseguido... cruzara a serra carregando a garota e descera do outro lado. A meros 15 metros de distância, a selva dava lugar a uma faixa estreita de praia arenosa, além da qual o mar azul e cintilante se estendia na beleza da infinitude: uma piada cruel. O sussurrar suave das águas chamava por Carl, convidando-o, em sua exaustão, a deitar-se ao lado da amiga. *Relaxe*, a maré sugeria. *Durma... esqueça...*

Sem chance.

O rosto de Octavia estava corado de febre, mas os olhos cinzentos eram duros como pedras.

— Você tem que ir. Eles vão chegar a qualquer segundo. Ouça.

Gritos e assobios se aproximavam. Seriam os mesmos caçadores que ele havia despistado ao subir a encosta? Ou outro grupo?

— Vou escondê-la aqui — disse Carl —, debaixo desta árvore. Vou procurar o barco e, quando encontrar, vou dar a volta na ilha e pegar você. — Apontou para um longo braço de rocha que se estirava como um píer natural sobre a água. — É assim que vou encontrá-la. — Forçou um sorriso, com o qual esperava demonstrar mais otimismo do que sentia. Pelo menos, o tempo que tinha passado com Stark lhe dera *essa* habilidade.

— Tá legal, Carl — respondeu Octavia. — Tudo bem. — E havia algo em sua expressão e voz, algo calmo e satisfeito, mas triste e reservado, que lembrava a ele o tom que sua mãe, que estava com câncer, usava quando ele era muito pequeno, quando os dois conversavam sobre o futuro, tagarelando sem a menor preocupação sobre Natais que jamais passariam juntos, como ambos sabiam. A recorrência desse tom na voz de Octavia o entristecia profundamente.

Mais gritos soaram na mata.

O desespero o tomou. Cobriu a garota com folhas de palmeira, tentando não pensar nas aranhas. Deu a ela o último cantil, segurou-lhe as mãos e olhou em seus belos olhos cinzentos, sentindo um nó na garganta. Ela era tudo o que lhe restava no mundo.

— Vou voltar pra você, tá? Prometo. Vou tirar você desta ilha. Tá bem?

Ela assentiu, parecendo muito sonolenta.

— Sei que sim. Agora, vá. Eles estão quase aqui.

Pelos ruídos, pareciam prestes a irromper da floresta a qualquer instante. Carl ouviu alguém gritar seu nome.

Loucura.

Passou o polegar na bochecha dela. Não havia lágrimas.

— A gente vai se ver de novo. Prometo.

— Eu sei. — O sorriso dela foi tão forçado quanto o dele. — Agora, vá.

Ele correu de volta para a mata fazendo uma curva acentuada, flanqueando os caçadores e novamente seguindo para a montanha. Precisava mostrar a eles onde estava e aonde estava indo. Precisava levá-los para longe do esconderijo de Octavia.

Os gritos se aproximavam.

Ele esperou.

Segundos depois, viu o primeiro deles sair dentre as árvores. Um garoto sem camisa — longe demais para identificar — segurando algo... um porrete ou uma lança...

— Deixa a gente em paz! — berrou Carl na direção do garoto. Parou por tempo suficiente apenas para garantir que o caçador o visse; depois, começou a correr de novo.

Os gritos se multiplicaram e se voltaram na direção dele.

Mais uma vez subindo o declive escarpado, pôde ouvir a excitação nas vozes deles enquanto o caçavam. Ótimo. Agora que tinha certeza de que estavam no seu encalço, podia correr de verdade. Pudera derrotar todos eles na série de obstáculos antes mesmo de ter recebido o vírus sanguíneo. Agora, deixaria todos para trás como se estivessem correndo parados no lugar.

E tudo que ele precisava era: espaço. Sua única chance — e a única chance de Octavia — era desorientá-los. Já os havia afastado dela; agora, precisava enganá-los mais uma vez.

Correria até o topo da montanha, entre as rochas, onde ele e Stark treinaram. Era uma manobra arriscada — estaria muito mais visível a céu aberto do que correndo em meio à mata —, mas era a forma mais rápida de cruzar a ilha, e precisava chegar aos barcos antes que Stark percebesse o que ele estava tramando.

Atrás dele vinha um coro de uivos sedentos de sangue. Era como se estivesse sendo caçado por uma alcateia. E não era isso mesmo? Dois meses antes, eram só um punhado de adolescentes azarados; mas esse lugar os transformara em outro tipo de fera.

Montanha acima ele correu, usando os troncos de pequenas árvores como degraus. A corrida pelo declive com Octavia nos braços o deixara exausto, mas ele subiu a montanha tão rapidamente quanto pôde, com ou sem os pulmões ardendo, e se consolou com o fato de que os outros ficariam ainda mais para trás.

Quando chegou a uma clareira de mato arrasado por uma tempestade, parou, dobrando-se e fingindo estar muito mais cansado do que realmente estava. Queria que o vissem, queria que continuassem seguindo-o e não dessem a volta na direção de Octavia. Estava dando certo: tinha parado havia poucos segundos quando os gritos voltaram a soar.

Então, um tiro de rifle estalou pelos ares e uma bala passou zunindo por uma pedra próxima. Ele se jogou no solo rochoso assim que uma rajada de chumbo mascou as árvores acima. Subindo pela colina, saiu da clareira e penetrou de novo na cobertura relativa da floresta. Mais tiros soaram lá embaixo, no entanto Carl sabia que tinham poucas chances de vê-lo, menos ainda de acertá-lo, agora que estava entre as árvores novamente.

Tiroteio significava membros da Força Fênix. Havia recebido os mesmos tratamentos que ele. Alguns podiam correr tão rápido quanto ele; outros, provavelmente, ainda mais rápido. E não passaram noites em claro subindo e descendo montanhas com alguém pesando nos braços.

Não poderia ultrapassá-los. Não para sempre. Nem a eles, nem a suas armas.

Por fim, as árvores escassearam, ele galgou o declive íngreme e viu-se na borda mais baixa da longa cordilheira de pedra que corria como uma espinha exposta pelo centro da ilha. Com as primeiras pontadas de exaustão começando a surgir feito fogos de artifício nos músculos das coxas, ele correu para o espaço aberto. Dessa posição vantajosa, ouviu o que soou como mil vozes se aproximando.

A cordilheira rochosa devia ter três metros de largura. À esquerda, o chão dava lugar ao céu, uma janela para as copas das árvores dezenas e dezenas de metros abaixo. A vastidão vazia o fez sentir-se zozzo.

Olhou para a direita, procurando pela trilha do caminho íngreme que ele e Stark haviam usado, e...

— Lá está ele!

Surgiram na colina, parecendo caçadores da Idade da Pedra, seis rapazes sem camisa carregando lanças. Por um segundo, Carl não reconheceu nenhum deles, em parte porque tinham os rostos cobertos de lama como se fosse pintura de guerra, mas principalmente por causa das próprias faces, tão distorcidas pela sede de sangue que os seis pareciam mais animais que os garotos que ele um dia tinha conhecido.

— Iá, iá, iá! — alguém, Fay, pensou Carl, gritou ao atirar uma lança.

A saída deles da floresta foi tão abrupta que Carl ficou paralisado. No momento em que viu a lança voando para ele, quase teve o rosto talhado. Felizmente, os anos de boxe o salvaram. Por instinto, desviou a cabeça para a direita, como se estivesse escapando de um soco veloz, e a ponta da arma passou junto de seu ouvido.

Poderia tê-lo matado.

Não havia para onde fugir. Eram seis deles, cinco com lanças; o sexto — sim, Carl viu, era Fay, que sempre tinha lhe parecido meio tímido, mas agora lembrava um lobo faminto rodeando a presa — tirou uma grande fâca do cinto. Estavam a menos de nove metros, aproximando-se rapidamente. A cordilheira era um caminho aberto e rochoso; se ele corresse quer para a frente, quer para trás, os caçadores o pegariam.

— Tá morto, Hollywood! — gritou alguém.

Carl deu as costas para eles, e o mundo pulsou, entrando e saindo de foco. O penhasco abrupto mergulhava rumo às rochas denteadas apinhadas na base da montanha. Adiante ficava a floresta.

Algo acertou-lhe o ombro. Por um segundo, ao mesmo tempo que registrava a lança caindo no vazio e a sensação de calor, umidade e dor espalhando-se pela superfície do ombro, oscilou à beira do precipício, tomado pelo terror, enquanto girava os braços para evitar a queda.

Recuperou o equilíbrio a tempo apenas de se desviar de outra lança, que zuniu ao seu lado, arqueou-se além do penhasco e desapareceu lá embaixo entre as árvores.

— Segurem suas lanças! — disse um dos garotos. Era Biscoe, Carl viu, e uma lembrança luziu em sua mente: Biscoe parado ao lado do beliche, rindo da imitação que Ross fazia de Parker, lágrimas escorrendo dos olhos. — Usem elas pra espetar!

Estavam a seis metros dele. Não poderia derrotar todos, não armados...

Não havia escapatória.

— Lanças à frente! — comandou Biscoe. — Facas atrás. Empurrem-no do penhasco.

Mas Carl foi mais rápido.

Correu três passos e saltou para o vazio.



CAPITULO 34



Os gritos de surpresa rasgaram o ar atrás dele enquanto seu corpo desabava em direção às árvores. A adrenalina desacelerou o momento, dando-lhe tempo para pensar, absurdamente, que isso tudo era como um filme. Como quando o herói desesperado escapava da morte certa ao se jogar de uma grande altura — um penhasco, ponte ou avião. Só que, nos filmes, os heróis saltavam na água...

Carl, não.

Chocou-se contra as folhas das copas mais altas primeiro, bateu em algo duro e gritou quando o que quer que fosse, tronco ou galho — não conseguia distinguir o lado de cima do de baixo naquele momento verde e veloz —, golpeou-lhe as costelas como um punho gigante. Caindo de novo, girou no ar aberto, os pensamentos reduzidos a um fio de pontos de exclamação enquanto agarrava loucamente os galhos. Tudo ao redor era um borrão verde raiado de luz solar que brilhava entre os ramos mais altos. Suas mãos se agitaram, caindo por galhos e troncos, mas não acharam apoio. Sentiu que uma unha era arrancada do dedo, mergulhou numa queda livre aterrorizante, raspou a canela em algo duro como aço e agarrou um galho menor, que se dobrou com a força da queda.

O galho queimou-lhe a mão, mas ele segurou firme, mesmo quando o peso do corpo deu um puxão, e sentiu como se o ombro fosse se rasgar do resto. Então, o galho se partiu e ele recomeçou a cair. Conseguiu manter os pés abaixo de si e dobrar os joelhos ao chocar-se contra o solo da floresta.

As pernas receberam a maior parte do impacto. Carl tentou rolar com a queda, mas bateu o ombro com força no chão. Ficou deitado por um segundo, ferido. As costelas estavam quase certamente quebradas. Um ombro parecia deslocado, enquanto o outro sangrava moderadamente, talhado pela lança. A mão ardia, uma linha vermelha rasgada na palma onde ele segurara o galho. A canela latejava e o tornozelo pulsava de dor. Apesar de tudo isso, um jorro de alegria o encheu de entusiasmo — quase havia morrido, mas estava vivo, vivo, vivo! —, e ele se levantou.

Tinha conseguido. Havia pulado de um penhasco, despencado no meio das árvores e sobrevivido à queda no chão. Ergueu os punhos em direção ao céu e agradeceu a Deus por aquela porção de

maravilhosa sorte.

Acima dele, tudo eram sombras verdes. Pôde ouvir os garotos lá no alto, gritando e rindo, sem dúvida acreditando que ele tinha se matado.

Ótimo, pensou. *Que achem isso mesmo.*

Deu as costas ao despenhadeiro e levou um segundo para se recompor. Bem longe, à esquerda, Octavia esperava. À frente, através de um vão de selva espessa e desconhecida, estava o oceano. Precisava seguir naquela direção, mas virar à direita. No fim, chegaria à praia e, se seu senso de direção estivesse intacto, acabaria bem do lado de fora do Acampamento Força Fênix. Sua única esperança era a de que os membros da Força tivessem abandonado os alojamentos para ver o duelo e depois entrado na floresta à sua procura.

Entrou mancando na floresta desconhecida.

O trajeto foi mais lento do que gostaria. Ele e Stark nunca haviam passado por aquele canto da ilha, e ele encontrava obstáculos inesperados o tempo todo: uma cerca natural de rochas na base do pico central, uma armadilha de árvores destruídas pelos ventos, uma verdadeira muralha de espinheiros. E, logo abaixo de um córrego onde parou para beber água e descansar o corpo dolorido, um pântano escuro lotado de mosquitos e moscas que picavam.

Por fim, encontrou uma trilha estreita sulcada na terra. Onde quer que o caminho se bifurcasse, ele virava à esquerda rumo ao acampamento, e, assim esperava, aos barcos e à liberdade.

Quando chegou à clareira ao pé da montanha e ouviu grunhidos, lembrou por que ele e Stark nunca iam àquela parte da selva.

Um gemido escapou de seus lábios quando, onde a clareira terminava num trecho de floresta sombria, formas negras se moveram.

Mais grunhidos. Um assobio. Um guincho.

Um grande porco-do-mato irrompeu das árvores, as presas brancas brilhando.

Carl correu na direção oposta.

A clareira terminou assim que ele conseguiu firmar o passo. Viu-se voando pelo ar quando o chão sumiu, não num penhasco abrupto, mas numa encosta esparsamente arborizada. Chegou ao chão correndo, caiu, rolou e, contra todas as chances, ergueu-se correndo outra vez. Aves grasnaram alto no ar, como se sentissem a dor que rasgava o corpo agredido do rapaz. Folhas e ramos bateram nele enquanto se precipitava colina abaixo, esperando, a qualquer momento, sentir as presas do porco talhando suas pernas.

Por fim, o solo voltou a se nivelar. Ele percebeu que as árvores estavam rareando e uma muralha de luz solar ardia logo adiante.

Atrás, a distância, um guincho furioso cortou o ar, e Carl se virou para ver o grande porco pairando montanha acima, parecendo perigoso e orgulhoso por ter defendido o território.

Carl desacelerou, passando a marchar e depois a mancar. Tudo doía.

Na montanha, porcos guinchavam e bufavam, mas ficavam do outro lado do cume, fora da vista. Pareciam ter desistido da caçada. É claro que sim; era natural, não? Eram animais. Eram perigosos, é claro, mas não era nada pessoal. Sua agressividade era meramente territorial. Não eram tão selvagens quanto animais *humanos*, que andavam em bandos para caçar e matar sua própria espécie.

Coxeou em direção à luz, esperando não estar muito longe do caminho.

Chegando ao limite da floresta, teve vontade de gritar. Depois da areia, bem à sua frente, estava uma cerca de arame rodeando construções de aparência muito familiar. No alto tremulava a bandeira negra e vermelha do Acampamento Força Fênix.

Conseguira. Saía exatamente onde precisava estar.

E, visualizando a cena, piscando os olhos diante do sol, quase gritou mesmo de alegria:

O portão estava escancarado.

A princípio, não pôde acreditar.

Não conseguia ver ninguém nas cercanias. Só 100 metros de areia entre ele e o portão, não muito além do qual, sabia, os barcos marcados no mapa de Eric aguardavam, balançando na água, desprotegidos.

Parecia impossível aquele golpe de boa sorte... e ainda assim o portão aberto fazia sentido. Todos saíram para vê-lo enfrentar Parker — e agora estavam espalhados por toda a ilha, caçando-o.

Carl riu, agachado ali em meio ao suor e à dor, e afugentou os mosquitos com tapas enquanto observava o portão, por garantia. Não viu nenhum movimento.

Sim. Finalmente as coisas estavam saindo como ele queria.

Deslizou por entre as árvores e começou a caminhar rumo à liberdade.

Estava no meio do caminho arenoso quando alguém com um rifle surgiu à vista.



CAPITULO 35



Carl parou de uma vez, espirrando areia, virou-se e correu de volta para a floresta.

As árvores estavam muito distantes. Era um pesadelo: correr pela areia escorregadia, a mata impossivelmente distante, por um espaço a céu aberto. Usou braços e pernas o mais rápido que pôde numa corrida em linha reta pela areia. Ouviu um grito e esperou pelos tiros, sabendo que viriam, usando todas as suas forças para voltar à selva, esperando pelo som alto do rifle, pelos punhos de chumbo acertando suas costas e abrindo grandes buracos que se escancarariam na frente do corpo. Sabia que era o fim, estava acabado...

Então, os tiros realmente soaram, e uma linha de balas cavou a areia ao seu lado, arremessando chafarizes no ar, tão perto que sentiu os grãos baterem no rosto. A floresta estava cada vez mais próxima — 20 metros, 10 —, mas a arma estava disparando outra vez: ele pôde ouvir as balas correndo pela areia atrás de si — 5 metros agora! — e uma bala o atingiu nas costas, jogando-o na vegetação emaranhada do limite da floresta.

Fora baleado. Eles o haviam acertado.

A dor latejou no lado do corpo, como um gancho sendo enfiado na carne e uma ferida de punção, tudo ao mesmo tempo, e Carl percebeu sangue em toda a parte. Seu sangue. E tanto — na camisa, nos braços, nas mãos, até mesmo no rosto. Sentiu o gosto e o cheiro. Olhando para baixo, na camisa, viu um buraco na frente, onde a bala havia atravessado o corpo, e viu sangue escorrendo do estômago até a perna.

Mais tiros.

Balas rasgaram a floresta, acertando árvores, estalando entre as folhas e espalhando pedaços delas pelo ar. Uma atingiu a árvore logo acima da cabeça dele e fez chover lascas de madeira. Outra ricocheteou numa rocha próxima com um guincho apavorante.

Ele cambaleou mais para dentro da mata. A dor do tiro irradiava por ele, tomando-o da cintura à

garganta. Era difícil respirar. Louco de medo e desespero, içou-se pela encosta íngreme e escorregadia.

O tiroteio cessou. Carl arriscou olhar para trás entre as árvores e os viu chegar. Dois soldados da Força Fênix, um dos quais, Carl se angustiou em ver, era o mais duro de todos, Agbeko, quase tão grande quanto Stark. O outro parecia ser Nachef. Ambos traziam fuzis e corriam em sua direção a uma velocidade que parecia impossível.

Tinha uma vantagem sobre eles, mas os dois também haviam recebido tratamento de supersoldado e atravessaram a areia tão rápido quanto corredores olímpicos. Entrando na floresta, pararam para fixar baionetas na ponta dos fuzis, que pareciam modelos padrão M-16.

Carl engoliu a dor e subiu mais ainda pela colina. Só quando chegou ao topo da barragem de terra é que percebeu o erro.

Perdido em meio à dor e ao terror, correria diretamente para o ponto obscuro onde escapara dos porcos. Como podia ter sido tão idiota?

Viu as sombras na forma de barris movendo-se montanha acima na densa folhagem, ouviu os grunhidos e algo como um assobio.

— Vou lhe dizer o que vai acontecer — bradou a voz profunda de Agbeko. — Você aparece e vem conosco agora, Carl, e o deixamos viver.

A risada de Nachef voou no retumbar das palavras de Agbeko.

Eles estavam subindo à barragem.

Talvez eu deva simplesmente esperar por eles aqui, pensou Carl. *Surpreendê-los quando surgirem pela borda*. Mas não havia a menor chance de serem estúpidos o suficiente para irem lado a lado, especialmente com o rastro de sangue que ele deixara marcando o caminho; não quando foram treinados por Stark. Esses dois não eram como os bandidinhos no acampamento; eram mercenários experimentados em combate, que já haviam sobrevivido à Ilha Fênix e lutado nas batalhas de Stark. Havia matado. E sobrevivido. Não havia modo de superá-los.

Carl procurou uma arma. Pegou uma pedra.

Uma pedra *versus* dois fuzis. Bela aposta.

Estavam próximos — subindo a ladeira, chegando à barragem. A qualquer segundo choveria chumbo.

Um porco guinchou lá no alto. A qualquer segundo, o bando todo atacaria...

Espere, pensou Carl. *Espere*.

O grande porco saiu imponente dentre as árvores e bufou para ele, os olhos queimando de fúria. Outros porcos surgiram das árvores em movimentos agitados, a velocidade improvável dos corpos robustos e pernas curtas fazendo-os parecer uma imagem de vídeo em ritmo acelerado.

Carl sorriu ao ver as presas, que brilhavam como adagas polidas de osso, e soube o que precisava fazer.

— Vocês são lindos — disse, e avançou diretamente para eles.

Correu em linha reta por uns três metros, depois virou-se. Os imensos animais atacaram em uníssono. O garoto lhes deu talvez meio segundo, depois desceu a colina correndo.

Com os porcos logo atrás, Carl saltou sobre a barreira e jogou a pedra no primeiro soldado — Agbeko —, que se elevava logo à sua esquerda, menos de três metros abaixo. A rocha o acertou no peito, e Carl viu o gigantesco soldado tombar, o fuzil cuspidor chumbo mortal para o alto.

Carl se jogou para baixo assim que Nachef, que estava na ladeira diretamente à frente dele, espalhou balas em sua direção, com a mira arruinada pela surpresa. A manobra de Carl o colocou abaixo da linha de fogo e ele rolou contra Nachef, usando o mesmo movimento para lançar-se no último segundo, exatamente como Stark lhe havia ensinado durante o treinamento de exercícios de combate, e se agarrou à cintura do soldado.

Foi um golpe duro.

Nachef se dobrou ao meio com um gemido. A força do impacto o ergueu do chão e Carl viu o fuzil escapar da mão dele, girando, batendo e disparando uma vez antes de descer a montanha quicando, perdido na vegetação. Fez o soldado desabar no chão. Suas próprias costelas e o ferimento a bala gritaram em protesto, mas não havia tempo para se preocupar com a dor. Jogou-se para a frente e mandou três fortes socos de direita contra o rosto em pânico de Nachef. Os olhos deste se reviraram, e ele ficou inconsciente.

Então, o ar explodiu em gritos, guinchos e tiros.

Carl desatou a correr instintivamente, esperando as balas. Olhou de um lado para o outro e viu Agbeko atirando não contra ele, mas contra a vara de porcos. Viu os animais escorregarem, vertendo chafarizes de sangue; ouviu gritos e guinchos, viu grandes talhos abertos nas pernas de Agbeko, viu-o cair e observou os porcos, veteranos de muitas batalhas, se jogarem sobre ele, rasgando-o com as presas afiadas como navalhas.

Carl ficou de pé num salto. Havia funcionado! Virou-se para correr — então, hesitou ao som dos gritos de Agbeko.

Dá o fora daqui, disse a si mesmo. *Corre enquanto ainda pode!*

Mas os porcos estavam atacando o soldado caído de todos os lados, cravando as presas no corpo como adagas.

Agbeko gritava e gritava.

Os animais o estavam matando.

Você é tão burro, disse Carl a si mesmo. *Burro demais pra viver!*

Quando viu, já estava correndo... não montanha abaixo, como deveria, mas para cima, direto para aquele amontoado sangrento. Um berro primitivo propelido por fúria, medo e selvageria — o grito de guerra de um homem das cavernas — explodiu sem aviso de sua garganta e ele chutou primeiro um porco, depois outro, e os animais, ou chocados pelo ataque ou surpresos pelo grito sub-humano, se espalharam de uma vez, fugindo para a floresta.

Quando se voltou para Agbeko, o membro da Força Fênix já estava de pé, apontando o fuzil não para as feras, mas para ele.

Não, pensou Carl, e se jogou desesperadamente contra Agbeko ao mesmo tempo que a arma disparava.

A cabeça de Carl deu um solavanco e uma linha de fogo queimou sua bochecha. Então, ele se chocou contra o soldado, esperando jogá-lo no solo.

Foi como meter a cabeça num muro de tijolos. Agbeko tinha mais de 1,90 metro e era coberto de músculos. Carl quicou e caiu no chão, escorregou alguns centímetros e grunhiu enquanto uma nova erupção de dor o tomava.

Agbeko recuperou o equilíbrio e sorriu.

— Foi bom, isso com os porcos. Você planejou?

— Eu meio que esperei que funcionasse — respondeu Carl.

Ambos estavam sangrando e ofegando agora.

— Você é um cara resistente — disse Carl, apontando para os talhos nas pernas de Agbeko. — Está todo cortado e mesmo assim eu não consegui derrubá-lo.

— Meus irmãos sempre me chamaram de rinoceronte. — Ergueu o rifle até o ombro e apontou para o garoto. — Mas estão todos mortos agora.

— Espera — pediu Carl.

— Salvou minha vida — disse o soldado. — Renda-se, e deixo você viver.

Carl pensou em Octavia, na promessa que lhe fizera e no que aconteceria com a garota se ele desistisse agora.

— Vamos conversar. — Ficou de pé. Agbeko ainda estava vários metros acima... um espaço amplo demais para Carl tentar alguma coisa.

— Última chance — avisou Agbeko.

Um dos porcos feridos se remexia no chão aos pés do soldado. Ele girou o fuzil e disparou. Sangue espirrou no ar. O porco se sacudiu uma vez; depois, ficou imóvel.

Então, Carl viu: o ferrolho do M-16 travou-se no fundo...

A arma estava vazia. Agbeko havia usado todas as balas nos porcos.

O enorme soldado da Força Fênix notou isso também, pois sorriu e disse:

— Bom, Carl... você foi muito bem no *sparring*, mas não vamos treinar boxe agora.

Carl avançou, não diretamente contra Agbeko, mas para a esquerda. Queria escapar dele subindo a colina, livrar-se da vantagem que o grande soldado tinha sobre ele em relação ao peso.

Agbeko mergulhou sobre ele, usando o fuzil como lança.

Era rápido. Muito rápido.

Carl desviou-se da baioneta saltando para o lado e subiu ainda mais.

Agbeko olhou para ele de cima a baixo e balançou a cabeça.

— Você está coberto de sangue, Carl. Desista deste jogo. Salve-se.

Carl começou a dizer a ele onde podia meter aquela sugestão, mas Agbeko o atacou, enfiando-lhe a lâmina no rosto.

Carl jogou a cabeça para um lado, escapando da baioneta... e sofrendo diretamente o verdadeiro ataque de Agbeko.

A lâmina fora uma finta. Carl havia caído na armadilha, desviando-se no mesmo momento em que Agbeko moveu o cabo do fuzil num arco agudo que o acertou bem na testa. A cabeça se atirou para trás. Sentiu a pele da testa se partir, sentiu o corte — bem profundo — abrir-se sobre um dos olhos.

Agbeko virou-se e trouxe uma vez mais o cabo do fuzil consigo, como um pugilista mandando o segundo soco de um combo de dois ganchos, e Carl apertou o braço ao lado do corpo. O rifle bateu no garoto, que recebeu o golpe no braço, não nas costelas. Girou ao ser atingido, exatamente como teria girado ao receber um gancho no corpo, e, no fim do giro, contra-atacou com um pesado gancho de esquerda.

Acertou Agbeko na ponta do queixo e o fez cair sentado. Da mesma forma que fizera no *sparring*, o soldado começou a se levantar logo a seguir. Só que, dessa vez, Carl o atingiu no rosto largo com um chute que jogou o gigante de costas no chão e o fez descer a montanha escorregando.

Sabendo que precisava terminar com isso, Carl correu e saltou sobre Agbeko, cavalcando o corpo que deslizava como se fosse um trenó até colidir contra a base de uma árvore. Agbeko abriu os olhos novamente e rugiu para Carl, que fez chover diretos de esquerda e direita nele com toda a força, virando os ombros a cada golpe e observando o rosto do pretenso assassino se partir. Viu o nariz ser esmagado feito um tomate, espirrando sangue. Viu bocas vermelhas e franzidas se abrirem sobre ambas as sobrancelhas. Viu a mandíbula forte se entortar. Viu os olhos rolarem para trás, e ele finalmente perdendo a consciência...

Então, Carl estava de pé novamente, mais uma vez subindo a colina. O ferimento a bala, as costelas quebradas e o tornozelo ferido pulsavam de dor. A ferida da lança ardia, assim como a da bala que passara de raspão por sua bochecha. Esfregou o sangue que corria por cima do olho, tentando clarear a visão. Agora suas mãos latejavam também, os nós dos dedos feridos já inchando, pontadas agudas subindo pelos pulsos até os cotovelos.

Nada disso importava agora. Só o que importava era arranjar o barco, pegar Octavia e dar o fora daquela ilha horrível. Então, precisava alertar o mundo sobre Stark. Depois disso, haveria tempo para ferir, curar e morrer, se necessário.

Por enquanto, precisava seguir em frente.

Esperava que Agbeko e Nacheff fossem os únicos guardas a postos no Acampamento Força Fênix. Esperava ser capaz de chegar aos barcos...

Nacheff.

Carl o ouviu primeiro, depois o viu... de longe, lá na borda da floresta, gritando para a praia:

— Ele tá aqui! Freeman tá aqui!

Na praia, vozes gritaram em alegre resposta.

Mais caçadores. Viriam atrás dele agora.

Por que não podiam simplesmente parar?

Dobrou-se e apanhou o fuzil de Agbeko — estava vazio, mas ainda poderia ser usado como porrete ou lança — e viu-se encarando diretamente os olhos de um porco morto.

Lembrou-se do vazio semelhante nos olhos de Ross.

Esta era a única coisa que deteria esses caçadores, essas crianças tornadas monstros: ver aquele mesmo vazio nos olhos de Carl.

Continuariam avançando até matá-lo. Ou até que os porcos o matassem. Ou que ele caísse de um penhasco e esmagasse o crânio nas rochas. Ou mergulhasse entre os tubarões-martelo. Não parariam de caçar até que tivessem certeza de sua morte...

Ao pensar nisso — a mente disparando com toda a velocidade que era a prerrogativa de um sobrevivente nos momentos mais desesperados —, encarou os olhos vítreos do porco e o plano surgiu de uma só vez diante dele, como um presente divino. Era mais uma aposta perigosa, contudo estava se acostumando a sobreviver quando as chances eram pequenas. E, como um garoto brigando nas ruas e um jovem batalhando no ringue, aprendera a tomar decisões de última hora, virando o jogo todo num piscar de olhos.

Foi o que fez agora.

Largando o fuzil, apanhou a pesada carcaça do porco, novamente engolindo a dor e lutando contra a fadiga, e cambaleou montanha acima, para longe das vozes que gritavam na floresta abaixo. Subiu apressadamente até ouvir um novo grupo de garotos uivando por perto, outro bando de caçadores sanguissedentos aproximando-se pela direita. Virou à esquerda e voltou a descer a colina, não em direção aos barcos do acampamento, mas por uma encosta lateral rumo a seu ponto original de chegada: a pista de pouso, a praia e o estacionamento onde Parker lhe roubara a medalha e começara tudo aquilo. O ponto onde ele deveria ter duelado até a morte. O local onde atiraram Pronto-Socorro às feras.

Na pressa, escorregou e caiu várias vezes, gritando de dor. A cada vez que caía, pegava o porco novamente e continuava correndo. A dor o queimava como fogo. A fadiga exauria seus pulmões. Cãibras tomavam-lhe os músculos, e sangue vertia de toda parte, toldando um olho até a cegueira funcional.

Quando já não conseguia correr, cambaleou. Quando não conseguia mais cambalear, andou. Quando não pôde mais andar, mancou. E, quando alcançou a base da colina e irrompeu na borda da floresta, os uivos dos caçadores convergentes se mesclaram com uma proximidade tão urgente que a própria selva pareceu gritar, pedindo seu sangue.



CAPITULO 36



Octavia pressionou a concha dura contra a carne entre o polegar e o indicador até sentir-se completamente desperta outra vez. Deitada ali no vão sob a árvore, coberta por folhas de palmeira, lutava contra o sono.

Precisava ficar acordada. Carl estava arriscando a vida por ela. E se ele contornasse a ilha com o barco e ela estivesse dormindo? Imaginou a coisa acontecendo: haveria um som de motor apenas audível sobre as ondas agitadas, ficando mais e mais alto, e ela veria o barco. Essa imagem se fundia à memória de outro barco, um que ela vira muito, muito tempo atrás, quando seu pai — o verdadeiro pai, quando ainda vivia e ela era só uma menininha feliz — a levava para a costa de Seattle, junto das docas. Lembrava-se de como o sol estivera quente e agradável naquele dia, um clima raro no litoral de Washington, e como sua mão parecia pequena na do pai, e do cheiro de peixe, e de um cão latindo em outro barco, um cãozinho, e...

Ela sacudiu o corpo.

Não! Estava adormecendo de novo. *Você tem que ficar acordada.* Apertou a concha na mão até começar a rilhar os dentes.

Mal retirou a concha, e o sono se abateu sobre ela mais uma vez, como uma névoa pesada. Só precisava descansar um pouco. Só isso. Um cochilo rápido. Tinha passado dias na cabine do suor, suportando a hipertermia e a fome, a sede e o estresse inacreditável de tudo o que havia acontecido. Estava esgotada de chorar e oprimida pela tristeza incalculável das mortes de Pronto-Socorro e Ross. Agora, estava deitada com as costas no chão, e o nicho sombrio sob a árvore caída era fresco e escuro, e a areia era macia como uma boa cama.

As pálpebras caíram, e a visão se turvou. A cabeça se acomodou na areia. Os olhos se fecharam.

O som do barco a acordou. Brilhava branco como um anjo ao longe, na água além das árvores, parado ao lado do longo braço de rochas que Carl indicara como ponto de referência para achá-la.

Ele a encontrara.

Mas agora o barco estava se afastando.

O pânico a dominou.

Tinha caído no sono, e Carl tinha vindo chamar por ela, mas não havia obtido resposta e agora pensava que ela estava morta, ou tinha saído dali, ou tinha sido capturada; por isso, ele estava se afastando e...

— Espera! — gritou ela, lutando para se erguer e saindo do esconderijo. Tropeçou nas folhas e caiu no campo aberto. Lutou novamente para ficar de pé e cambaleou em direção ao barco que partia, sacudindo os braços. — Carl, espera!

O barco continuou seguindo.

Octavia correu gritando para a orla e, bem quando estava pronta para se abaixar e começar a chorar, o barco se virou e voltou em sua direção.

Ele a tinha visto.

Ela bateu palmas e gritou de alegria e então realmente se deixou sentar — cair, na verdade —, as pernas fracas quando desabou na costa arenosa e se rendeu às lágrimas, deixando que obscurecessem sua visão já embaçada.

Tudo bem chorar agora. Estava finalmente a salvo, finalmente prestes a deixar essa ilha horrível.

O barco parou. Ela ouviu o ruído de água a espirrar — Carl saltando no mar para se aproximar dela — e se sentiu culpada por ficar sentada, fazendo-o cruzar toda a distância a pé.

Então, ouviu mais ruídos na água. E uivos. E risadas.

Seu coração quase parou quando olhou para cima e viu as formas borradas vindo da água.

Não era Carl, de jeito nenhum.

Os caçadores a encontraram.

Os olhos azuis de Decker se aproximaram.

— Ah, nenê. Você está *muito* ferrada agora.



CAPITULO 37



Carl mancou para fora da selva, o porco morto pesado nos braços. Os pelos duros espetavam a pele nua de seus braços, que tremia com o esforço de carregar o cadáver do animal. O cheiro enjoativo e metálico do sangue enchia-lhe o nariz e a boca. Esforçou-se para andar na areia macia, o corpo rugindo de dor e trêmulo de exaustão. Os olhos ardiam de fadiga, um deles momentaneamente inutilizado pelo riacho de sangue que ainda o cobria. O tornozelo doía horivelmente a cada passo, dando a sensação de que os ossos haviam sido substituídos por estilhaços de vidro. Onde a primeira bala havia cavado um buraco, o fluxo de sangue parecia estar diminuindo, mas a dor não se havia amainado nem um pouco, dificultando até mesmo a respiração.

Saindo da folhagem densa, franziu o rosto sob a forte luz solar, o olho bom temporariamente cego pelo dia, e avançou para a praia. Embora não conseguisse realmente enxergar, marchou rumo à rebentação das ondas, pisando a areia fofa que agarrava os pés e tornozelos como se a própria ilha estivesse mancomunada com Stark.

Apesar da claridade, conseguiu ver a massa negra do estacionamento e, ao longe, a pista de aterrissagem. Forçou os pés a continuarem se movendo enquanto rodeava o asfalto quente pela direita, em direção ao longo píer.

Cambaleou e caiu, estatelando-se com força por cima do porco. As costelas gritaram de dor e o corte acima do olho verteu sangue fresco, borrando ainda mais sua visão já afetada. Seria tão fácil ficar ali, caído. Tão fácil deitar e descansar. Tão fácil simplesmente desistir e esperar que Stark e os selvagens o matassem ou então o arrastassem para a Oficina. De todo jeito, seria o fim do sofrimento, o fim da luta, e em sua condição exaurida esse fim soava quase impossivelmente doce.

Mas não podia fazer isso. Não podia desistir.

Desistir significaria também o fim de Octavia. E traria Stark a mais um passo de seu sonho pervertido. Desistir aqui, agora, significaria a morte de milhares, talvez milhões de pessoas.

Precisava voltar ao complexo, ao barco, mas o território entre ali e acolá estava apinhado de soldados.

Sua única chance, agora, era o porco.

Rosnando para a dor, Carl se ergueu da areia e susteve o animal morto mais uma vez no ar. *Mova-se*, ordenou a si mesmo. Último *round*.

Atrás dele, na floresta, os gritos dos caçadores tornaram-se mais altos. Irromperiam das árvores a qualquer segundo.

Por favor, Deus, pensou o garoto, permitindo a si mesmo uma prece na forma de pedido: *Me dê tempo. Me deixe chegar à água*.

A vida toda ele quisera sentir o mar...

Então, seus pés deixaram a areia e entraram na espuma de uma onda que havia arrebentado. Apressou-se ao longo da orla em direção ao píer. A água salgada do mar avançou novamente, quase o tombando, e os respingos da onda quebrada queimaram-lhe as feridas abertas. Então, deu de cara com algo duro — o píer — e poderia ter gritado de alegria, mas, em vez disso, escalou a estrutura com o pesado fardo e correu por toda a extensão dela, as tábuas de madeira tão quentes sob o sol tropical que ele pôde sentir o calor emanando delas.

Berros soaram pela praia. Será que o viram?

Apressado, ele escorregou e quase desabou outra vez, deixou cair o porco com um baque alto, dobrou-se para recuperá-lo e, com a vista turva, enxergou o rastro vermelho-vivo — seu próprio sangue misturado ao do animal — seguindo-o até as tábuas ardentes do píer. Sorriu. Ótimo. Que eles encontrem meu rastro e o sigam até o fim.

Grunhindo com o esforço, novamente apanhou o porco e começou a se mover. Atrás dele, os gritos ficaram mais altos e, a distância, alguém retalhou o céu com tiros de metralhadora.

Chegando ao fim do píer, Carl foi tomado por emoções conflitantes: alegria por ter conseguido chegar até ali e medo do que estava adiante. Era agora ou nunca. Tudo ou nada. Buscando o que restava de suas forças, ergueu o porco e o atirou na água.

Então, reunindo toda a sua coragem, pulou atrás dele.

Um canto sombrio de sua mente sorriu. Em todos aqueles anos sonhando com o mar, nunca havia imaginado que seu primeiro mergulho seria assim...

Nadou tão rapidamente quanto pôde para debaixo do píer, as roupas e botas molhadas e o impulso da maré operando contra ele. A água salgada fez os olhos arderem, mas também lavou o sangue, e, à sombra da doca, sua visão retornou por completo... bem a tempo de ver a onda crescente que o levantou e o jogou com força contra um dos suportes de concreto. Com a dor, gritou involuntariamente, e continuou nadando, e antes que a onda, em retirada, pudesse levá-lo consigo, agarrou o suporte mais próximo da costa e ali ficou, debaixo da doca, esperando que os assassinos convergissem por terra e água.

Não precisou esperar muito.

Ouviu os caçadores saírem da selva, as vozes tão altas a céu aberto que soavam como armas por si sós. Vivas e perversas. Repletas de sede de sangue e desprovidas de misericórdia.

— Carl — chamou uma voz profunda na vastidão. Era Stark. — Acabou. Apareça agora. Enfrente-me como homem e mandarei que os outros se afastem. Resolveremos isso nós mesmos, só nós dois, cara a cara em combate singular, dois guerreiros, e darei a você a morte honrosa que fez por merecer.

Stark falava a sério. Estava oferecendo um duelo.

A ideia de uma última luta atraía Carl, mas, mesmo se estivesse ileso, não poderia derrotar Stark. O homem era forte demais, rápido demais, bem treinado demais. Machucado e exaurido como estava, Carl não teria a menor chance.

Sua única chance era o porco...

— Um rastro de sangue! — gritou alguém.

Garotos guincharam. Homens berraram.

A voz de Stark:

— Ele foi na direção da água.

Carl ouviu os sons de muitos pés subindo no píer, e seu coração martelou no peito. *Vai logo*, pensou, desejando que o porco sangrasse mais, mais rápido. *Antes que os caçadores olhem aqui embaixo...*

Botas pisaram diretamente acima de sua cabeça. Sombras eclipsaram os facho de luz que haviam raído entre as tábuas.

— As pegadas vão até o fim — disse alguém.

— Ele está debaixo do píer.

Não, pensou Carl. Ter vindo até aqui apenas para ser descoberto agora! Imaginou Octavia, os olhos cinzentos fitando, esperando para sempre...

— Tolos — retrucou a voz de Stark. — Olhem.

— Tubarões!

Na frente do píer, barbatanas cinza se sacudiram na superfície, que fervilhava com os solavancos dos tubarões. Um jorro de alegria se ergueu em Carl — É isso aí, porco! —, mas então, de repente, ficou muito consciente das próprias feridas, do *seu* sangue espalhado na água. Mas não havia nada a fazer quanto a isso. Podia apenas esperar e torcer para que o porco os satisfizesse, que tivesse recuado o suficiente para junto da costa e que os caçadores engolissem a encenação.

— O doido tentou fugir nadando — comentou alguém. A voz de uma garota. Inglesa... Cheng?

— Os tubarões-martelo o pegaram.

— Eu lhe *disse* que tinha ouvido um grito.

— Estão comendo ele.

Alguém riu.

— Isso! Maravilha!

Um estalo alto silenciou a risada, e alguém desabou nas tábuas lá em cima.

— Vocês ousam rir? — disse Stark. — Carl Freeman era dez vezes mais guerreiro do que vocês jamais serão. Qualquer um de vocês!

Silêncio.

Carl continuou agarrado ao suporte do píer, esperando.

Algo grande passou pela água. Algo imenso. Perto. Girando, resvalou suavemente nele ao passar, com uma carícia furtiva.

Um tubarão havia farejado seu sangue... e, ah, todos viriam para cima dele agora.

— Ele não merecia essa morte — continuou Stark.

O tubarão passou novamente. Dessa vez, trombou de leve, quase amavelmente, em Carl. Ele congelou com o toque do animal, sabendo que em breve sentiria os dentes.

— Merecia uma morte honrosa. Em combate. — Passos percorreram o píer até o fim. — Merecia a morte de um guerreiro. Não... isto!

Tiros explodiram acima. Balas rasgaram a água. Carl viu tubarões se debaterem com o impacto, o sangue deles turvando a superfície da água e unindo-se ao do porco.

O tubarão que havia roçado nele voou para aproveitar o banquete fresco.

Carl estremeceu de alívio.

Acima, Stark berrou.

Os outros continuaram quietos.

— Vocês falharam. Todos vocês — declarou o comandante. — Carl determinou o próprio destino e preferiu se jogar aos tubarões a aceitar a desgraça de morrer pelas mãos de vocês. Sem nenhuma chance de vitória, ele manteve a honra.

Silêncio.

— Esta noite — continuou ele —, festejaremos em honra de Carl Freeman. Assaremos um porco aqui na praia, e, se qualquer um de vocês falar mal dele, cortarei sua cabeça e a queimarei numa estaca como se fosse uma tocha. Agora, marcharemos de volta à Base de Treino Um. Força Fênix, na retaguarda. Urra?

A Força Fênix rugiu em resposta.

— Ao seu comando, Boudazin.

— Sim, comandante. — E Boudazin, que, no que pareciam ser mil anos atrás, dera a Carl um beijo de boa sorte, começou a gritar autoritariamente. Ele ouviu os adolescentes entrando em formação na areia. — Tá legal, órfãos! Passo acelerado de volta à base, urra?

— Urra!

— Mantenham a formação. Cantem comigo. *O avião já vai pousar...*

— O avião já vai pousar!

— *Ilha Fênix vai bombar!*

— Ilha Fênix vai bombar!

O canto foi sumindo na floresta. Tamanho era o medo que Carl sentia dos tubarões que achou quase impossível continuar debaixo da doca. Mas esperou até que as vozes desaparecessem antes de nadar até a borda e espiar a praia arenosa. Estava vazia.

Suspirou de alívio.

O porco o salvara.

Ele dera aos caçadores o que queriam — a morte de Carl — e agora estava livre para se esgueirar feito um fantasma no caminho até os barcos. Em 15 minutos, chegaria ao abrigo de Octavia, e os dois finalmente escapariam.

Emergiu de debaixo da doca e algo o arrancou da água, segurando-o no ar...

A risada retumbou como um trovão.

Carl caiu estatelado no píer com outra explosão de dor.

Stark assomou diante dele.

— O filho pródigo a casa torna!

Não. Não podia acabar assim. Ele os havia enganado.

O comandante deu um passo à frente e estendeu a mão.

Carl rastejou para trás e tentou ficar de pé. Semienlouquecido de medo, ira e desalento, pesou suas opções e descobriu que eram quase nulas. Atrás, tubarões em frenesi; à frente, um gigante empedernido.

— Muito esperto, Carl. Muito engenhoso. Fiquei pensando quando vi cerdas de porco no rastro de sangue. Então, me ocorreu... você realmente tem vontade de viver, então era mais provável que fizesse *parecer* que havia sido devorado. Muito impressionante. Tão impressionante que decidi poupar você da multidão.

— E eu deveria agradecer?

Stark sorriu.

— Gratidão é uma mercadoria social. Homens como nós lidam com a realidade. — Deu um passo à frente.

Carl se aproximou mais da beira do píer. Atrás dele, os tubarões ainda agitavam a água.

Stark avançou lentamente.

— Filho.

Carl acertou um soco no queixo dele.

— Não me chame assim!

O comandante riu, fingindo esfregar um queixo dolorido.

— Belo golpe, filho. Mas vamos parar com essa tolice. — Ofereceu a mão. — Venha comigo. Vou lhe dar outra chance.

Carl recuou, chegando à beira da doca. Sua única chance era forçar Stark a avançar contra ele, depois escapar do ataque e fazer com que o homem caísse do píer para a água, entre os tubarões.

— Venha — disse, provocando.

Stark deu mais um passo adiante.

— Os órfãos vão ficar boquiabertos. Carl Freeman retornando da morte, ressuscitando, maior que a vida, como braço direito do pai.

— Você não é meu pai — declarou Carl. Desferiu outro soco. Stark o aparou.

— Eu poderia ser seu pai. Ambos somos guerreiros. Somos mais fortes que os outros. Melhores. Volte comigo, e nós os governaremos juntos.

— E depois? Vamos mandar homens-bomba para Las Vegas? Assassinar o presidente? Jogar uma bomba nuclear na Disney?

O sorriso de Stark se ampliou.

— Seria um bom começo.

— Você é louco.

— Talvez. Mas, se eu for, é somente outra característica que você e eu compartilhamos.

O garoto cuspiu sangue.

— Ahã, claro. Não sou louco.

— Não? Então, por que faz tudo isso? Por que lutar contra seu destino, filho? O que deve ao mundo? O que deve a esses órfãos? Por que insiste em negar seu próprio talento? E por que sacrificaria um futuro brilhante por uma menina boba qualquer? Isso me deixa perplexo. Realmente. Esqueça, e eu também esquecerei. Aqui; pegue minha mão e deixaremos tudo isso para trás. — Enquanto falava, Stark se aproximou mais um pouco.

Carl fintou com um *jab* e enfiou o punho direito ferido no peito do comandante. Foi como socar um rochedo. A dor irradiou até o ombro.

Stark fez *tsc, tsc* e balançou a cabeça, como se estivesse perdendo a paciência com uma criancinha temperamental.

Carl vacilou na borda. Os tubarões se agitaram ainda mais na água.

Stark deu mais um passo.

Continue vindo, pensou Carl. Só mais alguns passos.

— Venha comigo em paz — insistiu o homem — e um dia você herdará meu trono.

— Não — respondeu o rapaz.

Stark abriu os braços.

— Se prefere morrer na obscuridade a viver na grandeza, a escolha é sua. Mas, falando sério... qual é seu próximo passo? Adiante, rumo aos tubarões? Não, suicídio não é o seu estilo. O quê, então? Acha que talvez possa me obrigar a avançar e fazer com que *eu* caia na água? O toureiro e o touro? Esse truque poderia funcionar com Parker, o sujeito é um babuíno, mas eu espero ter conquistado seu respeito o bastante para que saiba: nunca funcionaria comigo. Assim, resta apenas um caminho: o do meio.

Stark assumiu sua posição de luta e o chamou para a briga.

O desapontamento caiu sobre Carl como uma pedra gigantesca. É claro que Stark sabia... não adiantava. Estava acabado. Que fosse. Pelo menos, morreria lutando.

— Beleza, então. — Limpou o sangue do corte sobre o olho e cuspiu nas tábuas entre os dois. — Tenho uma coisa pra você. — Ergueu os punhos e avançou.

— Este é o espírito! — comemorou Stark.

Carl fintou com um soco e mandou um chute no joelho de Stark. Este torceu o corpo e o chute do garoto errou o alvo, e agora Stark o tinha alcançado. Carl martelou ganchos nas costelas do gigante, mas ele agarrou a cabeça e o braço de Carl numa chave e torceu a parte superior do corpo.

Os pés de Carl voaram do chão, as pernas sacudindo-se no alto, e o corpo inteiro girou como o ponteiro de um relógio correndo ao contrário. Por uma fração de segundo, ficou de ponta-cabeça no ar, a cabeça perto da doca, as pernas apontando para o céu. Então, o corpo estalou como um chicote quando Stark o jogou com tudo nas tábuas.

Ficou estatelado no píer. Não conseguia respirar nem se mexer. Stark ajustou a chave levemente, e Carl sentiu o próprio braço apertado junto do pescoço.

— Lamento que isso deva terminar assim, filho. Lamento muito. Talvez sua coragem proporcione um avanço para o chip, talvez nos aproxime do objetivo. Avante, progresso, avante.

Carl só teve tempo de sentir pânico — colocariam o chip nele, fariam dele um zumbi; depois, Stark apertou, cortando o fluxo sanguíneo, e a visão de Carl ficou estranha. A escuridão emoldurou o céu azul, depois se alastrou até parecer um túnel longo e negro, o céu um mero ponto luminoso no fim. O túnel se fechou, o céu tremeu e sumiu, a escuridão o reivindicou.



CAPITULO 38



Quando Octavia já não conseguia andar, eles a ergueram entre si — Parker segurando os pulsos algemados, Decker segurando os tornozelos surrados — e a carregaram para dentro da Oficina. No decorrer de uma vida que não a havia poupado de tristezas, ela nunca sentira tanta dor, fraqueza e desesperança. Deixou-se pendurar entre eles, frouxa como um cadáver e desejando somente que a morte a arrebatasse de todo aquele sofrimento e injustiça, levando-a para um abençoado nada. A tragédia a havia privado de esperanças e, misericordiosamente, até mesmo do terror... ou assim pensava até que, no fim do corredor do hospital, eles a largaram dentro de uma sala branca.

A tristeza retornou ao vê-lo.

Carl, Carl, Carl...

Estava inerte como um morto sobre uma mesa no centro da sala. O sangue pingava da borda da mesa e formava uma poça no chão.

Tudo por causa dela. Tudo porque ele tentara salvá-la.

Octavia tentou gritar, mas só conseguiu gemer.

Um homem barbado de óculos e jaleco branco de laboratório estava de pé junto da mesa, falando com alguém que ela não pôde ver.

— Urra! — disse Parker. — Você não tá nada bem, Hollywood!

— O que disse? — uma voz profunda inquiriu, e Stark surgiu de uma porta no canto oposto da sala.

Parker tentou sorrir. Mas a careta que fez parecia a de alguém com dor de estômago.

— Eu não quis dizer nada.

— Não quis *dizer nada*? — devolveu Stark. Gesticulou na direção de Carl. — Este foi o melhor

soldado que já pisou nesta ilha, e veja o que me fez fazer com ele!

Parker ergueu as mãos, palmas à mostra.

— Calma aí, comandante. O senhor me mandou pressioná-lo. Mandou que eu fizesse isso antes mesmo de ele chegar.

— Pressionar, sim — afirmou Stark —, mas você é idiota demais para entender a diferença entre pressionar uma pessoa e tentar quebrá-la ao meio.

Parker fungou.

— Droga. Se eu quisesse mesmo fazer isso, teria quebrado o moleque como a uma promessa.

— Não, não teria. — O braço de Stark se lançou para longe do corpo e, do outro lado da sala, Parker grunhiu e gorgolejou. Cambaleou para trás com as mãos na garganta, colidiu contra a parede e escorregou para o chão. As mãos se afastaram do pescoço e algo caiu tinindo no chão, parando a alguns metros do rosto dela: uma adaga fina, vermelha de sangue.

Foi tão rápido que Octavia nem viu acontecer: Stark havia sacado a faca, arremessado pela sala e cravado a lâmina na garganta de Parker.

O sargento arfou e se debateu. Suas mãos apertaram a garganta outra vez, mas não conseguiam deter o jorro de sangue, que simplesmente escapava por entre os dedos. A boca se movia sem palavras e os olhos saltavam, fitando Carl, como tentando entender como um garoto poderia ter lhe causado tudo isso. A fonte gotejou. Parker começou a estremecer.

Octavia desviou o olhar.

Houve mais alguns sons, depois silêncio, e, quando ela voltou a olhar para o sargento, ele estava obviamente morto.

Quanto a isso, ela nada sentiu.

Inclinando-se sobre o cadáver, Stark disse:

— Algumas pessoas não podem ser quebradas. — Enfiou a mão dentro do colarinho do morto, deu um puxão e a retirou, segurando algo brilhante que pendia de um barbante: uma medalha de ouro. — Prossiga, doutor.

Tremendo visivelmente, o doutor olhou para o cadáver de Parker.

— Com todo o respeito, comandante, não seria sábio usar o coma e esperar que o novo chip fique pronto?

Stark fitou Carl.

O médico olhou para Octavia e Decker, que estava se retirando da sala, e acrescentou:

— Não seria sábio testar o procedimento num paciente menos *importante*?

— Não — respondeu Stark —, não vou deixá-lo viver como um vegetal. O destino decidirá a questão. Opere.

— Sim — assentiu o doutor. — No momento certo. Mas, com todo o respeito, comandante, todo

mundo tem um limite. Deveríamos dar uma chance ao menino, especialmente considerando que está tão perto da perfeição. Use o coma, deixe que ele se cure. *Aí*, sim, o destino decidirá.

Stark olhou para Carl.

— Quanto tempo?

— É difícil dizer — respondeu o doutor, coçando a barba. — Duas semanas, talvez três.

Por um momento, ninguém falou. Então, Stark disse:

— Tudo bem. Conserte-o. Quero relatórios diários. De manhã e à noite.

— Sim, comandante.

O gigante começou a andar de um lado para outro da sala.

— Não quero ver a operação, já o vi sofrer demais, mas você me manterá informado a cada passo.

— Sim, é claro, comandante.

Então, ele parou de andar, vendo Octavia pela primeira vez. O rosto se torceu de fúria.

— Você — disse, apanhando a faca sangrenta no chão.

Octavia se aninhou junto da parede. Queria que o sofrimento acabasse, mas não assim...

A mão dele deslizou para baixo do queixo dela e segurou-lhe a mandíbula, apertando-a. A lâmina desceu e ela sentiu a ponta, grudada do sangue de Parker, pressionando a bochecha.

Forçou-se a olhá-lo nos olhos.

— Faça de uma vez, seu louco. Acabe logo com isso.

— Ah, não — respondeu ele, e seu sorriso foi terrível. — A morte seria misericordiosa demais para você.

— Vá pro inferno.

O sorriso se ampliou.

— Na verdade, você vai para lá agora. É logo ali, do outro lado do corredor. Doutor, depois que Carl estiver acomodado, gostaria de fazer um pouco de música com esta outra pequenina?

— Ah... sim, comandante — gemeu o doutor. — Sim, muito!

E, por mais terrível que o sorriso de Stark fosse, não era nada comparado à avidez que percorreu o doutor, fazendo-o estremecer.

Octavia precisou morder o lábio para não gritar.

— Excelente — disse Stark, recuando a lâmina. — Faça com que ela implore pela morte todo dia, mas não ceda. Não deixe a sinfonia acabar. Ela ainda pode se mostrar útil a nós.

Mordendo com ainda mais força, ela pensou: *Não grite. Não implore. Não importa o que façam ou digam, não dê a eles essa satisfação.*



CAPITULO 39



Octavia de fato implorou — primeiro, por misericórdia, depois, pela morte — a cada dia, a cada hora, a cada minuto, até não ser mais capaz de formar palavras com a boca ou com a mente.

Na hora, duas semanas depois que o Dr. Vispera a deslocou novamente para a sala branca, no entanto, ela havia entrado num estado catatônico. Estava sentada rigidamente na cadeira de rodas, uma casca vazia de si mesma, e viu Carl sem vê-lo de verdade, deitado na mesa sob luzes fortes; sentiu, mas não de verdade, o cheiro cortante do álcool; ouviu, mas não de verdade, os batimentos lentos e firmes do monitor cardíaco, assim como as palavras do médico a seu assistente:

— Me dê o *orbitoclast*.

O jovem com o uniforme hospitalar verde-pálido selecionou o que parecia um picador de gelo numa mesa lateral com rodas, atravancada de instrumentos médicos, e o passou ao doutor.

O Dr. Vispera ergueu o objeto delgado como se fizesse uma demonstração a estudantes de medicina. Inclinou-se sobre Carl.

— Eu insiro a ponta entre a pálpebra e o olho. Aqui. Ela se apoia na borda superior da cavidade ocular.

O monitor cardíaco apitava estavelmente.

— Agora, o martelo — disse o médico, e o assistente lhe entregou um pequeno martelo.

O doutor ergueu o objeto no ar como fizera com o outro.

— Bato no *orbitoclast*... — debruçou-se sobre Carl uma vez mais, e Octavia, misericordiosamente perdida dentro de si mesma, ouviu sem ouvir de verdade três batidas repugnantes seguidas do som de algo que se quebra — abrindo um pequeno orifício no crânio.

O bipe eletrônico do monitor cardíaco se acelerou.

O assistente olhou na direção da máquina.

— Sim, *muchacho* — afirmou o Dr. Vispera, devolvendo os instrumentos ao ajudante de olhos arregalados. — Pode suar. Sue agora. Acho que, se esse bipe parar, você e eu viramos comida de tubarão. — Deu ao jovem um sorriso sinistro. — Me dê a sonda de injeção.

O assistente entregou a ele algo que parecia uma pistola de plástico transparente com um cano fino que terminava em ponta. O Dr. Vispera se inclinou mais uma vez sobre Carl.

— Entro pela perfuração e insiro a sonda cinco centímetros dentro do lobo frontal para implantar o chip nas fibras conectivas entre o tálamo e o córtex pré-frontal. Aperto o gatilho.

Um leve clique.

— E insiro o chip.

Subitamente, a máquina começou a bipar muito rápido.

O assistente ficou boquiaberto.

— O que está acontecendo?

— Parada cardíaca — respondeu o médico. Olhou para a máquina, em cujo monitor ondas corriam tão velozmente que a linha agora lembrava uma fila de dentes verdes afiados.

— Ah, cara. Como é que fui ficar com esta função? — murmurou o assistente, olhando para a porta. — Ele está morrendo?

— Não sei — respondeu o Dr. Vispera, fitando o relógio de pulso. — Talvez. Em dez segundos, o chip vai se ativar. Vamos ver. Cinco... quatro... três...

Os bipes se tornaram ainda mais rápidos, criando uma única nota, um assobio estridente de alarme.

— Dois... um... agora!

O corpo de Carl se sacudiu em convulsões por vários segundos. Depois, ficou inerte.

Octavia ouviu sem ouvir quando o bipe se regularizou e viu sem ver quando a linha verde do monitor se abaixou numa linha reta, feito a tampa de um caixão.

— Acabou — anunciou o doutor. — O menino está morto.



CAPITULO 40



No momento da morte, Carl voltou com lucidez desprendida à infância naquele lugar nas Montanhas Pocono que seus pais visitavam para escapar da cidade: uma pequena cabana ao lado de um córrego com margens altas no vão entre duas colinas íngremes e arborizadas — onde, na primavera, árvores escuras e desfolhadas pingavam gotas de chuva fria, formações rochosas manchadas emergiam das camadas de gelo derretido e a neve que havia coberto o chão da floresta por meses retrocedia, revelando um tapete de folhas negras compactadas, costelas escancaradas e crânios amarelados, partidos, de cervos mortos no inverno.

Uma vez, vagando por esses espaços no degelo, as botas já pesadas de lama, Carl se demorou olhando a mandíbula de um desses animais, imaginando a história dele e pensando na vida e na morte. Seu pai colocou-lhe a mão no ombro e o alertou quanto às inundações repentinas de gelo derretido na primavera. Elas vinham de uma vez, sem aviso, disse o pai. Só havia um estrondo distante, depois uma muralha de água descia com tudo de uma vez, levando coisas — e às vezes pessoas — consigo.

Numa meia-noite primaveril, Carl acordou com uma dessas enchentes passando pela escuridão lá fora, trovejando e rugindo como o fim do mundo. Na manhã seguinte, ficou à beira do riacho e olhou para as mudanças lavradas pelas águas: árvores ribeirinhas reduzidas a tocos sob vazios tangíveis onde antes havia grandes carvalhos e sicômoros imensos, de idade incalculável; e, abaixo delas, mais mudanças no próprio córrego, onde pedras reviradas, imensas e monolíticas, inclinavam-se em ângulos estranhos, como deuses pagãos de tribos que há muito tempo estavam desaparecidos; e, dentro das margens rompidas do riacho, raízes pendiam, semiaparentes, como se o mundo tivesse sido eviscerado de seus segredos.

Dentro de Carl, uma inundação repentina trovejou — e a onda de mudanças rugiu por todo o seu ser...



CAPITULO 41



Carl abriu os olhos.

Estava deitado de costas numa sala brilhante, a dor ressoando no crânio, preenchendo-o. Decidiu que não queria isso, e a dor diminuiu.

Na ausência dela, a realidade adquiriu nitidez: a sala, as máquinas, os fios e tubos, os odores assépticos...

Estava no hospital. Na Oficina.

Tudo lhe ocorreu num só instante, como se sentir o lugar e identificá-lo fossem a mesma ação.

Num clarão, lembrou-se de tudo — a caçada, o porco, a luta com Stark, o comandante agarrando-o e sufocando-o até a inconsciência — e soube que haviam lhe implantado o chip.

Mas não se sentia um zumbi. Nem perto disso. Sentia-se... *incrível*.

— Está bipando de novo — disse uma voz. — Ele está vivo.

Então, o Dr. Vispera se debruçou sobre ele, segurando instrumentos achatados nas mãos, um ar de surpresa surgindo no rosto.

— ¡Dios mío!

Durante o breve tempo que essas palavras levaram para deixar a boca barbada do médico, os sentidos e a mente de Carl dispararam na velocidade de um relâmpago, dilatando o momento. O tempo, para ele, havia mudado. Sentidos e consciência moviam-se tão rapidamente que criavam tempo dentro do tempo, tempo para olhar e reconhecer e pensar, enquanto o resto do mundo rastejava em câmera lenta.

Nesse segundo, Carl não só viu o doutor, o olhar surpreso e os instrumentos nas mãos, mas também identificou esses instrumentos como as coisas que os médicos usavam nos filmes quando o coração

de alguém parava. Seus olhos e mente trabalharam tão rápido que, dentro do mesmo segundo, registrou o assistente do doutor, com sua expressão de alívio, e entendeu também que o alívio anulava temporariamente o assistente como ameaça. Simultaneamente, reconheceu a sensação do próprio corpo, todo de uma vez, a mesa abaixo dele e os pequenos eletrodos — sete deles, soube na mesma hora — grudados no peito e na caixa torácica.

Aquela era, absoluta e definitivamente, a experiência mais incrível de sua vida, todas essas coisas acontecendo com ele no único segundo que o doutor levou para dizer “*¡Dios mío!*”.

— Incrível — exclamou Carl, sentando-se e arrancando os eletrodos com uma mão, enquanto, com a outra, que se fechara num punho, socava o sujeito barbado.

Sentiu o estalo dos ossos e viu o doutor desabar. Soube que havia quebrado o nariz dele, mas continuou se movendo, corpo e mente agindo como um só, pensamento e ação em uníssono.

Era inacreditável. A vida toda ele havia sido atlético, e uma boa parte de seu sucesso no boxe se devia a quão rapidamente era capaz de converter pensamento em movimento. Alguém ensaiava um soco, Carl percebia o gesto, desviava-se e contra-atacava, com pouco intervalo entre enxergar o que deveria fazer e, de fato, fazê-lo. Agora, o intervalo havia desaparecido completamente.

Então, Carl desceu da mesa, a mente trabalhando em alta velocidade num mundo reduzido à câmera lenta, e houve atraso zero entre entender o que fazer e fazê-lo. No momento em que o pé direito tocou o solo, ele já tinha se orientado em relação ao que o rodeava. De uma só vez, viu o ajudante assustado olhar para a mesa de instrumentos, notou os músculos tensos do sujeito e entendeu a ameaça. Antes que ele pudesse ao menos alcançar uma arma, Carl acertou um forte pontapé na mesa sobre rodas, derrubando-a e fazendo uma onda de ferramentas se erguer no ar.

Enquanto os olhos de Carl catalogavam os instrumentos suspensos no ar, alguns familiares, outros, não, 11 objetos ao todo, um tsunami de adrenalina, alegria e completo assombro se ergueu dentro dele. Isso era inacreditavelmente maravilhoso. O assistente se retraiu em câmera lenta, os braços se levantando numa tentativa desajeitada de bloquear a chuva de instrumentos, os cotovelos para o alto, expondo o...

O gancho de Carl atingiu o plexo solar do cara.

Da hora!

Ele sempre tinha sido rápido, mas nunca *tanto* assim. Não era apenas sua mente trabalhando velozmente ou a inexistência do intervalo entre pensamento e ação. O corpo se movia sem hesitar, tudo sincronizado em absoluta perfeição.

O cara se dobrou, todo o ar escapando dele, e se estatelou no chão.

Carl se virou.

O doutor se agitou, um homem que havia torturado centenas de pessoas gemendo por causa de um nariz quebrado.

Eu disse que iria quebrar seu nariz, pensou Carl. Estava prestes a dizer essas palavras quando viu Octavia, e a onda de exaltação se congelou e desabou sobre ele.

— Octavia!

O rosto dela estava azul e negro de hematomas, paralisado numa máscara de terror. Estava sentada, rígida como um manequim, presa com tiras a uma cadeira de rodas. A pele exposta dos braços estava salpicada de queimaduras e cruzada por cortes. O que haviam feito com ela?

Ele correu para a garota, dizendo seu nome, tomando-lhe o rosto nas mãos. Ela não se mexeu, não reagiu ao toque. Só ficou sentada lá, tesa, mas viva. Sim, *viva* — ele pôde sentir uma forte pulsação no pescoço —, viva, mas petrificada, presa num momento de horror paralisante.

— Octavia, é Carl — disse ele, tocando o rosto ferido. — Vou tirar você daqui, tá? Agente firme. Tudo vai ficar bem.

Ela permaneceu lá, os olhos brilhantes de terror, a boca travada a meio caminho de um grito.

Mal o rádio chiou, os olhos de Carl se voltaram para ele.

— Stark para Vispera. Responda. Câmbio.

Stark.

Os punhos de Carl latejaram. Ele havia causado isso — *tudo isso* — e precisava pagar...

— Vispera! — rosnou o rádio. — Onde está meu relatório? Câmbio.

Carl agarrou o rádio do balcão e o arremessou pela sala, onde se estilhaçou contra a parede, os pedaços chovendo sobre o assistente de Vispera, que estava de quatro agora, rastejando para longe, como um animal assustado.

— Você! — gritou Carl, a voz uma explosão no pequeno recinto. — Fica no chão!

O cara se deitou na mesma hora.

— Não tenho nada contra você, cara. Só me mandaram fa...

— Cale a boca — ordenou Carl — e não se mexa.

Precisavam cair fora, Octavia e ele. Precisavam de um barco para sair da ilha. Rápido. Stark não era burro. Iria procurá-los. Carl sabia que sempre havia jipes estacionados do lado de fora da Oficina. Infelizmente, como muitos outros órfãos, ele não sabia dirigir.

Pegou no chão algo parecido com um picador de gelo e agarrou Vispera pela gola do jaleco.

O médico gritou.

O rapaz segurou a ponta do instrumento a dois centímetros do olho do homem.

— Em quantas pessoas você usou esta coisa?

— Não! — exclamou Vispera. — *¡Por Dios!*

— Olhe nos meus olhos — mandou Carl. — Não... desvie... o... olhar. Nós vamos pro Acampamento Força Fênix. Ou você nos leva pra lá ou eu meto isto aqui nos seus miolos. Entendeu?

— *Sí* — respondeu Vispera. — Sim, eu levo, sim.

Carl o puxou até ficar de pé e apontou para o ajudante.

— Amarre ele. Use aqueles cordões. Rápido. — Detestava perder tempo, mas não podia deixar que o cara avisasse Stark e não poderia levá-lo consigo. O jipe comportaria só Vispera e três passageiros: Carl, Octavia e a outra pessoa sem a qual Carl não poderia partir...

— Ótimo — disse. Apontou para Octavia, forçando-se novamente a não enxergá-la de verdade, a *não pensar no estado dela. Não ainda. Não tinha tempo para sofrer.* — Traga ela. Rápido.

Lá fora, no escuro e rançoso complexo da Oficina, colocaram Octavia no veículo.

— Está bom? — perguntou Vispera. — Vamos agora?

Sim, pensou Carl. *Vamos agora, antes que Stark apareça. Pule no jipe, cruze a ilha e vá direto para os barcos.* Mas o que disse foi:

— Cadê Campbell?

— Quem?

— Meu amigo Walker Campbell — respondeu Carl. Ergueu o picador de gelo outra vez. — Você enfiou isto no cérebro dele.

O médico balançou a cabeça, negando.

— Diga onde ele está — exigiu Carl — ou faça com você o que fez com ele.

Vispera apontou com a mão trêmula para a parte de trás do complexo.

— Onde? Em qual prédio?

— Prédio, não. Do outro lado.

— Pare de enrolar. O que quer dizer com do outro lado?

— O outro lado da ilha — Vispera respondeu, e depois estremeceu. — Depois da cerca elétrica.

Então, Carl entendeu. O outro lado, o lado secreto, o lado “aqui há dragões”.

— Vamos. Você vai me levar lá agora.

— Não — protestou Vispera, subitamente parecendo mais apavorado do que nunca. — Eu não vou lá. Não a esse lugar.

— Sim — retrucou Carl, aproximando a ponta da ferramenta. — Vai, sim.

— Não — repetiu o médico, chegando a ficar mais perto do picador. — Prefiro que me mate agora.

O sujeito estava falando sério — estava claro no olhar dele, na voz —, mas por quê? Vispera preferiria morrer agora a ir para o outro lado? Que horrores Stark escondia *lá*?

Mas então, antes mesmo que Carl pudesse perguntar, o portão se abriu e três caminhões carregados de membros da Força Fênix armados com AK-47 entraram no complexo.



CAPITULO 42



— **O** chip funcionou — anunciou Stark, saltando do primeiro caminhão e caminhando na direção deles. — Carl Freeman, você é, sem dúvida, a pessoa mais impressionante que já conheci.

Não tem jeito, pensou Carl. Não há para onde fugir. Atrás do comandante, dúzias de fuzis automáticos apontavam para ele. Havia sofrido por tanto tempo, sobrevivido a tanta coisa, lutado tanto, chegado tão perto... só para terminar assim?

— Pare — disse, trazendo o doutor para mais perto e apertando o picador na garganta dele — ou mato seu monstro de estimação.

Stark parou, mas seu sorriso era despreocupado.

— Eu preferiria não perdê-lo, mas ele não é exatamente insubstituível, sabe? Não fabrica os chips. Só os implanta.

— Ah, é? — devolveu Carl. — E quanto aos outros talentos dele? Você vai ter que achar um novo torturador.

Stark deu de ombros.

— Verdade. Ele é um maestro da dor, mas qualquer garoto com uma tendência à maldade e meia dúzia de alicates poderia fazer o serviço. O Doutor Vispera pode ser substituído. Só *você* é indispensável.

Carl nada disse. Esquadrinhou a cena, estudando Stark, os soldados, o complexo.

— O Dr. Vispera queria postergar sua operação ainda mais — disse o comandante. — Semanas, meses, o que fosse necessário para aperfeiçoar o chip, mas, assim que suas feridas se curaram, eu disse a ele que não precisava mais esperar. Isso era maior que ele, maior que a ciência, isso era o destino. E eu estava certo. Não precisávamos de novos chips ou procedimentos. Precisávamos de *você*.

Carl não conseguia visualizar uma rota de fuga. Espaço demais, armas demais. Imaginou todos aqueles rifles disparando ao mesmo tempo, abrindo buracos não só nele, mas em Octavia também, acabando com os dois.

— Diga — continuou Stark. — *Não é* maravilhoso? Eu garanto, o que quer que esteja sentindo é apenas o começo. O chip oferece muitos níveis. Vamos alcançá-los juntos.

A mente de Carl trabalhava ferozmente, contudo ele via apenas armas e olhares duros, assassinos treinados prontos a puxar o gatilho, o ápice daquele lugar brutal e suas tradições sangrentas, o produto final da sacrossanta cultura guerreira de Stark.

Sua cultura guerreira...

Sacrossanta...

Era isso. Sua única chance.

— Ah, finalmente ele sorri — declarou o comandante. — Vai se juntar a mim, então?

— Sem chance.

— Ah, não? — disse o homem, indicando os soldados com um gesto. — E como planeja se desenredar desta situação?

— Simples — respondeu Carl. Agora, sorria mais abertamente. — Eu desafio você para um duelo. Stark riu.

— Que pendor para o drama! Você deve saber que eu poderia, como seu comandante, sentenciá-lo à morte só por ter feito o desafio.

— Você não vai fazer isso.

— Não? Por que não?

— Não haveria honra nisso — retrucou Carl.

Stark o encarou por um momento. O riso havia desaparecido de seu rosto.

— Então, vai me forçar a *matá-lo*? É isso?

— Não. Eu lancei o desafio, então, você define as condições. — Deu de ombros. — Nem precisamos lutar até a morte.

— Um duelo até a sujeição? — perguntou Stark. — E por que eu concordaria com isso?

— Porque, se você ganhar — explicou Carl —, eu me junto à Força Fênix. Vai ter exatamente o que quer: minha cooperação e a chance de estudar o chip em ação.

— Intrigante — respondeu Stark. — E se você vencer? O que espera ganhar?

— A liberdade — disse Carl. Indicou Octavia com um gesto. — Você nos deixa ir. Nós e qualquer outra pessoa que queira partir.

O comandante balançou a cabeça.

— Sem chance. — Ergueu um dedo indicador, depois o outro. — Isto é um duelo de um contra um. É apenas você lutando contra mim, não você e uma batelada de refugiados. Uma pessoa luta, uma pessoa parte... *se* você ganhar.

O garoto hesitou por um momento.

— Beleza.

— Excelente. Com isso, aceito seu desafio, Carl Freeman, sob as seguintes condições: o duelo acontecerá imediatamente, ou assim que pudermos reunir todas as pessoas na ilha. Vamos pular a meditação pré-luta. — Sorriu. — Sem armas, sem limites. Socos, chutes, agarramentos, vale tudo. Quando um duelista se render ou não puder prosseguir, acabou. Se você vencer, eu providencio a travessia segura de volta ao continente — mas não para um grupo. Só uma pessoa.

Carl assentiu.

— E, se eu vencer — concluiu Stark, estalando os nós dos dedos —, você deixará de lado esse esforço tolo e aceitará seu destino, e juntos entraremos numa nova era.



CAPITULO 43



Encararam-se na praia, sob um sol escaldante, a areia queimando os pés descalços de Carl. Uma leve brisa, fraca como um fôlego agonizante, suspirava no oceano, ondulando a bandeira negra no alto e atijando a fênix carmesim que ardia no centro. A seis metros, no ponto extremo do anel vivo de espectadores, Stark se espreguiçava num aquecimento pré-luta, saindo de um alongamento e lançando no ar um combo de golpes.

Era isso. Tudo ou nada.

Além de Stark, além dos espectadores, Octavia sentava-se rígida na cadeira de rodas, a máscara de horror ainda paralisada no rosto.

Como chegaram a isso?

Como uma simples promessa, feita tantos anos atrás a seu pai, o trouxera a esse lugar, a esse momento?

Pare, Carl ordenou a si mesmo, sacudindo os braços. *Concentre-se*.

Essa era a hora, era tudo o que existia, tudo o que jamais existiria. Precisava enxergar esse momento exatamente como ele era, nada mais, nada menos: um duelo até o fim, não uma disputa de boxe e não sua luta com Parker — que, comparado a Stark, fora pequeno e fraco, lento e inexperiente, um homem estúpido e brutal perdido na própria ira.

Como poderia derrotar Stark? Como poderia ao menos feri-lo? O homem tinha uma armadura de músculos, e o cérebro, protegido pelo capacete do crânio, estava no alto do grosso pescoço. Para ao menos atingi-lo, Carl teria de chegar perto, perigosamente perto, bem ali, onde o comandante o queria.

Se estivessem lutando em solo firme, Carl tentaria chutá-lo no joelho, mas tentar isso, na areia seria difícil demais, lento demais, um erro fatal.

Stark avançaria contra ele e, a não ser que Carl encontrasse um jeito de detê-lo, o enorme guerreiro conseguiria ultrapassar a barreira de socos do garoto, exatamente como fizera no píer, o prenderia numa chave esmagadora e acabaria com ele.

Bom, pensou Carl, simplesmente não posso deixar que ele faça isso.

Como poderia evitar o combate mano a mano?

Precisava atacar e escapar, socar e dar o fora.

Mas os espectadores fechavam o cerco, estreitando o ringue, e mesmo agora, enquanto Carl se balançava para a frente e para trás, seus pés afundavam na areia macia. Como poderia atacar e escapar com o próprio solo tentando mantê-lo preso no lugar?

Não admirava que Stark tivesse escolhido a praia.

— Duelistas — gritou Cheng, que fora nomeada árbitra, indo para o centro do ringue. — A postos.

Stark tirou a camiseta, revelando não o físico de um homem, mas o de um deus — o deus da dor e do sofrimento, cada centímetro do torso ondulado de músculos e marcado de cicatrizes, o corpo de um soldado que havia sido baleado e esfaqueado, talhado e espancado, detonado e queimado, e havia terminado ainda vivo, ainda lutando, ainda trazendo a guerra ao mundo. Esticou os braços grossos, cobrindo metade do ringue com a grande extensão deles.

— Lutem! — ordenou Cheng, e os espectadores uivaram de alegria.

Carl avançou balançando, o coração aos saltos.

Stark andou na direção dele com um sorriso no rosto.

— Filho — disse —, por que passar por isso? Desista deste jogo tolo. Você já venceu a verdadeira luta. Sobreviveu. Com esse chip na sua cabeça, posso treiná-lo para fazer coisas incríveis...

O mundo perdeu velocidade quando Carl desferiu um *jab*, desviou-se do soco sem entusiasmo de Stark e se jogou de lado, rumo ao centro da roda. Seu golpe havia errado o alvo — ele não tinha ousado se aproximar mais —, mas era maravilhoso ver quão claras eram todas as coisas, como ele era capaz de enxergar durante a breve troca de socos e como fora *fácil escapar ao ataque do comandante. Ainda assim, odiava a forma como a areia agarrava seus tornozelos, atrasando-o, tornando-o desajeitado.*

— Mãos rápidas — deferiu Stark, ainda sorrindo. — Mas vai precisar chegar mais perto se espera mesmo me atingir.

Não, valeu, pensou Carl. Mandou outro jab. Não se aproximou e certamente não pretendia ficar ali para mandar uma combinação de golpes. Novamente, Stark avançou, e Carl se desviou facilmente — mas então trombou com os espectadores, que gargalharam e o empurraram de volta ao ringue.

Esse empurrão quase foi o fim. Mas, com a mente funcionando à velocidade da luz e o corpo movendo-se quase automaticamente, desvencilhhou-se do próximo soco do comandante e afastou-se a passos rápidos.

Parado ali naquele mundo atrasado, Carl via tudo: o doutor, a Força Fênix, seu velho pelotão. Tamika, Sanchez e Davis estavam na frente, algemados e acorrentados juntos, como prisioneiros condenados a trabalhos forçados. Tamika chorava, e Sanchez parecia estar passando mal. Davis gritava, incentivando Carl. A maior parte da Força Fênix dava vivas, erguendo os punhos e berrando:

— Stark! Stark! Stark!

Mas Henshaw franzia o cenho, Boudazin estava pálida e Agbeko observava tudo inexpressivo.

Todas essas vidas, pensou Carl, *todas essas vidas arruinadas*.

O que poderia fazer quanto a isso? Como poderia derrotar Stark?

Até o momento, estava agindo como se fosse uma disputa de boxe, atacando e escapando, esperando o oponente se cansar...

Só que não era boxe, e Stark não se cansaria. Nem agora, nem nunca.

Continuaria investindo contra Carl, gastando pouco de sua energia enquanto o garoto ia de um lado para outro pela areia grudenta. A resistência do comandante não falharia. Nem sua paciência. Mais cedo ou mais tarde, Carl perderia velocidade ou tropeçaria e Stark o agarraria.

Não havia escapatória, nenhuma forma de evitar o combate mano a mano.

— Vamos lá, Carl — disse ele, a voz leve e amistosa. — Agora você já entendeu. Só desista.

O garoto balançou a cabeça, negando.

Stark disse mais alguma coisa, depois se lançou para a frente, mirando um chute bem no abdômen de Carl. Foi estranhamente fascinante ver o chute chegar em câmera lenta e mais fascinante ainda notar como foi fácil virar-se e sair do caminho, a percepção do que deveria fazer e a execução do gesto um ato uno. O homem passou por ele como uma bala, e Carl novamente se deslocou para o centro da arena.

E, nesse momento, vendo Stark se virar e começar mais uma paciente aproximação, finalmente entendeu a verdadeira vantagem de sua nova velocidade. As mãos eram mais rápidas, sim, e essa nova velocidade lhe dava ainda mais potência, mas nenhuma dessas coisas o salvaria agora. Não sozinhas.

A verdadeira mágica da nova velocidade não estava nem nos punhos nem nos pés; estava nos olhos e na mente.

Precisava ver tudo, criar um plano antes que fosse tarde demais.

Outro *jab*, outro mergulho sob a pancada cautelosa de Stark. Ao mesmo tempo que escapava, Carl sentiu um lampejo de esperança.

Aquele padrão: *jab*, pancada, fuga.

De novo e de novo.

Stark era paciente como um caçador e não tinha razão para mudar o padrão. Poderia continuar essa investida inexorável, gastando pouca energia e tentando acertar Carl, mas nunca indo além, expondo somente o lado do corpo aos contra-ataques, seguro na noção de que seu corpo pesadamente

musculoso poderia absorver muitos golpes e que, para causar verdadeiro dano, Carl teria de arriscar uma aproximação.

— Você está sangrando — advertiu Stark, apontando para a lateral do corpo de Carl.

O garoto não olhou para baixo. Não se atreveu — nem precisava. Podia sentir o sangue e percebeu que estivera ignorando a dor, suprimindo-a, mas ali estava ela, pulsando como a luz de um farol distante a piscar numa noite nebulosa.

— O ferimento a bala, sem dúvida — emendou Stark. — O vírus sanguíneo é bom, mas até mesmo você precisa de mais tempo para se curar completamente de algo assim. Falando em tempo, o seu está acabando, não acha?

Carl nada disse, mas o comandante tinha razão. O tempo estava acabando.

Stark colocou as mãos na cintura como um pai impaciente.

— Vamos só...

Carl mandou outro *jab* de esquerda e deslizou mais uma vez para a esquerda, novamente escapando sob o braço direito de Stark, que varreu o ar sobre sua cabeça. Dessa vez, no entanto, o garoto focou os olhos e a mente no lado do corpo do homem, um alvo que de início ignorara, presumindo que não havia nenhum dano que pudesse causar para justificar se aproximar tanto. Mas, dessa vez, Carl não olhou para o lado de Stark como um bloco único. Dessa vez, esquadrinhou toda aquela parte do corpo, cada pedaço, e, quando deslizou mais uma vez para o centro do ringue de espectadores aos berros, já tinha seu alvo.

Não teria funcionado no boxe, com luvas — e por isso ele não percebera a chance antes —, mas aquilo ali não era boxe e ele sabia, não importava quanto isso o assustasse, exatamente o que precisava fazer.

Isso o levaria diretamente às garras de Stark.

Que fosse.

Tinha uma única chance e precisava aproveitá-la antes que o sangramento interno ou a areia grudanta ou um soco de sorte acabassem com ele.

— Isso tudo é um tanto anticlimático, não acha? — perguntou Stark, mais uma vez andando calmamente até ele. — Pense nisso. Você contrariou todas as probabilidades, não uma vez, mas duas: primeiro a caçada, depois a operação. Maravilhoso! Por que arruinar seu melhor momento com esta brincadeira ridícula de gato e ra...

Carl fintou com um meio *jab* e disparou o verdadeiro ataque.

Não importa quantos quilos você pese, quanta proteína consuma ou quantas substâncias injete no corpo, só pode acrescentar músculos a músculos. Não pode fazer crescer músculos onde nunca houve nenhum. Assim, quando Stark voltou a se aproximar, Carl mandou um direto de esquerda não no lado exposto do oponente, mas bem no meio da axila. Observou em câmera lenta enquanto a convulsão ondulou por aquele emaranhado de nervos desprotegidos, viu o braço enorme do homem tornar-se instantaneamente frouxo e inútil como um fio de espaguete e mandou a mão direita contra o corpo de

Stark. Isso era um “soco imobilizador”, desferido não para causar dano sério, mas para fazer exatamente o que fez: interromper o impulso de Stark e frear seus golpes.

Carl descarregou uma série explosiva de socos, alternando a direita e a esquerda, virando o ombro a cada golpe e propelindo o combo com toda a velocidade alucinante de que dispunha agora. Essa era sua única chance; precisava terminar com Stark ali, ou o homem o agarraria, o esmagaria e acabaria com ele. Seus punhos atingiram a cabeça do oponente, *bam, bam, bam*, tão rápido que, mesmo naquele mundo lento, suas mãos eram um borrão, *bam, bam, bam*, os socos não apenas velozes, mas também *fortes*, explosivos com a nova agilidade. Em sua mente brilhou uma das mais antigas máximas do boxe: *velocidade é poder* — e ele estava consciente dos nós dos dedos se quebrando, da carne se partindo, *pá, pá, pá*, os pulsos se fraturando, *bam, bam, bam*, mas não hesitou, *não se conteve, não parou*.

Viu a cabeça de Stark virar, viu a orelha se partir e rasgar, viu o sangue ali e depois a grande cabeça voltando, virando-se na direção dos golpes, na direção de Carl, a locomotiva de um trem sem freios que queria atropelá-lo.

Carl estivera esperando por esse momento. Todo o seu corpo — cada nervo, osso e músculo — se movia em perfeita harmonia, e, quando ele girou o punho direito num amplo arco no alto, dobrou a perna esquerda, apoiou-se nela e curvou o corpo para a frente, jogando cada miligrama de peso e cada milésimo de força na mão giratória que orbitava a guarda de Stark e espancava como uma marreta o lado oposto da cabeça do homem. Carl sentiu a mandíbula do oponente rachar e continuou a socar, virando o arco dos golpes levemente para dentro, de forma que a cabeça do homem se torceu com a força do murro e se jogou na direção oposta.

Aturdido, Stark cambaleou, afastando-se de costas.

Era isso.

Carl se lançou para a frente, o corpo todo movendo-se mais uma vez com precisão perfeita. Seu calcanhar se torceu, o joelho voltou-se para dentro, o quadril virou, a parte superior do torso seguindo-o, e a mão direita esmurrou, certa como um laser, trazendo consigo o ombro. Ele atingiu Stark mais duramente do que jamais havia atingido alguém, acertando-o bem no ponto onde a grossa musculatura do pescoço se afinilava numa camada fina na base do crânio. Para Carl, foi como se sua mão explodisse. Houve um estalo áspero e um som surdo, como o de um bastão de beisebol acertando um melão, e a força do impacto reverberou pelo braço e por todo o corpo como um choque elétrico, como se a resistência física, a força de vontade e a consciência de Stark tivessem fugido dele e passado para Carl, que, enquanto o homem desabava na areia, sentia todos esses elementos explodirem dentro de si. O garoto arqueou as costas, ergueu os punhos sangrentos e rugiu em triunfo.



CAPITULO 44



— **C**arl Freeman é o vencedor! — anunciou Cheng, em pé junto do corpo imóvel de Stark.

O silêncio que se seguira ao soco nocauteador de Carl durou um segundo mais — depois se rompeu de uma vez, os espectadores berrando em resposta desarticulada a esse acontecimento que jamais poderiam ter imaginado. Gritos confusos, risadas incrédulas, e então alguém fez *urra*, e vivas isolados soaram de todos os lados.

Algo duro se apertou contra a base do crânio de Carl e a voz de Agbeko mandou:

— Não se mexa.

A multidão ficou em silêncio. Alguns pareceram chocados, outros, tristes, mas a maioria simplesmente se ajustou, os olhos sombrios e vazios como os canos das armas que agora erguiam na direção dele. Um segundo depois, mais armas se ergueram, apontando para ele de todos os lados. É claro que, se realmente atirassem, não matariam apenas Carl. Um círculo de fuzis disparando simultaneamente? Todos eles morreriam. Mas de que isso lhes importava? Quando alguém — Stark ou Agbeko ou qualquer outro — os mandava puxar o gatilho, eles simplesmente obedeciam.

— Não precisamos fazer isso — disse Carl. — Ele já era. Podemos mudar tudo agora. Ir embora deste lugar e voltar para o mundo.

— Para nós, parceiro — respondeu Agbeko —, este lugar é o mundo.

E, nesse momento, sentindo o cano da arma apertado contra o crânio, Carl soube que o soldado tinha razão. Para muitos desses órfãos, talvez a maioria deles, o mundo tinha sumido, virado cinza junto com a infância, restando apenas aquele lugar terrível. Isso não mudaria com um simples discurso motivacional.

— Baixem as armas! — mandou uma voz gasta, mas ainda poderosa.

Stark cambaleou, ficando de pé. Cheng tentou ajudar, mas ele a afastou, oscilando enquanto

cravava os olhos em Carl. A mandíbula estava torta, já começando a inchar, e ele tinha uma barba de sangue e areia. Mergulhou a mão no bolso.

Carl se retesou, observando em câmera lenta enquanto o comandante retirava a mão. Olhou e esperou e soube que não havia acabado, soube o que o homem tiraria do bolso. Uma faca, é claro...

— Ao vencedor, o espólio — disse Stark, a mandíbula danificada tornando a voz estranha. O braço fez um arco, lançando a faca contra Carl; mas, num momento sonhador, o garoto percebeu que não era uma faca, de jeito nenhum, e sim um disco dourado brilhante que tremulou no ar, preso num pedaço de barbante.

Carl o agarrou no ar e abriu a mão para ver sua única lembrança do sucesso, a medalha de boxe que Parker lhe havia roubado tanto, tanto tempo antes. Mesmo agora, esgotado e sangrando, não pôde evitar um sorriso.

— Sou um homem de palavra — declarou Stark. — Hempfield, Jackson... preparem um barco. Carl, você me derrotou. Está livre para partir.

Livre para partir.

Carl olhou para além do homem, além dos espectadores chocados, além da rígida figura de olhar vazio na cadeira de rodas, além da ilha, para o mar, que se estendia até... até o quê? Tanta, tanta coisa. Primeiro o México, depois, ao norte, os Estados Unidos, e, mais ao norte ainda, Philly, onde ele poderia voltar à academia. Nada de avisar antes — sem chance: ele simplesmente apareceria sem aviso, para ver se conseguia gerar um sorriso de surpresa no velho rosto pétreo de Arthur James. Então, treinariam juntos e, com a nova velocidade, força e resistência de Carl, ninguém poderia impedi-lo de realizar o sonho de toda uma vida: vencer o campeonato profissional mundial...

— É tentador — disse o garoto. — Mas não vou a lugar nenhum.



CAPITULO 45



Mais tarde, ficaram lado a lado na orla da praia, o braço de Stark apoiado como uma canga pesada sobre os ombros de Carl, e observaram o barco que partia e desaparecia a distância.

— O preço do progresso — afirmou o comandante.

Carl assentiu. Quanto a isso, Stark estivera certo o tempo todo.

O preço do progresso era realmente alto às vezes. Tão alto, na verdade, que talvez fosse preciso queimar o mundo todo... não para conquistar seu domínio, mas para manter uma promessa; não para se erguer das cinzas, mas para retirar outrem das chamas.

As condições do duelo foram claras. Combate mano a mano tendo em jogo, como Stark havia estipulado, a liberdade de uma única pessoa. A liberdade de *uma pessoa* — mas não necessariamente Carl.

Doía ver o barco se afastar, e ele sabia que essa ferida, como a perda dos pais, a morte de Ross e a coisa indescritível que tinha acontecido a Campbell, nunca se fecharia e nunca deixaria de doer.

Ainda assim, havia feito a escolha certa.

Octavia ficaria bem. Stark garantira isso — e, apesar da apatia casual com que destruíra vidas, era realmente um homem de palavra. Os membros da Força Fênix a escoltariam até o continente e a levariam a um hospital, onde receberia, não importando a que preço, todo o tratamento de que precisasse. Ninguém acreditaria se ela tentasse falar da Ilha Fênix; Stark provavelmente sabia disso e, portanto, não temeu libertá-la. Uma vez que estivesse curada, começaria uma nova vida, livre e segura... desde que Carl cumprisse sua parte na barganha.

Ele ficaria em Phoenix Island, sua própria liberdade extorquida para a salvação de Octavia.

— Espero que possa me perdoar — disse o garoto, no tom mais convincente possível. — Eu só estava lutando por ela.

— Isso ficou para trás agora — respondeu Stark —, e você está perdoado. É hora, finalmente, de abraçar seu destino.

— Verdade — concordou Carl. E ele cumpriria seu destino. Por enquanto, significava ficar ali e treinar com Stark para explorar todos os poderes do chip. Mas, depois...

Lembrou-se de ter estado num tribunal, no que parecia ter sido séculos antes, olhando para os nós dos dedos cheios de cicatrizes e pensando em como podiam ser lidos como um mapa da longa estrada que havia percorrido para chegar *àquele ponto*. Agora, o mapa tinha mudado outra vez, novas lacerações cortando antigas marcas, novas trilhas obscurecendo velhas estradas. Com o tempo, essas feridas também se curariam, formando cicatrizes sobre cicatrizes, estradas sobre estradas, levando Carl... aonde?

Vai chegar o dia, filho, tinha lhe dito o juiz, *em que você precisará decidir exatamente quem é e o que pretende ser*.

Ele sabia agora. Era um lutador. Simples assim. Não um órfão descartável ou um futuro policial... um lutador.

Pois o mundo nos exige certas coisas, quer tenhamos decidido destruir o que odiamos, quer tenhamos decidido preservar aquilo que amamos. A vida é uma luta constante, uma luta infinita, e todo o resto é meramente uma pausa para respirar entre os rounds. A qualquer momento, um grande sino poderia tocar, e Carl seria mais uma vez levado a combate.

Até lá, desempenharia o papel do aprendiz bem-disposto, mas, assim que descobrisse uma maneira...

Destruiria Stark e toda a sua organização.

Esse era seu destino.

Sim, pensou, e a velha dor voltou a latejar nos nós dos dedos. Como um experimento, acionou o chip com a mente e tentou aliviar a sensação. A dor nos novos ferimentos sumiu no mesmo instante, mas o velho latejar continuou, pulsando nos punhos como as batidas de um coração... o coração de sua raiva, seu propósito, seu destino. Ótimo, pensou. Ótimo...

No horizonte, o barco se tornou primeiro indistinto, depois borrado, e então sumiu.

— Vamos começar? — perguntou Stark.

— Claro — respondeu Carl, mas se demorou um pouco mais ali, olhando para o espaço vazio onde o barco havia desaparecido das vistas e de sua vida.

Adeus, Octavia.

Ao longo daquele horizonte longínquo, pontos negros surgiram no céu como corvos voando na direção da ilha. Mas não — não eram corvos, ele notou ao ouvir um leve *vup-vup-vup* reverberando pela água como um tiroteio distante. Helicópteros, provavelmente carregados de soldados da Força Fênix, liderados, talvez, por Baca, o psicopata em alta velocidade do vídeo do Zurquistão. Quem quer que fosse, que viesse. Carl os receberia com frio desdém, como convinha ao herdeiro do trono.

Um olhar a Stark informou-o de que o grandalhão ainda não tinha percebido a aproximação das

aeronaves.

Interessante.

Teria o chip aperfeiçoado também a visão e a audição de Carl? Esperava que sim. Quaisquer vantagens que o chip lhe desse, não importando quão pequenas ou aparentemente inócuas, ele manteria na escuridão de seu mundo privado, onde, com a paciência letal de um prisioneiro que amola uma lâmina na noite, ele afiaria esse dom até torná-lo mortífero.

— Mostre o caminho — pediu Carl, dando as costas ao barco desaparecido, aos helicópteros vindouros e ao mundo. — Estou pronto.



AGRADECIMENTOS

Ao olhar em retrospecto para a improvável cadeia de eventos que levaram à escrita e à publicação deste livro, sinto-me humilde e impressionado diante das pessoas maravilhosas que tornaram tudo possível. Devo agradecimentos a muitas pessoas — tantas, na verdade, que estou condenado a agradecer somente a algumas delas aqui...

Primeiramente, obrigado à minha família e amigos, vivos e falecidos, por seu amor e apoio. Mãe e pai, lamento não ter escrito este livro a tempo de ser lido por vocês.

Obrigado ao extraordinário editor Adam Wilson por dar uma chance a *Fênix: A Ilha* e por fazer dele um livro muito mais intenso, e a todos na Simon & Schuster/Gallery Books, pelo trabalho duro. Agradeço a Stephanie DeLuca, do departamento de Relações Públicas; a Liz Psaltis, do de marketing; a John Vairo, por criar a belíssima capa do livro; e à copidesque com olhos de águia Erica Ferguson, que me impediu de parecer um completo idiota várias e várias vezes.

Obrigado à minha excelente agente, Christina Hogrebe; à infatigável Christina Prestia; e a todas as pessoas fantásticas na Jane Rotrosen Agency. Vocês adotaram um autor desconhecido e tornaram os sonhos dele realidade.

Agradeço ao meu incrível agente, Joe Veltre, que leu este livro numa noite e depois mudou tudo ao negociá-lo na Costa Oeste.

Obrigado ao cara mais legal do mundo, Tripp Vinson, cujo entusiasmo, visão e amparo mudaram minha vida e a vida deste livro, e obrigado a todos os que ajudaram na transposição insanamente complexa e colaborativa do livro para a série de TV *Intelligence*, incluindo a formidável Christine Cuddy, que apareceu quando precisei de ajuda.

Agradeço a meus primeiros leitores, que me incentivaram e cujas sugestões tornaram este um livro melhor: Adam Browne, Aaron Biscoe, Elaine Prizzi, Chris Von Halle, Dr. Ron Briglia e, primeira adolescente a ler *Fênix: A Ilha*, a brilhante Makenzie Briglia.

Obrigado aos especialistas espertos e experientes que, com muita paciência, me ajudaram a entender melhor a ciência, a tecnologia, o trauma físico e tudo relacionado à vida militar: Dr. Gary Della Zanna, do National Institute of Health, Dr. John Dougherty e os combatentes veteranos Horace Jonson, Bill Fay e Don Bentley.

Obrigado aos meus amigos escritores e mentores não oficiais: Melissa Marr, Lissa Price e Doug Clegg, que nunca estavam muito ocupados para atender às minhas ligações, responder mensagens de texto e e-mails — mesmo quando estavam ocupadíssimos.

Agradeço ao sujeito mais inteligente que conheço, Matt Schwartz, sem o qual este livro nunca existiria. Você me guiou a cada passo do caminho, e eu estaria completamente perdido sem a sua ajuda. Nossa próxima viagem à Terra dos Personagens é por minha conta, amigo.

Obrigado a todos os meus amigos na Seton Hill University, onde *Fênix: A Ilha* deveria ter sido minha tese de mestrado até eu ficar sem tempo e sem dinheiro. Obrigado a meus orientadores, Tim Waggoner, David Shifren e Victoria Thompson; a meus leitores críticos, Swea Nightingale e Don Bentley; aos Troublemakers; a Chris Shearer; e à maravilhosa comunidade do programa Writing Popular Fiction, da SHU.

Agradeço a Kimberly Howe e a todo mundo na ITW, uma organização incrível dedicada a acolher escritores aspirantes, e a todos os meus colegas de Thriller-Fest, especialmente Pete Aragno.

Obrigado aos OneFours, aos Inkbots e ao Brandywine Valley Writers Group.

Agradeço a meu irmão, Jeff, que me ensinou a lutar e me encorajou a escrever.

Obrigado a Carole McLean, por todas aquelas caronas até a estação de trem.

Agradeço a todos os adolescentes que ensinei, orientei ou treinei ao longo dos anos por compartilharem suas vidas comigo. Muitos de vocês, incluindo Tony Delsordo, Reed Shanaman e Aaron e Michael Faulk, nos deixaram cedo demais. Espero que aqueles que os conheceram reconheçam sua influência nesta história. Em outro lugar, em outra época, vocês teriam sido reis...

Obrigado à minha professora da terceira série, Sra. Wolfe. Ao me encorajar a escrever, a senhora fez com que eu sentisse que era mais que um adolescente descartável, e, ao datilografar minha primeira história e dizer aos meus pais que um dia eu seria escritor, a senhora conquistou minha eterna gratidão. Levei muito tempo para compensar sua fé em mim, mas, se houver justiça no mundo, a senhora deve estar sentada em algum lugar, confortavelmente, lendo isto com um sorriso no rosto.

Obrigado à Sra. Ayers, que sempre foi gentil comigo e me incentivou a continuar escrevendo.

Por fim, agradeço à minha melhor amiga, primeira leitora e crítica mais honesta: minha linda esposa, Christina, que nunca me desamparou — nem uma vez sequer — e que sempre acreditou em mim e me encorajou, mesmo quando perdi a fé em mim mesmo e neste livro. Você é a melhor, L.O., e vou amá-la para sempre.



NOTAS

[1] Torneios promovidos por organizações esportivas. PAL é a Police Athletic/Activities League, e AAU é a Amateur Athletic Union. (N.T.)

[2] FUBAR é uma gíria militar em forma de acrônimo: Fucked Up Beyond All Recognition, ou fodido além de qualquer possibilidade de reconhecimento. (N.T.)

[3] William Shakespeare: *Hamlet*, ato I, cena 5. (N.T.)

[4] Esporte basco com arremesso de bola. (N.T.)

[5] Lugar onde se treinam artes marciais japonesas (N. T.)

O LIVRO QUE DEU ORIGEM À SÉRIE DE TV *INTELLIGENCE*

“ÁCIL E COMPLETAMENTE CATIVANTE!”

—LISSA PRICE, AUTORA BEST-SELLER DE *STARTERS* E *ENDERS*

JOHN DIXON

FENIX
AILHA

